

Mayah Vol. 02 - Crux

Capítulo 23 - Memórias de Sangue

Ano ? - Noite ? ▪ Casa de Albert

Desconforto. Era isso que o pequeno vampiro sentia em meio a uma intensa escuridão. Não era o infinito escuro que o incomodava, mas sim uma iluminação opaca que se estendia em seu horizonte. Como uma defesa natural, ele se viu obrigado a despertar.

Ao abrir os olhos, se deparou com uma forte luz branca e cintilante atravessando a janela de seu quarto. Temendo que a iluminação o queimasse, o incômodo rapidamente se converteu em pavor, porém, aquele forte clarão externo não era provindo do sol. Amedrontado e curioso pelo fato de não sentir dor mesmo em contato com a luz, o garoto sentou em sua bagunçada cama e olhou pela janela. Alguns segundos encarando o pálido vazio tornaram o momento reconfortante. De bagunçados e volumosos cabelos grisalhos e vestindo uma larga túnica de tonalidade vinho referente a sua classe, a nobre criança deixava escapar um breve bocejo.

“Quantos dias eu repousei...?” Albert perguntava a si enquanto, com os olhos contraídos, caminhava até a sala.

Vagando lentamente, o vampiro percebeu que seu quarto estava completamente arrumado e as paredes do corredor pareciam muito mais conservadas do podia recordar, quase intocadas. Isso lhe despertou um forte sentimento de felicidade, pois relacionou que sua mãe, que viajava frequentemente, estaria finalmente em casa. Abrindo um grande sorriso, a criança corre até a sala. Lá, tudo, sem exceção, está em plena ordem. A mesa de jantar, o aconchegante sofá, os tecidos vermelhos da nobreza, o quadro pintado de sua mãe. Vislumbrando seus arredores, o último item que Albert sentia fazer parte daquela composição, era o grande piano que tocava cotidianamente, este, estava como novo.

“O que aconteceu por aqui...? Está tudo tão limpo...” Refletia com estranheza enquanto, cuidadosamente sentava-se no banco à frente do instrumento. Mesmo hesitante, sua intenção ainda era a de tocar seu autoral noturno.

Deixando de lado toda e qualquer perturbação com o ambiente, o garoto apenas focou em quais teclas deveria tocar para produzir com precisão sua melodia. As primeiras notas foram tocadas de maneira quase inconsciente. Através da memória motora, o começo de sua música trouxe algumas lembranças acerca de sua mãe, que sempre a ouvia com muita atenção. As recordações incomodavam, mas não o suficiente

ao ponto de fazê-lo errar alguma nota. Seus magros dedos deslizavam por todo o instrumento, de um lado para o outro, com diferentes combinações. Mais e mais lembranças adentravam sua mente, como os muitos dias em que havia ficado sozinho em casa e os momentos de risos e reencontros de quando sua mãe voltava de viagem e o contava acerca do mundo externo. Neste ponto, Albert já tocava de olhos fechados e esboçando um leve sorriso.

A música ecoava pela sala vazia até ser interrompida por um forte bater na porta de madeira. Aquelas estrondosas e pausadas batidas chamaram a atenção de Albert pela familiaridade como soavam. O garoto já sabia quem estava do outro lado, mas mesmo assim ousou:

“Quem... está aí?” Ele já esperava pela óbvia resposta.

“Albert... o que está fazendo aí dentro?” A grossa e firme voz de Solumbre confortou o jovem vampiro. Para ele, aquilo era como um longínquo reencontro.

“Tio, eu sabia que era você. Por que não entra e fica um pouco até a mãe chegar?” O vampiro vai até à porta e apanha a maçaneta.

“Tenho uma proposta ainda melhor, pequenino.” – Foi uma surpresa ainda maior para Albert ouvir um leve riso do grande homem; – “Sua mãe está aqui fora comigo. O que acha de visitarmos aquele jardim e conversarmos bastante? Juntos.” O convite veio com um legítimo entusiasmo.

Ouvir aquilo confundiu Albert.

Algo estava muito fora do lugar. Tudo parecia embaralhado. Ele simplesmente não lembrava o que havia acontecido com Solumbre e sua mãe, porém, sentia que, caso abrisse aquela porta, tudo seria esclarecido. Mesmo assim, algo o retraía, uma incerteza que o impedia de girar a maçaneta e finalizar a simples ação. Ele sentia que, se deixasse sua casa e seguisse com seus familiares, estaria deixando algo importante para trás. Algo inacabado.

“Eu ainda não posso sair, tio. Preciso terminar uma coisa antes.” – Sua voz emanava óbvia tristeza; –

“Vocês poderiam me aguardar?”

“Você ainda quer terminar sua melodia, não é?” – Ao ouvir o dito, um forte arrepio percorreu pelo corpo da criança. Era sua mãe. Sua voz era leve e doce, ainda mais se comparada com a de Solumbre; – “Já faz um bom tempo desde a última vez que você tocou em minha presença...

Por favor, vá em frente.” Escutar sua mãe se pronunciar o fez tremer, pois, o mesmo não recordava nem mesmo do som de sua voz.

Trêmulo, ele voltou ao acento e respirou fundo antes de começar sua sinfonia. Pressionando as teclas, sua mente estava concentrada na voz de sua mãe. O som de cada nota parecia compor a memória na totalidade. A memória da noite em que sua mãe foi encontrada morta na frente de sua casa. Albert parou por um segundo, sentindo estar prestes a vomitar. Porém, o repentino impacto rapidamente se foi, juntamente de qualquer mal-estar. Tudo o que sobrou foi uma angústia que quase o fez derramar as primeiras lágrimas.

A este ponto, o jovem compositor já havia passado da metade de seu noturno. Seu semblante estava triste e melancólico, e a imagem do corpo aberto de sua mãe não saía de sua cabeça. Então, ele tentou retirar aquilo de sua mente procurando pensar no que havia ocorrido com Solumbre. A música continuava, agora agitada. Uma batalha havia sido travada entre ele e seu tio. Ele se lembra de usar tudo o que aprendeu com o grande Superior de Elite para encerrar sua vida. Ele se lembra da força com que segurava sua espada e em como seu peito estava inquieto ao imaginar que não seria o suficiente mais uma vez. Ele se lembra de atravessar a garganta de seu tio com suas garras. Aquela foi a primeira vez em suas cinco décadas de vida que Albert sentia ódio e compaixão por alguém em simultâneo.

Interrompendo a música antes de seu final, Albert deitou suas mãos nas teclas brancas sem as pressionar. Seu olhar era vazio e cansado, como se tivesse revivido tudo aquilo de uma só vez. Faltava uma nota para a sinfonia terminar. Ele sentia poder a finalizar, mas não o fez.

“Isso foi lindo, querido... mas você parecia um pouco fora de si.” – Como sempre empática, Akarina percebeu as pausas não intencionais; – “Ainda não decidiu que nota usar para terminar sua música?”

“É, parece que eu ainda não consigo terminar.” Mentiu.

“E não vai sair daí até acabar com isso?” Supôs, Solumbre.

“Peço desculpas... ainda não posso ir com vocês.” Agora a voz de Albert era a de um adulto.

“Sem pressa, Albert. Foi ótimo ouvir isso mais uma vez. Você ainda virá conosco e acredito que poderá apresentar seu noturno pessoalmente à Tormenta.” – Akarina consolava sua amada e eterna criança; – “Até lá... continue sendo um garoto dedicado como sempre foi. E nunca mais se esqueça de minha voz. Tudo bem?” Ouvir aquilo fez os lábios do vampiro tremerem.

“É, rapaz. Tudo o que eu posso dizer é o que já sabe.” – Solumbre dizia como um professor cansado de dar sempre a mesma aula; – “Vá sempre sem piedade. **Sempre.** Sendo ou não vampiro, você não pode jamais hesitar. Se o fizer, este com certeza será seu fim.”

“Sim... tudo bem. Entendido.” – Albert confirmou, soluçando; – “Eu amo vocês.”

...

Ano 280 - Noite 22 ▪ Casa de Albert

Abrindo suas pesadas pálpebras, Albert acordava de seu sono profundo. O nobre vampiro não fazia ideia de quanto tempo havia dormido e, apesar de ter pensado sobre isso, não se importava com tal informação. Deitado em sua cama, percebendo seu sangue seco nos lençóis, o nobre procurava forças para acordar.

Assim que sua visão restituía seu foco, o homem grisalho percebeu uma figura feminina ao seu lado, com uma pálida e delicada mão cobrindo seu abdômen. Conforme a percepção de seus arredores aumentava, assim veio a dor.

“Mãe...? O que é isso?” Gemia o vampiro com dificuldade, ainda retomando sua consciência.

“É... ele está mais tonto do que eu imaginava.” - Uma voz feminina nada familiar recitava a observação. Mesmo falando corretamente no idioma vampírico, seu sotaque e cheiro traziam consigo desconfiança ao nobre desacordado. Incomodado com a presença da desconhecida, Albert focava sua visão na tentativa de identificar quem era a detentora das mãos que o massageavam; – “Sacerdotisas são incapazes de gerar filhos, criança.” O dito foi o suficiente para fazer Albert acordar e notar com mais detalhes aquela que falava.

Ao lado da cama onde Albert repousava, lá estava ela. Usando um vestido fino e delicado, azul-claro, com diversos ornamentos, costuras entrelaçadas e sem modéstia no decote, a detentora da excêntrica voz permanecia encarando Albert com atenção e paciência.

Seus traços eram delicados como dos elfos, porém infinitamente mais atrativos para Albert do que os da raça maldita. Olhos azuis e reluzentes, intensos e ao mesmo tempo calmos, como o oceano mais límpido e imprevisível. Seu liso cabelo da altura de seus ombros, tão pálido que beirava a um leve azulado, eram da mesma cor de seus finos cílios e sobrancelhas. Os lábios rosados e macios, pareciam ter sido esculpidos com uma formosura rara. Por último, sua pele era pálida, mas não como uma vampira. Aquilo

possuía vida latente. Uma atração jamais sentida pelo jovem vampiro. Por um segundo, apenas aquele relance o fez tirar todo o estresse acumulado de suas últimas noites.

“Como se sente, rapaz?” – Cétrico se pronuncia, quebrando o silêncio de êxtase do vampiro caído. Por baixo de uma capa noturna danificada, o nobre usava seu traje rubro tradicional e estava levantado, apoiando um pé contra a parede do quarto de Albert; –
“Consegue falar?”

“Cétrico... me atualize de tudo.” Lentamente tentando sentar-se em sua cama, o vampiro sente uma forte pontada em seu abdômen e quase o sobrepôs com sua mão.

“Acalme-se, filhote. Melhor não se contrair por enquanto. Você e seu tio guerrearam em uma intensa batalha e ele foi o escolhido para testemunhar o descanso eterno. Por outro lado, sua pessoa quase recebeu o mesmo destino. É um grande guerreiro e sua força de vontade é formidável. Devo enaltecer isso pois foi o fator principal para sua resistência à perda de sangue.” – A sacerdotisa com entusiasmo; – “No fim de tudo, lhe sobrou uma profunda fenda que quase atravessou completamente seu intestino. Para preencher o local, eu congelei o ferimento com o frio de mil almas. Sua regeneração irá recuperar os arredores do machucado e derreter o gelo, assim, em breve você estará novamente em perfeito estado. Talvez essa seja a primeira cicatriz que ficará eternizada em seu corpo imortal... espero que a honre com orgulho.” Ela termina guardando as mãos atrás das costas.

“Eu irei. Foi uma batalha difícil e que me abriu novas questões.”

“Está triste por sua perda, jovem guerreiro de Héros?”

“Estou triste por não ter certeza se estou honrando o caminho que minha espada delineou...”

“É compreensível. Perdeu a honra de morrer em batalha. Sei que não pensa de tal forma, mas eu vim de uma cultura onde ser fraco ou forte nada importava desde que seu fim viesse com bravura e determinação. Creio que deva seguir seu caminho com tais atributos, mesmo que contra o inimigo errado.” – A mulher limpa uma mancha de sangue do rosto de Albert; – “É um belo homem e um guerreiro de fúria intensa. As únicas mãos que podem lhe retirar a vida, são as suas.”

“Entendo... foram ótimos conselhos e seu auxílio é de extrema valia. Fico imensamente grato por tudo que fez, senhorita...” Albert esperou a dama completar.

“Vianna. Sacerdotisa de classe 4, especialista em criomancia.” Completa com um sorriso simpático.

“Salvou minha vida. Deu-me a oportunidade de finalizar meus serviços. Por favor, permita-me recompensá-la de alguma forma.” Suplica lisonjeado.

“Albert, ela é uma sacerdotisa, não uma mercenária. Para eles não é uma questão de dar e receber.” De braços cruzados, Cétrico dizia sem paciência o que, para ele, parecia óbvio.

“Seu amigo está certo. Lavender solicitou a minha presença e de meu parceiro. Pretendo ajudar a todos no reino enquanto estiver por estas terras, o que deve durar até a coroação de Aradia.” Informou Vianna. Albert arregalou seus olhos e de maneira brusca, sentou-se em sua cama. O movimento contraiu parte dos músculos danificados e fez um pouco de sangue escorrer por seu abdômen. Vianna e Cétrico o encaram preocupados.

“Meu corpo não importa! Aradia será coroada?! Ela está bem?! Cétrico, me atualize de tudo **agora!**” Exigiu em tom de ordem.

“Eu não recebo ordens de você, criança. Mas, dadas as circunstâncias, vou deixar essa passar.” – Cétrico tirou o pé de apoio da parede e se aproximou de Albert; – “Pelo que ouvi, Lavender foi morta e devorada por Aradia. Não foi um final nada bonito para uma rainha com tamanha formosura.” Enquanto falavam sobre os acontecimentos, Vianna limpava o pouco sangue que escorria do ferimento de Albert que, espantado, não piscou em momento algum da explicação.

“Isso tudo foi a poucas horas atrás. Não sabemos o que Aradia planeja fazer por agora, mas meu palpite é que ela vá executar todos os nobres assim que tiver a chance de se pronunciar novamente.” – O nobre cruza os braços mais uma vez e solta um breve suspiro tensionado; – “Com exceção de você, é claro. Afinal, os rumores sobre sua força estão rolando por aí depois que recolheram o corpo de Solumbre”

“Eu matei ele mesmo, não é...?” – Albert agarra os lençóis com força encarando o chão com olhos reflexivos. O silêncio prevaleceu por quase um minuto; – “Solumbre... Lavender... quem mais morreu?” Sem levantar sua cabeça, Albert pergunta encarando Cétrico.

“Pelo pouco que ouvi, Khalid foi reduzido a merda após enfrentar Aradia. Aquela mulher tem poder suficiente para tomar esse país à força se quiser.” – Cétrico passa a mão por seu rosto, sem esconder seu evidente nervosismo; – “Eu vou fugir daqui assim que a poeira abaixar... saiba que foi um prazer ter vivido ao seu lado e o de sua mãe em todos estes anos.” Ele abaixou a cabeça e fechou

seus olhos rapidamente. Albert fez o mesmo. Vianna observou tudo atentamente em silêncio.

“Eu acho que faria o mesmo no seu lugar. É estranho... não faço ideia do que acontecerá a partir de agora...” –

Albert ainda estava em tom baixo e sério, enquanto Cétrico saía da residência encarando o quadro da falecida colega; – “Que Tormenta o siga para onde for. Obrigado por tudo, Cétrico.” O nobre não responde e a porta da frente se fecha.

...

Com a vinda da manhã, os civis e guardas remanescentes do intenso conflito já haviam se dissipado e procurado abrigo. Após dada a ordem de uma reunião na noite seguinte com a nobreza, a única ainda presente no sacramento, ao lado de cacos de vitrais e restos de carne e ossos de Lavender, era Aradia. Lá, ela permanecia sentada, apoiando suas costas contra um dos grandes pilares que sustentava a enorme catedral. Em seu rosto havia uma mancha púrpura da queimadura que regenerava lentamente. A guerreira respirava fundo, não pelo cansaço de uma árdua batalha, mas sim, pelo impacto emocional que obtivera ao matar um de seus sobrinhos e devorar a carne da soberana, a quem um dia já havia se ajoelhado e jurado lealdade.

Suas mãos estavam suadas e suas garras já retraídas permaneciam com o sangue de suas vítimas de outrora. Desviando seu olhar para cima, admirando a grande abertura no teto, perdida, Aradia se perguntava o que faria a seguir. Sua reflexão é interrompida por um cheiro familiar que seu nariz pode sentir a poucos quilômetros. Agora observando a entrada principal da catedral, Aradia aguardava quem subiria as escadas e adentraria seus domínios. Mancando em passos lentos, a tal figura era sua irmã, Lizha.

A Ghoul em questão possuía inúmeros cortes por toda superfície de sua pele, os quais pareciam não estar se regenerando, além de marcas negras cobrindo seu rosto, braços e pernas. Não demorou para Aradia identificar que aquilo era parte do efeito colateral dos rituais proibidos de Tormenta. Preocupada com o estado de Lizha, a irmã mais velha pôs-se em pé e caminhou com pressa até a exausta vampira.

“Perdão, perdão, perdão, perdão...” – Suplicando em tom choroso, Aradia foi de encontro a um abraço com sua irmã que mal conseguia se sustentar; – “Eu demorei para retornar... quase perdemos todo o trabalho da mamãe... quase perdemos você...” Borrando sua maquiagem, a general se permite chorar no cangote de Lizha que, entorpecida, não respondeu de imediato; – “Como chegou até aqui?! Ouvi dizer que estava presa em Æsmos.” Segurando ambos os ombros de sua irmã mais nova, Aradia a encara frente a frente. Os olhos entreabertos de Lizha lentamente se fechavam.

“Uma dupla de sacerdotes que vinham para cá a socorreu.” – O comentário vinha de trás de um dos pilares de sustentação da catedral. Era Allith que se transformava em sua forma humanoide. Aradia se surpreende por não ter percebido a presença do Conselheiro Superior, mas compreende que foi pelo fato do mesmo não exalar os fortes odores vampíricos quando em sua transformação; – “E eu garanti que ela pudesse chegar até aqui em segurança. De qualquer maneira, ela deu muita sorte, Aradia.” O homem estava sério, demonstrando preocupação ao analisar com seus estreitos olhos cada um dos cortes na superfície da pele de Lizha.

“Allith... gostaria de deixar bem claro uma coisa.” – Voltando a sua postura de poder, Aradia enrijece seu tom; – “Assim como Lavender, eu gosto de ter privacidade. Porém, diferente dela, eu não hesitarei em te matar se perceber um corvo sujo espreitando meus arredores. Estamos entendidos?”
Declara Aradia. Allith mostra um alegre sorriso.

“Mas é claro, minha rainha! Como quiser!” – O Conselheiro abaixa a cabeça; – “A propósito, já posso chamá-la assim? rainha Aradia!” Perguntou animado.

“Não. Agora saia logo daqui, corvo irritante.” Ordena, sem paciência.

“Imediatamente, minha rainha! Quer dizer, minha general!” – Ele fica em silêncio, pensando por alguns segundos enquanto anda até a saída; – “Senhorita Aradia. Isso. Imediatamente, senhorita Aradia!” Corrige já quase do lado de fora da catedral e se transforma em corvo para não queimar perante a luz do amanhecer.

“Eu também odeio esse inútil do Allith... nunca cala a boca.” – Lizha sussurra com dificuldade. Apressada, Aradia carrega o corpo e a deita no chão do altar com cuidado. Com um leve grunhido, a ferida sorri e sussurra; – “Rainha... mamãe estaria orgulhosa.” Ri de boca fechada até tossir em seco.

“Não se esforce... não precisa dizer nada.” Segurando a mão de Lizha com firmeza, Aradia começa uma breve oração.

“Está tudo bem... consigo falar normalmente e sinto que recuperei grande parte de minha memória.” – A estudiosa suspira; – “Tive um breve encontro com um sacerdote que recuperou parcialmente minhas lembranças... após isso, fui derrotada pelos Superiores de Elite e enviada à Asmos. Lá, tive que recorrer aos rituais de resistência a prata e luz e também de aprimoramento de habilidades. Não me lembro com exatidão

os detalhes, mas sinto que exterminei todos naquela cidade-prisão.” Ao terminar o dito, Lizha reflete sobre o ocorrido, como se só agora tivesse percebido o que havia feito.

“Lizha, esses rituais acabam com você por dentro... lembra da última vez?” – Questiona a irmã mais velha preocupada; – “A mamãe sempre dizia... mente e alma. Estas sempre são suas moedas de troca para efetuar os rituais.”

“Exceto pelo evento em Rsmos, acho que não perdi memória alguma dessa vez e também creio que não irei adormecer por meses.” – Abrindo e fechando sua mão, ainda deitada, a vampira sentia sua força; – “Daquela vez na guerra, eu sentia todas as minhas lembranças e sentimentos morrendo, uma após a outra. Sentia minha mente sangrar como um corte áspero e profundo nas costas dos meus miolos. Mas em Rsmos, por algum motivo ainda desconhecido, sabia que se efetuasse o ritual, eu não teria que arcar com tais consequências novamente. Deve ter sido obra daquele sacerdote estranho.” A mão levemente recai sob o rosto da Ghoul, cobrindo seus olhos rubros e cansados.

“Sacerdotes... o mais engraçado é que eu quase morri por obra deles há algumas horas atrás.” – Aradia ri, olhando para baixo e acariciando seu pescoço; – “Vai precisar de algo, Lizha?”

“Rcho que... apenas carne e descanso por alguns dias.” Ela solta um tímido sorriso. Aradia sorri de volta.

“Você não muda nunca... durona como sempre. Um ritual desses já te derrubou por meses e você pensa que vai estar plena em alguns dias?!” – A general encara como uma piada e agarra sua irmã novamente, desta vez, liberando suas asas; – “Vamos para seu quarto. Faço questão de deixar comida pra você ao menos uma vez ao dia e a noite. E não ouse sair de lá.” A ameaça era leve. Lizha agradece, se aconchegando no colo de sua mais antiga aliada. Aradia levanta voo e sobe pelo túnel, rumo aos aposentos de sua falecida mãe.

Já no antigo quarto empoeirado, não demorou para Lizha e Aradia perceberem que alguém havia passado por lá. Seguido de um breve suspiro, a estudiosa Ghoul sentiu uma forte dor de cabeça. Sua primeira reação foi a de apoiar ambas as mãos em sua testa e cair de joelhos. Ajudando sua irmã, Aradia rapidamente a deita na cama.

“Eu sinto que consigo retomar minhas memórias quando quiser. Porém, sempre que faço esforço para isso, as lembranças são acompanhadas de uma forte dor aguda. É como se eu estivesse queimando um ferimento na intenção de parar um sangramento.” – As pálpebras de Lizha pesavam cada vez mais; – “É um

pouquinho triste. Todos que amei estão perdidos no passado, irmã. Mamãe, Vincent, Lestro... eles ainda estão lá no passado, não estão?" Ela não falava alto. Lentos e pausados murmúrios.

"Sim, eles estão lá, Lizha. E nós estamos aqui. Sempre estaremos aqui."

"Meu filho morreu, Aradia." – Os finos dedos de Lizha tremiam. Aradia percebeu a inquietude; – "Eu achei que ele seria eterno. Achei que teria mais tempo para dar amor a ele na hora certa. Na hora em que meu coração estivesse preparado para parar de culpá-lo por minha gravidez indesejada. Talvez eu apenas tenha sido uma mãe ruim mas, graças a isso, hoje eu posso dizer que entendo mais a mamãe. Tormenta passou por perdas a sua vida toda. Teve que assistir seus filhos se voltarem uns contra os outros. Agora eu posso dizer com mais certeza que entendo sua dor. Parcialmente..." Aradia admirava a irmã mais nova e segurou sua mão.

"Somos mulheres, Lizha. Aquelas que, com suas asas, foram dignas dos céus. As progenitoras. A força de Héros. Eu a admiro por seguir o caminho de Tormenta e Cassandra. Forneceu um grande soldado ao nosso país. Porém, eu ainda não me vejo pronta para ter descendentes... pelo menos não por agora. Sei que sou a única das crias de Tormenta que não teve filhos mas o momento exige foco em outras tarefas. Solucionar outras crises." – Aradia senta no canto da cama onde Lizha deitava confortavelmente; –

"Posso deixá-la aqui por enquanto?"

"Você sabe o quanto eu amo esse quarto, não sabe? Vou ficar aqui e mais tarde vou praticar desenhos. Desenhar você, a mamãe, o Vincent... ajuda a recuperar minha memória." – Ela refletia, pensadora; – "Mas sim, eu ficarei bem. De imediato, vou parar de forçar lembranças e focar em apenas descansar. E você? O que pretende fazer, irmã?"

"Eu devo ir, assumir o papel de Tormenta e fazer graves mudanças em nosso país. Pretendo limpar Héros da corrupção instaurada pelos erros de Lavender, montar o mais forte e implacável exército de vampiros e Espectros, e fincar nossa bandeira no coração de Keen. Vou retomar nossa dignidade." Ela dizia séria, com um olhar que radiava ódio e parecia já prever tal cenário. Lizha riu baixinho.

"Aradia... eu perguntei o que você vai fazer agora e não nos próximos anos..." – Ela diz em tom cômico; – "Fique um pouco com Albert. Copule e sacie suas próprias vontades. Faça algum uso daquele nobre infeliz ou o traga aqui para que eu possa ter alguns dias de entretenimento." Termina sorrindo e mordendo seu lábio inferior.

“Ele precisa descansar por enquanto. Albert fez muitas coisas ultimamente... ele matou dezenas de vampiros exilados sem qualquer dificuldade e se mostrou proficiente na arte do combate em neblina. Além do mais...

ele matou Solumbre.” – Ao dizer a última frase, Lizha arregalou os olhos e ficou sem palavras; – “É, eu sei. Parece que ele herdou o estilo combatente de Madson e a inércia de Karina... o que lembra o fato de que, ele já sobreviveu a uma transa comigo.” Aradia cruza os braços, admitindo o fato. O espanto de Lizha se transforma em uma alta risada.

“Desgraça, Aradia! Assim você me mata!” – A irmã mais nova não cessava a risada estridente; –

“Se ele sobreviveu, isso significa que você e ele possuem um laço?!” Pergunta com dificuldade em meio às risadas. Aradia virou de costas e andou rumo a varanda.

“Quem sabe... talvez eu tenha finalmente encontrado meu parceiro para a eternidade.” – A general pula do alto da torre, sem se despedir de Lizha; – “Ou talvez a história de Tormenta esteja se repetindo em meu presente.” Sussurra sozinha enquanto cai rumo ao pátio ao lado da catedral.

Capítulo 24 - Chuva

Ano 280 - Amanhecer 23 ▪ Ruas de Tenebre

Uma chuva quase torrencial pairava pela capital vampírica. Ela perpetuava pelo solo rochoso do território coberto por corpos e sangue escuro. Como uma enorme tapeçaria cinzenta, as nuvens se aproximavam, cobriam todo o céu da manhã e a temperatura parecia despencar a cada segundo. Um dos poucos que ousou caminhar pelas ruas durante o gradual amanhecer foi Allith, que andava calmamente na garoa refrescante, com suas botas encharcadas pelas poças d'água e de sangue denso, enquanto ainda protegido por sua capa noturna.

À medida que o conselheiro Superior marchava firmemente pelos corredores de casas, os civis com capas rasgadas auxiliavam os feridos e refugiados. Muitos nobres também eram vistos cambaleando com suas vestimentas danificadas pelo conflito armado. Allith observava tudo silenciosamente, quase sem piscar nem mudar sua séria expressão, enquanto ia de encontro com a residência de Akarina.

Dobrando a avenida, os olhos castanhos do aclamado vampiro travaram em um alvo inesperado. Uma dama inusitada surgia pela esquina que o levaria até seu destino. O que Allith via era uma mulher formada, trajada de um vestido de cores claras e quase tão pálida quanto um vampiro, com olhos azuis e um sorriso de lábios levemente rosados que complementavam a aparência delicada e excêntrica. O que Allith sentia eram calafrios devido à presença ofuscante da negatividade que rondava livremente por aquele ser. Em uma de suas mãos a formosa dama carregava consigo uma bengala, a qual se apoiava frequentemente.

Mesmo Allith evitando contato visual com o elemento, Vianna já havia percebido a forte presença do inquieto vampiro e também resolveu não trocar olhares. Sorrindo, sabia que ele tentava a evitar ao máximo. Agora eles já estavam a poucos metros de se cruzar e Vianna resolveu tomar a iniciativa.

“Allith... o famoso conselheiro de Lavender, não é?” – A sábia ofusca sua risada; – “Seria este o seu título por aqui?” O questionamento veio em tom curioso e simpático.

“Vianna.. agradeço pela ajuda em trazer Lizha de volta a Tenebre. Sem vocês ela provavelmente estaria tomando chá nas nuvens com Tormenta.” – Ele diz sem se prolongar e sem cessar o passo; –

“Aproveitem a estadia.” E seguiu. Vianna estava parada observando o homem tomar distância.

“Ainda sim, eu fiquei curiosa para entender...” – Faltava pouco para Allith virar a esquina e entrar em outra rua; – “O que um vampiro tão fraco faz com a alma e poderes de um sacerdote?” Vianna sussurrou no ouvido do vampiro. O susto o paralisou por completo; – “Um vampiro que roubou o nosso poder... você é ardiloso, Allith.” Ela morde a pontiaguda orelha do conselheiro.

“Me escute... aqui não é lugar para falar sobre isso. Tudo o que você precisa saber é que eu não matei nenhum sacerdote. O poder dele tem sido passado pelos Lazor há séculos. Eu apenas segui a tradição e adquiri a alma do sacerdote através do último herdeiro de minha família. Meu pai.” Eles mantiveram contato visual.

A presença da mulher era fria e seus olhos eram como vidro. Por mais que sempre tivesse uma forte habilidade de comunicação social, Allith não conseguia desvendar o que um ser tão sábio e enigmático como um sacerdote escondia. Ele sabia que todas as intenções e possíveis ações daquela mulher eram completamente imprevisíveis. Isso o assustava.

Por mais que aquele homem exalasse carisma e fora visto de bom humor por Vianna anteriormente, ela agora percebia certa profundidade em sua persona. Talvez aquele sorriso e jeito descontraído escondiam algumas de suas camadas e traumas passados. Ela sentiu pena pelo ser de sangue pútrido.

“E o que você faria se eu tentasse recuperar a alma de Naberius?” A pergunta era séria e o ar de toda aquela rua mudou para um clima mais pesado. O ar estava frio e os ventos agora eram ásperos e ardiam os olhos do vampiro. Para Allith, o nível de presença da bela dama era igual, senão pior que dos espectros. A chuva aumentava.

“Eu não tenho como evitar um conflito com um ser que pode ir para qualquer lugar em questão de segundos. E, quando minha dialética não me permite uma saída diplomática, a única coisa que me resta é usar tudo que tenho.” Uma máscara cinza-escuro começa a se formar em metade do rosto do vampiro. Diversos detalhes criavam fendas na máscara, que pareciam adentrar as órbitas do olho de Allith. Em menos de um segundo, aquele olho estava completamente negro.

“Realmente! Você consegue até mesmo usar o olhar de Naberius?!” – Impressionada, a sacerdotisa batia leves palmas rápidas, parabenizando-o pelo feito. Em seguida, Vianna reduzia sua energia hostil e o ambiente retornou a mesma atmosfera de outrora; – “Muito bom... muito bom mesmo. Pelo que dizem, o olhar de Naberius leva qualquer um a loucura imediata. Eu nunca teria chances contra algo assim.” Ela ri.

“O... quê?” Allith pergunta confuso. Sua voz mesclava com a da alma residente em seu interior.

“Isso foi só um pequeno teste. Eu não teria problemas morrendo em combate com você, mas obviamente este nunca foi meu propósito por aqui.” – Ela sorri; – “Você é quase como um humano, Allith. Talvez tenha sido o vampiro mais interessante que vi por este lugar. Irei respeitar a hierarquia e o deixar em paz. Naberius está em boas mãos. Cuide bem de sua alma e poderes.” Termina alegremente. Allith desfaz a máscara que cobria metade de seu rosto. Seu olho esquerdo gradualmente retornava ao normal.

“Isso é tudo?” O vampiro estava com o olho esquerdo fechado.

“É sim. E caso o senhor vá de encontro com Albert, eu sugiro que tenha cautela. Creio que ele esteja tendo uma de suas crises...” – Já de costas para Allith, Vianna se despede; – “Eu e meu parceiro devemos continuar por aqui até a coroação de Radia. Provavelmente nos reencontraremos mais algumas vezes antes de retornarmos a Tabelion.” Batendo duas vezes contra o chão com sua bengala, em um piscar de olhos, a sacerdotisa já havia desaparecido do local.

“Bom, eu espero que não tão cedo.” – Allith se senta no chão e deposita sua mão no olho fechado; – “Mulher desgrçada... nunca vou me acostumar com a dor desse poder...” Antes de prosseguir seu caminho, o vampiro lá permanece em meio a dores e xingamentos. Com o volume da chuva apenas aumentando, aquela manhã turbulenta agora também contava com a presença de raios e trovões.

...

Esmurrando a porta de madeira violentamente, em meio a tempestade crescente, Allith buscou abrigo na residência de Albert. Inúmeras tentativas de gritar por seu nome, seguidas de fortes batidas contra a porta resultaram em nada mais do que tempo perdido debaixo da chuva raivosa. Já farto do cenário incômodo e de ser ignorado pelo nobre, Allith focou em um ponto mais fraco da porta de madeira grossa e o forçou com golpes usando seu cotovelo. Com êxito, o vampiro abriu uma ruptura volumosa o suficiente para inserir sua mão e liberar a madeira que impedia a porta de ser aberta.

Tendo empurrado a porta com violência e a fechando rapidamente ao entrar, o não muito atlético Superior cai sentado com suas costas contra a porta de madeira, assim, retomando seu fôlego com o fim do momento agitado. Mesmo estando com suas roupas encharcadas pelo tempo requisitado para o arrombamento, Allith percebeu que onde havia sentado já estava molhado antes de chegar. Havia gotas de sangue

vampírico por toda entrada da casa formando um rastro até o corredor interno que levaria aos aposentos.

Sem saber o que pensar, os primeiros movimentos do conselheiro exausto foram de levantar abruptamente e analisar o lugar. Já com a imagem de Albert em sua mente, Allith não estava surpreso com o estado deplorável em que os móveis e paredes se encontravam. Tinta seca pelo sofisticado pavimento nobre. No sofá e outros móveis haviam cortes de garras e pelo chão se encontravam restos de carne. Um forte cheiro de mofo caracterizava todo o espaço, seguido também do forte odor de sangue fresco derramado. Alguns gritos abafados também podiam ser ouvidos de algum dos quartos em meio ao som da chuva e trovões. Diante de tudo isso, Allith começou sua investigação andando pela sala principal.

Por mais maltratada que pudesse se encontrar, ainda haviam alguns itens específicos que se encontravam em perfeito estado na sala de estar. O grande piano estava empoeirado, mas sem qualquer mancha ou sujeira aparente. Allith tocou levemente algumas teclas aleatórias apenas para testar a funcionalidade do instrumento. O som era alto e bem definido. O vampiro deduziu que sua manutenção interna estava em dia. Também havia somente um quadro em todo o cômodo. Akarina Sulkar pintada em óleo com cores escuras de fundo que quase se misturavam com seu cabelo marrom e contrastavam com a pele pálida da séria vampira nobre, aliada de Lavender. Allith sorriu ironicamente ao ver a pintura.

“A bela e disputada Akarina. Nunca me deu corda...” – Um breve riso; – “Além de bela era sábia.” Fora da casa, uma trovoadas repercutiu seguido de um forte relâmpago. A luz emitida é suficiente para iluminar toda a sala por um breve instante. Ajeitando seu penteado e tirando suas luvas vermelhas, Allith também retirou sua capa noturna encharcada e ficou apenas com sua jaqueta, a qual estava úmida.

O corredor era estreito e também possuía marcas de cortes e garras, além de manchas negras de sujeira e mofo. Sem dificuldades em seguir o rastro de sangue e as altas lamentações que vinham do interior da casa, Allith andava com cautela e com uma de suas mãos com suas garras expostas. O vampiro também deixaria a postos o poder proveniente de seu sacerdote, se o mesmo não tivesse se esgotado após o encontro anterior com Vianna.

Com poucos passos, o corredor se encerrou e deu caminho a três outros cômodos. Apenas uma das portas estava aberta e esta era a do quarto de Albert. As janelas eram tapadas com velhos panos rasgados e a chuva entrava livremente molhando documentos que estavam espalhados pela mesa de madeira. Tão sujo e bagunçado quanto a sala, não havia ninguém neste cômodo e lá existiam mais manchas de pingos de sangue pelo chão, porém, diferente dos que Allith seguia, os pingos desse

quarto estavam quase completamente secos. Um último detalhe interessante que Allith pôde perceber era o grande sobretudo de Solumbre jogado no chão do quarto. Ele viu ao ver aquele item em um lugar tão inusitado quanto este.

Usando um pouco de sua imaginação, o sagaz conselheiro deduziu que este poderia ter sido o ponto de partida e a ferida foi gradualmente se abrindo pelo caminho. Seguindo essa lógica, Albert estava sangrando um pouco e caminhou até a sala com bastante calma e lá sua ferida se abriu por alguma razão, assim deixando sua trilha mais visível a partir da porta de entrada da casa. Mesmo com poucos detalhes, essa era uma teoria que Allith preferiu manter consigo como base para suas próximas prospecções.

Saindo do quarto de Albert e retornando a trilha de sangue fresco, havia ainda dois quartos fechados. O rastro levava até a mesma sala de onde vinham os berros e lamentações. A curiosidade de Allith o dizia para ir rumo ao outro quarto fechado, o que provavelmente não encontraria ninguém e poderia surrupiar bens e qualquer item de valor sem ser notado. Contudo, a agonia que Albert parecia estar expressando o convenceu de ir verificar o que estava havendo com o nobre ferido.

“Naberius, eu nunca pensei que diria isso, mas, qual é a possibilidade de usar seu olhar para reter negatividade?” – Perguntou segurando a maçaneta. Sentindo que não havia sido claro o suficiente, Allith reestruturou sua pergunta; – “Quer dizer... É possível auxiliar Albert usando seus poderes de quando foi um sacerdote?”

“Somente a loucura aguarda aqueles que encaram o abismo.” A voz vinha cansada. Ainda estava recuperando as energias da última exibição.

“Você não parece estar apto a me ajudar caso o pior aconteça... Mas eu sempre tive tara por apostas desvantajosas.” Allith sorriu e prosseguiu abrindo a porta.

A porta foi aberta com calma e cuidado, sem fazer qualquer som ou ruído. Diferente do quarto anterior, este era completamente fechado. Pelo chão, além de fragmentos de vidro quebrados e sujos por poeira, a trilha de sangue se estendia e ampliava também para as paredes que possuíam grandes e profundas rachaduras.

Aquele era o quarto de Akarina Sulkar. Allith pôde deduzir isso facilmente pelos pedaços de vestido rasgados e acessórios de metal quebrados por toda parte. De costas para a porta, sem nenhuma vestimenta em seu torso e com infinitos cortes em suas costas, Albert estava sentado no centro da enorme e velha cama de casal presente no final do quarto. Sangue sujava completamente os lençóis e pingos escorriam pela cabeceira. O buraco em seu abdômen, selado por uma grossa camada de gelo, já estava

muito menor do que na noite em que havia enfrentado Solumbre, mas ainda estava aberto.

Abraçando a si mesmo com suas garras escuras em contato com sua pele pálida e rasgada, Albert tremia e soluçava nos intervalos de seus murmúrios. Allith cogitou se pronunciar, mas, diante daquele momento íntimo, o conselheiro ficou sem ideias para como declarar sua chegada. Quando resolveu abrir a boca para apenas chamar o nobre, ele foi interrompido com o mesmo dilacerando seu próprio rosto com suas garras. Ainda de costas para Allith, o vampiro parecia cravar suas unhas nos músculos de suas bochechas e os apertar com força, fazendo-as espremer sua carne e pingar mais sangue pela cama.

“Seu corpo está fraco. Você deveria estar descansando e não dando mais trabalho pra sua regeneração...” – Seguido de uma breve e informal batida na porta, Allith finalmente achou uma brecha para seu anúncio. Movendo rapidamente seu rosto e seu longo cabelo grisalho e bagunçado em direção a porta pelo susto, Albert estava com seus olhos arregalados e avermelhados de tanto chorar; – “Eu juro que bati na porta antes de quebrar e liberar a entrada.”

Havia cortes por todo seu rosto e muitos eram profundos. Por mais que esta seja apenas a primeira noite após a guerra pela coroa, o estado de Albert era similar ao de um vampiro que não dorme e nem come a dias. Seu semblante era uma mistura de luto, tristeza e raiva.

“Você viu meu lado feio...” – A voz era melancólica. Cobrindo seu rosto com a palma das mãos sujas de sangue, Albert continuou após uma pausa; – “Por que não vai embora e finge que nada disso aconteceu?” Sua pergunta era quase uma solicitação.

“Eu vim aqui verificar o seu estado. Me preocupo com você, Albert. Sempre me intrigou desde que o vi pela primeira vez com Solumbre quando era apenas uma mera criança.” – O conselheiro tentou usar um tom de voz amigável para trazer acolhimento e mudar o clima do ambiente; – “Pode desabafar comigo, se quiser.”

“Peço que não diga o nome dele.” – Albert retira as mãos de sua face. Os cortes estavam se regenerando; – “Não mencione o homem que eu acabei de matar, Allith.” Seu tom abalado ainda era o mesmo.

“Sinto muito, meus pêsales.” – Allith encostou suas costas contra uma das paredes da entrada do quarto. Ele fez questão de se apoiar no lugar menos sujo. O eco de um trovão repercutiu pela casa; – “Então vamos mudar de assunto... Podemos conversar sobre o porquê de você

estar aqui e fazendo isso consigo, afinal de contas, essa não parece ter sido a primeira vez que você vem para esse quarto para descontar a raiva... Gostaria de falar sobre isso?" Na intenção de demonstrar confiança e conforto, o vampiro depositou as mãos nos bolsos de sua jaqueta de couro escuro.

"Eu sempre fui um bom garoto." – Albert deita na cama, de barriga para cima e com sua cabeça virada para a porta; – "Sempre esperei pela ordem de comer, escrever, tocar... sempre ir com a inércia. Eu sempre me odiei por isso, e eu odiava me odiar por isso. No fundo, eu só não queria me tornar como meu pai." Ele respira fundo e encerra.

"O que você sabe sobre Madson Sulkar?" Allith continuava na mesma pose.

"Não muito. Minha mãe disse que os cabelos grisalhos são uma herança dele e que desde a Guerra Final ele se tornou doente mental. Um babaca sem escrúpulos para fazer todo tipo de merda, era isso o que ela me dizia. Eu queria ser diferente dele, então sempre a obedeci precisamente para provar que não estava criando um monstro como meu pai." – Ele ri cerrando os dentes; – "Pouco antes de eu matar Solumbre, ele me contou que era meu tio e que seu irmão havia se tornado um canibal doente. Dá pra acreditar? Eu sou filho da escória da nossa raça. Faz sentido eu ser um merda." A raiva interna aumentava e Albert sentia seu sangue esquentar. A sensação não correspondia com a realidade, pois o sangue negro sempre possuía a mesma temperatura.

"Você acha que é um merda?" – Por mais que os feitos do nobre surpreendessem Allith, ele também concordava com a opinião de Albert sobre si. Sua falta de confiança e passividade em relação à Aradia amenizavam o respeito que ele poderia ter; – "Você é um ótimo guerreiro e, para ser sincero, talvez esse seja o único aspecto que eu respeite em você." Ele não mentiu e fez isso esperando a reação do vampiro mais novo.

"Eu sou um merda. Tudo que fiz na vida foi ser um peão dos outros com medo de me tornar o que eu já sei que sou." – Seus lábios tremiam ao admitir. Ele se levantou e pegou sua espada que estava debaixo dos muitos travesseiros danificados. Allith se surpreende e fica alerta ao objeto; – "Solumbre pensa que me treinou apenas com o objetivo de eu o matar, mas estava enganado. Eu sempre quis matar meu pai, só pra provar a mim mesmo que sou diferente. Você sabe o que é treinar até suas mãos sangrarem só pensando em matar um homem que nunca conheceu?!" Albert sai da cama e levanta a guarda, encarando Allith que não sabia o que esperar do jovem transtornado.

"Acalme-se, Albert." – Allith levantou as mãos em rendição e deu um passo à frente; – "Eu sou seu aliado e estou aqui só pra te ajudar. Controle-se..."

“Você sabe o que é fazer de tudo a vida inteira para não ser o monstro dessa história?!” – Ele chorava lágrimas escuras que se misturavam com o sangue de suas feridas; – “Por que eu me sinto como um monstro, Allith?!” Sua respiração estava acelerada e ofegante.

“Você está agitado. Eu não vou fugir e te deixar sozinho nesse estado.” A postura de Allith permanecia firme e seus braços que estavam levantados em rendição, agora estavam abertos esperando um encontro. Mais um passo foi dado em direção ao masoquista.

“Não vai fugir nem se eu arrancar seu braço ou cortar a sua garganta?!” – As veias subiam pelo pescoço do nobre. Ele apontava a lâmina trêmula para o peito do vampiro rendido; – “Você sempre foi um Superior estrategista, aposto que previu toda essa guerra. Um corvo que voava acima de todos. Sempre o mais inteligente, né?!”

“Albert...” Veio em tom de pena e compaixão forçada. Mais um passo.

“Pra mim chega.” Ele aponta a espada para si e a usa para perfurar o centro de seu peito.

Um passo foi suficiente para alcançar o suicida. Antes que a ponta da afiada lâmina de prata tocasse no peito desprotegido do vampiro, Allith a segurou com suas mãos nuas. Sem muita técnica, mas aproveitando que seu oponente estava debilitado, o conselheiro usou seu ombro contra o corpo de Albert e empurrou a espada, assim desarmando o guerreiro ferido. O impacto do empurrão foi suficiente para derrubar o rapaz na cama.

“Que ideia de merda, hein... se você queria só se matar, seria melhor fazer isso depois que eu sáísse. Assim eu não teria que ver e ter seus últimos momentos gravados pra sempre na memória.” – Allith jogou a espada para fora do quarto e limpou o sangue da palma de suas mãos em sua jaqueta; – “Por acaso Solumbre te ensinou a desistir desse jeito quando o barco começa a afundar? Ele tá morto, garoto. Aceite.” De costas para Albert, ele conseguia esconder a dor dos cortes em suas mãos.

“Eu não queria chegar ao ponto de ter que me matar. Por que vocês simplesmente não me deixaram morrer com aquela fenda no abdômen?” – Jogado na cama, ele olhava para o teto; – “O que eu faço a partir de agora?”

“Continue com o propósito que começou.” – Allith disse com certeza, quase como uma ordem; – “Não há tempo para arrependimentos. Você já escolheu seu lado e confiou sua vida em Tradia. Ela será nossa Rainha em breve. Agora o peso da morte de Solumbre foi agregado à importância de sua causa. O fardo é pesado, mas você não está sozinho nisso. Custando ou não, Tradia está certa em dizer que agora estamos mais unidos do que nunca.” Ele encosta contra a porta aberta e exala uma bufada.

Em silêncio, Albert continuou a soluçar e tentar se acalmar. Seu nervosismo foi se esvaindo e a racionalidade retornava progressivamente. Ele usou alguns dos cobertores danificados para secar seu rosto.

“Isso vai levar algumas horas pra regenerar... maldição.” – Allith passava os dedos nos cortes nas palmas de suas mãos, os encarando; – “Quero beber algo forte como retribuição. É o mínimo.” O dito não era em tom de piada.

“Mesmo comigo, ameaçando sua existência, você não se ateu em me impedir com violência.” – Albert ressalta. Allith olha para trás; – “Você podia ter fugido... contra-atacado... mas preferiu esperar e me impedir. Por que isso?” O tom de voz do jovem estava solene e apresentava conforto em seu estado atual.

“Um corvo não arranca o olho do outro.” – Allith recita; – “É um ditado humano que ouvi por aí. Só entenda que sou seu aliado, Albert, e te ajudarei a carregar o fardo do caminho que começou. Agora vamos à parte da bebida, podemos?” O cortês vampiro andou rumo ao corredor e então à sala de estar.

“Entendo... eu agradeço.” Albert se levanta e segue o convidado.

Eles prosseguiram pelo corredor. Mancando devido aos ferimentos, Albert parou brevemente em seu quarto e verificou os bolsos do manto de Solumbre. Lá ele pegou a carta dobrada e a guardou no bolso de sua calça. Ele também vestiu seu traje rubro e voltou a seguir Allith, que já estava mais a frente.

Caminhando rumo a sala, Allith se jogou no sofá e esticou seus braços para trás, relaxando por completo. Aos olhos de Albert, o convidado estava apenas ficando a vontade, quando ele, na verdade, estava aliviado após segurar seu nervosismo por tanto tempo diante da situação anterior. Na sala era mais nítido pelo som que a tempestade já havia diminuído e tudo que restava era uma chuva fraca, quase inexistente.

“Tudo que tenho de bebida é um vinho antigo de um nobre rico da província de Maxim. Minha mãe trouxe após uma longa viagem e eu nunca tive coragem de degustar...” Albert sentou-se no chão próximo ao sofá e entregou a garrafa empoeirada à Allith.

“Nobre dos vinhos em Maxim? Deve ser o insuportável do Ior...” – Pegando a garrafa e liberando somente a garra de seu indicador, Allith retira a rolha com facilidade; – “Ele e Lavender tinham uma duradoura parceria. Ela fornecia o território para os vinhedos e ele incentivaria a população na tarefa de conservação das terras férteis, além de distribuir parte de seu vinho para o interior do país. Faz tempo que não me encontro com o velho Ior... estou curioso para saber como as relações dele se darão com Aradia.” Ele ri enquanto vira severos goles generosos.

“Muita coisa deve mudar a partir de agora... Aradia vai virar Mayah de cabeça para baixo.” Albert admite pensativo.

“Em meio a crise de Bankas, não temos caçadores para trazer carne fresca da Floresta da União e nem matéria bruta. Por enquanto, estamos vivendo a base da pesca provinda de Fontros e está sendo cada noite mais insuficiente. Meu chute é que Aradia vá auxiliar o povo de Bankas com tudo que puder e, só então, cuidar da nobreza de Tenebre.” – A garrafa já estava próxima do fim; – “Tem certeza que não quer nem um pouquinho? O vinho de Maxim é misturado com um potencializador. Vampiros normalmente não ficam bêbados e nem envenenados, mas, com esse potencializador, até eu fico tontinho com poucos goles disso aqui.” Allith solta um sorriso bobo de orelha a orelha.

“Sem cabeça pra isso, Allith...” – Sentado no chão, Albert encosta sua cabeça no apoio de braços do sofá, próximo a onde o torso de Allith repousava; – “Cétrico também me contou da presença de um exilado no último conflito. Ele parecia ser um Frieden... o que vai acontecer com ele?”

“Anistia.” – Allith termina a bebida em uma última e agressiva virada; – “O exilado em questão chama-se Klaustro Frieden. Ele é simpático, bonito e bonzinho. Também demonstrou ser muito habilidoso com manipulações mentais. Aradia viu valor nisso e nas intenções dele em retornar aqui apenas pelo bem de seu país, afinal ele foi visitado por um sacerdote que o informou sobre essa guerra e ele atravessou um grande percurso só para tentar impedir derramamento de sangue. De fato, um bom garoto.”

“Fico feliz que Aradia não o tenha executado. Ele é o último Frieden... o último de uma linhagem paralela a de minha família. Tenho algumas perguntas que podem ser interessantes. Sabe onde posso encontrá-lo?”

“Acho que deve estar vivendo normalmente no castelo.” – Allith soluça. O vampiro já não estava mais prestando atenção na conversa e deitado fixou seu olhar no teto; – “Mas tira o olho que ele já é meu, hein!” Levantou seu dedo indicador em direção a Albert.

“Eu não tenho interesse em parceiros no momento. Eu e Aradia estamos bem... fixos... por assim dizer.” – O nobre comentou em pausas, ainda tentando digerir o tipo de relacionamento em que ele e a atual Rainha se encontravam; – “É claro que se for do interesse dela agregar mais alguém nesta união, eu não tenho a autoridade de me opor. Mas não acredito que seja o caso.”

“O quê?!” – Em um movimento brusco, Allith quase pula do sofá; – “Você sobreviveu a umazinha com a Aradia?!” Ele agarrou Albert pela gola do traje surrado.

“É. Foi apenas uma vez no dormitório em Salos. Eu não sei como ainda estou vivo.” – Albert respondia com calma, ignorando o estado de seu convidado; – “Teve um momento durante o ato em que eu realmente achei que ia morrer. Ela estava encima de mim e sua intenção era de me devorar por inteiro. Mas então... ela recuou e foi dormir. Nós simplesmente não terminamos.”

“Você... é um cara de muita sorte.” – Allith levanta e cambaleando, vai rumo a saída; – “Depois eu te conto o porquê.” Ele levantou a madeira que trancava a porta e já estava pronto para sair.

“Não esqueça sua capa noturna. Se sair sem ela durante o meio-dia, você vai morrer com certeza” Albert menciona, rindo da embaraçosa situação.

“É mesmo! Eu quase esqueci!” – Allith apanha a capa que estava jogada no chão; – “Agora você pode desconsiderar sua dívida comigo. Praticamente me salvou de minha própria burrice!” A piada seguiu uma longa e alta gargalhada. Albert quase o acompanhou na mesma intensidade.

“Adeus Allith e obrigado por tudo. Você é realmente um bom conselheiro.” Albert ficou de pé enquanto o vampiro bêbado abria a porta, dessa vez, completamente protegido por sua capa. Os raios de luz eram fortes e já era quase meio-dia. A chuva agora era inexistente.

“Uma coisa interessante, Albert. ‘Qual é o melhor momento de uma tempestade?’ eu me pergunto... Desde seu início como garoa até seu auge com raios e trovões. Essa é uma questão pouco importante em nossas vidas rotineiras, amassadas por planos e sufocadas por compromissos. Mas, por mais trivial que seja tal reflexão, eu me permito a respondê-la com o, exacerbado em sua quantidade, porém humilde em variedade, conhecimento empírico que possuo.” – Allith sentia que recitava o dito como um poeta em

meio a luz do dia. Albert o encarava com estranheza; – “O melhor momento da tempestade são os primeiros minutos após seu término. Quando as gotas já não são mais motivo para a reclusão e as nuvens não possuem mais nada a entregar se não o mais límpido dos céus. O cheiro agradável permanece, e tudo retorna ao seu estado natural até a próxima tempestade.” Ele encara Albert, aguardando uma resposta para satisfazer uma pergunta inexistente.

“É, Allith. Bem interessante. Agora tchau.”

“É, eu vou indo. Ah! Antes que eu me esqueça...” – Hesitando em continuar a andar, o bêbado solta com cautela; – “Err... só pra finalizar o assunto do seu tio, Solumbre... ele sempre me dizia que adoraria ver você matando o mais forte dos elfos. Um tal de Querubim. Sei lá, achei que você devesse saber.” Termina marchando para fora, sem olhar para trás. Albert fecha a porta sem dizer mais nada, apenas refletindo acerca do suposto Querubim.

Suspirando novamente sozinho, no frio e desolado ambiente, o rapaz vai até o sofá e se acomoda. Descalço e sentado, encolhido com os dois pés sobre o móvel, ele decide começar uma leitura sem hora para acabar. Albert retira a carta de Solumbre de seu bolso e começa a ler seu conteúdo.

Capítulo 25 - Querubim

Ano 280 - Noite 24 ▪ Proximidades de Salos, Capital Élfica

Era uma brumosa noite nublada e a grande e famosa cidade de Salos já havia encerrado suas atividades. Uma coruja branca voava pelo céu sem fazer qualquer som. Na saída que levava para as cidades subsequentes do grande país, havia uma estrada devidamente asfaltada antes da chegada dos altos portões da capital. De braços cruzados, calmo e sereno, lá, estava o Rei Keen. Equipado com sua armadura negra e portando sua espada embainhada, o formoso Rei parecia confortável mesmo com a robusta vestimenta. Ao seu lado, usando um arejado vestido branco e com ambas as mãos nas costas, estava uma de suas filhas, a princesa Hellenor Rowan.

A reservada e silenciosa princesa elfa não era tão alta quanto seu pai, embora esse fosse o maior fator em contraste entre as tão semelhantes figuras reais. De longos cabelos negros, olhos escuros e profundas olheiras escondidas por uma fina camada de talco branco, a aparência da aclamada princesa era similar a do sério monarca.

Durante quase uma hora eles não trocaram olhares ou palavras. A primeira mudança significativa de postura da dupla se deu ao primeiro sinal de aproximação de uma rápida figura montada em um cavalo ao longe. Mesmo carregando um grande homem em suas costas, o corcel cinzento parecia ainda ter energia de sobra para correr por longos percursos.

“Já era hora...” - Keen comenta, com um sorriso singelo; - *“Não irei demorar para deixá-los a sós. Depois que conversarem, informe seu amado para que me encontre na cúpula caso ainda lhe restem energias para uma breve reunião.”* Termina sem olhar para a jovem e mantendo os braços cruzados. Hellenor assente suspirando.

Terminado o percurso e parando o cavalo próximo da dupla, o homem desce de seu animal. Vestindo um traje de lã simples sem mangas e um firme coldre para carregar sua colossal espada de ferro nas costas, o alto e definido elfo se ajoelha perante Keen. Encostando seu punho no chão e abaixando sua cabeça, o homem começa:

“Majestade... é um prazer retornar a tuas terras.” - Dizia em tom solene; - *“Sou infinitamente grato pela recepção.”*

“Levante-se, soldado.” - Keen oferece sua mão para ajudar o guerreiro a se levantar; - *“A presença de sua espada é sempre um privilégio, Querubim Fogel.”* Ambos trocam olhares e sorrisos confortáveis antes de se abraçarem com risadas simpáticas. Hellenor permaneceu a mesma.

O elfo em questão era tão alto quanto Keen, porém seu físico era inegavelmente um diferencial da esmagadora maioria de sua raça. Sua arma era uma gigantesca espada de ferro retangular, cuja lâmina possuía cerca de um metro e meio e seu fio era soldado em prata. Querubim possuía um curto cabelo castanho, assim como seus olhos, além de um maxilar adulto e sem qualquer tipo de barba.

“A cada reencontro você parece maior e mais forte!” – Keen desfere dois tapas leves no bíceps de Querubim; – *“O que eu não daria para vê-lo treinar com Angus! Um combate entre a maior lança e a maior espada de Salos seria imperdível!”* Comenta animado antes de gargalhar. O guerreiro ri de acordo.

“Ainda faltam séculos de treino para me equiparar à lendária habilidade de Angus, Lorde Keen.” – Admite desconcertado; – *“Mas eu lhe garanto que um dia estarei devidamente capacitado.”* Assume orgulhoso.

“Eu confio em suas palavras, meu jovem. Em breve teremos muito a discutir. Agora, que tal se eu levar o velho Nilo para sua acomodação?” – O Rei propõe, passava os dedos por entre a vasta crina da montaria cinzenta de seu convidado; – *“Vocês podem voltar com calma até o castelo. Estarei lhe esperando na cúpula para botarmos nosso papo em dia.”* Termina subindo com cuidado no cavalo que não demonstra qualquer resistência.

“Eu agradeço muito, Lorde Keen.” O elfo jovial abaixa a cabeça. Keen segue para a entrada da capital fitando uma última vez os calmos olhos de Hellenor antes de se retirar.

Já sozinhos, o casal se entreolhou e, como duas crianças após finalmente ficarem sob a supervisão de um adulto, soltaram breves risos e se encontraram em um cômodo abraço. Com o fim do ato, o casal permaneceu de mãos dadas se encarando frente a frente.

“Eu pensava que ele nunca ia se calar.” Diz Hellenor, tirando o peso de seus ombros com um suspiro aliviante enquanto segura com firmeza as grandes e calejadas mãos do guerreiro.

“Vejo que você continua com o voto de silêncio na presença dele...” – Querubim indica, em tom cuidadoso e pensativo. Hellenor se fecha ao entrar no assunto; – *“Hellenor... sabe que respeito sua decisão, mas você não pode o evitar para sempre. Keen é o Rei de Ártemis.”*

“Keen é meu pai, Lakan...” – Desistindo de olhar para cima para manter contato visual com o alto homem, a dama repousa a cabeça em seu peito e olha para baixo; – *“Eu não me importo se ele for o homem mais poderoso do continente. Nada vai mudar o fato de que, depois que a mamãe se foi, ele se afundou em um mundo de mentiras e nunca mais tirou aquela maldita*

armadura.” A intensidade e volume da voz da princesa aumentavam conforme o assunto se aprofundava.

“Vamos parar por aqui... eu fiquei todo esse tempo longe de você e não foi assim que imaginei o nosso reencontro. Temos muitas coisas melhores para conversar.” – Querubim acariciava a nuca de sua amada enquanto a mesma concordava com um leve balançar de cabeça; – *“E, por favor... você sabe das regras. Nunca mais me chame pelo meu antigo nome.”* Com isso, ambos seguiram para dentro da grande cidade, em silêncio.

A dupla passou em frente ao único estabelecimento da capital que teve sempre mais atividade no período noturno. A rústica taberna chamada Akrasia. Querubim notou um gato frajola gordo deitado sobre o telhado, encarando o casal. O desejo do cansado corpo de Querubim era de adentrar o lugar, e apenas degustar uma bebida gelada enquanto relaxava se informava do ocorrido com Jess, a dona e responsável por fazer todos os itens da casa. Uma amiga antiga e boa de papo, que lutou ao seu lado contra vampiros quando atuaram na linha de frente da Guerra Final. Uma amiga para a vida. Um leve sorriso foi desferido ao passar pela rua familiar, seguido de um bocejo.

Elfos sempre foram seres diurnos por terem grande disciplina para cumprir seus horários e deveres em sociedade, mas, principalmente pelo fato de seus poderes individuais apenas funcionarem quando expostos à luz do sol. Durante a noite, devido ao desligamento dos poderes élficos, as chamadas ‘Bênçãos de Ishtar’, é comum que pouquíssimos civis permanecessem ativos conforme o fim do dia se aproximava. Apenas um baixo número de guardas perdurava nas ruas e praças de Salos.

Com seu olhar sempre analítico, Querubim percebeu a ausência total de civis nas ruas e um contrastante aumento da guarda real em pontos estratégicos da formosa capital. Todos aparentavam estar atentos e preparados para conflitos fora de hora.

Querubim andava devagar, segurando o cabo da poderosa arma presa em suas costas, e sem qualquer preocupação aparente. Já Hellenor, por mais segura que fosse a capital, parecia amedrontada e encolhida, sempre andando próxima de seu parceiro.

“Quando fiz minha parada em Angelion, li nos jornais que os vampiros já haviam partido de nosso país e que o evento havia sido um grande sucesso.” – A afirmação veio pausadamente; – *“Qual é o motivo de tantos guardas, Hellenor? Aradia fez algo por aqui?”* O guerreiro teve que olhar para baixo para encarar rapidamente sua companheira. Se aproximando ainda mais do rosto do forte elfo, ela sussurra:

“Não parece ser fruto dos vampiros. É melhor falar isso com meu pai... ele irá lhe explicar tudo em detalhes.” Diz encarando um dos muitos elfos armados.

Chegando nas proximidades do enorme palácio da família Rowan, mais precisamente na frente da entrada do salão principal, o guerreiro e a princesa são lentamente cercados pela guarda real. Uma dúzia de elfos armados encaram o convidado e, cordialmente, se ajoelham perante o renomado Querubim.

“Senhor Querubim, é uma honra e um deleite poder contar com sua presença em tempos tão conturbados como este...” - Dizia de cabeça baixa a capitã e chefe das forças armadas reais, Laerdra; - *“Solicito que deixe comigo suas armas e pertences para os deixarmos em seu quarto. Já o arrumamos com antecedência, para que descanse com conforto tendo em vista que amanhã será realizada sua provação periódica da manutenção do título de Querubim.”* Ela o olha nos olhos. Ele responde com um leve aceno de cabeça.

Laerdra era a única mulher daquele pequeno esquadrão e também a única a usar uma armadura de cor similar ao tom negro usado por Keen. A mulher fica de pé para receber a pequena mochila de pano e a pesada arma de Querubim. O elfo sorri admirando a cicatriz no rosto de Laerdra.

“É ótimo vê-la novamente. Como foi estar novamente cara a cara com Aradia?” Pergunta sem hesitar. Laerdra não exhibe qualquer emoção.

“Foi diferente do que eu imaginei que seria. Em minhas lembranças, ela era maior, mais forte e bruta. Acredito que eu tenha essa impressão por tê-la conhecido durante uma guerra brutal. Ela até que se comportou bem para uma vampira velha.” - A mulher aparentava estar pensativa enquanto usava sua mão para massagear o final da cicatriz deixada pela lendária vampira; - *“Para todos os efeitos... hoje eu sinto que posso derrotá-la em um combate isolado. O que aconteceu da última vez não se repetiria.”* Termina ao apanhar a arma de Querubim.

“Aradia era uma Ghoul poderosa... na Guerra Final, eu gostaria de tê-la enfrentado.” - Ao soltar um breve suspiro empolgado, o guerreiro parecia ansiar pelo que afirmava; - *“Embora eu acredite que acabaria em uma situação muito pior que a sua.”* Ele foi humilde, mas mentiu..

Seus feitos e sua performance em campo superavam a de todos os elfos que participaram da Guerra Final. A mentira não era amarga. Seu intuito era amenizar a dor da querida colega.

“Obrigada pela modéstia, mas ainda prefiro sua sinceridade.” - A guerreira seguiu com seus subordinados para o cômodo de Querubim, para poupá-lo de levar seus pertences; - *“Lorde Keen o aguarda na cúpula para uma breve reunião.”* Afirmou já virada de costas para o casal.

Mais uma vez a sós, com seus olhos escuros e misteriosos como um céu noturno sem estrelas, a princesa encarou o autêntico olhar de Querubim sem dizer qualquer palavra. Ela apenas apreciava cada segundo da presença do único que se sentia confortável em conversar casualmente. Mesmo sem ver sua amada por um ano inteiro, Querubim compartilhava o típico sentimento de Hellenor perante as suas despedidas.

“Foi um ano difícil longe de você, mas alguém tinha que cuidar da mamãe em Evarion. E você sabe que eu nunca me perdoaria se algo acontecesse com ela estando sob cuidados de terceiros.” -

Ele segura a mão da filha de Keen; - *“Eu sei que você ainda tem seus traumas, meu bem, e quero lembrá-la que sempre poderá contar comigo para ouvi-la. Mesmo os mais discretos murmúrios pensativos das suas madrugadas tristes que você tanto cita em suas cartas.”* De seu bolso, o homem apenas mostra que carrega consigo os papéis enviados por Hellenor. Os olhos da dama agora refletem um brilho timidamente mais amigável e sincero.

“Também senti sua falta.” Diz demonstrando um quase sorriso e ficando na pontinha dos pés ao finalizar o encontro com um leve beijo depositado na bochecha do guerreiro.

...

Saindo do elevador, após se despedir da princesa, Querubim andou até o local instruído por Laerdra. No topo do castelo, haviam grandes pilares brancos que sustentavam o teto abobadado da larga sala, formalmente denominada ‘Cúpula’. Pelas paredes, diversas pinturas imortais e realistas da falecida Rainha Hellida decoravam o ambiente, regada com algumas tochas e velas que cumpriam o dever de iluminar o salão. No centro, uma mesa redonda delineava completamente o lugar, com espaço suficiente para que todos os oito Cardeais de Ártemis pudessem comparecer e ter espaço e conforto para extensas reuniões. O único membro da realeza presente naquele devido momento era Keen. Estirado em uma das cadeiras, com ambos os pés sobre a mesa, segurando um formoso cálice de vidro cheio até a boca de um vinho escuro, o Rei de armadura negra questiona:

“Devo encher sua taça?” - Um sorriso torto é moldado ao apanhar o recipiente vazio. Querubim responde apenas com um leve movimento de mão, indicando que não iria beber e senta-se ao lado de Keen; - *“Este é de uma safra muito antiga. Secular. Uma das últimas unidades feitas por mãos humanas.”* Afirma o Rei ao, de olhos fechados, degustar o elixir com paciência e calma.

“Vinho humano... ao que estaríamos brindando? Por acaso seria o sucesso de sua relação com Héros?” O guerreiro pergunta curioso.

“Brindar em comemorações... esta é uma coisa que eu não faço a um bom tempo.” - Keen ri; - “Estou bebendo para sentir algo, Querubim Lakan. As batalhas já não mais me apeteçam. Minha família não me traz orgulho, quiçá felicidade. E governar uma nação que goza de liberdade se demonstrou ingrata com sua coroa... muitos apoiam a narrativa dos vampiros. Sentem pena! Exclamam por misericórdia e união, mesmo sem nunca terem visto os horrores da guerra!” Uma forte batida do Rei enfurecido é desferida contra a mesa. Querubim se mantém sério e calado. O cálice tombou com o impacto e o vinho respingou por alguns papéis e escorria pelas bordas da mesa reluzente. Keen retomou a postura, ignorando o recém-ocorrido.

“Conte suas novidades, jovem Lakan. Como estão as cidades por onde passou até chegar aqui? Fez progresso em seu treinamento? Sua mãe está melhor?” A ênfase e preocupação do Rei pareciam maiores nas primeiras duas perguntas.

“Em Evarion as coisas continuam calmas como sempre e isso é ótimo para a mamãe. Minha vila permanece com grande demanda de pesca embora algumas espécies pareçam estar migrando nessa época do ano. Meus dias lá se dividiram em ficar em casa com ela e passar a tarde treinando para que, somente a noite, eu pudesse descansar após um bom banho.”

“Compreendo.” - Afirma Keen que ouvia com atenção mesmo sem manter contato visual com o grande elfo; - “Os guardas andam entregando seus suprimentos conforme o combinado?”

“Sim, quanto a isso tudo em ordem. Os remédios da mamãe tem servido para amenizar a dor e quando queremos comer algo diferente eu mesmo pesco. Em Evarion tudo anda normal.” - Ele lança uma breve pausa; - “A viagem de Evarion até Angelion foi bem tranquila e levou umas três horas. Quando cheguei lá fui muito bem recebido e me recepcionaram até o melhor hotel. O serviço de quarto também foi excelente, mas, o que eu mais gostei com certeza foi tomar um banho quente. Água encanada faz falta de vez em quando.” Um largo sorriso é aberto.

“É bom saber que seu título permanece respeitado e que, aonde quer que for, todos o reconhecem como Querubim.” - Keen bebe as últimas gotas que restaram no cálice; - “E você ficou sabendo das últimas notícias?”

“Me entregaram alguns jornais. Eu li sobre a chegada de Aradia e seus escudeiros. Pelo pouco que soube, ocorreu tudo certo.” O guerreiro apoia seus braços contra a mesa e se inclina para frente.

“Sim, foi uma performance desprezível de Aradia. A atitude daquela mulher condiz com o informado por Lavender em suas cartas. Também pude ter uma conversa com um vampiro de cabelos grisalhos. Ele me pareceu familiar...” - Franzindo sobrancelhas e contraindo seus

lábios, Keen dizia com nojo; - *“Foram notícias importantes, de fato. Mas não me referia aos nossos convidados. Vou pegar outra bebida. Vai querer alguma coisa?”* O Rei se levanta e vai até o balcão mais próximo.

“Não, Keen. Muito obrigado.” Responde sem nem ao menos olhar para o Rei. O monarca estava vislumbrando a grande prateleira de bebidas e se agachou para alguns de seus pertences mais especiais.

“Temos elixir de baladum com raspas de limão e...”

“Aceito.” Querubim afirma rapidamente. O Rei se vira para o jovem elfo com um sorriso estampado em sua face, como quem já soubesse que o mesmo não iria recusar tal oferta. Lakan o retribui com uma expressão de desinteresse que não convenceu o Rei.

Retomando para a enorme mesa, Keen retorna com uma nova garrafa de vinho branco para si e outra garrafa com a famosa iguaria de baladum, uma mistura de vinho tinto com limão e outras especiarias élficas típicas que potencializam o teor alcoólico da bebida. Nada que preocupasse Querubim.

Evitando a sujeira feita por Keen em seu súbito instinto de raiva, a dupla mudou de lugar e brindou brevemente o encontro daquela noite. Fechando seus olhos para apreciar a bebida com atenção, Lakan deixou escapar um baixo e curto murmúrio de prazer.

“Retomando o assunto... as últimas notícias as quais me referia eram do assassinato de Juvia Sieg, a Cardial responsável pela cidade de Edenos. Ela foi encontrada sozinha em casa. Seu filho Rainn Sieg estava em uma viagem a negócios em Angelion.” - Keen dá um gole em seu vinho; - *“Seus olhos foram arrancados e muito sangue escapou por suas narinas e ouvidos. Sua boca também havia sido costurada e a autópsia confirmou que o sistema nervoso também foi comprometido antes da morte. Parece que a vítima sofreu trauma auditivo e uma grave perfuração na membrana do tímpano.”*

“Santa Ishtar... que horror. A guarda possui alguma pista ou motivo do assassinato?”

“Foi encontrada uma pena branca no local. Sem mais pistas ou qualquer sinal de motivações.” - Demonstrando desconforto com a conversa, Keen dá um longo gole em sua bebida antes de prestar condolências; - *“Juvia era uma mulher boa e gentil. Assim como nossa mãe Ishtar e minha falecida esposa Hellida, Juvia era uma das elfas que preferia ser ferida e estar correta a levantar a mão contra outra pessoa e se corromper com arrependimentos posteriores.”* Ele se calou e ambos ficaram em silêncio por quase um minuto.

“E como está minha irmã?” - Suspirando após o assunto pesado, o guerreiro olha Keen nos olhos esperando uma resposta satisfatória; - “Com tudo isso acontecendo você fez questão de deixá-la longe dos vampiros, não é?”

“Witt é uma garota espetacular, Lakan. Ela tem ajudado nas investigações no assassinato de Juvia e esta constantemente bolando teorias acerca de culpados e outros possíveis eventos ligados ao homicídio. Nada foi, ou será divulgado por enquanto.” - Keen termina a bebida levantando a taça e derramando as últimas gotas em sua língua; - “Mas sim. Você está correto. Witt é uma peça importante demais para nosso país para deixá-la livre durante a visita de Aradia e companhia. Mas agora está de volta às suas atividades normais e dando aulas para seus alunos.”

“Bom... muito bom. Amanhã antes de minha provação irei conversar um pouco com ela para dar notícias sobre a mamãe e pôr o papo em dia.” - Um leve sorriso aliviado é dado pelo Querubim. Já sem muita vontade de permanecer por lá, o campeão pergunta; - “Ainda há alguma questão que eu deva saber?” Ele se levanta.

“Creio que não. Você conhece as regras da Provação. Enfrentará sete guerreiros. Um de cada vez. Se em algum dos combates seu sangue for derramado na arena, você perde o título de Querubim, suas regalias, o tratamento de sua mãe e todo o resto. Caso derrote os sete melhores guerreiros de cada cidade, Permanece com o título por mais um ano.” - Keen boceja; - “Mas você sabe que nós continuaremos a lhe ajudar com o que pudermos, não é? Afinal de contas, você e Hellenor em breve se casarão. Fora que Witt consegue tratar dos cuidados de sua mãe sem problemas.” O Rei abre os braços esperando um encontro. Lento, Querubim responde com um abraço. A armadura de Keen era fria e lisa, nada confortável para um gesto amigável.

“É... eu sei. Mas prefiro segurar este título até ver resultados no estado da mamãe. Também não quero atrapalhar o trabalho da Witt ou a causar distrações. Salos precisa dela para continuar progredindo.” - O elfo olhava para o chão; - “E, sinceramente, eu gosto de ter esse título. Faz eu me sentir bem. Sinto como se fosse minha própria identidade.” O abraço se desfaz. Keen apanha alguns documentos e ambos seguem para o elevador.

“A ideia original do título de Querubim era um nome passageiro. Que a cada década se renovaria e um novo guerreiro de outra cidade o herdaria.” - O Rei segura uma risada abafada; - “É engraçado imaginar que você foi o único que herdou esse título até hoje. Talvez você tenha herdado o espírito de Angus e ninguém consiga o derrotar. Ou talvez nosso povo só esteja afundado em entretenimento e sem preocupações para se esforçar em se tornar mais forte.” A última frase é dita com força e raiva.

“Amanhã teremos a quarta provação.” - Esperando o elevador, ambos se encaravam enquanto Lakan dava sua opinião; - “Os tempos mudaram e ainda estão mudando. A paz em nosso país é muito maior se comparada aos pouquíssimos casos isolados de crimes e agressões.”

“O que está tentando dizer?” O Rei pergunta lentamente.

“Nosso país é ótimo, Keen. Nós temos tudo. E tudo isso é graças à paz. Nós não precisamos de mais guerras. O que precisamos é garantir que as coisas continuem assim. O progresso científico de minha irmã e a academia. A sua diplomacia com Lavender e Ikitar. E a administração do mundo feita pelos sacerdotes. Tudo isso fará possível coisas inimagináveis se tornarem reais.” - Dizia esperançoso o guerreiro com brilho nos olhos; - “Com as soluções que traremos ao mundo e a união de nossos povos, nenhuma guerra será necessária e eventos como a morte da Rainha Hellida nunca mais irão se repetir.” A porta do elevador se abriu.

“Pode descer.” - Keen se virou; - “Lembrei que possuo outros afazeres no momento.”

...

Subsolo Castelo Rowan

Sem acesso aos elevadores e abaixo da longa escadaria, nos andares inferiores do castelo da família real élfica, tudo era completamente escuro. Os únicos sons no local eram o de pingos de água dos canos enferrujados próximos ao teto, e do atrito de metal das correntes de prata que prendiam o prisioneiro com o chão rochoso do ambiente fechado. A maioria das paredes rochosas eram úmidas e continham musgo devido ao complexo sistema de encanamento, que passava pelo subterrâneo, e interligava completamente os andares superiores do vasto e luxuoso castelo. Eventualmente, o silêncio era quebrado com alguns murmúrios e fortes respirações do miserável vampiro.

O Rei Keen descia a longa escadaria com cuidado. Ao finalmente aterrissar no estreito corredor do subsolo, acompanhado de um lampião aceso, o Rei se aproximou da tal fera sem qualquer receio. Andava com calma e cuidado pelo úmido chão que também possuía alguns restos de animais devorados pela criatura.

De cabelos curtos e brancos, corpo magro e repleto de cortes abertos e queimaduras, Nério tremia e se mantinha encolhido no final do corredor.

O local fedia a ferrugem graças aos canos e carne podre em razão dos poucos restos de comida do vampiro e de seus ferimentos abertos. Sua regeneração era negada graças à prata das correntes, que estavam presas em suas costas. Quando em grande quantidade no sistema sanguíneo dos vampiros, o material serve efetivamente como

anulador de toda e qualquer habilidades de sua raça. Assim as correntes o mantinham sangrando por dias sem qualquer sinal de melhora.

“Witt o alimentou?” O monarca perguntava em tom rude.

A criatura se arrastava lentamente pelas sombras, com muita dificuldade. Não parecia estar confortável no imundo chão do subsolo. Usando a parede próxima às suas costas, o homem se apoiava até ficar ereto. O Rei o aguardava pacientemente. Tremendo e forçando o pigarro em sua garganta, o vampiro responde com sua voz rouca:

“Sim, mestre Keen. Witt aqui esteve, mestre Keen. Amiga sempre ajuda Nério e Nério sempre vai ajudar mestre.” Sua respiração era profunda e sempre gutural. O primitivo uso do élfico vinha de forma pausada.

“Nério, Nério... o vampiro odiado tanto por vampiros quanto elfos. Odiado por todos... você não se sente culpado em continuar vivo?” - Keen puxou uma pequena cadeira de madeira que estava encostada no corredor e sentou-se próximo ao vampiro deformado; - *“Por que você não implora por uma morte rápida e indolor?”* O Rei pressiona uma das lâminas que penetravam a área do ombro do prisioneiro, o qual grunhia pela dor aguda.

“Nério não quer morrer. Nério ser vampiro bom. Ter sempre boas histórias para contar à mestre Keen e amiga Witt.” - Dizia com dificuldade, porém em tom otimista; - *“Nério sempre quis o bem de mamãe e de Aradia. Nério sempre quis ser amigo de Venut. Nério sempre quis que todo mundo fosse feliz.”* Agora dizia entristecido.

*“Eu não sou feliz, Nério... você e sua raça **nunca** deveriam ter existido. São uma anomalia natural. Podres por dentro e por fora.”* - Ficando de pé, Keen abruptamente puxa com força as correntes conectadas à carne de Nério, fazendo o prisioneiro cair para trás; - *“Sua irmãzinha veio aqui há alguns dias. Ela nunca vai saber que você está aqui embaixo. Ninguém vai. Seu lugar é aqui, no eterno e imortal esquecimento.”* Ele derruba um pedaço de bife velho na frente de Nério e se afasta em direção às sombras. O silêncio retorna ao subsolo.

Capítulo 26 - Jantar

Ano 280 - Noite 24 ▪ Bar Akrasia

Quente e confortável, o bar de Jess era aquecido por uma grande fornalha interna. O cheiro de frango frito jazia pelo ambiente. A grande maioria das paredes eram de cimento, com entornos de madeira e o chão era composto por assoalho escuro. O bar era decorado por antigas espadas utilizadas durante a Guerra Final e armaduras, além de pinturas de falecidos guerreiros elfos. Uma representação simbólica de Angus e Dummon, uma alta lança atravessando um velho chapéu, era exibida na área onde a dona servia seus *drinks* e recebia a clientela mais íntima. Já em sua sexta cerveja, Witt Fogel estava lá.

Filha de Dummon Fogel, irmã do grande Querubim, a famosa Witt Fogel, renomada por suas inúmeras invenções e contribuições para Ártemis como um todo, parecia exausta, porém com um amplo sorriso lúdico de orelha a orelha. Aquele jaleco, o qual vivia sempre bem limpo, fechado e organizado, agora estava aberto e com alguns respingos de bebida. Sem óculos e já diante de seus primeiros soluços, a elfa ria da própria situação. Ela e Jess eram amigas íntimas, desde os tempos em que a *bartender* era um homem combatente do exército de Keen.

Com o fim da Guerra Final, Jess não se via mais como um homem, muito menos como um guerreiro. O antigo escudeiro da falecida Seraphim apenas procurou por paz, sendo quem ele realmente era. Akrasia veio de tal desejo. Um lugar que traria conforto e união daqueles que não mais precisariam morrer em batalha. Um rústico bar noturno que, diferente da maioria, servia carne e estava a disposição para todos aqueles que permaneciam sem sono e com vontade de beber algo gelado. Os poucos clientes além dela já estavam deixando o recinto dado o horário noturno.

“Aqui é o único lugar que consigo relaxar de verdade.” - Ela estava à vontade, escorada contra o balcão de madeira; - *“Em breve ficará vazio. Faz uma janta especial dessa vez?”*

“Depois de você ter bebido tudo isso de estômago vazio, eu sou meio que obrigada a fazer, né...?” A dona reclamou.

Jess estava usando o uniforme padrão. Um justo e fino casaco formal escuro que aberto cobria uma camiseta social. Abaixo, uma calça social preta firmada por um cinto escuro e sapatos igualmente negros. De cabelos presos, formando um rabo de cavalo mediano, a ruiva não era vaidosa ao deixar pequenos filamentos de seu cabelo vermelho escorrerem por seu rosto de traços delicados. Na correria do trabalho, ela apenas parava para arrumar o cabelo quando sua franja entrava na frente de seus olhos esmeralda.

“Uma macarronada com molho de tomate e-”

“Tá, é o de sempre.” - Dizia enquanto secava uma caneca de madeira; - “Vou cozinhar outro frango, preciso manter a dieta. Quer um pouco?”

“Por que ainda tenta?” Franziu a sobancelha.

“Sei lá. Você pode ter mudado de ideia do nada, e aí passou a comer comida de verdade. Tudo pode acontecer.” Saindo de perto do balcão, agora completamente sozinhas, Jess se afastou do mesmo e seguiu para o preparo da janta. Em um longo gole, Witt terminou de beber a sexta caneca.

“E essa foi a sexta!” - Levantou a caneca como se fosse um troféu; - “Fazia tempo que eu não tomava tantas de uma vez!” Ela riu. Seus olhos estavam caídos e a tontura havia começado.

“Desde que não vomite tudo como foi da última vez...” - Disse Jess de costas; - “Amanhã não é o dia da provação do gostoso do seu irmão? Ele deve chegar em breve. Não quer esperar na frente do portão principal?” Ela esquentava a água na fôrnalha.

“O Lala vai chegar cansado. Deixa ele descansar um pouco... aliás, a Hellenor já deve estar esperando ele lá e não to com paciência pra lidar com gente ‘deprê’ no momento.” - A elfa começou a empilhar as canecas vazias; - “Hoje eu finalmente consegui terminar o acabamento de dois equipamentos feitos a partir de vorpalite. Foi um experimento de meses, Jess... meses! E foi um sucesso!” O entusiasmo fez a pilha se desmanchar. Witt ria e soluçava. Suas bochechas estavam coradas. Jess olhava e por um singelo momento apreciou a felicidade genuína de sua amiga. Escapou um sorriso sincero e involuntário.

“Superando seus limites, não é? Keen deveria te dar um aumento.”

“Nada! Dinheiro nunca foi o problema. Os reais problemas sempre foram a minha incapacidade de superar meu pai. Eu sinto que já fiz de tudo mas, mesmo assim...” - Ela pausou. Sabia que o emocional estava afetado por causa do álcool. Resolveu fechar os olhos e manter a compostura; - “Onde quer que ele esteja, deve estar orgulhoso, né?” Forçou um sorriso sem jeito. Jess não soube o que dizer.

“Você deve estar sobrecarregada, por isso vou ser paciente... mas não esqueça, Witt. Aradia visitou Ártemis e assassinatos brutais começaram pelo país. Amanhã teremos um grande evento aqui na capital. As peças do tabuleiro mundial estão se movendo e Keen continua estagnado, açoitando um

vampiro inocente no subsolo.” – A crítica veio sem que Jess tirasse o olhar do macarrão. Witt parou de sorrir; – “E você tem ciência disso tudo. Sei disso. Mas é bom ser realista. Algo grande está por vir, Witt. Algo que nem eu ou você podemos impedir.” Alguns segundos de silêncio pairavam pelo ar.

“Eu acabei de dizer que não estou no clima pra falar sobre coisas ruins e você solta essa?” – Suspirou e abriu a parte superior do jaleco, formando um decote; – “Vou fazer um favor pra nós duas, tá legal? Vou esquecer tudo o que disse.” Não era uma tarefa difícil, considerando que havia bebido algo próximo a dois litros de cerveja.

“Isso não é um favor pra ninguém.”

“Não quero falar sobre o caso de Juvia ou sobre o aprisionamento de Nério. Amanhã é um dia histórico... podemos só aproveitar e...” – Dizia, divagando; – “Tá tão calor aqui...” Abriu mais o jaleco.

“Tudo bem, querida. A comida já está quase pronta.”

“Escuta...” – Witt se segurou no balcão, fazendo esforço para manter a concentração e dizer as palavras com clareza; – “Por que nós nunca... você sabe...” Com o largo decote aberto, ela encarava os braços definidos da guerreira aposentada.

“Witt... Eu-”

“Não. Eu sei. Eu sei de muita coisa, Jess. Sério! Antigamente você gostava de homens e tal mas, desde que mudou, seu interesse é somente em garotas. O papo da feminilidade. Eu sei disso. Então, por que nós nunca tentamos nada?”

“Você tá bêbada. Sabe muito bem que isso nunca daria certo e também que não temos tempo pra essas coisas.” – Ela servia o macarrão, sem dar importância para aquele apelo; – “Você nunca ficou com ninguém, Witt. E eu não quero ser sua primeira. Muito menos bêbada. Agora coma.”

Naquele momento, Jess não havia percebido, mas os olhos de Witt mudaram. A cozinheira sabia que Witt ficava muito sensível quando bebia e que mostrava um lado muito mais impulsivo e exagerado. Contudo, Jess não havia percebido o impacto que a sutil rejeição havia causado em sua amiga.

“Quer saber, é verdade. O único tempo livre que tenho é à noite. E eu vou aproveitar com quem aprecia minha presença.” - Agarrou o prato e foi em direção a saída. A mudança brusca de movimentação causou tontura a elfa mas conseguiu se manter firme sem tropeços ou cambalear; - *“Não venha atrás de mim! Eu sei me defender.”*

“Witt?! Que merda você tá fazendo?!” - Deixando tudo apressadamente em uma mesa de apoio, Jess correu até sua amiga; - *“Aonde vai com esse prato? Você bebeu muito, está tarde e existe um criminoso procurado a solta, fique aqui.”* Ela agarrou o braço da cientista.

Virando-se com velocidade, Witt tirou de dentro do jaleco um frasco de spray de pimenta e não hesitou ao utilizá-lo contra Jess. Indo para trás, sentindo seus olhos queimarem, a elfa gritava tentando amenizar a dor com suas mãos sem sucesso.

“Eu disse que sei me defender! Eu avisei! Ai que droga, odeio me repetir, Jess. Odeio!” - Ansiosa, ela olhava para os lados. O arrependimento foi instantâneo; - *“Olha o que você me fez fazer! Tá, sem problemas. Eu vou ver o Nério! Voltar ao trabalho.”* Bateu a porta ao sair.

...

Desembolando o molho de chaves de seu avental, parada em frente a grande e robusta porta metálica que levaria ao subsolo, a bêbada atrapalhada ainda soluçava e ria consigo da cena. As infinitas chaves eram quase todas idênticas, exceto por um sutil detalhe no relevo da ponta que encaixa na tranca. O final da chave específica era afiada e Witt passou o dedo indicador em sua superfície. Foi o suficiente para coletar uma gota de seu sangue. Inserindo o pequeno objeto na fechadura, o dispositivo reconheceu a essência da cientista e liberou a passagem.

Em passos cautelosos e lentos, a cientista se atentava a não tropeçar enquanto descia as escadas, sempre usando uma mão para se apoiar na parede enquanto usava a outra para equilibrar o prato de macarrão com molho e queijo. Considerando tudo aquilo ridículo, ela já esperava por um tropeço, seguido de uma queda nada bonita, até o final da escada espiralada. Quanto mais a elfa descia, mais escuro e sujo era o ambiente.

Cercada por canos velhos e teias de aranha, Witt ajeitava seus óculos e se atentava aos degraus, agora invisíveis pela penumbra. Milagrosamente, nenhuma queda. Ela abriu a porta que levaria ao corredor interno de manutenção do encanamento e agarrou uma das pedras de flama que ainda reluziam energia próximas ao lampião abandonado. A fraca luz alaranjada era suficiente para iluminar parcialmente o perímetro.

No final do corredor, Nério estava caído de bruços. Além das inúmeras cicatrizes, agora em várias áreas de seu corpo haviam queimaduras de calor. As marcas eram

amplas na pálida pele do vampiro, como se ele tivesse entrado em contato com a luz solar recentemente. Correndo, Witt se aproximou, deixando de lado seus itens de mão.

“Nério, o que aconteceu?! De onde vieram essas queimaduras?! Keen fez isso?!” Ela o deitava de barriga para cima. O sujo prisioneiro estava ofegante e sua regeneração parecia estar muito mais forte do que o normal.

“Ikarus. Ikarus aqui esteve.” – Balbuciava em voz baixa o Ghoul; – *“Witt bem está? Parecer muito triste. Nério poder ajudar?”* Ele abriu os olhos. A íris vermelha era intensa e naturalmente ameaçadora. Contudo, Witt sentia a inocência em seu tom de voz.

“Eu vim trazer uma janta pra você. Estava triste mas... espera, como você está se regenerando?! A prata deveria-”

“Ikarus libertou Nério. Loirinho chegou aqui com um raio de luz e machucou Nério por acidente. Isso, acidente. Depois quebrou as correntes de prata usando bastão.” Ele se entregava e mostrava os destroços das lâminas que antes perfuravam sua carne como anzóis e reduziam suas habilidades.

Nério não era um homem de aparência horrenda. Na verdade, por ter herdado traços faciais femininos como os de sua mãe, Tormenta, Keen fez questão de o desfigurar. Contudo, o rosto de Nério, que estava magro por conta da má alimentação e as feridas expostas que antes ficavam à mostra, agora se regeneravam com uma velocidade nunca antes testemunhada por Witt.

A cientista não sabia mais se o que estava vendo era real ou apenas fruto de sua mente entorpecida. Algumas horas sem o contato com as lâminas de prata não deviam ser suficientes para fazer um vampiro sem nutrientes ser capaz de usar suas habilidades com tamanha intensidade. Porém, mesmo extremamente magro e ainda com diversos danos por todo seu corpo, o ghoul parecia disposto e com energia suficiente para fazer o que bem entendesse. Witt estava muda.

Após poucos segundos, o corpo de Nério havia sido completamente regenerado. Dedos e unhas arrancadas estavam de volta e cicatrizes de anos de tortura haviam desaparecido completamente. Seu estômago roncava e o som ecoava pelo escuro corredor. A respiração de Witt estava irregular. O vampiro liberto se aproximou devagar. Fungando com o faro de um predador, Nério sentia o cheiro da elfa. Seu estômago roncava novamente, desta vez mais alto.

“Witt tá cheirando a cerveja. Bébada de novo?” – Ele riu e continuou a cheirar os arredores do rosto da elfa amedrontada; – *“Cerveja e massa. Aquela massa é para Nério?”* Perguntou já

se dirigindo ao prato de macarrão com molho de tomate e queijo ralado. A comida já estava fria.

Uma situação como essa nunca havia ocorrido anteriormente. Nério estava solto. Havia um dos vampiros mais poderosos a sua frente, liberto após anos de tortura intensa e ele parecia preferir se deliciar com um pequeno prato de macarrão frio do que simplesmente comer a carne de uma elfa indefesa. A mente de Witt procurava por respostas mas ainda não compreendia o motivo daquele vampiro simplesmente não a matar naquele mesmo instante.

“Nério, o que vai fazer agora...?” As palavras saíam com dificuldade.

“Quer comer com Nério?” - Ele pergunta de boca cheia. Quase não havia mais macarrão no prato; - *“Perdoa Nério... deixei pouquinho pra Witt.”* Ele entrega o prato para a elfa paralisada.

Witt havia estudado Nério por anos. As amostras coletadas do sangue negro indicavam que sua regeneração era comparável a de pelo menos dez vampiros. Era de se presumir que suas habilidades fossem igualmente potentes. Nério foi reconhecido como um vampiro inigualável em poder e resistência. Um dos seres mais antigos do mundo conhecido. Porém, seu estado mental era diferente da mentalidade vampírica comum. Em muitos casos, o homem não apresentava orgulho ou qualquer tipo de rancor, mesmo em situações de dor e sofrimento extremos. Por muito tempo, Witt cogitou que tal comportamento fosse apenas uma máscara criada por Nério para ganhar sua confiança e confortar Keen durante suas sessões de interrogatório e tortura. Mas agora, vendo tamanha passividade e inocência nos olhos de um adulto, ela reconheceu que o mesmo possuía algum tipo de anomalia ou distúrbio.

“Por que você não me mata aqui e agora, Nério?” - Disse arriscando tudo; - *“Você me mata, come meu corpo, recupera suas energias e devolve a Keen todos esses anos de sofrimento. Por que não faz isso?”* Para a curiosa cientista alterada, a resposta daquilo valia mais que sua própria vida.

“Nério não comer Witt. Nério ser bonzinho.” - O vampiro pensava um pouco antes de cada frase em élfico. Ainda com comida na boca, continuou; - *“Elfos também bonzinhos. Só não sabem o que fazendo estão. Nério também já foi assim, mas Nério não mais isso fazer. Nério agora diferente. Nério agora grande.”* Ele sentou no chão cruzando as pernas e terminando de engolir.

A estudiosa não sabia o que dizer. Ela tinha ciência de que o Ghoul a sua frente tinha tendência a tomar decisões passivas em muitas situações em que era posto à prova durante suas conversas, mas desta vez ele parecia estar optando pela própria

liberdade em prol de seus valores pessoais. Mesmo com anos de interrogatório e conversas, ao ver que a decisão do vampiro era racional e coerente, Witt sentia que nada sabia acerca de seu principal objeto de pesquisa.

“Você nunca falou muito sobre Ikarus... pode falar em vampírico se quiser. Eu entendo sua língua, mas não consigo falar.” Mais aliviada com o fato de Nério ser inofensivo, a elfa se senta em frente ao prisioneiro.

“Está certa disso, Witt? Creio que a senhorita tenha compromissos no próximo amanhecer. Isso seria uma longa história.” – A linguagem cordial dos tempos de Tormenta era contrastante com o baixo domínio de vocabulário élfico do vampiro; – “Não tenho a intenção de ser displicente porém, outrora já havia deixado claro, durante as sessões guiadas por Keen, que não tenho autorização de revelar muito acerca de Ikarus. Isso diz respeito à doutrina dos sacerdotes e devemos respeitá-la acima de tudo.” Ele dizia sem mudar a expressão inocente.

“E você estaria disposto a sofrer pela eternidade para proteger tal vontade?” – Ela tentava ver o limite da ideologia do Ghoul; – *“Morreria por seres que não reconhecem sua existência?”*

“Homens melhores já pereceram protegendo segredos muito mais importantes. Eu sou apenas mais uma pedra no oceano, querida amiga. Você, mais do que ninguém, ouviu minha história diversas vezes e sabe que até mesmo a minha gestação foi um erro. Eu não deveria estar vivo e meus irmãos sentiam prazer de me relembrar tal fato com frequência. Atualmente, eu encaro cada segundo que passo respirando em Mayah como um presente. É este pensamento me levou a conhecer você, a mente mais brilhante que vi desde Dummon.” Exibiu um sorriso bobo.

“Você disse Dummon?” – A elfa já estava quase sóbria quando ouviu o nome de seu pai. Até então nunca havia visto o vampiro se pronunciar ou demonstrar qualquer conhecimento acerca do maior gênio de Ártemis; – *“Dummon Fogel... você o conheceu?”* A pergunta era esperançosa.

“Você é minha amiga, Witt. Uma mente boa e consciente no meio de muitos seres confusos. Não quero ter que mentir para você. Nossa conversa acaba aqui.” – Ele olha para baixo, evitando contato visual; – “Quando tiver tempo, estarei lhe aguardando para que conserte minhas correntes e prenda as lâminas em meus músculos novamente. Não seria nada agradável para o senhor Keen se ele concluísse erroneamente que eu estou tentando fugir.”

A elfa não queria ir embora. Em todos esses anos, ela nunca havia visto a ideologia de Nério de uma forma tão nítida quanto naquela noite. Ela o entendia agora. O que antes era pena, se converteu em um forte sentimento de admiração pelo prisioneiro virtuoso. Ela certamente não queria deixar aquele lugar.

“Qual é o seu propósito final, Nério?” Mais uma pergunta feita esperando ser surpreendida.

“Eu já lhe instruí sobre isso, Witt. Eu só quero que todos sejam felizes. Sem rancor, ódio ou vingança em seus corações. Entregaria de bom grado minha vida para que este mundo fosse menos cruel com os menos afortunados. Não é muito diferente do seu propósito, estou certo?” – Ele apanhou a pedra de flama e entregou na mão de Witt para que a elfa seguisse seu caminho pela escuridão; – “Boa noite, amiga. Sou muito grato pelo banquete. Sei que seu intelecto é capaz de responder todas as perguntas geradas por sua mente criativa.” Sorriu e voltou para o canto do corredor empoeirado.

Desnorteada e com ainda mais questões não resolvidas, Witt voltou pelo mesmo caminho que chegou. Subiu a escadaria, trancou a porta do subsolo, saiu pelo corredor. Estava amanhecendo e ela estava sozinha. Antes que tivesse a oportunidade de sair pelo gigantesco salão principal do castelo Rowan, ela cruzou com Hellix, a princesa de cabelos dourados.

Muito diferente de Hellenor, que era estritamente similar a Keen em semblante sério e com os cabelos da mesma cor de uma rocha obsidiana, Hellix era reluzente. De olhos azuis e com poucas sardas em seu rosto, seus traços remetiam a Hellida, a falecida Rainha.

“Witt! Bom dia! É ótimo te ver cedo por aqui. Estava ajustando os equipamentos para sua aula mais tarde?” – Ela carregava uma cesta de madeira, enfeitada com diversos ornamentos; – *“Aceita um bolinho?”* Antes da cientista aceitar, a Princesa já estava com a mão na cesta.

“Eu preciso ir, Hellix. Em breve eu-”

“Aqui, de baunilha.” Entregava o pequeno doce. Conforme sua mão estendia o bolinho, o mesmo parecia rapidamente apodrecer.

Após ser interrompida, Witt apenas observou e estendeu a mão para pegar. Hellix o derrubou no chão e sua expressão se redesenhou, desfazendo o sorriso e ficando séria. Witt já entendia o que seguiria. Ambas se encararam.

“Como está o sabor?” – Perguntou a Princesa. Witt não respondeu; – “Sem resposta? Uma prodígio como você não saberia dizer o sabor de uma derrota putrefata?” Continuou em silêncio.

“Cardeais sendo assassinados, Witt. Revelamos ao público apenas um caso. Não queremos um alarde e temores antes do maior evento do ano. Fomos obrigados a mentir para nosso povo. E a maior mente por trás do caso estava bebendo tranquilamente em seu horário livre?” – Pisou no bolinho e o arrastou pelo piso; – “Como consegue dormir à noite? Ah, deixa eu adivinhar... não consegue. Prefere ficar bebendo até cair e perdendo tempo enquanto elfos do alto escalão tem a possibilidade de ter seus pescoços degolados.” Aceitando a crítica, Witt abaixa a cabeça e suspira sem reclamar.

“Mas, você é preciosa demais para meu pai, então vamos fazer o seguinte... coma esse bolinho e vá para casa tirar uma boa noite de sono. Faça esse favor para nós duas e os remédios da sua mamãe não vão desaparecer misteriosamente como da última vez.” Deu dois tapinhas leves nas bochechas da elfa.

O que a poucos segundos era um quente e novo bolinho de baunilha, agora era um amontoado de matéria podre amassada pelo chão. Sem hesitar, Witt se agachou e comeu conforme a ordem. Ela evitou mastigar e respirar enquanto o fazia, assim não sentiu o sabor ou deixou dejetos nos dentes. Também não tocou no conteúdo com sua língua, embora sentisse que a textura do alimento era pastosa.

“Agora vá. Recomendo que se apresse, afinal, sua aula começa em uma hora.” Hellix subiu as escadas rumo a seus aposentos. Witt se retirou em silêncio.

...

Já em seu banheiro, a primeira coisa que Witt fez foi provocar ânsia de vômito e se livrar do conteúdo que havia acabado de ingerir. Após isso, ela escovou seus dentes e tomou um banho rápido. Ela estava cansada, fraca e sonolenta. Não havia jantado ou dormido. Se encarando no espelho, ela testemunhava o próprio reflexo abatido. Chorou por alguns minutos. Se recompôs em alguns segundos. Se encarou novamente. Sorriu.

“As coisas vão mudar. Tudo vai melhorar.” – Dizia para si; – “Eu como algo no caminho, durmo um pouco antes da provação e está tudo bem. O bom humor não pode morrer.” Witt foi se vestir.

Capítulo 27 - Preparo

Ano 280 - Manhã 25 ▪ Salos, Capital Élfica

“Quais são as principais diferenças entre elfos e vampiros?” - A professora pergunta para a pequena classe; - *“Respondendo isso, estão liberados.”*

Pequenas partículas de poeira sobrevoavam pela sala e eram visíveis pelas frestas na janela de vidro, onde a luz adentrava o recinto. Pelas paredes, diversas estantes preenchidas por livros de todos os tamanhos. O cheiro da manhã nascente era preguiçoso e trazia conforto para os discentes que acompanhavam a renomada cientista. Do lado de fora da sala era possível ouvir o alto som do relógio da manhã, indicando que o dia havia oficialmente começado. O badalar era alto e podia ser ouvido por toda capital.

A turma era composta por quatro estudantes. O processo de admissão para integrar o grupo era burocrático e complexo, por isso a quantidade de aprovados era ínfima. Além de uma longa prova com tempo regado, todos os participantes do processo seletivo estariam sendo avaliados de maneira constante pela própria instrutora. Por fim, como última etapa para a admissão, o elfo deveria ser aprovado pessoalmente pelo Rei para ingressar na intensiva jornada de estudos.

Como recompensa pela aprovação em um teste tão disputado, as aulas em questão não eram lecionadas por qualquer elfa de Salos como nas escolas comuns, mas sim, Witt Fogel, a maior inventora do país. Ela também era filha do mais sábio dos elfos, Dummon Fogel. Em seu extenso portfólio de invenções e experimentos estavam presentes inúmeras contribuições em todos os setores da economia élfica, sem contar a participação crucial para criação de armas específicas durante a Guerra Final. Com o porte de uma elfa adulta e saudável e com humildes 131 anos, Witt possui cabelo castanho-claro da mesma cor de seus olhos simpáticos e permanece sempre vestindo um grande óculos com várias lentes de tamanhos distintos em sua testa. Trajada de um jaleco branco e luvas metálicas, a jovial elfa aguardava as respostas com um sutil sorriso carinhoso.

“Além do fato de que eles vão continuar caminhando sobre a terra depois que nossa civilização virar pó? Bom... tudo. Nós envelhecemos. Lentamente, mas envelhecemos. Em 300 anos, já estamos tão velhos que não conseguimos nem mais ficar em pé. Em contraste, vampiros jamais definharão enquanto o planeta Mayah existir.” - A resposta veio do estudante da fileira próxima às janelas. Um elfo de 16 anos com pouco mais de 1,60 de altura, óculos e semblante sério e fechado. Seu nome era Pierce. Descendente de ricos mineradores de Adanios, o jovem possuía vasto conhecimento acerca de rochas e minérios, mas também se interessava bastante pela área do vampirismo; - *“Nossas anatomias também são muito diferentes. Eles são*

amplamente resistentes a ataques comuns e sua pele é invulnerável a quase todos os materiais, com exceção da prata e de seus próprios ossos. Suas unhas na verdade são parte da estrutura dos ossos de seus dedos e, por isso conseguem rasgar sua pele devido ao material específico.”

“Boa resposta, meu doce e ranzinza Pipi!” – Witt tinha orgulho da resposta, mesmo que tenha sido em tom pouco animada e pouco convidativa; – “Mas existem muitas diferenças importantes além do físico dos vampiros.”

A próxima que iria se pronunciar era uma elfa energética. Kiara vinha de uma família responsável pela produção e distribuição de químicos e medicamentos por todo o país. Também era reconhecida como a estudante com maiores notas da pequena e seleta turma. Ela levantou sua mão. Witt deu permissão.

“Exato. Vendo por outro ponto de vista, o diferencial de origem entre vampiros e elfos vem do fato deles terem surgido da fonte negativa de energia do mundo, enquanto nós, elfos, somos fruto da energia oposta. Somos filhos da Deusa Ishtar, a mulher detentora de toda positividade existente!” – Como de costume, Kiara se esforçou em trazer um contexto amplo para uma resposta completa à sua mentora. De estatura mediana, poucos centímetros mais alta do que Pierce, a jovem elfa possuía cabelos escuros presos em um curto rabo de cavalo. Com redondos e atentos olhos alaranjados e vestindo um jaleco similar ao de sua tutora, a garota parecia sempre ter a resposta para qualquer questão levantada; – “Nós herdamos as bênçãos de Ishtar, que são capacidades únicas envolvendo nossa energia positiva. Elas surgem após algum momento marcante em nossas vidas e com elas podemos manipular diversos aspectos do nosso corpo ou do ambiente que nos rodeia. Cada bênção é única e também tem alguma conexão com a de nossos ancestrais. Vampiros herdam as maldições de suas famílias e isso abrange desde transformações, propagação de doenças e entre outras magias envolvendo a negatividade. Todas as maldições se originaram de Tormenta e foram se dividindo por suas famílias, então, assim como nós, a hereditariedade prevalece no quesito do que cada vampiro é capaz de fazer.” Ao terminar de falar, a garota dirigiu suas expectativas para o rosto de sua tutora, esperando descobrir se estava certa ou errada a partir de sua reação.

“Uma resposta longa e quase perfeita, baseada na origem e diferenças de energia entre nossas raças. Perspicaz como sempre, Kiki. Falamos sobre o corpo e a essência destes seres...” – Com um simpático sorriso, a professora parabeniza sua discípula e anota algumas informações em sua prancheta. A renomada criacionista continuava sua tutoria; – “Contudo, isso não abordou todas as questões envolvendo as diferenças fundamentais entre elfos e vampiros. O que estaria faltando além do corpo e essência?” Ela olhou para Kiara, pois sabia que a mesma iria responder a questão de maneira afobada.

“A mente!” – A jovem disse no mesmo tempo em que levantava apressadamente a mão para indicar que sabia a resposta; – *“Vampiros nunca esquecem. Eles possuem uma memória tão imortal quanto seus corpos. Ainda não sabemos exatamente a partir de que idade eles possuem consciência de suas memórias, mas isso os torna mais inteligentes que os seres humanos no quesito evolutivo. Também existem teorias de que, pelo fato de serem preenchidos por energia negativa, os mesmos tenham tendência a serem mais agressivos e brutais em sua tomada de decisão. Na minha opinião, precisamos de mais dados e fatos para podermos afirmar isso com certeza.”* Essa era uma área que Kiara apreciava e tinha muito interesse, tanto no âmbito élfico quanto vampírico.

“Exatamente! Você se superou, Kiki! Ótima resposta!” – A cientista quase aplaudiu a estudante; – *“De fato, vampiros são extremamente sensíveis no período que apelidamos de ‘meia-idade’. Corpo, essência e mente são absurdamente frágeis antes dos 25 anos e qualquer dano pode ser gravemente fatal. Uma mera fagulha de luz pode incinerar o corpo de uma criança. Traumas e síndromes mentais podem ser ampliados, uma vez que para sempre lembrarão daquele momento com angústia. Se entrarem em contato com energia positiva, sua essência pode para sempre estar comprometida, ao ponto de não terem como absorver vitalidade ou até mesmo morrerem por alguma mutação. A última ainda requer estudo...”* Witt termina em tom mórbido. Falar sobre vampiros como experimentos não era algo que a estudiosa sentisse prazer em fazer normalmente, mas tinha ciência de que os horrores da guerra haviam trazido consigo muitas informações que poderiam ser úteis em estudos promissores.

“Consegue complementar as respostas anteriores explicando um pouco sobre a diferença entre leis, Pipi?” Ainda focando naqueles dois elfos em específico, a pergunta mais parecia um desafio, pois Witt sabia que essa era a parte em que Pierce mais tinha dificuldade em entender e mais parecia estar estudando ultimamente.

“Com prazer!” – O desafio foi recebido com um sorriso de empolgação. Raras eram às vezes em que o jovem elfo demonstrava ânimo nas aulas; – *“As leis vampíricas são poucas e muito simples. Elas foram pautadas nas regras que a primeira Rainha, Tormenta, estabeleceu enquanto ativa, portanto, vampiros convivem em um regime de governo denominado Necrocracia. Lá todos vivem sob a firme e imutável lei de uma deusa morta. De modo geral, as leis têm como alvo de proibições unicamente os civis comuns, já que nobres e vampiros do exército são livres para fazer praticamente qualquer coisa. Assassinato é amplamente legalizado, a não ser que seja feito contra aqueles intitulados nobres ou Ghouls. Nós elfos possuímos um Rei e nossa monarquia é totalmente diferente, já que existem Cardeais que governam cada cidade de forma independente, mas sempre com a vistoria de Keen.”* Ele cruzou os braços.

“É... poderíamos passar dias falando sobre todas as leis de Keen. Vamos encerrar o assunto por aqui mesmo.” – Witt riu, orgulhosa da resposta de seu aluno; – *“O fato mais interessante nisso tudo é a grande diferença em como vampiros tratam o assassinato. Até mesmo nas muitas civilizações humanas. Todas tinham culturas diferentes e lidavam com a morte de formas distintas, mas em nenhuma civilização avançada o assassinato era amplamente permitido como é em Héros. Eles simplesmente podem se matar a vontade, mas não o fazem com frequência.”* Eles refletiam em conjunto. Kiara anotou algumas coisas em seu caderno.

Deixando de lado Kiara e Pierce e estendendo seu olhar um pouco mais para o meio da sala, a professora mirou em seu próximo foco:

“E quanto a você, Pipizinho? Tem algo a adicionar diante a tudo isso?” Perguntou carinhosamente.

A pergunta era para aquele que menos prestava atenção. Apollo, filho do detentor do maior meio de comunicação e propagação de notícias de Ártemis. O Jornal Ishtar. Seu pai era um grande apoiador de Keen e sempre recebeu grandes privilégios em tê-lo como chamariz de suas notícias. Como um grande favor, Apollo foi indicado a fazer parte do restrito grupo de aprendizes de Witt Fogel.

“Ah... Eu não sei não...” – Apollo estava confuso. Mesmo vendo vampiros como uma ameaça em potencial, o jovem elfo acima do peso e de cabelos acinzentados não queria soar indelicado ao afirmar qualquer inverdade. Ele também não fazia ideia de qual informação Kiara havia deixado para trás; – *“Preciso ir beber uma água, volto já, já!”* Com pressa, ele se levanta e corre para o corredor.

“Ele não cansa de usar essa desculpa para sair quando fica sem respostas?” – Comenta a professora com um suspiro decepcionado após seu pupilo mais novo sair da sala. Andando até a segunda fileira de assentos, Witt vai de encontro com a última estudante; – *“E quanto a você, Hayam? Alguma ideia?”* A professora falou de maneira pausada e movendo seus lábios com bastante cuidado.

A elfa que Witt dirigiu a pergunta era a mais velha dentre os estudantes. Já possuía 20 anos. Esta era a idade limite para ingressar no processo seletivo de se tornar um dos estudantes de Witt. Seu cabelo beirava ao dourado e ia até os ombros. Com olhos azuis, calmos e redondos, sem desviar seu olhar por um segundo sequer, a garota lia os lábios de sua instrutora e seguia escrevendo sua resposta com um lápis em uma folha de papel. No mesmo instante em que Witt terminou de formular a questão, Hayam a entregou suas anotações. Sutilmente, Witt as tomou e leu em voz alta:

“Como a senhorita Witt e meus colegas afirmaram e explicaram, vampiros e elfos realmente se separam em muitas questões. Os primeiros, possuem a longevidade e graças a isso não possuem um tempo de vida determinado. Esse fator os tornou arrogantes com relação à morte no decorrer do tempo. Elfos vivem em média 300 anos e sua filosofia de vida considera o processo de crescer, reproduzir e morrer dentro desse período. A maldição da vida eterna vampírica, além de mudar abruptamente a forma com que os mesmos se organizam cotidianamente, também parece afetar no modo em que se reproduzem, uma vez que, as mulheres da raça têm bastante dificuldade em gerar descendentes férteis.” – Witt lia com atenção o longo, porém bem estruturado, argumento de Hayam. Os outros dois alunos presentes na sala apenas observavam ao longe, em silêncio; – *“Eu acredito que a raiva seja um produto do medo. Seguindo esse preceito, os vampiros devem sentir muito ódio e medo pelas consequências das últimas duas guerras. Não seria um absurdo pensar que eles, naturalmente, devem almejar vingança. Contudo, como dito por Kiara, os vampiros são provenientes da energia negativa e nós da positiva, mas nada os impede de amar seus semelhantes e de nós fazermos mal uns aos outros. Somos tão próximos dos humanos quanto eles.”* Ao terminar de ler, a professora fitou sua quieta aluna e ficou sem palavras. A última frase tomou uma atenção especial no imaginário da instrutora.

“Impressionante o quanto aprendeu desde que chegou aqui, Hayam. Estou muito surpresa.” – Witt sorri; – *“Seu pensamento crítico é muito afiado e vejo que leu bastante meus livros. Tenho mais uma pergunta a você...”*

“Witt, você disse que aquela era a última pergunta e nós estaríamos liberados...” – Apollo reclama já do lado de fora da sala; – *“Daqui a pouco já vai começar a provação de Querubim. Deveríamos agilizar e ir pegar bons lugares.”* Exclama o elfo rechonchudo.

“Bom, todas as respostas recebidas foram satisfatórias. Estão no caminho certo. Menos você, Popó. Sei que é esforçado e persistente, mas fugir das perguntas que não tem certeza não é a solução para seus problemas. Aqui é o melhor lugar para você dar seus palpites, mesmo que eles estejam errados.” – Todos escutam o dito e tiram suas próprias conclusões da aula; – *“Agora, fiquem à vontade para partir. Irei arrumar a sala e em breve poderemos nos encontrar para assistir a provação.”*

Ao saírem, Kiara e Pierce iniciaram uma conversa acerca dos assuntos tratados em sala. Aqueles dois geralmente discutiam e tinham opiniões contrárias na maioria dos assuntos e vampirismo não era uma exceção à regra. Apollo os guiou até a saída do castelo em silêncio, só ignorando o conflito e pensando no que iria fazer após assistir a aguardada provação de Querubim.

A professora organizava seus documentos e anotações e também fechava o quadro que ainda possuía alguns rabiscos remanescentes das aulas anteriores. Hayam já

havia terminado de guardar seus materiais e deixou em suas mãos somente seu grande bloco de notas e seu lápis, para continuar a se comunicar. A dedicada aprendiz se aproximou da mesa de sua instrutora. Witt sentou-se e, com olhos penosos, encarava Hayam.

“Você é dedicada, inteligente e possui uma vontade superior a de meus outros três discípulos.” – A cientista dizia, tentando sempre deixar o mais nítido possível para facilitar a leitura labial de sua aprendiz; – *“Acima de tudo, você teve a coragem para sair de deixar tudo para trás em Serperios e vir até Salos apenas para se especializar e tentar superar sua deficiência. Eu não tenho palavras para enaltecer o quanto você me inspira, Hayam.”* Witt acaricia o rosto da jovem. Acanhada com a situação, a clara pele do rosto da elfa se cora e ela começa a escrever sua resposta em outra página de seu caderno.

“É uma honra ter a sua admiração e ter a oportunidade de aprender com você, mestra Witt. Eu tenho usado praticamente todo meu tempo livre para procurar aprender sobre nossas bênçãos e outros meios para uma possibilidade de curar minha surdez.” – Conforme Hayam escrevia e Witt lia cada palavra, a expressão da tutora era cada vez mais triste por ver o desempenho da esforçada garota; – *“Desde que era criança, nunca fora visto um caso como o meu e minha mãe dizia se existisse alguém capaz de me ajudar com minha condição, esse alguém seria você. E desde então, você foi a minha luz. Sempre foi a maior e mais esperta dentre todos os elfos e elfas de nosso mundo.”* A inventora parou por um instante, apenas para refletir, tomar fôlego e dar mais tempo para Hayam escrever. A esse ponto, Witt já lacrimejava. Após alguns segundos de espera, a professora continuou a correr seus olhos sobre o texto:

“Mesmo eu sendo a única elfa a nascer com tal condição, você me deu esperança de que seria possível para alguém como eu aprender e me desenvolver com dignidade. E você me aceitou com muito respeito em sua sala de aula. Independente do processo de admissão em sua tutoria ser algo escolhido a dedo por Keen, você abriu uma exceção e me trouxe a oportunidade de minha vida. Por isso, serei eternamente grata a você e o mínimo que devo fazer é lhe trazer orgulho.” A jovem solta seu lápis e Witt a abraça firmemente, acariciando seus cabelos dourados e segurando seu choro. Com o ato, Hayam sentiu-se ainda mais acolhida naquela confortável manhã.

...

Pronto. Tudo finalizado. Bocejando e já de roupa trocada, Witt havia guardado todos os equipamentos da sala de aula, retocado sua maquiagem e estava sem o usual jaleco branco. Ela usava uma camiseta branca por baixo de um macacão simples que combinava com seu rosto jovial. Já prevendo o calor, ela também havia prendido o curto cabelo castanho em um discreto rabo de cavalo.

Mesmo com todo o preparo no intuito de manter o semblante simpático, Witt sabia que nada adiantaria se não bebesse algum energético. A provação estava aí. O evento em que seu irmão poderia perder todas as regalias que adquiriu durante sua vida toda ou até mesmo morrer. Mas seu sono conseguia superar sua ansiedade.

Ela saiu da sala de aula. Trancou a porta e guardou seu molho de chaves no bolso do macacão. Em uma de suas mãos, ela carregava um item embrulhado em um pano branco e surrado. Um pequeno presente para Lakan. Se afastou da porta com um bocejo e começou a seguir para o final do corredor, onde um dos elevadores a conduziria até Hayam que a aguardava na saída principal do castelo.

“Witt! Espere!” - O pedido veio do lado oposto do destino da elfa. A voz era alta, porém com uma delicadeza que sobrepujava qualquer interpretação daquilo ser uma ordem.

Era Hellenor; - “Por favor.” Ela corria levantando seu usual vestido obsidiana.

“Ora se não é vossa majestade...” - Witt a recebe com um bocejo e uma reverência preguiçosa; - “Em que posso lhe ser útil?” Um sorriso leve e olhos caídos são desenhados.

“Eu fiquei sabendo da situação com Hellix hoje mais cedo. Foi uma vergonha. Ela é uma vergonha ao legado de minha mãe.” - As íris negras da princesa pesam para baixo; - “De toda forma... eu vi você dando aula hoje pela manhã. Mesmo tão cansada eu acho sua didática exemplar, Witt.

Você merece muitas honras a mais do que já recebe, sabia?” Para a maioria das pessoas era raro ver Hellenor falar tanto de uma só vez. Era ainda mais raro a ver sorrir de empolgação ao falar com uma amiga. Mas não para Witt.

“Eu sempre fico lisonjeada com essas coisas... obrigada, querida.” - Elas fecharam um rápido abraço; - “Sem dúvidas está sendo um dia difícil. E ainda está longe de acabar, viu?” Levantou as sobrancelhas e respirou fundo.

“Sim... um longo dia... e ele deve estar tenso como da última vez...” - Hellenor contraiu os lábios; - “Pode ir lá e acalmá-lo? Esse é mais um trabalho que cabe apenas a você.”

“Claro. Nenhum dos meus planos vai funcionar se eu não tiver meu irmão do meu lado, né?” - Ela brinca com uma leve risada descontraída; - “Sei que ele não vai morrer. Tenho até pena dos inimigos, na verdade. Mas, caso ele perca a provação... seja como Querubim ou só Lakan, tudo o que eu quero é vê-lo feliz, com aquela aura energética dele. Sem isso, nenhum plano ou trabalho vale a pena.” Assim que Witt terminou, a princesa desferiu um largo sorriso.

“Deve ser ótimo ter uma irmã como você... bom, sei que tem grandes planos em nosso país. Eu farei o possível para contribuir todos, inclusive aquele da criação de uma academia para jovens mentes.

Mas até lá... acho que posso pelo menos te oferecer isso.” – Ela estendeu uma garrafa de vidro gelada e lacrada. O líquido em seu interior era borbulhante; – “É energético. Peguei lá embaixo. Agora tenho que correr para me trocar... vamos torcer pelo Lakan! Depois da provação nos falamos!” A cientista e a princesa se despedem e seguem direções opostas.

...

Pelas ruas, multidões andavam alegremente para o mesmo ponto da cidade, a arena retangular apelidada por muitos de ‘Contenda’. Normalmente, aquele era um local designado para eventos de grande porte, festivais musicais e teatrais, porém, seu propósito original era o de treinamento de guerreiros e execução das chamadas ‘provações’. O evento foi inaugurado no ano de 250. Antes disso, Lakan possuía o título de Querubim honorário pela sua lendária atuação na Guerra Final.

A cada década, para manter o posto de seu prestigiado título, o atual Querubim é obrigado a participar de sete combates contra sete guerreiros de cidades diferentes. A regra é simples. O primeiro a derramar sangue inimigo, vence. Após isso, se Keen permitir, o vencedor será condecorado como novo Querubim de Ártemis.

Esta seria a terceira edição do famoso evento e Salos nunca esteve tão cheia de convidados de outras cidades. Completamente tomada pelas grandes massas, o trânsito das carruagens fazia com que todos que optassem por tal meio de transporte não saíssem do lugar e, ironicamente, tudo indicava que estes seriam os últimos a chegar na Contenda.

Já próxima à Contenda, andando ao lado de Hayam, Witt era obrigada a segurar a mão de sua estudante para ser capaz de atravessar as multidões nas proximidades da arena. Pelo caminho, a inventora havia sido frequentemente parada pelos viajantes de outras cidades e, embora estivesse acostumada com a grande fama por seus feitos e até gostasse de conversar com aqueles que a admiravam, ela já estava no seu limite de simpatia devido a noite anterior. A dupla de elfas foi salva por um grupo de guardas reais que as escoltaram para dentro da colossal arquibancada, lá elas encontraram Laerdra, a capitã da guarda.

“Que grande confusão... o que Keen pensa que está fazendo?!” Era raro ver Witt reclamar.

“Sim, sentimos muito por isso. Parece que precisaremos de novas medidas para comportar mais viajantes. As últimas provações trouxeram muitos convidados mas ninguém esperava um número tão absurdo no evento desta década. Parece que o número triplicou desde o último grande evento.”
A alta mulher estava suada.

“Não sinta muito, Triz... vai ficar tudo bem. Vamos aproveitar esse evento juntas! Sente aqui conosco! Meus alunos vão trazer pipoca com manteiga!” O humor de Witt já havia voltado ao normal.

“Witt... chega de apelidos fazendo referência a minha cicatriz...” – Ela sabia que reclamar dos apelidos dados pela elfa era algo inútil, mas ainda tentava; – *“E eu não vou poder ficar com vocês. Estarei próxima, fazendo ronda por aqui. Keen ordenou que eu priorizasse vocês.”*

“O senhor simpatia é mesmo benevolente...” – Disse em tom irônico; – *“Mas, realmente... Desde o assassinato de Juvia da família Sieg, Keen está alerta. Ela era uma Cardeal muito importante e foi brutalmente assassinada sem qualquer motivo aparente. Para mim, tudo indica que Salos estará com novos problemas em breve...”* A elfa estava séria. Laerdra não negou.

...

A manhã também havia começado agitada para aquele que detinha o cobiçado cargo de Querubim. Sem um único fio em seu maxilar, banho tomado e equipamentos a postos, Lakan estava pronto para a sequência de lutas que enfrentaria muito em breve.

Sozinhos utilizando a parte central da arena retangular, Keen e Lakan praticavam antes da tão aguardada provação. O chão era arenoso e nas laterais da arena havia extensas estruturas que serviam de apoio para inúmeras armas diferentes. Machados, massas, facas, espadas, lanças, arcos... Todo tipo de arma estava disponível para que os participantes da provação tivessem liberdade de escolha antes de enfrentar Querubim.

Em postura recurva e vestindo apenas uma regata cinza, utilizando luvas de couro e empunhando sua gigantesca espada, Querubim se focava em defender cada um dos ataques em sequência desferidos por Keen. O Rei atacava sem pudor, com uma lâmina tão negra quanto a sua armadura e em cortes rápidos no objetivo de achar alguma brecha na postura de Lakan. Se defendendo arduamente das velozes e pesadas bravatas, o grande guerreiro usava sua robusta arma como escudo enquanto, com seus olhos atentos, focava em onde Keen iria atacar. Por mais de uma hora e meia de treinamento abaixo do sol matinal, Querubim foi capaz de evitar todos os ataques de Keen.

“Seus sentidos continuam afiados como de costume... talvez estejam até mesmo superiores se comparados à última vez em que treinamos.” Cravando sua afiada lâmina no chão, Keen apoia-se no cabo de sua arma. O Rei respirava fundo e com sua mão livre alisava os fios de cabelo que estavam fora de ordem.

“Bom saber, Keen... espero que, se os jovens participantes deste ano não venham a me superar, que eles pelo menos sejam grandes aquisições para integrar nosso exército.” O homem estava com seus cabelos castanhos completamente molhados por seu suor e estava agachado retomando seu fôlego.

“Vamos seguir para o salão interno... você deve se lavar e descansar apropriadamente durante suas últimas horas antes da série de confrontos.” Keen toca no ombro de seu melhor soldado e vai rumo à saída da arena.

“Gostaria de falar com Witt antes da provação. Seria bom conversar alguns assuntos privados com minha irmã para ficar livre de pensamentos conflituosos. Sete lutas em uma só tarde requerem grande concentração... você entende.” Eles andavam calmamente.

“Mas é claro, tudo por você, meu caro Querubim.” – O Rei brinca; – *“Ela já deve estar com Laerdra. Irei comunicar aos guardas que a guiem até seu camarim.”* Ambos atravessam as cortinas que levam ao interior do estabelecimento.

A zona interna do grande monumento era iluminada por várias pedras de iluminação distintas. Tais rochas eram providas de um gigantesco monólito que a tempos havia sido fragmentado. Seu nome era Flama e uma de suas principais propriedades era a absorção relativa de energia positiva e conversão em iluminação de cores quentes. Elas estavam distribuídas pelo teto e pilares por todo o interior dos salões e corredores internos da área restrita da arena.

Além de elfos e elfas que organizavam todo o evento, também por lá havia muitos guardas e convidados especiais, que assistiriam a provação de Querubim mais perto do que a plateia. Tais convidados iam desde elfos com grande capital até políticos de todas as esferas, dos mais baixos até os próprios Cardeais, os quais são completamente responsáveis pelas principais cidades do país.

Sendo admirado em silêncio por muitos e cumprimentado com acenos e apertos de mão por outros, Lakan seguia desconfortável, evitando o máximo de contato possível com os elfos do alto escalão social. Mesmo tendo o prestigiado título de Querubim, o elfo nunca se submeteu a relações de parceria com políticos, Cardeais ou barões do comércio de Ártemis. A esse ponto, Keen já havia deixado seu guerreiro a tempos para conversar com um grande negociante de minérios de Adanios, cidade reconhecida por suas diversas cavernas subterrâneas.

Lakan não tinha afinidade com os elfos de maior poder político, mas também demonstrava o mínimo de simpatia quando necessário. Passando por diversas mesas regadas por esplendorosos banquetes e por garçons e garçonetes ocupados, Querubim

procurou evitar contato visual com qualquer outro indivíduo até chegar em sua sala de preparação.

Saindo da parte movimentada e indo para os corredores internos, o elfo suspira de alívio, percebendo que não estava mais no centro daquele tornado de pessoas e olhares que pareciam o devorar graças às altas apostas e expectativas. Tal área era restrita apenas para os participantes da provação e, por isso, ele aproveitou para encostar em uma das paredes do corredor que levaria às diversas salas de preparo e descansou por alguns segundos sua mente agitada e seu corpo já aquecido.

Mantendo seus olhos fechados, sempre sensitivo, Querubim podia ouvir e sentir as vibrações geradas por parte da plateia que andava e falava aos montes. A tensão em sua mente aumentava conforme o mesmo sentia a chegada de mais pessoas para o assistir.

“Vai dar tudo certo... eu não posso perder.” - Ele tremia. Sua respiração estava acelerada; -
“Mamãe está viva por minha força. Ela e Witt dependem de mim. Eu já passei por momentos piores... já faz mais de 100 anos...” Recitava com os punhos cerrados. O elfo hiperventilava.

Enfrentar inimigos, um após o outro, sempre o trazia de volta a um dos cantos mais atormentadores de sua memória: A noite em que enfrentou sozinho um batalhão de vampiros até conseguir entrar em contato com Lavender e finalizar a Guerra Final. Sobreviver àquilo foi sua verdadeira provação.

Capítulo 28 - Inimigo Perfeito

Ano 170 - Guerra Final ▪ Arredores de Tenebre

Era uma noite nublada. O vento soprava forte pelas árvores mortas que no passado eram matas vividas de Tenebre. Lá, um pequeno refúgio de barro havia sido construído a partir da bênção de alguns elfos. Eles eram chamados de “A Terceira Onda”. A maioria dos elfos que integravam o grupo de Querubim não eram os melhores guerreiros, mas sim ótimos auxiliares. Todos possuíam bênçãos focadas em utilidade e sobrevivência. Extração de água do solo, geração de plantas comestíveis, produção de diversas estruturas usando elementos da terra, criação de óleo. A lista de bênçãos era variada e se complementavam com eficácia.

O grupo havia adentrado o país graças a outras ondas de ataque anteriores. Enquanto o esquadrão de Keen se alocou em Bankas, o time de Seraphim seguiu ao norte por suspeitas de ser um acampamento onde Lizha comandava suas operações. Neste contexto, o seletivo grupo de Querubim pôde avançar rumo ao centro de Héros.

A casamata havia sido criada a partir da bênção de manipulação de barro de um dos elfos. A alguns metros abaixo do chão, pequenos túneis haviam sido formados alocando assim cerca de uma dúzia de soldados que descansavam após a longa e arriscada viagem. Havia apenas uma singela abertura para que eles pudessem observar os arredores. Comendo barras de proteínas, descansando no chão e usando poucas rochas Flama para iluminar o local de poucas aberturas, o esquadrão de Querubim lia mapas e cartas pensando em estratégias para seguir com sua parte na guerra. Seus olhos castanhos reluziam à luz baixa enquanto, com os dedos de uma das mãos, massageava a rala barba que a poucos dias não encontrava uma lâmina.

Muitos papéis espalhados pelo chão eram documentos de Keen e de Seraphim de semanas anteriores. Nos manuscritos do Rei, as informações indicavam, simplesmente, seguir a missão de reconhecimento e invasão à Tenebre, evitando o máximo de perdas e eliminando quantos vampiros nobres fossem possíveis para desestabilizar a organização interna dos inimigos. Um objetivo oculto do esquadrão Querubim era o de debilitar Lavender ao ponto de tê-la como refém, e assim, finalizar a Guerra Final. Se ela apresentasse qualquer discordância, a ordem era para eliminá-la.

O recurso mais valioso do esquadrão, talvez fosse sua própria energia, já que sua missão envolvia ir de Bankas até Tenebre sem qualquer meio de transporte. Estando em território vampírico, o cheiro de elfos poderia se alastrar e, se combinado com o som do trote de cavalos, com certeza chamariam ainda mais atenção dos inimigos de energia negativa. Foram necessárias semanas para conseguirem se infiltrar onde estão atualmente. Dito isso, o atual bando de Querubim estava contando com sua furtividade

e o elemento surpresa até alcançarem a capital e terem a oportunidade de dar o *xequê-mate* que finalizaria a Guerra Final de uma vez por todas.

Ironicamente, o único que ainda não havia afluído sua bênção era Lakan, o elfo de maior patente de todo o exército. Independente de tal fato, ter ou não bênção era algo inútil durante a noite, pois as mesmas apenas seriam capazes de serem ativas se o usuário estivesse em contato direto com a luz do sol. Assim, naturalmente, o turno da noite era algo que preocupava a todos.

A estratégia de invasão do grupo era simples: Adentrar cada vez mais no território, sempre evitando qualquer trilha e desfazendo todos os rastros possíveis. O refúgio de barro era criado sempre em meio às árvores mortas, as quais a coloração mesclava entre o marrom escuro e o negro, muito características de Héros. Para complementar a camuflagem do abrigo, um dos elfos usava sua bênção para produzir um óleo e banhar o refúgio com o líquido de forte odor, e lá ficavam até o anoitecer. Essa tática parecia ter sido, até então, eficiente na invasão.

Desde o primeiro momento em que o grupo saiu de Bankas para sua incursão, eles haviam acordado um esquema de vigia dos arredores de seus abrigos baseado em revezamento de turnos. A cada 30 minutos, todos, exceto Querubim, deveriam fazer uma breve ronda durante a noite, até o amanhecer. Eles tinham ciência de que, se fossem descobertos, era de extrema importância que seu melhor guerreiro estivesse com o máximo de energia possível. E foi exatamente essa estratégia que garantiu a não aniquilação do esquadrão naquela noite.

No meio da madrugada, uma chuva com ventos fortes começou. Era o turno de um dos curandeiros do grupo e, enquanto este fazia a ronda andando pelo lado de fora do abrigo, ele teve o azar de ouvir, misturado com o som da garoa que se convertia em temporal, o cavalgar de tropas vampíricas nas redondezas. Ao que tudo indicava, eram dois cavalos, ou seja, lá estariam no máximo 4 inimigos próximos. Também existia a chance da presença de outros cavalos por perto. Isso era péssimo. Praticamente o pior caso possível, uma vez que a chuva estava retirando a camuflagem gerada pelo óleo.

O elfo correu para dentro do refúgio. Desesperado e sem saber quem avisar primeiro, ele resolveu acordar Querubim com puxões e apertos. No primeiro contato físico, Lakan já havia acordado e segurava com força a mão daquele que o despertara.

“Vampiros...” - Ele sussurrou; - “*Muito em breve irão nos detectar.*” Dizia, já sem esperanças em sua sobrevivência. O vento aumentava do lado de fora.

“*Acorde os outros com cuidado. Seja gentil.*” - Comandava ao se levantar e vestir suas ombreiras de aço. Por baixo, o guerreiro já vestia sua usual cota de malha, juntamente

de um leve casaco de couro batido; - *“Prepare água quente, remédios e sedativos. Se o pior acontecer, quero que todos estejam prontos para se separar e fugir. Se usarem os suprimentos que tem em suas mochilas, devem durar até retornar à nossa base em Bankas.”* Sua grande espada, Alvorada, estava apoiada em uma das paredes de barro úmido do esconderijo. Ele a apanha com uma mão, apoia a parte sem corte em seu ombro e segue para a saída.

Ao sair pela grande abertura do abrigo, não demorou para Querubim ser recebido por uma dupla de vampiros. Ainda distantes do lugar, mas se aproximando, os guerreiros noturnos dividiam o mesmo cavalo e vestiam largas capas negras que também cobriam boa parte de seus rostos. Lakan já tinha conhecimento de que tais vestimentas permitiam aos seres noturnos, grande resistência à luz solar. Isso significava que eles estariam prontos para uma luta até o amanhecer. Na mente do elfo guerreiro, o maior detalhe que o incomodava era o fato de seu companheiro de equipe ter ouvido o som do relinchar de dois cavalos.

Agora próximos do único elfo que os aguardava, os vampiros desceram de sua montaria e exibiram suas garras. Libertos, o cavalo galopava sem destino. O grupo de elfos se mobilizava, buscando seus aparatos e pertences com cuidado, sempre de maneira furtiva. A visão de Querubim estava prejudicada pela chuva que aumentava naquela noite infeliz. Usando ambas as mãos para segurar com firmeza o cabo de sua grande arma e virando a parte plana de sua lâmina como um escudo, em postura defensiva, o guerreiro estava pronto para receber seus inimigos.

O medo em adição aos pingos da chuva e o vento cortante gelavam inteiramente o corpo do elfo. Talvez, a única diferença entre seu interior e o daqueles que vinham de encontro com sua lâmina era que estes mantinham seu sangue frio, enquanto o do elfo fervia pela ânsia do combate.

Cortando a chuva com uma corrida que ia ao lado direito do elfo, o primeiro inimigo mirou um rasgo com suas unhas no pescoço. O segundo conduziu sua investida de maneira similar, porém indo pela esquerda e focando suas garras nas pernas de Querubim.

Acompanhando o movimento de seu oponente mais próximo, ele aguardou o ataque. À medida que o vampiro se aproximava, o elfo também o seguia lentamente, até o momento certo. O pulo veio. A espada dançou em altíssima velocidade e, como um escudo, aparou o primeiro ataque que arranhou a parte plana da lâmina. Querubim ignorou o primeiro inimigo que havia defendido e, continuando o movimento iniciado para a defesa, brandiu a arma, mirando a lâmina na horizontal e cortando o torso do vampiro que ainda não havia o atacado. Defendeu o primeiro e atacou o segundo. O fio altamente afiado somado a força desproporcional do soldado fizeram o corte romper toda a carne e os ossos do alvo com muita facilidade, atravessando por inteiro o inimigo.

Sangue negro respinga pelo peitoral e rosto do elfo que fecha seus olhos, o ignorando. Aproveitando o impulso, em um movimento de giro, Lakan solta todo o ar de seus pulmões por sua boca, continuando o ataque ao indivíduo remanescente. Este, vira de costas, sem ter resposta ao ato. Porém, o alcance da arma faz com que um corte razoável o atingisse na altura de seu cóccix. Perdendo o equilíbrio, o vampiro cai de frente ao chão de solo quase tão pútrido quanto sangue que escorria de suas costas.

Com ambos os inimigos no chão, um estando partido em dois e o outro se arrastando para longe, Lakan se deu ao privilégio de relaxar seu corpo e, com as costas de sua mão, limpar o sangue que obstruía sua visão. O cheiro daquele sangue era forte e havia tanto ao seu redor que ele podia até mesmo sentir seu gosto se misturando pelas partículas do ar úmido que respirava.

O vampiro sobrevivente murmurava sons em sua língua gutural e parecia não conseguir se mover sem sentir uma enorme dor. Empatizando com a criatura e temendo que a mesma gritasse ou chamasse reforços, o elfo não perdeu tempo e cravou a pesada arma na nuca do inimigo. Transpassar a lâmina por aquela coluna vertebral e garganta foi um ato tão simplório quanto esmagar uma formiga com o dedo indicador.

“Espero que encontrem Tormenta. Durmam bem.” Sussurrou.

Ao longe, a luz da lua cobria outro cavalo em meio a chuva. A montaria carregava outra dupla que encarava Querubim e a carnificina que o cercava. Sem manter por muito tempo o contato visual, o cavalo levantou suas patas dianteiras e cavalgou rumo à capital vampírica. Após muitos dias, a missão furtiva havia sido finalmente descoberta.

Voltando ao esconderijo, o elfo se depara com todos os seus companheiros amplamente armados e vestidos com suas proteções. O frenético bater constante do aço de suas armaduras revelava a tremedeira de medo de muitos dos soldados com função auxiliar. Querubim sentia pena e via apenas uma opção em meio ao cenário atual.

“Meus amigos... vamos recuar.” A ordem veio em tom ameno e confortável. Apenas este simples comando foi suficiente para fazer o peso de muitos ombros reduzir consideravelmente.

“Você está ferido? Acha que eles enviarão reforços?” As duas questões vieram quase simultâneas em meio ao grupo.

“Eu estou em meu melhor estado.” – Ele lança um grande sorriso e dá dois tapas em seu peito; – *“Dois meros capachos não seriam suficientes para derrotar o capitão de vocês.”* O ânimo ajudou a descontrair o clima de tensão, embora muitos continuassem extremamente preocupados com a situação.

“É possível chegar em Tenebre em uma simples caminhada a partir daqui. Não tenho dúvidas de que, em breve, este lugar estará repleto de vampiros caçando até nossos peidos.” – A piada veio e consigo trouxe algumas risadas, porém muitos sabiam que o capitão agia de tal forma em motivo do mesmo estar em grande pressão e querendo se acalmar; – *“Portanto, eu vejo apenas uma medida a ser tomada.”* Ele fechou os olhos e procurou as melhores palavras. Todos aguardavam, agoniados.

“Levem tudo o que puderem, incluindo meus suprimentos, e se separem em três grupos. Quero que todos sigam para nossa base em Bankas e usem todo o óleo de camuflagem que puderam estocar.” – Subitamente, a ordem veio séria; – *“Eu ficarei aqui, em Tenebre. Sem óleo e comida. Eles virão até mim enquanto eu irei até eles. Acredito que conseguirei matar muitos desses malditos nesta madrugada e até lá vocês já terão adiantado o passo. Já será dia e estarão praticamente invisíveis ao faro daqueles animais.”* Ele dá uma última risada.

O silêncio permaneceu e a tensão voltou a crescer. Seria mais uma corrida para cruzar novamente metade do país. Os mais espertos do grupo sabiam que Lakan estava sendo otimista para os encorajar, já que os suprimentos estavam quase em seu limite. No fim, a sobrevivência de todos seria uma grande aposta.

“Mais alguma pergunta antes de nos despedirmos, soldados?” Lakan cruza os braços.

Ninguém abriu a boca. Para muitos, a verdade da missão fracassada era quase intragável. O primeiro a se manifestar foi até o renomado Querubim. Ele abraçou o capitão sem se manifestar. Sentindo o calor e o forte bater do coração de seu irmão de batalha, Lakan completou o abraço. Um abraço longo e quieto. O segundo imitou o primeiro e o abraçou em outra direção. E o terceiro fez o mesmo. Em seguida o quarto. Todos se envolveram e, mais uma vez, sentiram o calor de se estar vivo. A maior característica que os diferenciava daqueles que estavam do outro lado da guerra.

O momento foi intenso, mas pouco duradouro. Já divididos em três times, o grupo se despede de seu carismático capitão e seguem pela chuva, esperando que passasse em breve para poderem se banhar e ocultar seus odores. Querubim, por outro lado, seguiu andando tranquilamente, apoiando a poderosa Alvorada em seu ombro enquanto se dirigia para o coração da nação inimiga.

Árvores mortas e retorcidas margeavam o mórbido percurso, juntamente de poucas e antigas carcaças de animais parcialmente enterrados. A chuva parecia eterna. Tudo o que o líder daquele bando pensava era na possibilidade de seus queridos amigos chegarem a salvo em território élfico. Muitos haviam perdido irmãos e irmãs neste confronto que parecia infinito. Todos estavam cansados e estressados. Querubim não

era exceção. Seus passos afundavam no terreno agora lamacento. Em poucos minutos estaria batendo nas portas de Tenebre. O ar estava quieto. Quietos demais para o feitiço dos vampiros viscerais que geralmente enfrentava aos montes.

Dez minutos foram suficientes para a aproximação de uma legião de soldados encapuzados e armados em suas montarias. Poucos eram aqueles que usavam cavalos e, dentre o pequeno exército vampírico que corria velozmente, não haviam armas longas. Aqueles que possuíam alguma arma branca, esta era espada ou adaga um pouco maior, muito diferente da artilharia élfica que consistia em usar a distância de seus equipamentos para punir seus inimigos com armamento de tamanho inferior. Lakan sorri e sentiu seu coração palpitar ao ver a enxurrada de inimigos que urravam bravamente. Desta vez, o elfo correu em direção aos adversários, gritando com uma fúria equivalente a das criaturas noturnas.

Mesmo com a incômoda ventania e tempestade, o amanhecer se aproximava. Havia pelo menos 50 vampiros dentre o grupo e todos estavam amplamente motivados e protegidos da aurora solar que em breve os cobriria. Lakan estava animado, correndo para sua morte iminente. Ele fez o primeiro movimento, decapitando um cavalo e partindo aquele que o comandava ao meio. O elfo estava usando toda sua força com a intenção de quebrar o fio da grossa lâmina em tudo que acertasse.

“Cerquem e perfurem!” Gritava um dos vampiros ao ver o potencial destrutivo da arma.

Cada passo de Querubim era pesado e o obrigava a embutir muita força para carregar a longa espada no intuito de se defender e contra-atacar as muitas montarias. Mantendo tal ritmo, o elfo foi capaz de derrubar meia-dúzia de vampiros e cavalos. Vindo de sua lateral, uma espada de prata havia o perfurado na região do abdômen. Era um vampiro sem montaria. Sua resposta foi soltar sua arma pesada e puxar a faca de prata que mantém em sua cintura, fisingando-a na área abaixo do maxilar do vampiro como um peixe no anzol. Em seguida, desceu a lâmina, rasgando o pescoço e chutando o inimigo para longe.

A moral e respeito do elfo aumentaram quando dez vampiros já estavam caídos, juntamente com o calor do forte amanhecer iluminado. Ofegante, uma forte imagem se instaurou na mente de Querubim naquele momento. A mulher que amou desde a infância, Hellenor. A calada Princesa que, mesmo com cabelos negros como a noite, possuía um carinho que sempre o aqueceu nos momentos em que se sentia isolado. Involuntariamente, ele a mentalizou e, com isso, sentiu uma aconchegante força cobrindo seu corpo. O rapaz estava surpreso, mas entendia o que estava acontecendo. Era o desabrochar de sua bênção que finalmente havia se manifestado. Tudo aquilo havia acontecido muito rápido, como apenas um lampejo em sua consciência.

O próximo inimigo veio e rasgou uma parte do antebraço de Querubim. Outro o apunhalou por trás com uma mordida em seu ombro. Nenhuma dor foi sentida e o contra-ataque do elfo foi no mesmo momento. Degolou o primeiro e quebrou a lâmina de sua faca no peito do segundo, destruindo o coração. Em compensação, ao não sentir dor alguma dos ataques anteriores, ele ria em voz alta ao perceber que havia desligado todos os seus sentidos, exceto sua visão, a qual percebia até mesmo o mais sutil dos movimentos do grupo inimigo.

Os gritos de tormento dos vampiros já não mais o incomodavam, pois, tais eram agora inexistentes. A dor dos cortes e das fraturas anteriores não possuíam qualquer efeito em o segurar de ataques cada vez mais brutais. Pelo ar, ele não era capaz de captar qualquer fragrância pútrida exalada pelos órgãos dos caídos. O gosto de seu sangue que sentia ao engolir sua saliva, também já não mais era presente. Seu único sentido existente era a visão clara e ampla de todo o universo de inimigos à sua frente, os quais tinham cada movimento lido como um mestre lê seu aprendiz.

Brandindo novamente a grande arma, Lakan riu. Aqueles vampiros não eram guerreiros. Não possuíam um quinto sequer de sua prática e treinamento. Para o renomado soldado, perceber onde tais criaturas iriam atacar era tão óbvio quanto o ritmo de sua melodia favorita. Com um sorriso no rosto, ele foi capaz de se defender, aparar, desarmar, rebater, desmembrar, todo o restante do batalhão. A vantagem numérica se provou inútil perante tal cenário.

Desativando sua benção, o elfo retornava gradualmente seus sentidos. Seu sorriso foi desfeito no mesmo instante em que sentiu toda a dor retornando de uma só vez. Suas falanges estavam roxas pela força em que empunhava suas armas e todos os cortes ardiam como se houvesse pimenta em seus músculos. O cheiro do sangue animal e vampírico, mesclados com a forte imagem dos corpos abertos de seus oponentes fez Lakan sentir todo seu estômago esfriar e um forte impulso rebater até sua garganta. Ele vomitou em um dos cadáveres que teve o azar de estar mais próximo. Lacrimando e sentindo novamente o gosto de sangue e suco gástrico em sua boca, ele foi obrigado a se sentar.

Ficar naquele local era arriscado, mas era necessário retomar forças para seguir em frente. Pela ausência de animais na região de Tenebre, também havia poucos pássaros por todo ambiente. Porém, naquela manhã, Querubim sentiu-se agraciado com o cantar de algumas aves migratórias que estavam cortando os céus. Ele refletia, contando os minutos, encarando as dezenas de mortos e deduzindo que aqueles não eram soldados, mas sim, meros guardas da capital vampírica. Pousando próximo aos cadáveres, um único corvo encarou o elfo e bicou a perna de um dos mortos.

“Quem é o verdadeiro monstro aqui, não é...?” – Disse sozinho, abrindo e fechando suas mãos para se acostumar com a dor em seus dedos; – *“Se Tormenta é a morte, acredito que*

um dia terei que dar satisfações pelo imenso número de filhos que encaminhei a ela... de qualquer modo, peço que me perdoem por tudo isso. Espero que sejam felizes com sua eterna mãe.” Rezava de olhos fechados.

Infelizmente, o tempo de descanso era escasso. Rasgando parte dos mantos dos defuntos, improvisou de maneira eficaz alguns remendos que supriram as feridas abertas. Antes de partir, lembrou mais uma vez de Hellenor e deixou sua imaginação o levar acerca do que a Princesa poderia estar fazendo naquele momento. Ele riu, sentindo-se um tolo por pensar em algo tão trivial enquanto cercado por cadáveres. Evitando pensar na dor e mais uma vez apoiando a grande arma em sua ombreira, o homem seguiu para Tenebre. Não mais preocupado em deixar rastros, seus passos deixavam máculas de sangue negro por onde passava.

A entrada de Tenebre estava próxima. Nenhum guarda estava à vista. Querubim não se preocupou e seguiu com sua caminhada. Sua armadura e suas vestes já haviam secado graças ao contato da luz do acolhedor amanhecer. Pelos vários corredores da cidade cinzenta, não era possível encontrar uma alma sequer. O soldado deduziu que estivessem recuados dentro de suas acomodações para evitar a luz do dia. Para um vampiro, este era o mais sensato a se fazer naquele momento.

Cada passo dado era seguido de olhares que apreciavam a cidade inexplorada pelo viajante. Ele tinha cautela, mas estava curioso em ver que tal vila possuía arquitetura completamente diferente do que havia presenciado em Bankas. Toda composição das ruas, casas e estradas pareciam ter sido originadas do mesmo material rochoso, quase como se tudo tivesse sido construído de uma só vez. Rumo ao maior castelo de Tenebre, Lakan não pôde deixar de sentir admiração pelo belo ofício urbano.

Eliminar nobres e capturar Lavender. Tais ordens ecoavam na cabeça do elfo. A nobreza vampírica vestia predominantemente longos e rebuscados trajes carmesins. Era de vital importância levar isso em consideração antes de atacar qualquer civil que pudesse se deparar no caminho. Lakan levaria isso como um ato inadmissível de covardia.

Em uma das janelas, pequenos olhos redondos, imersos na penumbra de um quarto escuro, encaravam o andarilho. O movimento do piscar de seus olhos foi suficiente para atrair a atenção do focado elfo que a tudo estava atento. Querubim e a criança se depararam um ao outro e, quase como se encarassem um espelho, ficaram imóveis analisando um ao outro. Durante o impasse, Querubim apoiou sua espada em uma das fendas no chão rochoso e levantou a palma de sua mão. A criança de cabelos escuros e bagunçados fez o mesmo. Ambos acenaram um ao outro e sorriram ao perceber que estavam na mesma página.

“*Lakan.*” Revelou o elfo em tom pausado, simpatizando com o menino. A criança não falou seu nome. Tinha mais receio que o guerreiro, mas seu sorriso pálido também demonstrava felicidade perante o estranho. Após isso, o garoto voltou para dentro e fechou as cortinas completamente.

Aquilo foi uma experiência iluminadora e única na curta vida do militar. O sentimento de ambiguidade o preencheu, pois estava revigorado pelo contato, mas também sentia culpa por eliminar tantos daquela raça. Retirando o foco de seus sentimentos e retornando a razão, sua índole se tornou novamente inabalável, ressaltando para si que culpa alguma tinha daquela guerra e estava a um passo de pôr um fim ao inferno que tanto perdurou. Andou até a grande praça deserta em frente ao castelo de Lavender e lá encontrou o primeiro ser daquela cidade. De proporções quase tão robustas quanto o próprio capitão, o vampiro encapuzado caminhava com seu rígido corpo de ombros arqueados e pescoço para frente, sem pressa. Cabelos escuros e encardidos escapavam do capuz.

Mesmo com uma postura recurva, Solumbre era poucos centímetros mais alto que o Querubim, o qual aparentava ser ligeiramente mais forte. Seus braços eram grossos, fazendo jus ao seu torso definido. O vampiro estava desarmado, para ele, armamentos e aparatos de metal eram meros apetrechos usados pelos fracos e assim, exibia apenas o clássico conjunto de garras que o elfo já conhecia muito bem. Aquele vampiro era nitidamente diferente de todos que o experiente soldado já havia enfrentado. O mesmo destaque existia aos olhos de Solumbre que nunca havia estado na presença de um elfo de tal porte e brandindo uma arma tão exagerada. Mas, para o favorito de Aradia, estes eram apenas pequenos detalhes que não fariam diferença na hora em que arrancasse o coração pulsante do peito do herói. Ambos os homens se analisavam, segundos antes de finalmente estarem próximos.

O vampiro desferiu o primeiro ataque. Um corte com suas garras que acertaria precisamente o rosto do elfo, certamente o desfigurando. Sua reação foi a de se esquivar agachando seu corpo, defendendo com a ombreira e revidando com um corte diagonal que romperia facilmente o tronco do Superior. Se Solumbre continuasse o ataque, poderia matar Querubim com sua mão livre, porém, a depender da força do elfo, o vampiro também seria morto no processo. Esta foi uma das únicas vezes em que Solumbre foi obrigado a recuar. Ainda sim, o alcance da arma de Querubim foi capaz de atingir parte do ombro do brutamontes.

Nenhuma dor era percebida pelo vampiro, mas, ainda sim, inserindo os dedos levemente pela abertura feita em seu ombro, era claro que havia sido um ferimento profundo. Aquela arma estava devidamente afiada e seu alcance não deveria ser subestimado. Naquele momento em que entrou no raio de ataque do elfo, Solumbre entendeu que a chance de ser morto tanto pela excelente arma quanto pela anormal força do oponente, fora extremamente alta. Este era uma ameaça que não sentia desde

os dias em que enfrentava seu irmão frente a frente. Enfiando os dedos sujos no corte, o homem os banha em seu próprio sangue e os enfia na boca, sugando o líquido putrefato e entendendo o seu risco de morte.

“Você é perfeito! Um elfo forte, que não usa meros truques baratos para lutar!” – Já distante, ele berrava, literalmente cuspidando as palavras que estavam longe da compreensão de Querubim; – “Luta com honra! Com vontade de viver! Vamos pôr um fim em nossas vidas aqui e agora, elfo miserável!” Sorriu, deixando escorrer por seus lábios o sangue que antes bebia.

A testa de Querubim suava pelo calor e nervosismo que sentia em enfrentar um homem daquela estatura. Ele não entendia suas palavras, mas sentia a energia em que eram emitidas. A voz roca de Solumbre, somadas ao tom gutural do idioma vampírico fazia a cena se tornar pavorosa na percepção de Lakan. Observar a excitação daquele monstro à sua frente o fazia temer por não saber o que esperar. O mau pressentimento de que as coisas ficariam mais complicadas não parava de crescer. Ele sentia que deveria ativar sua bênção e finalizar rapidamente aquele conflito, antes que qualquer tipo de reforço chegasse, mas, se usasse suas novas habilidades em vão, poderia ser o passo em falso que o levaria à ruína.

“Eu não desejo lutar!” – Exclamou na esperança de que o sujeito entendesse pelo menos suas intenções; – “Leve-me a Lavender! Podemos pôr um fim nisto sem ter que derramar mais sangue!” Próximo da exaustão, a súplica parecia não mudar a euforia do oponente.

“Você não é digno da presença de Lavender, intruso.” – Uma terceira voz surgiu, descendo as escadas do castelo. O sotaque vampírico permanecia na fala do idioma élfico. Digno de ser chamado de seguidor de Lavender, aquele era Khalid, vestindo seu manto negro enquanto analisava o guerreiro que parecia estar no nível de Solumbre; – “Deveria largar essa arma exagerada e fugir enquanto pode. Aquele que o enfrenta neste momento é um dos guerreiros mais brutais do nosso exército.” O conselho era sincero.

“Por favor, contenha seu parceiro! Eu apenas venho falar com Laven-” Querubim é interrompido por um alto ruído de garganta em forma de reclamação disparado por Solumbre.

“Khalid!! Se você entrar no meio disso eu arranco sua cabeça!!” – Brandiu, virando-se ao colega que ainda descia as escadas atrás de Solumbre; – “Finalmente encontrei algum elfo digno de um duelo! Olha o tamanho desse cara!” Dizia impressionado.

“Você é um idiota, Solumbre. Ele ainda não deve ter se dado conta disso, mas ele pode vencê-lo facilmente no cenário atual. Qualquer dano em sua capa e você já era. Além disso, não temos mais reforços e com este

sol no céu ele pode utilizar amplamente seus poderes.” – Khalid termina de descer as escadas e vai para um dos bancos, a alguns metros de onde os guerreiros se enfrentavam; – “Minha estratégia é levá-lo até Lavender, não como convidado, mas para emboscá-lo e evitar qualquer risco.” Colocando-se à parte da situação, o vampiro se senta e cruza as pernas, assistindo o que ambos fariam a seguir.

No momento, enquanto observava os vampiros discutirem, o elfo se encontrava dividido entre dois pensamentos. Ele deveria esperar eles discutirem e ver se conseguiria finalizar a situação sem mais conflitos, ou simplesmente atacar o maior, que naquele instante permanecia distraído com o papo. Lakan sentia a dor em cada um dos ossos de suas mãos por segurar a espada com tanta força e por tanto tempo. Além disso, os ferimentos das lutas anteriores também pareciam pesar cada vez mais após a viagem. Sem perder muito mais tempo, o guerreiro faz sua escolha.

“Eu não me importo com riscos, Khalid. Estamos neste mundo há tanto tempo que já esqueci o que significa uma luta até a morte. Este elfo parece viver isso cotidianamente. Ele é o inimigo perfeito! Não posso perder uma oportunidade como essa.” Ao se virar novamente para o Querubim, Solumbre se depara com a gigantesca lâmina a poucos centímetros do centro de seu peito. O elfo parecia ter depositado toda a força e velocidade restantes naquele único ataque mortal. A distância tornava qualquer esquiva ou defesa impossíveis.

Sem outra alternativa, Solumbre aceita a grande lâmina percorrer por seu torso e sair por suas costas. Correndo, Querubim urrava quando sentiu o golpe atravessando o peitoral do inimigo e continuava a empurrá-lo para frente. Sangue negro era jorrado no chão rochoso. Fazendo força, Solumbre freava a investida com seus pés até o momento em que parou completamente a carga. Lakan tremia, não apenas por medo, mas por sentir-se fraco e quase sem energia. Metade da grande lâmina havia atravessado completamente o vampiro que segurava a prata cortante com as mãos nuas. Dor alguma foi sentida.

Contraindo os músculos de seu tronco e gritando, Solumbre empurrou a lâmina com ambas as mãos, cada uma exercendo força perpendicularmente para lados opostos. Infinitas veias eram perceptíveis na superfície da pele dos bíceps pálidos do colosso. Era quase como se o sangue negro estivesse sendo direcionado para seus braços e assim inflando sua carne e proporcionando mais força. Em um piscar de olhos, o fio da lâmina sofreu a primeira grande fissura que em poucos segundos percorreu por todo o corpo da espada. A grande arma agora eram meros fragmentos de ferro e prata espalhados pelo chão rochoso. Incrédulo, Querubim soltou o cabo e deu passos para trás, tomando distância do que agora julgava ser um monstro.

Correr. Essa era a única ação que vinha pela cabeça do elfo enquanto se afastava. A conclusão não tardou para iluminar a mente, que lembrou estar cercado por uma cidade inteira no centro da capital do país inimigo. Estava sozinho até a morte. Cerrando os punhos mais uma vez e encarando o que agora via como sua sentença de morte, suspirando profundamente, Lakan sabia o que devia ser feito.

Solumbre arrancou o restante da espada, a puxando pelo cabo. Não era exagero afirmar que litros de sangue eram despejados pelo chão. A prata já havia cortado a regeneração. O vampiro sorria e sangue borbulhava também por entre seus lábios ao ver que o inimigo estava com olhos determinados vindo em sua direção. Estimando a quantidade de sangue perdido, o brutamontes deduziu que possuía aproximadamente um minuto de consciência. Sua única companhia era a daquele que almejava matar. Ele seguiu mancando até o elfo.

Mais uma vez, o primeiro a golpear foi Solumbre. Mesmo com os ferimentos absurdos, sua força em nada havia reduzido. Um gancho rápido e potente foi desferido no maxilar de Querubim, que se quebrou ao ser deslocado. O elfo cambaleou e cuspiu sangue junto com dois dentes. Ele quase foi ao chão com o primeiro ataque e, quando resolveu tentar retribuir, foi agraciado com o outro punho do grande vampiro, o enterrando mais um soco no centro de sua face, quebrando o nariz. Com este, ele foi derrubado. Nunca havia sentido uma força tão absurda em toda a vida. Lakan sentia o cheiro e gosto fortes de sangue e sentia dificuldade em respirar.

De barriga para cima, com o forte sol ofuscando sua visão, a grande sombra do robusto homem se aproximava e o sangue do enorme buraco no peito respingava pelo rosto do elfo caído. Descendo ambos os punhos fechados com toda a força que pode acumular, Solumbre mirou no peito do elfo. Os ataques quebrariam todas as costelas e provavelmente explodiria os órgãos internos de Lakan. Ele foi parado com uma ordem em voz alta, vindo do topo do castelo.

“Chega!” Ordenou Lavender com um só grito.

Gigantescas asas de morcego cobriam o sol na perspectiva do elfo caído. A formosa vampira púrpura desceu em poucos segundos e afastou Solumbre do inimigo rendido.

“Bom trabalho rendendo o inimigo, Solumbre. Mas isso já foi longe demais. Khalid, venha e trate os ferimentos de Solumbre. Eu cuidarei do elfo.” Lakan não conseguia compreender as palavras da Rainha.

A visão do elfo estava turva e tudo que podia observar era o vestido da alta vampira, que era largo o suficiente para arrastar pelo chão. Se esforçando bastante para

não desmaiar, ele tentou se levantar. Muita dor era sentida em seu maxilar e seu rosto, e a tentativa fora frustrada. Tudo aos poucos estava se apagando, porém, antes de desmaiar por completo, o Querubim havia sido agraciado com uma breve recompensa. Ele conseguiu visualizar nitidamente o rosto de Lavender que, ao se virar para o derrotado, sorriu ao ver que ele ainda tinha força de vontade para continuar vivendo. Aquele olhar de compaixão e o sutil sorriso fechado fizeram o guerreiro acabado descansar sem a preocupação do que viria ao acordar. Era quase como se uma certeza incondicional o dizia que tudo acabaria bem a partir de agora. E assim foi.

Capítulo 29 - Respire

Ano 170 - Guerra Final ▪ Quarto de Lavender

O nariz havia sido destruído e o maxilar estava arreventado. Dos lábios escancarados do grande Querubim, sangue borbulhava entre os muitos dentes quebrados. A dor e a inconsistência em se manter acordado eram fortes lembranças da memória do elfo naquele dia. Tudo ao seu redor era escuro e o único cheiro e gosto que sentia era o do próprio sangue que gradualmente o sufocava descendo sua garganta.

Em sua mente, frequentes pulsões atormentavam seu desmaio. Fortes espasmos causados pelos golpes anteriores em sua cabeça. Ele nunca havia sentido e nunca esqueceria daqueles potentes socos, sendo desferidos com intenso deleite sobre seu ser.

Ao ser deixado por Lavender em uma confortável e morna cama, repleta de inúmeros veludos, Lakan começou a ter convulsões pela intensa dor e impacto recebidos no crânio. Era fatídico que morreria se a vampira também não tivesse competência como médica.

Em poucos minutos torturantes para o elfo, a rainha retornou ao quarto com um copo mediano de cobre contendo um líquido de cheiro doce e cor púrpura. Poucas folhas violetas também escapavam pelo pequeno recipiente. Aproximadamente uma dezena de vampiros, tanto civis quanto nobres, também se aproximaram do paciente, trazendo consigo baldes e panos para auxiliar sua mentora.

“Muito bem! Todos aqueles que hoje estão nesta sala e possuem a determinação de prosseguir salvando vidas e tratando dos feridos, repitam comigo o juramento de iniciação!” – Com uma colher metálica, Lavender remexia o conteúdo do elixir. Os seguidores estavam atentos e concordavam com a soberana; – “Ao sacerdote Marbas, detentor das curas e das doenças, e Ikarus, o sacerdote da salvação, eu dou minha palavra que salvarei todos a minha disposição e poder, sem julgar pelos crimes cometidos, raça ou casta pertencente!” O dito fora apressado levando em conta a situação urgente mas todos repetiram em alto e bom som. Um forte arrepio transpassou a coluna dos estudantes. Esta seria sua primeira aula prática envolvendo um modelo vivo.

Virando o corpo e o rosto de Lakan, o sangue que se acumulava em sua garganta e o sufocava começou a escorrer rumo ao balde localizado no chão. Um grupo ficou responsável pelo tratamento facial, enquanto o outro cuidava dos hematomas e cortes presentes nos braços, pernas e torso.

“Me escute, jovem elfo.” – Lavender sussurrava próxima da orelha alongada de Lakan; –
“Você irá sobreviver. Por isso, descanse.” A voz feminina acalmou o coração pulsante do guerreiro atormentado. Ele seguiu a ordem da vampira.

...

A cirurgia levaria semanas para ser concluída e muito provavelmente os danos causariam perdas irreversíveis na estrutura óssea da face do elfo. Contudo, o uso frequente do extrato de Papúria foi de grande uso para a recuperação eficaz e sem sequelas do paciente. Em três noites, Lakan estava em perfeito estado.

O elfo acordou com o sentir de um breve aperto sobre seu braço direito. Uma atadura estava finalizando o curativo de um dos cortes já quase recuperados. O homem que o tratava era o mesmo que observou o confronto do Querubim e Solumbre, este era Khalid. Um vampiro franzino, de braços finos e quase sempre coberto pelo manto negro mesmo dentro de locais fechados. Suas franjas eram longas, parcialmente brancas e seu cabelo era raspado na parte de trás, o que, somada a sua baixa estatura, complementava seu visual único e excêntrico como um semi-ghoul.

“Respire um pouco, visitante. Lavender não possui tempo para você no momento.” Percebendo que Lakan havia acordado, o vampiro foi direto ao ponto.

“Você é aquele que não se intrometeu em meu confronto... fala élfico também...” – Era estranho para Lakan falar com um vampiro e ainda mais após ter sofrido graves danos em seu maxilar. Não sentia dores, mas ainda tinha uma ligeira sensação de anestesia; – “Posso saber seu nome?”

A resposta não veio de imediato. O médico continuou enfaixando o ferimento fechado com paciência, até que todo trabalho estivesse concluído. Neste tempo de silêncio e mistério, o vampiro decidiu se abrir um pouco e responder a pergunta.

“Khalid. Khalid Tenebre.” O dito foi lento e hesitante. Era notório até mesmo para um elfo estrangeiro que o Semi-Ghoul não se comportava como um ser social.

“Entendo. Khalid, então. Pode me chamar de Querubim. Este é meu título, recebido após-”

“Eu não me importo com seu nome, história ou qualquer outra coisa que venha de você, elfo.” – Interrompeu; – “Nem com essa guerra... nem com nada disso.” Evitou dizer mais.

“Respeito o seu modo de pensar... posso saber com o que se importa? Ou como aprendeu a falar nosso idioma?”

“Lavender.” - Khalid suspirou antes de continuar; - *“Ela é a resposta para ambas as perguntas. É a única com quem eu realmente me importo e também foi quem me ensinou tudo que sei, desde tratar feridas, usar minhas habilidades e falar o seu idioma.”* Essa foi a primeira vez que o vampiro demonstrou ânimo durante a conversa.

“Uma rainha inteligente e benevolente... não é muito diferente dos boatos que nosso Rei divulgava acerca da soberana dos vampiros.” - Lakan movia algumas partes do seu corpo, testando o quão apertado estava cada remendo. Tudo parecia firme e confortável; - *“Eu admito que depois do confronto com aquele gigante, não esperava acordar vivo, muito menos tratado com tanto esmero. Devo agradecer a você, sua rainha e seus colegas por isso.”*

“Enfie sua gratidão na bunda. Faça um favor para si e saia daqui após falar com Lavender.” - Irreverente, Khalid levantou e virou para a saída. Pouca luz entrava pelas janelas do quarto, indicando o amanhecer eminente; - *“Fraturas, equimoses, hematomas... você deveria se envergonhar. Solumbre o destruiu em combate mesmo com toda vantagem da luz do sol e com uma arma daquele tamanho. Quando terminar de se recuperar vá ao primeiro quarto à direita. Rainha Lavender o aguarda.”* O semi-ghoul saiu da sala e fechou a porta.

A atitude áspera não afetou o temperamento calmo do elfo. O que mais surpreendeu o guerreiro naquele momento foi o fato de que fazia tempo que não dormia tanto e tão bem. Retirando as cobertas e se espreguiçando, o convidado saiu da cama vestindo apenas suas calças e alguns remendos em seu torso nu e apreciou tudo que o cercava. Mesas de madeira com alguns documentos, papéis contendo desenhos de órgãos e informações anatômicas, ferramentas de cirurgia, pedaços de tecido rasgados e estantes empoeiradas com poucos livros. Tudo aquilo era muito estranho para o elfo que não teve curiosidade para explorar o ambiente por mais de poucos minutos.

Saindo do quarto sem camisa, descalço e se dirigindo ao corredor, o homem percebeu que seu andar não era mais dolorido como quando andava dezenas de quilômetros com sua equipe de suporte. Pelo lugar, haviam bandeiras vermelhas com o símbolo negro de Héros, um grande H escuro.

Várias portas estavam espalhadas pelo corredor e muitos andavam apressados temendo o fim da madrugada. Os mantos vermelhos, indicando a casta da nobreza, fizeram Lakan lembrar de sua missão. Exterminar essas pessoas em seus lares e trabalhos. Muitos passavam por ele, o observavam com estranheza, outros o insultavam na língua vampírica, alguns só esbarravam nele, demonstrando desrespeito. Esse era o máximo que os vampiros faziam com um elfo em seu lar. De imediato sentiu sua cabeça girar pela culpa. Sentiu-se perdido e, pela primeira vez, a culpa da guerra pesou, não

pelo que já fez, mas pelo que faria se fosse o vencedor do combate anterior. Limpando lágrimas que não paravam de descer, ele tentou ignorar tudo aquilo e seguiu para a porta indicada por Khalid.

Antes de abrir a porta, o elfo esperava que o recinto fosse um simples quarto ou até mesmo um escritório. Lá imaginava encontrar Lavender sentada, sozinha em paz e cuidando de seus assuntos. Para sua surpresa, o que encontrou foi algo similar a uma sala de aula.

Em Ártemis, as escolas eram unidades bem equipadas com apetrechos e invenções desenvolvidas pelos maiores intelectuais. A estrutura das classes era sempre muito bem organizada, ventilada e espaçosa, com dezenas de fileiras contendo carteiras e materiais de estudo. Em contraste ao imaginário élfico, onde acabara de entrar era um recinto fechado, quase claustrofóbico, com apenas uma larga mesa de pedra que suportava pergaminhos, frutas e frascos de tinta.

Lakan adentrou acuado e percebeu a diferença ao fechar a porta, pois o interior era aquecido por candelabros que falhavam em iluminar completamente o lugar. A fragrância de velas e incensos predominava e eram um pouco fortes para o visitante, porém, em conjunto com a pouca iluminação, serviam para tornar o ambiente ameno e agradável. Sua visão ainda não estava completamente adaptada ao escuro, o que dificultou um pouco sua percepção do local, mas não o suficiente para ignorar aquele que estava sentado na ponta da mesa e fazia companhia para a Rainha sentada no outro extremo. Aquele era o homem que havia o derrotado. Solumbre. O coração fragilizado do Querubim gelou e suas ações se deram por uma repentina paralisia.

Corcunda e também sem vestimentas, além de calças simples de lã, o corpo do guerreiro que havia sentido a pesada lâmina da Alvorada o atravessar completamente no último combate, já estava em perfeito estado, sem quaisquer cicatrizes, hematomas ou arranhões. Isso fez Lakan cogitar que a regeneração daquele monstro pudesse ser um fator ainda mais amedrontador que sua força inigualável.

Solumbre parecia não ter notado a presença do elfo em meio ao odor de incenso que o cercava e sua alta concentração. Rodeado por pergaminhos rasgados e cordéis amassados, Solumbre tremia ao tentar escrever mais uma de suas cartas. Aos olhos do elfo, parecia que aquele homem estava fazendo mais esforço para escrever corretamente do que quando destruiu sua lâmina. Ele estava realmente focado. Já Lavender parecia calma e serena, lendo algumas das milhares de tentativas frustradas do trabalho de Solumbre.

“Você ainda está escrevendo com muita força... tente ser mais sutil com a pena e reduza a quantidade de tinta em cada delinear.” – A mulher aconselhava gentilmente em sua língua mãe; – “*Olá, senhor*

elfo. Deve ser o que suas tropas chamam de Querubim. O guerreiro mais habilidoso da infantaria. Por favor, fique a vontade para se sentar.” Alternou rapidamente e sem dificuldade para o dialeto élfico. A proficiência no idioma impressionou o elfo, mas não mais do que o fato dela saber o significado de seu título. Era uma líder com preparo de sobra.

Lavender usava um longo e fino vestido vinho, sem jóias ou quaisquer vaidades. Também estava sem sua coroa de prata. Descalça e com vestimentas confortáveis, ela parecia querer, naquele momento, repousar e relaxar no ambiente descontraído. Seus formosos cabelos negros atraíram a atenção de Lakan por remeter subliminarmente a sua amada Hellenor. O elfo via a Rainha com a formosura equivalente a de uma elfa. O arrependimento de imaginar que veio a tal estabelecimento para matá-la trouxe um gosto amargo em sua boca. Tentando mudar seu foco, ele vira para Solumbre.

“O que ele está fazendo?” Em um misto entre receio e curiosidade, Lakan perguntou a Lavender enquanto encarava as mãos de Solumbre.

“Sabe... este à sua frente se chama Solumbre. Ele é um guerreiro voraz e impiedoso. Um dos mais fortes de nosso exército. Contudo, já fazem alguns anos desde que ele tem se dedicado à arte da escrita. Acontece que, ele realmente ama uma de minhas discípulas e gostaria de deixar nítido todos os seus sentimentos por ela em um único texto.” – Lavender ri baixinho; – *“Ele já escreveu mais de mil cartas de amor mas, frustrado por nunca conseguir o resultado esperado, rasgou todas as tentativas enquanto chorava sem parar. Como pode ver, ele é muito mais sensível do que aparenta.”*

Os olhos de Lakan viam o vampiro com outra percepção. Se havia uma coisa que sempre moveu o Querubim adiante em todas as batalhas, foi seu fervor para retornar a seu lar e reencontrar Hellenor. Pela primeira vez, Lakan pôde sentir uma profunda empatia por um vampiro que trocou golpes.

“Ele deve possuir uma história interessante com tal dama. Creio que eu compartilhe de um sentimento muito similar...” – Lakan admite desta vez encarando os olhos lúdicos da rainha; – *“Mudando um pouco de assunto, gostaria de dizer que seu élfico é impressionante, Lavender. Sinto estar na presença de uma verdadeira residente de Ártemis.”*

“Fico encantada em saber disto.” – Disse sorrindo; – *“Solumbre, poderia me deixar a sós com o elfo? Creio que vamos falar de negócios agora. Voltaremos a treinar sua caligrafia mais tarde, tudo bem?”*

Alternou para o vampírico.

Divagando, Solumbre levantou o rosto e só então percebeu o elfo parado ao seu lado. Ambos se assustaram com o encontro de olhares e se impulsionaram para direções

opostas. Solumbre caiu da cadeira e Querubim foi para uma das paredes próximas à saída. Assistindo a cena, Lavender cruzou os braços decepcionada com a postura dos dois.

“O que ele está fazendo aqui?! K̲halid tratou as feridas dele?!” O homem gritava, se levantando e ativando as garras.

“Você não é um cão, Solumbre! Eu ordeno que abaixe o tom e guarde essas garras!” Lavender não precisou levantar a voz para se impor contra o guerreiro. Ele a obedeceu no mesmo momento em que foi firme. Lakan ficou quieto.

“Perdão, senhorita. Eu me animei... fiquei imaginando que poderia o enfrentar mais uma vez.” Suplicou de cabeça baixa.

“Você já derrotou o maior guerreiro élfico. Do que mais precisa para acalmar seu ego?” – A bronca não era pesada. Lavender juntava todos os pergaminhos espalhados pela mesa; – “Não responda. Eu sei do que precisa. E você vai conseguir fazer uma carta para R̲karina. Apenas continue treinando. Estamos progredindo, querido.” Após ter compilado todas as páginas, ela as empurra contra o peitoral do vampiro. Ele as apanha e se retira em silêncio.

Antes de sair do cômodo, Solumbre e Querubim se encontram uma última vez. Quase possuindo a mesma altura, o elfo foi o primeiro a desviar o olhar. Solumbre sorriu e ousou:

“Boa luta. Bom guerreiro.” O dito foi em tom gutural e arrastado, quase como se falasse as palavras élficas na entonação do idioma vampírico. Ainda sim, foi suficiente para causar um arrepio de intimidação em Lakan, que permaneceu estagnado enquanto Solumbre se retirou.

“Ele fez questão de que eu o ensinasse tais palavras. Queria lhe parabenizar pessoalmente, sem barreiras idiomáticas.” – Lavender se sentou. Pegou um jogo de chás que estava abaixo da mesa e colocou em evidência; – *“Aceita chá de ervas brancas? São ótimas para aumentar o fluxo sanguíneo. Também temos algumas frutas se preferir...”*

“Dispensó, muito obrigado. Eu não tenho como agradecer tamanha hospitalidade. Nunca imaginei que sua raça fosse tão pacífica e madura, e que sua soberana possuísse tamanha benevolência” A rainha deu um gole na xícara sustentada pelo pires antes de gargalhar. Lakan não compreendeu a graça de seu comentário.

“Não, senhor Querubim. Vampiros não são maduros. Somos uma raça nascida da terra e da carcaça de uma mulher perdida. Frutos de uma vingança infinita. O que você vê como pacifismo é o resultado de décadas de educação. Este sempre foi o foco do meu governo. Transformar animais em mulheres e homens de valor. E ainda estamos em processo de amadurecimento...”

“Entendo... belo discurso. Você parece diferente dos demais. Todos que vi eram parcialmente hostis e tinham alguma característica mais... bruta.” – Era difícil para o elfo elogiar a dama sem menosprezar a raça inimiga. Mas ele tentou; – “Sua pele parece mais viva e saudável que a de seus súditos e você também aparenta ser mais consciente de seus atos. Não quero ser invasivo mas... você realmente atendeu minha curiosidade.”

“Fico lisonjeada. Bom, resumindo um pouco as coisas... sou uma vampira com positividade. A única, na verdade. Ikarus me abençoou com tal graça e isso possibilita que eu sobreviva à luz do sol, além de tornar meu sangue tão vermelho quanto o seu. Ele me ensinou que toda vida merece ser salva e que vivemos para buscar nossa própria redenção. Por tais valores, te socorri.” – Ela passava o dedo indicador pelas longas mechas de cabelo; – “E você? Conte-me um pouco sobre sua vida e missão. Tudo o que sei acerca de sua atual organização militar, veio através de meus subordinados que o espiam.”

“Acho que é o mínimo que posso fazer depois de tudo. Sou Querubim, como já bem sabe. Este é um título importante que apaga meu nome e minha individualidade, adquirido por ser o guerreiro com maior destreza física em combate direto e, por tal mérito, devo me tornar o punho executor de Keen. Além do meu título, existe outro equivalente, o de Seraphim. Aquele que possui a melhor dominação de suas bênçãos para combate. Sua honra e glória são tão grandes quanto as minhas.” – Ele decidiu não revelar mais do que isso sobre a organização interna de Ártemis. Respirou fundo e desabafou o que tanto o incomodava; – “Minha missão era a de me infiltrar em Héros e eliminar o máximo de vampiros nobres que fossem possíveis, até chegar a você. Ao entrar em contato com Lavender, eu deveria negociar a possibilidade de uma rendição por parte dos vampiros e propor um encontro entre ela e Keen. Se você apresentasse resistência...”

“Você iria cortar minha cabeça. É, vejo que os elfos de Keen continuam com uma mentalidade explosiva. Ele almeja a paz até a página dois e qualquer coisa fora de seus planos leva a uma carnificina.” – A mulher indagava agora, movendo a xícara e seu interior antes de virar mais um gole; – “O trabalho de Keen é o meu oposto. Enquanto eu tento domar animais e os transformar em seres cívicos, fazendo-os lutar contra seus instintos, Keen prefere optar por derramar sangue e manchar o legado de Angus, sempre com brutalidade gratuita. Ele certamente é um rei frustrado e com grandes ambições. O que você acha?” Os olhos da mulher eram intensos e calmos, refletiam grande sabedoria intrínseca.

“Eu vi o que você estava fazendo com aquele grande homem. Estava o educando e ele parecia estar realmente determinado a aprender. Eu acredito fielmente no que me disse e, por maior que tenha minha fé e lealdade a Keen, também o vejo como um homem impulsivo.” Lavender sorriu com o comentário e arrumou o cabelo castanho e bagunçado do elfo.

“Se eu fosse tola, eu perguntaria se você deseja se unir a nós e mostraria que está do lado errado dessa guerra. Que eu, entre todos os soberanos dentre os países combatentes, sou a que mais almeja a paz. Mas compreendo que você é um homem com valores e luta por sua própria causa. Ergue uma espada do tamanho de sua convicção e a utiliza para defender aqueles que ama. Só chegou onde chegou por causa dessa fé. Desse referencial. Tentar convencê-lo é como mover uma montanha com as mãos nuas.” – Ela se levantou; – *“Eu admiro isso. É belo, talvez a maior virtude que nos conecte. A vontade de preservação da vida e manutenção do amor. Fico feliz de estarmos tendo esta conversa como amigos, senhor Querubim.”* A este ponto o homem já sentia que estava diante de uma amiga. Ele sorriu de volta.

“Acho que aceito um pouco do chá.”

“Sendo assim, permita-me propor um brinde a sua redenção.”

...

Ano 280 - Manhã 25 ▪ Salos, Contenda

Abrindo os olhos em um movimento impulsivo, Lakan acorda no colchão improvisado de seu camarim. Os arredores de seu pescoço estavam molhados por seu suor e a gola de sua regata cinzenta estava úmida. Ele respirava fundo e mantendo seu olhar fixo no teto do quarto, tentando ignorar o que antecedeu o seu breve desmaio e focando em inspirar pelas narinas e expirar pela boca.

O item responsável pela iluminação do quarto pessoal pertencente ao Querubim era uma única Flama inserida na área central no teto do recinto. A luz era fraca e alaranjada, tornando o ambiente confortável aos olhos. O colchão de plumas era velho, mas ainda permanecia com uma firmeza surpreendente que não condizia com sua vida útil. Um alto espelho vertical estava apoiado em uma das paredes e ao seu lado a armadura de placa que o elfo costumava utilizar em suas provações juntamente de sua espada.

Seu equipamento era dividido em poucas partes e não era nada convencional. Duas luvas metálicas, um peitoral de ferro, duas ombreiras de couro e joelheiras

simples. Lakan optava por não vestir uma armadura completa, para assim, ter menos peso para carregar em seu corpo e compensar na grande arma que empunhava. Sua gigantesca espada batizada de 'Redenção' estava junto dos itens. A atual arma foi desenvolvida com maior cuidado e esmero do que sua antiga lâmina 'Alvorada' e sendo tão afiada e poderosa quanto. A maior diferença estava no peso e na composição, já que havia sido forjada por metais mais maleáveis. A performance dos ataques de Querubim estavam notoriamente mais velozes se comparados à antiga arma, porém, consideravelmente menos destrutivos e potentes.

Além dos móveis mencionados anteriormente, também havia um pequeno e compacto sofá de couro cor de vinho para as visitas. Ele não era muito aconchegante e comportava até duas pessoas pequenas ou uma maior. Sua irmã, Witt, estava sentada, com seus óculos de muitas lentes, focados em uma carta que lia atentamente e segurava com ambas as mãos.

“Continue respirando fundo, Querubim ganharão... as cartas de suas inúmeras admiradoras não irão sair voando por aí.” – A irmã mais nova se divertia revirando a pilha de cartas de papel uma a uma. – *“Caramba... a Hellenor não sente ciúmes?”*

“Não sente. Ela confia absolutamente em mim e, acima de tudo, entende que eu jamais trocaria nossa proposta de casamento por qualquer elfa desse país. Ela tem ciência do quanto é valiosa.” As primeiras palavras saíam com um pouco de dificuldade, mas rapidamente se adaptaram ao grosso tom padrão de sua voz.

“Quer dizer que você chega em Salos e a primeira coisa que faz é tomar um porre com Keen? Inacreditável...” – Fingindo indignação e rindo da brincadeira, Witt deixou as cartas e foi até o irmão abatido. Sua mão leve acariciou a testa do primogênito. – *“Senti sua falta, Lala. Me conte as novidades.”*

“Só você para me socorrer nessas horas. Sabe o quanto eu fico nervoso...”

“Já fazem mais de cem anos que encontrou os vampiros na Guerra Final. Sua missão foi um sucesso.” – O dito não era suficiente para mudar o estado mental do elfo. Sabendo disso, Witt procurou soltar um fato para o aliviar e uma notícia que poderia vir a abrir um sorriso no guerreiro abalado; – *“Sabe, você não deveria mais ter medo das provações. Mesmo que perca o posto de Querubim, nossos direitos estão garantidos enquanto eu continuar a trabalhar para Keen e você casar com Hellenor. Os medicamentos da mamãe irão continuar sendo entregues até que eu consiga elaborar uma cura.”* A estratégia havia funcionado. Após o dito, Lakan abruptamente estava com os olhos atentos e curiosos e quase esboçou um sorriso animado.

“É, eu sei, mana. E você teve algum avanço em suas pesquisas?”

“Sim. Graças a um elemento inesperado. Hayam, minha jovem aprendiz. Ela ainda é muito jovem. Diferente dos outros aprendizes, sua benção ainda não se revelou. Só recapitulando... minha benção me permite desligar os sentidos de alguém temporariamente. É uma benção indireta, ou seja, se aplica a outros e não a mim diretamente. Já você, meu irmão, desliga todos os seus próprios sentidos para ampliar um único. É uma benção direta pois se aplica ao próprio usuário.” – Conforme Witt dizia tudo aquilo, seu irmão acompanhava o raciocínio; – “Mas isso tudo você já sabe.”

“Sim, obrigado pela revisão acadêmica. Mas continuando...”

“Sim, a surdez de Hayam é uma anomalia que parece ter sido causada por algum tipo de energia negativa que entorpece sua audição. De acordo com minhas análises, o sistema auditivo é atacado internamente e sofre danos constantes. É como a energia negativa alocada no interior da mamãe e que vem constantemente causando suas paradas cardíacas. – De semblante chateado, com apenas um dedo, a elfa sobe a haste de seus óculos; – “Eu vejo várias formas de tratarmos este caso. A benção de Hayam poderia ter alguma relação com a anomalia e poderíamos ter mais dados após seu desabrochar. Mas, para tratarmos isso de imediato, acredito que o sacerdote Ikarus possa retirar essa energia negativa tanto da mamãe quanto de Hayam. Preciso encontrá-lo e solicitar esse favor. Caso eu falhe, terei de desenvolver algum modo para que eu mesma possa retirar a negatividade de ambas.”

“E você tem ideia de como fazer isso?”

“Mais ou menos... temos metais como Kapazion, capazes de absorver parcialmente positividade e a converter em energia bruta. Não o temos em abundância mas, acredito que com mais pesquisas, futuramente possamos desenvolver um meio de absorver também a negatividade.” – Ela estava pensativa, ainda receosa; – “Mas, mesmo assim, tirar negatividade de vampiros e a positividade de elfos pode causar a morte dos mesmos. Tenho certeza que será um processo complexo e arriscado... por isso prefiro optar pelo auxílio de Ikarus. Tenho certeza de que ele irá nos ajudar se pedirmos.”

“Entendi...” Querubim se senta na cama e cobre uma mão com a outra, olhando para baixo e pensando acerca do sonho recente.

“Fique tranquilo, Lakan. Você continua sendo nosso melhor guerreiro. Mesmo com o anonimato dos participantes, eu consegui dar uma pesquisada em seus adversários deste ano. Nenhum me surpreendeu muito.” - Ela se levantou e buscou o leque de cartas dos muitos admiradores do atual campeão. Envergonhado, Lakan virou o olhar para a parede ao lado da cama. Witt começou a citar os remetentes de cada um dos documentos; - *“Elizidor, Nashin, Zarpas... olha até a danadinha da Kiki escreveu para você!”* A professora riu e se jogou na cama, caindo sobre seu irmão que também aproveitava o momento.

“Já entendi, Witt. Chega, chega...” - Ele dizia ainda rindo; - *“Pode jogar isso fora, eu realmente não ligo... mas antes, verifique se alguma das cartas tem o nome de Hellenor.”* Era impossível esconder o óbvio carinho.

“Muito fofo da sua parte, mas ainda tem muita gente que você não ouviu, olha só! Merilda, Anasthasia, Seraphim.” - Ao perceber o último nome, o momento de felicidade se desfez por completo no mesmo segundo. Lakan arregalou os olhos e travou completamente; - *“Uma carta da falecida Seraphim...? Isso deve ser alguma piada, mas não entendi a essência do humor.”* Witt analisava.

“Não é piada.” Um homem em pé ao lado da porta declarou.

Em um movimento rápido e decisivo, Querubim se jogou para fora da cama e rolou pelo chão, indo de encontro com sua espada. Brandindo a arma e apontando em direção ao homem, que até então era imperceptível, o grande elfo exclama:

“Desde quando está aqui?! O que quer?!” O fio da espada estava a poucos centímetros da cabeça do invasor, que continuava parado de braços cruzados. Com olhos espantados, Witt agora encarava tudo atrás da cama.

O ser de voz masculina era substancialmente menor que o Querubim. Ele beirava 1,70 de altura e seus braços eram finos se comparados ao de um guerreiro comum. Também não possuía qualquer arma a seu alcance. Usava o uniforme militar de recruta, o qual possuía diversas amarras e era de um áspero tecido impermeável, propício para missões furtivas.

Todos os competidores usam máscaras para manter sua identidade em sigilo. Este, usava uma resistente máscara branca com duas aberturas negras e circulares nos olhos, protegidas por uma película negra e seguida por um curto bico. Com cuidadosos detalhes esculpidos em sua superfície, seu design simulava uma coruja branca, conhecida por viver em uma área isolada e cavernosa de Ártemis. Suas orelhas eram tão longas quanto as de Querubim e Witt, indicando que possuíam aproximadamente a mesma faixa etária.

“Estou aqui para lhe informar que a provação está para começar.” - Ele se virou e seguiu para o corredor, se misturando com a penumbra. Seus passos não fizeram som algum; - “Não se atrase, Lakan.”

O dito fez o guerreiro manter sua guarda alta, mesmo com o misterioso homem já tendo ido embora. Ele não sabia mais o que pensar, era muita coisa ao mesmo tempo. Witt tocou nas mãos de seu irmão, fazendo peso para que ele abaixasse a arma que empunhava sem necessidade.

“É ele... só pode ser...” - A irmã mais nova estava pálida, como se tivesse visto um fantasma;
- “Mano, esse competidor... tenho grandes suspeitas de que possa estar relacionado com o assassinato de Juvia, a Cardeal de Edenos.” Witt sussurrava em tom sério e preocupado.

“Por que acha isso, Witt?”

“Juvia foi morta em uma madrugada e demonstrou sinais de resistência, porém ninguém ouviu seus gritos. Foi encontrada sem olhos e com a boca costurada. Em uma poça de seu sangue havia uma única pena branca boiando à deriva. Eu vi a cena com meus próprios olhos.” - Deu uma pausa; - “No começo, eu pensei que a simbologia da pena branca era provinda da ironia do símbolo de paz, ou seja, provinda de uma pomba branca. Porém, agora creio que possa existir outra ligação... corujas-brancas. Elas são predadores noturnos e suas asas voam sem fazer barulho. São seres naturalmente silenciosos.” Lakan sabia que a prodígio não costumava fazer suposições sem fundamento.

“Mas, você não vê nada estranho nisso tudo?” Indagou o soldado.

“Sim. De fato, há algo estranho... vestindo esse traje e se portando de tal maneira, é como se ele quisesse que soubéssemos que ele é o culpado.”

Capítulo 30 - Provação

Ano 280 - Manhã 25 ▪ Salos, Contenda

Em um límpido céu azul, o sol estava alto e a tarde em breve se iniciaria. A plateia estava eufórica com o evento que acontece apenas uma vez por década. Para muitos elfos mais novos, esta seria a primeira vez que assistiriam o atual Querubim apresentar suas habilidades em combate. Já para outros mais velhos, a provação deste ano revisitaria a nostálgica sensação de um passado não muito distante. De todo modo, este era um fenômeno único em Salos e nunca antes na história a capital élfica havia recebido tantos visitantes de uma só vez.

Com a chegada dos competidores, todo lugar estremeceu com os gritos e comemorações em uníssono da plateia. Angelion, Evarion, Serperios, Adanios, Sen, Parasion e Edenos. Em uma fila de ombro a ombro, o candidato de cada cidade élfica estava ali presente. Cada um com sua máscara, arma e uniforme. A fisionomia dos atletas era única e dentre eles haviam desde grandes homens com armas robustas até esbeltas damas com lâminas afiadas. Sete adversários para o campeão de Salos.

Saindo pela porta do interior da Contenda, já equipado com seu traje de batalha simplório e empunhando a Redenção sobre seu ombro direito, Querubim chegou à arena retangular. Pelas paredes, inúmeras armas de todos os tipos estavam ao dispor daqueles que não possuíam equipamentos mas todos pareciam já estar muito bem servidos.

Em altos pilares das paredes da Contenda, separados da plateia comum, estavam os membros da família Rowan. Estes eram: Keen, o Rei de Ártemis, e suas filhas, Hellenor e Hellix. As princesas gêmeas possuíam a mesma altura e traços faciais quase idênticos. Hellenor, a futura pretendente de Lakan, possuía cabelo e olhos intensamente escuros. Sua seriedade era equivalente a de Keen e raramente era vista esboçando qualquer emoção de alegria. Já Hellix, possuía longos e ondulados cabelos loiros como os de sua mãe, Hellida, assim como os característicos olhos azuis.

“Saudações a todos os nossos irmãos e convidados de Ártemis!” – Usando uma espécie de alto-falante revestido por um material que aumentava o volume das ondas sonoras, Keen anunciava alegremente; – *“Meu campeão favorito, nosso Querubim, irá dar seu pronunciamento assim que terminarmos de explicar uma última vez as regras de nossa tradicional provação!”* Passando para Hellix, a princesa continuou a deixa do Rei.

“A provação é um teste que ocorre a cada 10 anos em nosso território. O atual Querubim enfrenta o melhor guerreiro de cada cidade élfica em lutas individuais. Aquele que retirar uma gota do sangue do atual Querubim, segue como vitorioso da provação e segue para o processo de

recebimento do título.” - A voz da elfa era em tom muito mais animado e simpático do que de sua irmã; - “Nenhum candidato tem permissão de matar o atual Querubim e, se este o fizer, a provação se encerra com o candidato condenado ao julgamento imediato de Keen. Por outro lado, o atual Querubim pode matar os candidatos se achar necessário, afinal de contas, esta é uma provação para testar os seus limites.”

Querubim sentia o grande peso em seus ombros enquanto encarava todos aqueles candidatos à sua frente. Cada um com uma máscara diferente, mas nenhum o incomodava mais do que aquele que anteriormente havia o chamado por seu nome. No passado, embora muitas vezes acirradas, em nenhuma das provações houveram candidatos mortos. Esta era a primeira vez em que Querubim cogitava matar um elfo.

Imerso em pensamentos e estratégias sobre como enfrentar cada um dos inimigos, Lakan demorou para notar uma elfa de baixa estatura plantada ao seu lado. Ela já estava o oferecendo o alto-falante a quase um minuto. Desconcertado, ele o apanhou e começou seu improviso.

“Perdão! Estou um pouco concentrado demais.” - Admitiu rindo e encostando uma das mãos na cabeça, sem jeito; - “É muito bom ter todos aqui. Quero que saibam que esta não é minha provação somente, mas também a de todos os guerreiros e guerreiras corajosos o suficiente para me enfrentar em uma luta apostando suas vidas. E também creio que tenha uma confissão a fazer...”

Mesmo muito distantes, ele e Hellenor mantinham contato visual.

“...eu nunca matei um elfo. Sempre respeitei muito todos os meus oponentes em nossas provações, e delas saíram muitos guerreiros valiosos para nosso exército. Contudo, creio que hoje tudo isso possa mudar.” - Anuncia, agora encarando fixamente as órbitas fundas e redondas do candidato com a máscara de coruja-branca. A plateia aplaudiu e conversou entre si acerca do dito, enquanto Keen levantou uma sobrancelha e decidiu intervir; - “Sem mais delongas e anúncios, daremos início à quarta grande provação de Salos. Que Ishtar esteja convosco.” Ergueu sua lâmina e esperou o primeiro inimigo ser declarado para o enfrentar.

Hellenor divulgou a lista de competidores em voz alta. A ordem das cidades era: Sen, Parasion, Serperios, Adanios, Edenos, Evarion e, por último, Angelion.

“Me chamo Átelas, e desde criança sonho em ser Querubim. É um prazer estar em sua presença.” O homem era baixo, porém definido. Com a pele levemente bronzeada, sua cabeça era nivelada ao peito do atual campeão. Como traje de batalha, Átelas utilizava uma simples armadura de placa e suas armas eram duas manoplas de ferro soldado, do mesmo material de sua máscara com aberturas retangulares nos olhos e nariz.

“Não deveria revelar sua identidade. Admiro a coragem. Saiba que já me impressiona você ter chegado até aqui, Átelas. Espero que consiga me derrotar.” Lakan brandiu Redenção.

Ambos se aproximavam com cautela, sempre com a guarda alta. Lakan cogitou usar sua bênção para garantir a primeira vitória com velocidade e precisão, contudo também estava curioso para saber o que o elfo a sua frente seria capaz de fazer. Um risco tolo e desnecessário aos olhos de muitos.

Em um súbito avanço, os joelhos de Átelas se flexionaram e, pegando o máximo de impulso que poderia, deu uma investida para frente. Lakan percebeu que o adversário já estava usando sua benção ao notar que a potência da carga havia rachado parte do chão. O avanço foi veloz e intenso e um dos punhos do competidor foi desferido próximo ao rosto do Querubim. Sua resposta foi defender-se, aparando o golpe com sua ampla lâmina. A defesa foi bem sucedida, porém o impacto do soco na arma foi alto ao ponto de tirar Lakan do chão e o enviar rolando a poucos metros dali. O público foi à loucura. Witt estava preocupada.

Lakan não era sábio, mas a experiência em combate o fez sagaz para perceber padrões e entender estratégias de batalha. Ele não foi ferido, apenas isolado pelo forte ataque. Não levaram muitos segundos para intuitivamente compreender que a benção de Átelas era referente a ampliação de impacto ou pressão. A situação não era vantajosa pois qualquer acerto direto daquelas manoplas poderiam facilmente o nocautear. Querubim se recompôs.

Batendo uma manopla contra a outra, o áspero e agudo som metálico se espalhou pela arena. Átelas seguiu andando apressado. Querubim agarrou a arma com ambas as mãos, virando o fio para a horizontal e aguardando o próximo ataque do combatente. Olho no olho, ambos tentando ler seus próximos movimentos, a luta seguia.

Mais um veloz avanço impulsionado pela bênção de Átelas. Ele urrou e partiu para cima de Lakan agora com uma sequência. No intervalo em que seu adversário vinha ao seu encontro, o Querubim apertou uma trava de sua arma e separou o cabo do restante da lâmina. Do repositório, saiu uma longa adaga. O primeiro golpe de Átelas foi um cruzado que acertaria a maçã do rosto de Lakan. Agora com mais mobilidade por não estar portando a pesada lâmina, Lakan esquivou com facilidade mas sentiu a forte pressão do impulso da benção do batedor passar sobre sua cabeça. Com o outro punho, o Átelas almejou o queixo de Lakan com um cruzado. Ele respondeu com um forte movimento de braço, que bateu no pulso do candidato e o fez errar o foco. Em seguida, Lakan contra-atacou com um corte em uma das aberturas na armadura de Átelas, mais precisamente na dobra de seu cotovelo, e sangue espirrou pelo chão da arena.

Os dois elfos tomaram distância e Átelas não havia se dado por vencido. Olhando seu sangue no chão da arena ele ainda não podia acreditar que havia sido derrotado por um truque destes. Lembrou de todos os anos de sua vida em que praticou socos contra árvores e o quanto havia se dedicado para atingir a constituição desejada. Se enfureceu.

“Isso foi sujeira! Você sabia que não poderia me vencer em uma troca de socos e optou por um ataque covarde!” Retirou a máscara de ferro sem se importar com a regra de anonimato e com fúria seguiu na direção do Querubim levantando seu punho. Seu rosto do elfo era jovial, provavelmente teria metade da idade de Lakan. Algo próximo a 60 anos.

Antes que pudesse dar os primeiros passos, ele se viu levitando a poucos metros acima do chão. Encostada em uma das paredes da parte interior da arena, Laerdra andava rumo aos competidores com uma mão estendida. Ela estava séria.

“Quebra de regra e decoro. Eu o declaro banido das provações até segunda ordem.” - A guarda afirmou alto o suficiente para que os mais próximos na plateia escutassem e arremessou o elfo contra uma das paredes. Ele bateu de costas e foi retirado por uma escolta da guarda real. Querubim o encarou entristecido com a situação; - *“Precisa de descanso, Querubim?”*

“Estou bem, Laerdra. Obrigado.” - Sua pele estava apenas um pouco suada e ele agora juntava a lâmina da Redenção e a unia com o cabo; - *“Que venha o próximo competidor.”*

...

O calor da manhã já havia passado e agora um vento gelado pairava por Salos. De maneira relativamente rápida, o primeiro dos sete candidatos já havia caído.

Parasion. Sem armas e sem armaduras ou camisas, o candidato se aproximava vestindo apenas uma longa calça despojada. O peitoral era definido e liso e sua máscara era inteiramente de couro, com vários cintos servindo como amarras na área da nuca. O cabelo mal-tratado e escuro escapava pelo topo. Seus olhos diferiam dos de Átelas, eram mais intensos e fixos. Não estavam analisando o grande campeão, mas sim o imaginando morto a sua frente. Vendo a atitude, Querubim assumiu que aquele homem possuía algo pessoal contra sua pessoa.

“Sem armas e armadura? Tem certeza?” Lakan perguntou, não por pena, mas para poder dar início a batalha.

“Você com uma arma gigante e eu com meu corpo. Os vampiros lutam assim, não é? Nada mais justo para enfrentar o santo Querubim.” - Batendo uma mão contra a outra, ambos os

membros se engessaram, tornando-se ásperas e afiadas lâminas; - *“Vamos acabar logo com isso, falso herói.”* O peitoral também se contraiu e converteu-se em um material tão rígido quanto as mãos. Era praticamente uma armadura corporal.

Mesmo ofendido pela bravata, Lakan não reagiu agressivamente. Ele sabia que não podia perder a calma. Ainda faltavam 6 inimigos e podia muito bem estar caindo no truque do rival. Apenas ativou sua bênção, desligando sua audição, tato, paladar, olfato e deixando apenas sua visão.

Sem cerimônias ou enrolações, ambos correram direto para o centro da arena. Cada passo desferido pelo elfo inimigo dava tempo para o Querubim analisar com sua visão potencialmente aguçada o ponto mais fraco da armadura. Cinco. Seis. Sete passos foram dados para o encontro de guerreiros e Lakan já havia entendido o que aquele homem pretendia fazer.

Em um movimento de corte horizontal, o Querubim tomou a dianteira para cortar a área do ombro do inimigo. Vendo o ataque, o odioso elfo levantou um de seus braços blindados para defender a Redenção enquanto, com a outra mão, apunhalava o peito do campeão. Ele não pretendia evitar o golpe da gigantesca espada, mas sim, o defender e ao mesmo tempo causar danos ao maior alvo da provação. Era o mesmo estilo de luta de Solumbre.

“Pois é. Os vampiros realmente lutam assim.” Pensou, Querubim.

A batida veio. Redenção atingiu a lateral do elfo e a rigidez da armadura corporal era equivalente a de uma rocha. Contudo, a intenção de Lakan não era apenas atingir aquele corpo, mas sim o empurrar. Foi o que fez. O impacto recebido pela lâmina foi o principal fator para jogar o elfo para trás e evitar que Lakan fosse atingido.

“Suas articulações são as partes mais frágeis da armadura como um todo. Mas ele está as protegendo bem. Devo fazer a minha própria abertura.” A estratégia vinha na mente do guerreiro enquanto seu inimigo se levantava do chão empoeirado.

O Querubim aproveitou o momento em que o elfo acabara de levantar e, percebendo que ele ainda não estava completamente de pé, forçou um ataque concentrado de cima para baixo no ombro do rival. Vendo que o corte seria potente, o elfo resolveu se defender com ambos os braços, usando as afiadas lâminas agora como escudos resistentes. A Redenção cravou profundamente nos braços de pedra e chegou na área muscular do elfo. Rachaduras foram geradas e o inimigo grunhiu, sem ter como atacar ou mudar de posição.

Com o elfo completamente travado pela grande espada, Lakan rapidamente liberou a trava, separou a lâmina do cabo mais uma vez, e rasgou parte da perna do adversário. Poucas gotas escorreram e Querubim soltou todo ar de seus pulmões, aliviado com mais uma vitória. O competidor ria em voz alta.

“Então é assim que o maior guerreiro de Ártemis luta... deplorável” Ele cospe no chão.

“Você lutou bem. Mas agora acabou.” – Lakan dizia, sem se importar com a opinião do rival e tomando distância; – *“Irei descansar um pouco, retirem a Redenção dos braços dele.”* Se dirigiu aos guardas enquanto andava para o camarim interno.

Dois guardas foram necessários para retirar a lâmina fincada nos braços do competidor. Eles tiveram dificuldade pelo corte ter sido profundo, mas foram bem sucedidos. Durante a pausa, Redenção seria novamente afiada e polida pelos assistentes da provação. A terceira luta se aproximava.

...

“Você tem trinta minutos.” – Witt certificou-se de trancar a porta antes de continuar a falar qualquer coisa; – *“Ei... foi uma ótima luta.”* Ela se aproximou do irmão.

Lakan estava sentado na beira do colchão. Encarando seus pés que calçavam botas altas. Mantendo controle de sua respiração, o elfo levantou o olhar para a irmã, que já sabia o significado do ato.

“Você vai matar o competidor da coruja-branca, não vai?” – Involuntariamente deixou escapar um tom de decepção. Querubim não respondeu; – *“Bom, você é o soldado aqui. Faça o que deve ser feito.”* Virou-se de costas e cruzou os braços.

“Ele sabe meu nome, Witt... e se ele for o assassino de Juvia, também pode saber do passado que tive com a Seraphim... talvez até saiba que você e Keen mantêm um vampiro no subsolo do castelo Rowan.” – Encarando a baixa elfa de jaleco branco, Lakan se levantou; – *“Sim. Eu matei Seraphim! E tenho forças pra admitir isso! Foi a única vez em que minha espada se voltou contra um dos nossos e fiz isso sob ordens de Keen!”*

“O errado não fica menos errado com as suas desculpas, irmão. E eu entendo bem isso.” – Ela se virou e estava lacrimejando; – *“Eu também falhei. Não tem uma noite em que eu não vá até o bar da Jess e desabafe sobre como me sinto horrível cuidando do ghoul... ele é uma criatura tão doce... nós perdemos nosso caminho ao abaixar a cabeça pra tudo isso.”* A lágrima desceu.

“Eu sei, Witt... eu sei. É só que... o último caso como este foi o de Seraphim.” – Apenas uma das mãos de Lakan tremiam; – “Ainda não sinto que estou preparado para reviver tudo aquilo. Mas preciso estar para encerrar essa história. Seja lá quem for o responsável por tudo isso.”

A união dos irmãos veio por iniciativa do mais velho, que cercou a pequenina com seus grandes braços. O suor da batalha não incomodou Witt, que, com o rosto colado em seu irmão, sujava as muitas lentes de seus óculos redondos com suas lágrimas. O momento perdurou até ambos ouvirem o anúncio de Keen divulgando que faltavam dez minutos para o retorno do campeão.

“Temos que ir. Não importa o que aconteça, eu não perderei.” – Os irmãos desfazem o abraço e se afastam. Lakan segue para a arena; – “Eu vou pra matar.”

“Então use isto.” – De dentro do jaleco, Witt retira um objeto enrolado em um pano cinzento e o entrega para Querubim; – “Foi um presente que desenvolvi com uma nova liga metálica... isso corta praticamente qualquer coisa.” Ela quis sorrir, mas não conseguiu.

Descobrimo o objeto com cuidado, Lakan se surpreendeu com o recebido. Uma bela faca com um ótmo acabamento. Desde seu cabo até sua lâmina, tudo havia sido preparado cautelosamente sob medida. Olhou para sua irmã com uma mistura de orgulho e medo e perguntou:

“Eu sei que você é bem literal no que diz, mas... o que você quer dizer com ‘qualquer coisa?’” Witt riu do comentário, ainda recuperando o humor.

“Vorpallite corta qualquer coisa. Eu testei com todos os metais que temos. Isso é uma liga muito rara, Lakan.”

“E por isso só está me dando agora, não é?”

“Na verdade, eu não lhe entreguei isso antes porque sei que não queria matar os melhores soldados do nosso país. Mas... não é a primeira vez que minhas invenções tiram vidas, então vá em frente.” – Admitir aquilo doía muito mais do que ela demonstrava; – “Eu confio minha mais mortal invenção sob seu julgamento. Pode dar um nome bonitinho depois que tudo acabar.” Querubim demonstrou orgulho pela genialidade da irmã, mas aquele momento exigia maior seriedade para o que viria a seguir.

...

O vento estava mais forte e as nuvens se agrupavam no céu. Chegando na arena retangular, o único que por lá se encontrava era o candidato de Serperios. A temperatura seguia abaixando e o céu estava quase completamente fechado.

“*Você é o assassino da cardeal Juvia?*” Sendo direto, Querubim perguntou enquanto andava com a lâmina de vorpalite.

“*Lakan... eu sou muito mais do que isso.*” A resposta do ser taciturno fez o campeão estremecer. Aquilo era uma confirmação, a confissão de um crime.

“*O que me impede de parar a luta e mandar prenderem você?*” – Lakan parou de andar, pronto para virar-se até Laerdra e exigir a pausa; – “*Assim eu não preciso perder tempo ou esforço.*”

“*Faça isso e todos saberão sobre Nério, o pobre vampiro enjaulado.*” Ele sabia.

“*Entendi... acha que vão acreditar em você, não é? Um louco que ataca mães em seus lares.*” Riu com ironia.

“*Você não está vendo a figura como um todo, Lakan... não matei apenas Juvia.*”

“*Como é?*”

“*Estranho, pensei que haviam encontrado o corpo do outro cardeal...*” – Inclinou a cabeça, encarando o Querubim; – “*A não ser que... ah... eles não te contaram toda história?*” Disse em um tom de pena.

“*Do que está falando...?*”

“*Eu conheço você, Lakan. Filho de Dummon. Irmão de Witt. Amante de Laria, a falecida Seraphim. Noivo de Hellenor, a princesa de Salos e Ártemis.*” – Disse rindo; – “*E você não sabe nem se sou homem ou mulher.*”

“*Deixe Laria fora disso!*” – Brandiu a faca e a apontou para o candidato; – “*Você é obviamente um homem! Sua voz não mente, covarde!*”

“*Será que sou?*” – A voz se converteu em um tom legitimamente feminino; – “*Você matou centenas de vampiros, Lakan. Mas se arrepende apenas de um único elfo que eliminou.*”

“*Cale a boca!*” Ele correu em direção ao candidato. Todos na plateia ficaram eufóricos. Laerdra entrou na arena para intervir.

“Sua amada, Seraphim.” Retornou a áspera voz masculina.

Com a carga, Querubim levantou o candidato com um estrangulamento. Usando apenas uma mão e retirando o alvo do chão, ele sentia estar carregando alguém leve, com nenhuma armadura ou uniforme metalizado. Sua outra mão estava hesitante em apunhalar o adversário, sabendo que poderia facilmente o matar.

“Quantos guardas... se estão todos aqui...” - O inimigo dizia com dificuldade; - *“Quem está cuidando do vampiro?”* Ele riu descoordenadamente enquanto era estrangulado. Agora próximo do alvo, Lakan percebia que o som não saía de sua boca.

A vontade de Lakan era de esmagar aquele fino pescoço usando toda sua força. Mas algo o segurava. Um juramento que havia feito sob o túmulo de seu pai e a vida de sua mãe. Jamais matar outro elfo. O legado da morte de Seraphim.

“Quem é você e o que quer com Nério?!” - Apontou a lâmina para o pescoço do suposto assassino; - *“O que quer com todas essas mortes?!”*

“O que está acontecendo? Isso não é uma luta.” Laerdra disse ameaçando usar sua benção.

Vendo que o adversário não possuía qualquer arma, ele reduziu a força com que exercia a asfixia. Laerdra ficou a uma distância segura, analisando a situação e evitando interferir diretamente.

“Engraçado... ela acha que pode usar sua benção sem a luz do sol?” Ele perguntou a Lakan.

De fato, Laerdra não sentia que poderia usar sua benção para evitar aquele conflito. Suas forças haviam sido tomadas assim que as densas nuvens tempestuosas bloquearam completamente o sol. Lakan sentia o mesmo.

“Muito bem, senhor Lakan. Se me permite... eu irei responder apenas a sua primeira pergunta.” - Ele deu uma breve pausa; - *“Eu sou Crux.”*

A resposta não fazia sentido mas, repentinamente, o Querubim e Laerdra começaram a ouvir um som. Era como um apito. Seu volume subia e subia. Sem parar. Começando a causar uma forte perturbação. Gradualmente aquele som agudo se espalhou por todos na plateia e gritos começaram a se dissonar.

Em meio a dor e angústia, no epicentro do alto barulho, Lakan tentava desligar o alto e ensurdecedor som usando sua benção. Era inútil. A ausência de sol parecia afetar a todos ali presentes exceto o enigmático assassino.

Puxando sua faca e tentando reter a consciência, o guerreiro observava o seu rival não ser afetado pela alta frequência. Ele tomou a lâmina de vorpalite de sua mão com facilidade. Lakan esperava ser apunhalado no peito ou pescoço. Era uma morte certa. Contudo, Crux usou a lâmina para degolar a própria garganta. O sangue escorria sem cessar pelo chão da arena e o elfo se ajoelhou enquanto vendo sua vida se esvaír. Pelo menos foi isso que Lakan achou que assistiu antes de desmaiar por completo.

Capítulo 31 - Lua

Ano 280 - Noite 25 ▪ Salos, Castelo Rowan

Estava confortável, porém sua pele estava gélida como uma rocha. Uma simples tapeçaria de veludo fino envolvia a elfa adulta. Witt repousava na cama improvisada de seu laboratório. O vento arrepiante do anoitecer evadia pela janela escancarada. Jess estava sentada na cadeira de rodinhas favorita da cientista e a movimentava de um lado para o outro, em movimentos ansiosos, sem saber quanto tempo levaria para a prodígio demonstrar os primeiros sinais de lucidez.

O laboratório ficava em outra ala do castelo e no último andar. Diversas mesas largas continham diferentes projetos e papéis de planejamento de Witt, sempre com algum quadro contendo registros desordenados do progresso de seus trabalhos. Ninguém além de Witt e seus alunos supostamente deveriam ser capazes de adentrar a unidade. Contudo, Jess havia recebido uma chave reserva para o caso de alguma emergência.

Com as orelhas geladas e com os lábios secos, Witt gradativamente recobrava sua consciência. Um fraco timbre agudo ainda ressoava em sua mente após a ressonância sonora a nocautear juntamente de boa parcela dos elfos presentes na plateia da contenda. Seus olhos abriam cansados, como se o período apagada tivesse sido em vão para sua recuperação. Girando na cadeira, Jess percebeu que sua amiga agora estava consciente encarando o teto, inexpressiva.

“Consegue me ouvir bem?” - Jess perguntou levando a cadeira até a cama. Witt apenas concordou com a cabeça, sem tirar os olhos do teto; - *“Ótimo. Precisamos conversar...”* Ela estava séria.

“Fecha essa janela... Está frio.” - Ela recobra a consciência até se lembrar do último encontro com a amiga; - *“Eu não vou me desculpar pelo borrifador de pimenta.”*

“Você sabe que não me refiro a isso, Witt.” Recebendo tal resposta, a cientista calou-se por um instante, apenas para assimilar suas últimas memórias do recente incidente. Pensar naquilo a desanimou ainda mais.

“Quantas pessoas morreram, Jess?” As palavras saíam ásperas. Sua garganta estava seca.

“Aqui. Beba um pouco.” - A guerreira apostada já tinha um copo d'água preparado; - *“Contamos seis civis mortos pela forte ressonância. Além disso, de todos que estavam na plateia, apenas Hayam não foi afetada e nocauteada. O restante dentro daquele perímetro simplesmente*

desmaiou.” Witt suspirou e cobriu seus olhos com o antebraço. Ela não queria chorar, embora sentisse que tudo ao seu redor parecia estar prestes a desmoronar.

“Está acontecendo exatamente como você disse noite passada, não está? Algo grande está por vir.”

- Parafraseou a amiga. Jess ficou em silêncio; - *“Você sabe de algo, não sabe? No seu bar, Akrasia. Com certeza algum cliente deve ter soltado alguma informação, não é verdade?”*

Retirando o antebraço, Witt encarava a ruiva com olhos úmidos.

“Sim. Eu sei de muitas coisas, mas garanto que a origem das informações não trará benefício algum à você no momento. Devemos nos focar no que virá em breve e analisar tudo com cautela.”

- A elfa estava séria, mas seu tom era doce, sentindo pena da companheira debilitada; -

“Como foram as suas últimas lembranças?”

“Tudo que me lembro é de sentir uma forte pressão em meus ouvidos. Foi uma dor aguda e irritante...” - Só de lembrar, Witt já fecha os olhos com força; - *“Espere um instante... Como vim parar aqui?”*

“Bom, era de tarde, não é? Eu estava limpando o chão e preparando para abrir Akrasia para o turno da noite. Ouvi milhões de gritos pela arena e fui até lá. Vi muitos abatidos mas, dentre todos, eu escolhi você e vim correndo te tratar.”

“Tá... Desculpe pelo borrifador...” - Demarcou um sorriso sutil, lisonjeada; - *“O que mais eu perdi?”*

“A identidade daquele candidato foi revelada. Não foi difícil identificar seu rosto... Rainn Sieg. Filho de Juvia Sieg, a Cardeal recentemente assassinada.”

Era extremamente raro ver a expressão de confusão estampada no rosto de Witt. Geralmente quando a intelectual se encontra em encruzilhadas, ela apenas relaxa e recapitula seus passos para avançar com mais fluidez em seu processo. Contudo, a informação recém-entregue por Jess era simplesmente muito fora do seu leque de opções.

“Impossível. Rainn é da família Sieg. Eu tenho registros de minhas pesquisas onde relato a base de bênçãos de cada cardeal e suas possíveis variáveis.” - Jess levanta uma sobrancelha, entendendo que a atitude de Witt configurava em um possível crime de invasão de privacidade, já que bênçãos élficas são consideradas informações pessoais; - *“Eu sei o que esse olhar significa... Ordens de Keen...”* Usou como desculpa.

“Então você conhece a base da bênção da família Sieg. Tudo bem, mas e daí? Temos o corpo dele e vimos que ele foi o epicentro da explosão sonora antes de cometer suicídio. Ele continua sendo culpado e responsável por todo o incidente.”

“Sim, você está certa nisso. Mas você não está vendo o contexto como um todo...” – Witt se senta contra a parede onde a cama encostava; – “Bênçãos de Ishtar são hereditárias. Sempre existe uma base que varia de pai para filho. No meu caso, meu pai Dummon, possuía uma bênção focada em uma forte ampliação de sentidos. Já minha mãe possuía uma bênção de anular outras bênçãos. Isso configurou em minha bênção individual, sendo a de anular sentidos.”

“Certo, e como isso entra no caso de Juvia?”

“Juvia, assim como todos os Sieg, possuía uma bênção voltada para umidade. Se não me engano, ela era capaz de hidratar por completo qualquer organismo vegetal com sua bênção, o que resultou em grandes contribuições na área da pecuária de sua cidade.” – Witt levanta e começa a andar lentamente pelo laboratório, procurando seus pertences de mão; – “Não faria sentido nada voltado para retenção ou ampliação de ondas sonoras.” Ela apanhou os óculos.

“Então, como você presume que ele tenha feito tudo aquilo?”

“Ainda não sei, Jess. Mas lembre-se... Antes nós concordamos que ele era o culpado e responsável pelo incidente.” – Witt bota os óculos; – “Mas eu nunca disse que ele havia feito tudo aquilo. Pelo menos não sozinho.”

...

A Cúpula, Castelo Rowan

Das grandes janelas abertas no último andar da ala principal do castelo Rowan, a tímida lua minguante se revelava por entre as nuvens prateadas. A forte chuva que cobriu os céus há três horas atrás, havia limpado o horizonte, deixando apenas uma baixa e fina neblina como seu legado.

Na sala circular, iluminada por velas e Flama, Keen e sua família estavam sentados na grande mesa que cobria o salão. Keen, Hellix, Hellenor e por fim Lakan estavam sentados, respectivamente, com taças de vidro cheias d'água e sem qualquer alimento em seus pratos.

“Antes que eu perdesse a consciência, ele me revelou seu nome... Crux. Sinto que isso ainda não acabou.” - Lakan começou; - “Por mais que tudo aquilo pareça ter sido orquestrado e ele tenha cometido suicídio bem na minha frente, eu devo admitir que, pela primeira vez em provação, fui derrotado.” Ele abaixa a cabeça.

“Crux...” - Keen pensa alto. Ele estava sério, soturno. Encarava todo o vexame como uma derrota colossal; - “Esse é o nome do nosso inimigo. Candidato da província de Serperios, ele veio com o cardeal Salazar. Os demais, já não estão mais aqui. Salazar foi devidamente aprisionado como principal mandante desse ataque e devo interrogá-lo em breve. Quanto a sua situação, Lakan, considere a provação adiada.” O Rei suspira.

“Agradeço, Lorde Keen... Mas essa não é minha maior preocupação no momento.” - Dando continuidade a conversa, o Querubim abre um novo tópico na discussão; - “Meu Rei, eu tinha grandes planos para o que viria após minha provação. Creio que, devido às atuais circunstâncias, não haja mais motivos para esconder... Devo lhe informar que pretendo me casar com Hellenor se assim for possível.” Suas sobrancelhas turvas e lábios enrijecidos demonstravam o desconforto em dizer aquilo em uma crise. Porém, Keen não havia dado nenhum veredito quanto ao resultado da provação, portanto, no imaginário do guerreiro, seu título de Querubim poderia estar em cheque.

Com a declaração, Hellenor instantaneamente arregalou os olhos e ficou pasma, mantendo ambas as mãos cobrindo sua boca. Já o pai nenhuma surpresa revelara. Muito pelo contrário, seu semblante exibia desinteresse no anunciado e seus olhos pareciam divagar em um sonho acordado. Ele manuseava a taça de vidro, balançando a água de um lado para o outro, quase hipnotizado com o movimento pendular. Keen estava aflito demais com milhões de pensamentos em sua mente conturbada, devido a todo o ocorrido na contenda.

“Uma atitude egoísta diante de tudo que estamos passando, senhor Querubim. Temos milhões de civis feridos subitamente por um terrorista, o qual, simplesmente, se suicidou após o ataque. Nossa única pista é um dos principais cardeais de nosso país e sua principal preocupação no momento é em casar com minha irmã?” - Hellix, se pôs em pé. Seus olhos claros e intimidadores não desviavam o olhar do elfo; - “Tenha piedade... Não está vendo que meu pai já tem problemas demais para lidar?! Mesmo com mais de cem anos você ainda continua com uma maturidade patética e juvenil. Você é o maior guerreiro de nosso país. Deveria estar lá fora, mostrando ao povo que não devemos ter medo de ataques como este! Aja como um Querubim, Lakan.” Foi em voz alta e com a mesma firmeza de Keen, que a irmã de Hellenor dizia tudo.

“Está certa, Hellix. Essa não é a hora certa para minhas inseguranças.” - Olhando para baixo e repousando ambas as mãos na mesa, Lakan se sentou; - “Peço desculpas. Eu ando sob muita

pressão ultimamente, mas isso não justifica meus atos egoístas. Mais uma vez, perdão.” No mesmo momento em que termina, Witt e Jess saem do elevador e andam rumo ao centro da sala.

“O que ele está fazendo aqui?” Hellix questiona Witt acerca da presença de Jess.

“Ela estava comigo no laboratório e me ajudou quando apaguei na contenda. Jess estava-”

“Ele é apenas um bartender. Não tem permissão para acessar esse andar do castelo. Saia imediatamente.” A princesa ordena.

Jess não se sente incomodada com a atitude, na verdade, apenas encarava a situação com um olhar casual e com ambas as mãos nos bolsos de seu uniforme. Por outro lado, Witt suspirou para tentar manter a calma e não faltar com respeito com aquela que já tinha inúmeras desavenças. Hellenor gostaria de se pronunciar e defender Witt, porém, tinha em mente o juramento de que não falaria mais nenhuma palavra enquanto estivesse na presença do pai que tanto odiava.

“Hellix, por favor... Jess está aqui apenas para ajudar. Ela me deu informações valiosas do ataque enquanto eu estava me recuperando.” – Apelou usando uma voz mansa e calma; – “Além disso... Ela também era uma grande guerreira do nosso exército, chegando a competir pelo posto de Querubim com meu irmão. Lembra?”

“Pelo que me lembro, Jess era um elfo que sofreu traumas em combate durante a guerra e agora delira ser uma elfa feminina e indefesa.” – Diz com desdém. Jess cerra seu punho e uma leve fagulha acende na palma de suas mãos. Já esperando pelo pior, Witt segura a mão da amiga, assim a fazendo relaxar os músculos; – “Não me importo com o que ela já foi ou o que ela finge ser. No momento ela é uma aposentada e já recebeu todas as contribuições por seus feitos anteriores. Agora saia e não me faça repetir ordens, Witt. Saiba seus limites aqui dentro.”

“O guerreiro Jess pode ficar conosco.” – Keen balbuciou; – “Witt estava em repouso e não ficou sabendo da notícia... A identidade daquele terrorista foi revelada pela autópsia. Ele era, ninguém mais, ninguém menos que Rainn Sieg. O filho da cardeal falecida, Juvia Sieg.”

O fato de Rainn estar envolvido com a morte da própria mãe não fazia o menor sentido se analisada em conjunto com todas as informações que Witt tinha em sua investigação. O elfo não estava na mesma cidade que a mãe quando assassinada e nem ao menos possuía a bênção necessária para a eliminar à distância.

“Sim. Isso, na verdade, reduz muito todo o escopo amplo que eu tinha acerca do assassino de Juvia. Seu filho, Rainn, era só um peão ou estava sendo, de alguma forma, controlado. Isso também explica o motivo da chuva durante a provação, que é condizente com a bênção de Juvia. De todo modo, hoje houve o ataque de duas bênções. Chuva e som. Isso significa que não temos um assassino em série, mas sim, um grupo trabalhando junto e agindo em mais de uma cidade em simultâneo. Faria sentido, já que Crux é o nome de uma constelação e não uma única estrela.” – A dedução veio rapidamente; – “Sinto que estamos chegando em algum final, Keen. O que mais eu perdi?” Continuou, agora com seriedade.

“Bom saber que estamos na mesma página, Witt. Eu deixei informações escritas para você em seu laboratório. Peço que vá até lá e leia com atenção.” – Keen estava calmo e concentrado; – “Para todos os efeitos, Jess será útil para nossos próximos passos.” Jess olha para Witt com desânimo, já prevendo que teria que voltar a exercer seu cargo como guerreira.

“O que tem em mente, meu pai?” Hellix soltou.

“Seria interessante se ele servisse como guarda pessoal de Witt, enquanto a mesma investiga o caso de hoje em conjunto com as novas informações do caso. Precisamos de respostas, achar o verdadeiro culpado disso tudo e o eliminar o mais rápido possível. Enquanto isso, Querubim e eu vamos às ruas esclarecer todo o ocorrido e acalmar nossos convidados.” – O Rei se levantou e seguiu para o elevador. Querubim o seguiu em silêncio; – “Witt e Jess, fiquem a vontade em minha biblioteca pessoal. Precisando de qualquer coisa, solicitem Hellenor. Ela e Hellix ficarão no castelo até segunda ordem. Agora vamos. Sem tempo a perder.”

“Obrigada, Rei Keen.” Witt consentiu e esperou o soberano e seu irmão saírem do salão para se dirigir ao laboratório.

Antes de seguir seu líder, Lakan se aproximou de Hellenor que, ainda sentada, abaixou a cabeça. O homem sabia que o coração da dama palpitava temente o recente ataque, e, a admirando com sua altura elevada, ele gentilmente acariciou a palma de sua mão e beijou as costas da mesma.

“Não fique com medo. Vai ficar tudo bem. Pelo menos agora você entende o motivo de eu carregar uma espada desse tamanho.” – Ele abriu um sorriso tranquilo; – “Vai ser uma breve patrulha. Eu volto logo.” Trocaram olhares antes de Lakan brandir sua lâmina no final da sala e sair rumo ao corredor.

...

Pelas ruas, dezenas de elfos perambulavam pela noite. Muitos eram civis ainda feridos pelo ataque, guiados por guardas até suas acomodações ou refúgios. Alguns dos visitantes de Salos estavam protestando, em marcha rumo ao castelo Rowan. Eles berravam que Keen devia explicações acerca do responsável pelo ato que havia matado pelo menos meia dúzia de espectadores. Noites turbulentas como esta no país eram tão raras quanto cometas seculares.

A tropa dos protestantes indignados freou a poucos metros do monumento mais característico e trágico da capital. A sepultura de Seraphim. Feita majoritariamente de madeira, a estrutura triangular simulava um instrumento de tortura, onde o prisioneiro, suspenso no ar, tinha sua garganta completamente comprimida e membros imobilizados por diversas cordas metálicas ligadas as extremidades de madeira. Porém, no topo do aparato, um ser permanecia de cócoras, encarando todos aqueles que se aproximavam. Era o mesmo sujeito que havia derrotado Querubim na recente provação.

“Boa noite.” O ser de voz distorcida recitou.

O assassino em série vestia um longo manto branco, o qual, no topo, começava com um avantajado capuz e seguia até seus pés. A máscara similar a face de uma coruja parecia ser feita de um material sólido e resistente, contudo, sua pintura era reluzente e tinha aspecto leitoso. A anteface também não escondia o maxilar do usuário e exibia um liso queixo de pele bege em conjunto com lábios finos em um sorriso fechado.

Alguns dos elfos correram em busca de abrigo ao ver o terrorista. Outros investiram até os guardas mais próximos procurar por ajuda. Poucos foram aqueles que permaneceram na presença do elfo mascarado que continuou estático.

Em poucos instantes, aquele que era considerado por todos como o sepulcro da maior guerreira de Ártemis, estava rodeado por uma enorme plateia dividida entre guardas e civis temerosos. Gritos, ameaças e perguntas eram desferidos contra o suposto assassino, que nada respondeu. Sua atenção e postura mudaram somente quando Keen, ultrapassando a multidão enquanto, ao lado de Querubim, se pronunciou em voz alta:

“Boa noite, covarde imundo... A sua morte na contenda era um fato bom demais para ser verdade.” O Rei estava com a mão na base de sua espada, retirando-a poucos centímetros da bainha. Fumaça azulada escapava pelo interior do equipamento.

“Keen. Lakan. Saudações.” A voz distorcida ressoava, permanecendo em tom sereno. Querubim brandiu sua arma após o desrespeito do criminoso.

O fato do indivíduo misterioso continuar com a estranha capacidade de modular sua voz chamou a atenção de Lakan. Não havia qualquer luz solar disponível para a utilização de bênçãos, portanto aquela figura não poderia ser um elfo comum. Talvez, indo contra todas as chances, também havia a possibilidade dele ser um sacerdote ainda desconhecido, e era nessa teoria que Querubim acreditava.

“Seu nome é Crux, não é? Covarde... O que é você?!” O mais forte dos guerreiros disse com raiva estridente.

“Nós somos apenas uma mera referência para aqueles que estão perdidos.” – A resposta era calma; – *“Embora eu esteja ansioso para que me ataque com a lendária Redenção, também temos a responsabilidade de lhe alertar que o feito seria imprudente e causaria danos irreversíveis a todos nesta cidade.”* Um alto e agudo zumbido ressoou por todo o centro, causando uma leve dor à multidão mais próxima. Lakan aproveitou o momento para utilizar sua bênção e desligar quatro dos seus sentidos, focando apenas em sua visão.

“Chega de ameaças!” – Com força e velocidade, Keen arranca a lâmina da bainha. A espada obsidiana exalava energia em forma de vapor escuro. Lakan, assim como qualquer outro elfo presente naquele momento, jamais havia presenciado a verdadeira forma da arma principal de Keen; – *“Não preciso de luz ou de minha bênção para degolar um mero traidor. Apenas esta lâmina já é mais que suficiente!”* O Rei pronunciava com ódio e estava para mover sua arma.

“Espere, Keen!” – Lakan abriu seus braços e deixando Redenção cair, se colocando à frente do Rei; – *“Não sabemos os efeitos do que pode vir se o atacarmos agora!”* Pensando em Witt e Hellenor, seu objetivo era segurar a impulsividade do monarca.

O Rei encarou o sujeito mascarado, tentando alcançar seus olhos através dos fundos buracos do adereço quase teatral. A máscara branca parecia ser feita de um material similar a uma espécie de resina modificada e a luz da lua reluzia em sua superfície.

“Diga o que você quer, covarde. Porém, saiba que não estou aqui para negociar suas vontades.” A arma do Rei reluzia energia turbulenta e exótica, similar a negatividade de certos sacerdotes.

“Ah, essa é uma bela arma, Keen... Já contou a seus seguidores como a adquiriu?” – Aquilo provocou o monarca, porém, antes que o Rei pudesse responder a bravata, o mascarado continuou; – *“Não se dê ao trabalho... Ironicamente, tudo o que quero no momento é apenas ser ouvido por seu povo. Desta vez, usando minha voz e não uma rajada sonora de alta frequência.”*

Riu.

“Ser ouvido? Nosso querido convidado quer ser ouvido, senhoras e senhores... Ele acha que nossa cidade não possui ordens e regras. Que pode chegar e causar todo esse alarde e sair impune.” – Virado para o povo, Keen discursava; – “Aquele castelo, meu povo, não é apenas a minha residência. Aquele castelo é uma verdadeira catedral da justiça! E nosso país é o mais próximo de uma sociedade perfeita em Mayah! A única imperfeição está bem a nossa frente nesse exato momento!” Terminou com força. O povo gritou concordando em euforia energética.

Durante a demonstração de motivação daquele povo, uma flecha foi disparada por um guarda em direção ao homem. O Querubim pode ver com perfeição o trajeto do projétil e, se o mesmo apresentasse algum perigo a Keen, ele seria capaz de impedir o ataque. Porém, o ataque era alto demais e ia ao encontro do tórax do inimigo. Aos olhos do maior dos guerreiros, aquele ato poderia significar tudo ou nada. Poderia ser a tentativa desesperada de eliminar a maior ameaça do país, ou a fagulha que poderia acender um fulminante ataque ainda mais absurdo que o primeiro. Ele estava nervoso.

Cortando o vento rumo à Crux, a flecha estava a poucos centímetros de seu peito antes de, abruptamente, ficar paralisada em pleno ar. O alvo não moveu um músculo sequer. Todos se calaram sem entender como aquilo era possível.

“Não quer me ouvir, não é? Por isso fala mais alto. Grita, implorando por apoio popular.” – A flecha tremia, pausada em frente ao ser; – “Mesmo após a cidade inteira cair por causa de uma rajada sonora, vocês ainda preferem escutar quem fala mais alto, não é? Seguidores de Keen são exatamente como o mesmo...”

Ao olhar para o Rei, Lakan via uma expressão que havia desaparecido do semblante do monarca desde a última guerra. Olhar arregalado, lábios fortemente cerrados, suor. Pavor. Keen parecia não saber como reagir ao que poderia vir daquela ameaça.

“Suas palavras são falácias inconsequentes e vazias. Seus conceitos e valores, oblíquos. Você compara seus súditos a mais nobre das elites dentre todas as raças, quando, na verdade, os considera equiparáveis às mais banais moscas deste mundo.” – O tom modular da voz de Crux permanecia inexorável. A flecha caiu no chão; – “Elfos são assim... Vestem trajes luxuosos, usufruem de comidas e bebidas caras e se intitulam de senhores do mundo. Senhores de Mayah... Nem ao menos sabem o que foi Mayah. Aham que conhecem tudo sobre o mundo, mas nunca atravessaram a fronteira de Ártemis. Aham que conhecem tudo sobre o inimigo, mas nunca sequer falaram com um vampiro. E, para piorar, depositam todas as esperanças em um homem que mal conhecem... É realmente uma lástima.”

“Diga o que você quer?! Por que matar nossos cardeais?!” A antes corajosa e confiante voz de Keen agora balbuciava trêmula e irregular.

“Cardeais foram aqueles, nomeados por você, como os responsáveis por suas respectivas cidades. Dão ordens, criam políticas, e tudo mais. São como pais que cuidam de seus filhos. E vocês sabem muito bem que, se os pais não prestam atenção em suas crias e elas se machucam, a culpa é deles, correto?” – Ele movia a cabeça, direcionando seu olhar pela multidão e terminando no corpo já decomposto da falecida Seraphim; – *“O posto de liderança é um posto nobre e caro e a questão não é o que EU quero, Rei Keen. É o que, de fato, é justo ao mundo. Sabe... Existe uma filosofia que estudei baseada em antigas e extintas civilizações. ‘Os filhos pagam pelos pecados dos pais, uma vez que são ego dos mesmos.’ É uma premissa simples, não?”*

“Sim. Muito simples. E o que você quer dizer com isso?!” Pela velocidade de fala e impaciência de Keen, ele parecia nem ter ouvido o dito pelo terrorista.

“Quero dizer que, até amanhã, metade de todas as crianças presentes em Salos irá morrer por colapso nervoso. Se Keen estiver vivo até amanhã, todos irão pagar juntamente ao nascer do sol.” A voz de Crux permaneceu como sua original. Uma voz batida e abalada, seca e grossa. Todos os civis se descontrolaram com o anúncio e mais flechas foram disparadas, sendo inutilizadas em pleno ar.

Um verdadeiro tumulto havia começado. Lakan saiu de perto de seu Rei para tentar acalmar a população e se localizar quanto ao ocorrido. Keen estava estático. Berros de elfos e elfas repercutiam por todo o centro e chamavam ainda mais a atenção daqueles que ainda não estavam no local.

“Silêncio. Eu ainda não acabei.” – Com o levantar do dedo indicador, todos os gritos e falas dos civis foram completamente silenciados. Deixando o lugar em silêncio absoluto, o inimigo da cidade continuava; – *“O único modo de salvar suas crianças é matando Keen. Caso consigam eliminar Keen antes da lua cruzar o castelo Rowan pelo céu, eu não usarei minha bênção, e os filhos não terão de pagar pelos pecados dos pais essa noite.”* Termina.

Abismados, o povo encarava o maníaco e o Rei. Era nítido o que muitos estavam pensando, afinal de contas, a vida de inúmeros inocentes parecia ter entrado em jogo em questão de segundos.

“Este é o preço por abaixarem a cabeça a um representante que em nada os representa... para todos os efeitos, vocês possuem até o dia de amanhã.” O som retornou à praça. Gritos começaram.

Capítulo 32 - Silêncio

Ano 280 - Noite 25 ▪ Salos, Castelo Rowan

“Arranquem a cabeça de Keen!” O grito foi de uma elfa em prantos.

O conflito havia começado. Diversos civis partiram para cima do Rei, enquanto outros estavam mais preocupados em sair da cidade o mais rápido possível. Keen estava longe de Querubim e seus guardas, portanto teve de lidar sozinho com a multidão enfurecida.

Se aquele cenário ocorresse durante o dia, dezenas de elfos teriam usado suas bênçãos contra Keen e, provavelmente, teriam o derrubado com relativa facilidade. Porém, sem a luz do sol, pedras e destroços foram as armas utilizadas pelo povo para tentar ferir o monarca. Vendo seu próprio povo ir contra sua maior autoridade, Keen se defendia nervoso dos ataques simplórios, até o momento em que sua paciência acabou.

Junto da maioria dos guardas, Querubim estava tentando acalmar os muitos elfos agitados. Laerdra também se encontrava na mesma posição, contudo estava mais próxima de Keen e pôde presenciar o ato hediondo do rei. Ele sacou sua arma contra todos os civis que o ameaçavam. A lâmina obsidiana exalava chamas negras, assim como a armadura do monarca. Ele gritou enfurecido. Com um corte horizontal, as chamas foram lançadas a todos em seu perímetro. Aquele fogo era dissipado com força e dançou pelo ar antes de atingir seus alvos. Ele corroeu as armaduras dos guardas, a pele de civis inocentes, além de desintegrar as estruturas das lojas mais próximas. Os alvos tiveram até mesmo seus ossos reduzidos a pó. Encarando atônitos, Lakan e Laerdra não sabiam se deveriam proteger ou impedir seu líder.

“Criminosos! Como ousam atacar seu rei?!” - Se virando bruscamente, ao exclamar isso, o mesmo levanta sua espada. Subitamente, o fogo, que ainda queimava estruturas e civis mortos, retorna para a lâmina, como se fosse atraído por alguma força sobrenatural; -

“Não sejam tolos! O inimigo está mentindo para nos confundir! Confiem em minha força! Mataremos Crux em menos de uma hora!” O povo continuou no mesmo estado, perdidos em murmúrios, reclamações e investidas. Lakan nunca havia visto Keen tão transtornado desde a Guerra Final.

...

A Cúpula, Castelo Rowan

“O que é aquilo...?” Deixou escapar. Espantada, encarando todo cenário do topo do castelo, Hellenor testemunhava o fogo negro da lâmina de Keen que queimava seus próprios súditos.

A princesa era a única que havia permanecido na cúpula de reuniões. Encostada contra o apoio da varanda que dava em frente à praça principal, tensa, Hellenor assistia seu pai incinerar covardemente seu povo. Naquele momento, ela não soube o que pensar, exatamente por estar longe e não entender o motivo de tamanho alarde após o desaparecimento de Crux. Tudo era muito confuso para a jovem, contudo, mesmo envolta em ignorância quanto ao visto, tomou a posição contra seu pai.

“Aquilo, minha jovem, é o Luto.” Ikarus recitou, como se a pergunta tivesse sido dirigida a ele. Hellenor deu um pulo e seus olhos normalmente estreitos se arregalaram. Ikarus percebeu e com animação jovial continuou; - “Peço desculpas! Não queria assustar você.” Ele ri.

“Há quanto tempo está aqui...?” Ela se acalmou e foram necessários alguns instantes até o sacerdote retomar a compostura astuta.

“Eu achei que você já sabia mas, sempre que um elfo morre eu sinto. É como um calafrio gélido que percorre pela espinha. E isso não é algo tão incomum de acontecer. Porém, quando um elfo morre devido a exposição de energia negativa, aí sim temos um caso incomum.” - Ikarus explica; - “Pode ficar tranquila. É como em todas as vezes que os Espectros surgiram. Eu sempre vou chegar para salvar vocês. Afinal, essa é minha sina. Porém, não devo interferir na decisão de um rei com relação a seu povo. Resta apenas assistir.” Ele mantém o bom humor.

“Então aquela energia escura na espada de meu pai era...”

“O Luto. A essência de uma sacerdotisa chamada Fidelitas. É basicamente energia negativa condensada e reprimida. Quanto maior a dor da perda de alguém que você ama, mais poderosas e destrutivas são as chamas geradas.”

“Combina perfeitamente com ele...” Uma mecha do cabelo escuro cai sobre um de seus olhos. Ela os ajeita levemente com os finos dedos.

Afastando-se da janela, evitando assistir mais sofrimento desnecessário, a calma mulher refletia quanto ao presenciado. Priorizando o conforto acima da elegância, ela retira seus saltos. Andando até o enorme balcão, onde os vinhos ficavam alocados, a filha de Keen teve poucos minutos para relembrar suas mais antigas memórias e provar mais uma vez para si que seu pai não era digno de sua graça.

“Aceita uma bebida, sacerdote?”

“Tão quieta, mas sempre direta ao ponto! Seu jeitinho me diverte, princesa. Quanto à bebida, eu passo. Obrigado.” – Ikarus se senta na mesma cadeira em que Keen havia sentado minutos atrás; – *“E sobre seu pai e o Luto... deve ter muitas perguntas em sua mente, não é Hellenor?”*

O sábio foi preciso. Aquela era uma arma de poder imensurável a qual Keen nunca havia brandido contra qualquer inimigo. Nem mesmo durante a guerra ele havia demonstrado possuir tamanho poder. A filha silenciosa também tinha ciência de que o poder dos sacerdotes deveria possuir um preço. Tudo estava nublado naquele instante.

“Sim. Eu tenho muitas perguntas.” Usando um saca-rolhas, ela abre uma garrafa de vinho tinto e derrama sem cuidado em uma funda taça de vidro. Colocando o dedo do meio e o anelar na base da taça, ela faz movimentos circulares para oxigenar a bebida. Para finalizar, fechando os olhos, ela aproxima do nariz, sentindo o aroma e terminando com um gole. Ela odiava vinho e bebidas muito doces.

“Eu sei de sua história. Seu passado. Seus traumas. Um breve relance é suficiente para ler você inteira.” – Com calmos olhos azuis como o céu, Ikarus se aproximava. Hellenor desvia o olhar para baixo; – *“Embora seu longo cabelo e seus sérios olhos sejam o tom mais escuro de preto que já vi, sua alma é branca e pura como a neve. Sabe... Nem sempre a pureza é sinônimo de bondade. Mas, vejo que você é uma boa menina e por isso quero ajudá-la. Então me diga... O que você deseja?”* Termina em tom sugestivo. Ainda calada, Hellenor fecha seus olhos e solta o peso de seus ombros.

...

Ano 166 ▪ Salos, Castelo Rowan

Já fazia mais de uma década desde o final da Guerra de Tormenta, onde as forças vampíricas haviam sido abaladas pelas tropas élficas. Ártemis havia prosperado com o período de paz e com as primeiras invenções de Witt que seguia os passos de seu pai desaparecido. As princesas gêmeas de Salos tinham 16 anos quando a Rainha Hellida foi atingida por uma doença e já não conseguia mais sair de sua cama.

Naquela tarde, houve um breve evento de gala comemorativo no salão de festas do castelo Rowan. O evento contava com diversos convidados importantes, dentre eles os cardeais de cada cidade, além de famílias importantes como os Fogel. A festa era em homenagem aos novos acordos comerciais de Flama por todo país. As estimativas eram de implementar as pedras energizadas como principal forma de iluminação em todas as cidades e também como reservas para futuras fontes de energia em experimentos.

Trajadas de longos vestidos brancos com entornos dourados, Hellenor e Hellix cumprimentavam os convidados na entrada do salão, enquanto seu pai cuidava de negócios com os principais cardeais e comerciantes em uma das muitas mesas do amplo espaço. Atrasado e com um não tão refinado traje festivo surrado, Lakan mancava ajeitando um de seus sapatos desamarrados. Sua pele estava oleosa, denunciando que havia recém se retirado do quartel. Sua pressa quase o fazia tropeçar a cada passo acelerado. Enquanto Hellix via a cena com uma expressão que ia de nojo à pena, Hellenor segurava sua risada. O jovem evitava contato visual com ambas enquanto esperava sua vez de entrar no castelo diante da fila de meia-dúzia de convidados.

“Todo suado desse jeito. Provavelmente deve ter feito o teste para entrar nas tropas de Laerdra e veio direto pra cá. O que você acha dele? O irmão da tal prodígio.” - Hellix cochichou; - *“Falando nisso, ela não deveria estar por aqui também?”* Olhou em volta e dentro do salão sem a encontrar.

“Eu gosto como ele se esforça. Ele não se contenta com o básico e parece que sempre espera pelo pior. Sempre preparado. É bonitinho, não acha?” Hellenor diz, percebendo que o garoto já apresentava seus primeiros músculos.

“Não acho não... pelo que vi, ele empunha uma espada que é bem maior que ele. Acho muito exagerado. Parece querer chamar atenção, sabe?” - Hellix ri antecipadamente; - *“Ou talvez esteja tentando compensar o tamanho de outra coisa...”* Ela solta um olhar malicioso para irmã. Hellenor desfere um tapinha em seu braço.

Todos já estavam presentes e acomodados no evento. Comida e bebida estavam sendo servidas e na mesa dos Fogel apenas Lakan estava sentado, degustando um conjunto de farofa de mandioca com legumes gratinados. A comida era tanta em seu prato que fazia um ligeiro montinho. Hellenor se aproximou encarando o prato.

“Saudações, princesa.” - Disse de boca cheia. Antes de continuar, terminou de mastigar e engoliu; - *“Tudo em ordem? Em que posso lhe servir?”*

“Olá, Lakan. Vejo que o treinamento de hoje o deixou faminto. Espero que coma o quanto quiser.” - Ela ri da cena; - *“Sua irmã e sua mãe já estão à caminho?”*

“Ahh, eu não sei não... a mamãe em breve deve estar aqui. Agora, a Witt disse que viria, mas ela parecia super ocupada com um daqueles projetos dela. Não dá pra entender.” Ele dá uma garfada.

“Entendi. Posso me sentar aqui enquanto isso?”

“Opa, mas é claro!”

“Eu estava curiosa. Esses dias eu e minha irmã vimos seu treinamento no quartel com os outros cadetes. Por que você usa uma espada maior que você?”

“Ah, é isso... bom eu poderia dizer que é porque sempre treinei com armas maiores e mais pesadas desde criança, mas... acredito que seja por medo do que pode estar lá fora.” Ele coça o queixo liso.

“Lá fora? Como assim?”

“Bem, você é uma princesa... deve conhecer as histórias de guerra do antigo Rei, Angus. Ele era um grande amigo do meu pai, então também tenho alguns registros... o primeiro Querubim.” -
Falando pausadamente, ele olha para as palmas calejadas de suas mãos enquanto continua solenemente; - “Aquele elfo era praticamente invencível e relatou não ser forte o suficiente para garantir uma vitória contra Tormenta, a Rainha dos vampiros. Meu pai descreveu sua vitória como sendo ‘um golpe de sorte ou milagre’. Você consegue imaginar a força desses monstros, Hellenor? O que os impede de simplesmente vir aqui e roubar a nossa paz?” A conversa havia mudado de tom subitamente. A elfa toca as mãos do jovem.

“Para que se preocupar com essas coisas? Já fazem mais de dez anos e meu pai agora é o Rei. Ele é tão forte quanto Angus, por isso, se algo acontecer, você não deve se preocupar.” - Ela faz um leve carinho na mão do soldado; - “Eu gosto do jeito com que se preocupa com sua mãe e com todos aqui. Parece que você tem nossa cidade em uma pequena caixinha de madeira e cuida dela com muito amor e esmero. De verdade, isso é muito admirável, Lakan.” Eles se encaram. Ele desvia o olhar e inutilmente tenta esconder seus lábios trêmulos.

“Você contou pra sua irmã do nosso beijo?”

“Shh! Ela pode ouvir...”

“Ah, perdão, perdão! Espera... o que é aquilo ali?!”

Uma silhueta surgiu em uma das janelas mais altas do salão. Alguém parecia ter escalado o castelo. Apoiada em uma lacuna abaixo da elevada estrutura, Witt sorria animada. Em seu colo, a adolescente carregava consigo um objeto envolto em um cobertor branco.

“É a sua irmã...?” Hellenor olhava curiosa.

“Por Ishtar... o que ela pretende fazer agora?!” Lakan depositou a mão sobre a cabeça.

“Senhoras e senhores!!” – Com um alto anúncio triunfante, Witt proclama sua entrada surpreendendo a todos naquele salão; – “Hoje trago a vocês a solução que todos estavam aguardando há séculos! Uma invenção que irá mudar as vidas de nossas cidades e ao mesmo tempo nossas principais linhas de defesa! Eu lhes apresento... a placa condutora!” Ela retira o fino cobertor pálido, revelando uma pedra flama apagada conectada por diversos fios a uma placa metálica cinzenta.

“O que significa isso, senhorita Witt?” Keen se levantou e afastou-se da mesa onde estava com cardeais e negociantes. Guardas apontaram armas para a jovem cientista. O Rei apenas levantou a mão, indicando para que não atacassem.

“Eu consegui, Keen. Esse metal é apelidado de Córdium. Encontrei registros dele nos manuscritos de meu pai e o estudei com algumas poucas amostras que temos... ele é capaz de conduzir nossa positividade com eficácia.” – Witt toca na placa de metal que vibra rapidamente e acende a pedra de Flama conectada pelos fios; – “Não foi difícil fazer filamentos condutores. Levaram apenas algumas madrugadas.” Ela ri. Mesmo com maquiagem, algumas olheiras eram aparentes.

“Você não mentiu quando disse que honraria o legado de seu pai. Estou impressionado.” – O Rei bate duas palmas; – “Posso perguntar quais são suas intenções com esse protótipo?”

“Uma das minhas ideias é proteger nossa cidade de todos os Espectros e os extinguir de uma vez por todas!” – Witt disse confiante; – “Sabemos que eles morrem com a luz do sol e que são feitos de uma matéria escura e quase sempre intangível. Se partirmos desse pressuposto, há uma grande possibilidade deles serem como vampiros e sofrerem danos de fogo e luz solar. A partir dessa invenção, poderemos estar um passo adiante da extinção desses monstros!”

Todos naquela sala ficaram mudos por alguns instantes. Inaugurando o primeiro som, Keen começou uma salva de palmas. Todos seguiram o exemplo e louvaram a garota com brindes e elogios.

“E se essa possibilidade não eliminar os Espectros? O que sobra dessa invenção?” Keen pergunta já esperando uma resposta completa e bem articulada.

“O propósito do Córdium não é bélico. Ele pode vir a ser usado como arma, mas sua principal função é conectar nós, elfos, a novas invenções. Conectar nós, ao nosso futuro.” – Pressionando

ainda mais seus dedos contra a placa, a intensidade da luz provinda da Flama aumentou consideravelmente; - *“É o início de uma nova era em Mayah e nós iremos protagonizar esse arco!”* Com a alta intensidade, a pedra se racha e a luz começa a falhar. Witt sorri sem saber o que dizer.

“Precisa de reparos?”

“Mais dois dias e fica perfeito. Eu dou minha palavra! Mas, por enquanto, pode só me ajudar a descer?” Solicita em tom manso.

Precisaram de uma grande escada para retirar a garota do alto, mas isso não mudou o fato dela ser agraciada pelos convidados.

“Vamos aproveitar para sair?” - Hellenor levanta e pega a mão de Lakan; - *“Quero lhe mostrar uma coisa.”* Ela o guia. Tomado pela curiosidade e animação, o jovem a segue.

A única pessoa que parecia não ter sido levada pela emoção da declaração de Witt foi Hellix, que bebia um suco de extrato de Baladum, enquanto observava ao longe sua irmã e Lakan saindo pela porta dos fundos. O casal se dirigia ao jardim central do palácio.

O céu crepuscular do anoitecer reluzia nos olhos escuros da dama que puxava Lakan pela passarela ao redor do colorido jardim. Regado pela vasta diversidade de espécies de flores, mesmo aberto e arejado, o local colorido possuía o aroma único da mistura das mesmas.

Animados e aproveitando cada segundo juntos, o casal teve sua diversão isolada dos demais convidados do evento. Andando pelo jardim, saindo pelos arredores das muitas torres da fortaleza, eles conversavam livremente e sobre tudo. O tempo, assim como o assunto, parecia nunca cessar. O momento infinito durou até a aproximação da lua e de nuvens cinzentas.

“Queria poder andar com você pela cidade. Acha que algum dia vamos poder fazer isso em público?” O rapaz pergunta segurando a palma da mão estendida de Hellenor.

“Acho que sim. Os negócios de meu pai têm melhorado e a saúde de minha mãe, embora ainda não apresente sinais de recuperação, também parece não ter piorado.” - Ela reflete encarando o chão; - *“Só o tempo dirá.”* Dá uma rápida levantada nos ombros.

“Vamos continuar torcendo pela melhora da rainha Hellida. Ela foi abençoada com uma grandiosa bênção da deusa Ishtar. Não tenho dúvidas que em breve estará melhor.” - Em meio ao

início da chuva, Lakan sorri otimista como um raio de luz; - *“Agora tenho que ir buscar a doida da Witt antes que caia o pé d’água. Até mais, minha princesa.”* Ele beija as costas da mão da dama que já estavam úmidas graças aos primeiros pingos da garoa. Relutante em deixá-la, ele sai e olhando para suas costas dá uma última conferida em sua companheira. Se esforçando para não quebrar a compostura e cair em euforia, ela apenas o acompanha com os olhos, mantendo o tão prezado semblante real.

A chuva caía sem parar e quanto mais a noite tardava, mais fortes eram os trovões e relâmpagos. Por outro lado, nenhuma chuva poderia abalar a felicidade de Keen naquele fatídico dia. Com a despedida de todos os convidados, o Rei e as gêmeas adentraram o salão superior onde viviam, todos sorrindo. Hellenor, tomada pela emoção após o encontro com Lakan, correu na frente, subindo as escadas direto ao quarto de hóspedes, onde sua mãe debilitada estava descansando devido à sua condição.

Em apenas um segundo a mais pura e genuína feição de alegria e pureza fora transformada em uma paralisia facial e boquiaberta. O protegido quarto da rainha contemplava sua entrada com uma dúzia de guardas caídos. Nenhum ferido, todos desacordados. Em dúvida quanto ao que fazer, Hellenor dava um passo adiante e no mesmo momento retrocedia em hesitação. Sua mão direita tremia e seus dentes rangiam. A respiração ofegante começou. Ela disparou sem pensar.

Abrindo o quarto, a porta que deveria estar trancada estava apenas encostada. A janela quebrada, alguns móveis de madeira caídos e o cobertor esparramado pelo chão indicavam que algo fulminante havia passado pelo cômodo.

A rainha estava sentada na cama, com as costas contra a cabeceira. O que antes eram manchas negras causadas pela doença, agora cobriam completamente a pele da monarca. Seus olhos eram insanamente tristes e sem vida. Hellenor entrou no quarto em prantos ofegantes.

A filha clamava pelo nome de sua mãe. Ela investiu e a abraçou, sem medo da propagação da suposta peste. As lágrimas caíam quase tão apressadas quanto a tempestade descontrolada. O vento frio subia as coxas da princesa desesperada, mas ela não sentiu.

Hellida agarrou sua prole, a surpreendendo ao ponto de deixar escapar um grito. O primeiro pensamento de Hellenor foi em salvar sua mãe e a levar para outro lugar, supondo inconscientemente que isso pudesse fazer algum bem. Porém, qualquer pensamento foi jogado fora no momento em que sua mãe sussurrou suas últimas palavras. Após isso, Hellenor ficou muda. A garota sentiu seu peito queimar e aflorar. Seus pulmões ardiam a cada respiração e seus olhos já não enxergavam mais nada de seus arredores. Sua bênção havia sido despertada. ‘Vero’. Uma voz feminina e calma

ressoou tal palavra em sua mente e naquele momento ela soube que um potencial novo havia aberto novas possibilidades para suas ações. Como se tivesse novos braços e pudesse fazer novas coisas com seu corpo. Mesmo em um momento de tamanho medo e estresse, Hellenor sentiu-se calma como após uma ótima noite de sono.

Não levaram muitos minutos até Keen e sua guarda chegarem ao local e encontrarem Hellenor paralisada em frente à Rainha sem vida. Após aquele dia, a princesa nunca mais falou com o rei ou sequer o encarou da mesma forma.

Anos passaram e Hellenor continuou com seu voto de silêncio. Durante esse tempo, ela revelou sua bênção à irmã que mais tarde contou a Keen e assim eles descobriram que seu dom era capaz de fazer outros elfos rejuvenescerem consideravelmente com seu beijo. Ela era capaz de transformar o mais velho dos elfos em uma criança se assim desejasse. Tudo que era necessário para isso acontecer era um beijo longo o suficiente. Perante a tamanha habilidade, o rei propôs um acordo que deveria se manter em segredo do restante da sociedade. Se Hellenor utilizasse sua bênção nos membros da família real e seus respectivos aliados políticos, ele aceitaria que sua filha se casasse com quem bem entendesse com todas as honrarias possíveis. Hellenor aceitou o trato e seguiu com sua parte.

Suas tarefas e responsabilidades como princesa cresciam na mesma medida que seu corpo e o de sua irmã se desenvolviam. Sempre com pouco apetite e saindo o mínimo possível de seus domínios, Hellenor permaneceu magra e com traços finos e pálidos. Já Hellix era uma mulher com curvas e que não economizava em ornamentos e maquiagem.

A filha silenciosa sabia que a morte da Rainha havia criado feridas profundas em todos que a amavam e que consequências haviam sido geradas a partir disso. Ela via claramente que Keen e Hellix eram carcaças contaminadas pelo luto e sem resistência à uma provável loucura iminente. Ambos pareciam tentar suprir a falta da Rainha na família e não foram poucas às vezes em que Hellenor presenciou seu pai fazendo amor com Hellix, enquanto vestia as roupas de sua falecida mãe.

Carregar o peso do fardo de uma família destruída era imenso para Hellenor, porém, ela sabia que deveria permanecer firme para assim cumprir com seu papel de princesa de Ártemis e principalmente honrando o último desejo de sua mãe.

...

Ano 280 - Noite 25 ▪ Salos, Castelo Rowan

“Nada.” – Hellenor respondeu calmamente sem piscar; – “*Não há nada que você possa me oferecer, Ikarus.*” A funda taça de vinho já estava seca pela velocidade dos goles que a elfa havia dado, porém ela ainda não sentia nenhum sinal do efeito da bebida.

O sacerdote continuou sentado e com as mãos juntas, brincando de sobrepor seus polegares.

“*Você tem perguntas. Você deseja respostas. Mas não deseja que eu as responda.*” – Falando pausadamente, ele recapitulava; – “*Intrigante. Respeito sua decisão. Mas poderia me dizer o motivo?*”

“*Eu só sinto que, mesmo querendo saber mais sobre tudo isso, acho que não vale a pena. Meu pai não vale a pena.*” Com olhos recaídos, ela olha para o sacerdote e se retira do grande salão. Ikarus a acompanha com os olhos até reter sua atenção novamente a janela.

Apoiando seu cotovelo na mesa, o sacerdote segurava seu queixo ao observar seriamente o incidente nos arredores do castelo.

“*É, Keen... sua filha é tão teimosa quanto você. Vamos ver aonde isso vai dar.*” Ele suspira e gradualmente retira todos os raios de luz de seu corpo, ficando assim, cada vez menos visível.

Iluminada pelas flamas do amplo e decorado corredor que conectava as torres do castelo, Hellenor sabia que Witt, Jess e sua irmã, Hellix, estariam pelas proximidades. Provavelmente na grande biblioteca pessoal de Keen que era alguns andares abaixo. Porém, em passos tortos e inconstantes, a elfa preferiu seguir a seu quarto ao mudar de torre e descer a vasta escadaria sem pegar o elevador. Não foram poucos os momentos em que a embriagada princesa pensou que iria cair pela escada.

“*O que eu to fazendo aqui? Em uma crise como essa eu bebo e desrespeito um sacerdote? Que exemplo de princesa...*” – Ela apoia a palma da mão na parede antes de continuar a descer a escadaria para o andar seguinte; – “*Uma guerra civil pode começar a qualquer momento e todos estão preocupados e fazendo coisas, exceto eu. Eu só queria poder ajudar de alguma forma, mas, se eu for lá nesse estado, acredito que só irei atrapalhar as meninas. Maldição. Como é ruim ser fraca. Uma benção capaz de apenas rejuvenescer os outros é completamente inútil para momentos como esse. Uma vida toda beijando velhos e velhas só por benefícios de merda... eu só queria sumir.*” Soluços e lágrimas seguem e a acompanham pelo caminho deserto.

Chegando no andar de seus aposentos, nenhum guarda estava a vista. Mesmo distante da realidade, a elfa estranhou, tendo em vista que esse era um dos andares que geralmente eram mais rondados pela guarda real de Keen.

“Devem estar todos lá embaixo protegendo a cabeça daquele Rei de merda.” – Ela andava para seu quarto, se apoiando pelas paredes; – “Merda, tudo aqui é merda. Quero pegar o Lakan e sair desse país. Ir pra outro continente e começar do zero. Nós nunca iríamos envelhecer e viveríamos felizes para sempre. Sim. Isso seria perfeito.” Ela abriu a porta do quarto.

A janela estava aberta e a única iluminação era a forte luz da lua cheia. As cortinas balançavam e a brisa era refrescante. Hellenor cambaleou, derrubou alguns livros de sua escrivaninha e se apoiou em uma das cadeiras do local. Ela riu, e se jogou na cama. Limpou as lágrimas com as costas das mãos. Se cobriu até os ombros, deixando a cabeça para fora e olhando o reflexo da luz da lua rebatendo no chão do quarto.

“Será que eu seria suficiente para ele?” Ela sussurrou.

“Talvez. Mas isso nós nunca saberemos.” – Uma voz veio da janela e uma silhueta surgiu cobrindo a luz da lua. Confusa, Hellenor virou-se; – “Boa noite, minha irmã. Seu silêncio sempre foi admirável e agora ele será eterno.”

Antes de se virar completamente para ver quem estava ali, a elfa sentiu uma fisgada em seu abdômen. Próxima a seu fígado. Aquilo não doía, mas a aflição começou quando sentiu seu sangue quente manchar as cobertas. A dama arregalou os olhos negros e gritou com toda força que tinha. Gritos e mais gritos que se interrompiam com o balançar violento das cobertas brancas e manchadas. Ela caiu da cama para o chão do quarto. Estava sozinha. Levantando bruscamente, ela chorava e tateava a mesa e seus livros. Derrubou as cadeiras e sentiu que o corte aumentava quanto mais se mexia. Era profundo. Extremamente profundo. Algo parecia escapar por sua barriga e ela tentava segurar antes de cair por completo. Seus grunhidos se reduziram a sussurros de negação. O silêncio a tomou. Ela abraçou o conteúdo viscoso que escapava antes de perder sua consciência em meio a lágrimas e sangue. Uma pena branca residia em frente a seu rosto.

Capítulo 33 - Acólitos

Ano 280 - Noite 25 ▪ Salos, Castelo Rowan, Torre 3 - Biblioteca Interna

“Ele é cego!” - Gritou Witt, como se a descoberta fosse aquilo que procurou por toda a vida; - “Essa é a única possibilidade!” Se movendo com velocidade e entusiasmo, ela diz, de olhos arregalados, olhando para Jess, a qual estava surpresa com a descoberta.

A dupla estava cercada por pilhas grossas de documentos organizados pela longa mesa de madeira refinada. A biblioteca pessoal do rei era segmentada por diversas prateleiras de manuscritos separados por categorias. Jess lia alguns dos registros que Keen havia deixado no laboratório do castelo e tentava assimilar com todos os diários de Witt acerca dos assassinatos. Hellix perambulava em círculos, impaciente pelo corredor.

“Cego...? Por que tal dedução?” A taberneira verificava, tentando pescar a linha de raciocínio da cientista em meio ao oceano de informações.

“Esse cara não é um simples assassino louco. Crux... ele parece querer passar uma mensagem. Algo quase teatral. Simbolismo. Essa é uma característica fatídica encontrada em escritores e artistas.” - Witt move alguns dos livros e abre um fichário com diversas informações sobre as aves do país. Ela foca na coruja branca das montanhas; - “Mas não apenas isso! Simbolismo com sentido é poesia. Contudo, eu não vejo Crux como um poeta... eu o vejo tomando ações que vão além do mero sentimento. Fazer um filho matar a própria mãe e depois cometer suicídio em público. São ações com propósitos. Ações que remetem ao oculto. Talvez até ao vampírico. Crux não é um simples elfo...” Encarando o nada, pensativa, ela diminuiu o tom de voz até ficar imersa novamente em suas ideias.

“Então, segundo a sua tese, ele é um poeta ou algum ritualista?” Jess encarava os olhos fundos do desenho da coruja branca.

“Ou os dois...” - Witt mira seus olhos cor de mel rumo aos da ruiva; - “A coruja branca das montanhas habita em uma região isolada de Ártemis e é uma espécie diferenciada entre as corujas comuns. Muitas nascem na escuridão, em cavernas e lá permanecem a vida toda, assim nunca precisaram utilizar de sua visão. Utilizam o som para se localizar. Assim como nosso alvo também deve fazer utilizando sua bênção.” Ela anotava detalhes em sua agenda.

“Faria sentido.” - Jess fez uma pausa. Aproveitando o momento, ela encarava toda a atenção e disciplina de Witt. Sorriu inconsciente; - “Você é demais.”

“Disse alguma coisa?” Como se tivesse acordado de um breve transe, a prodígio volta a atenção à amiga.

“Eu quis dizer... como ele usou a bênção durante a noite?” - Disfarçou; - “Digo... lembro de ter falado com Laedra após o ataque, e ela me informou de que grandes nuvens chuvosas bloquearam a luz do sol, assim enfraquecendo sua bênção ao ponto de torná-la inutilizável. Se ele fosse um elfo, ele também não iria se debilitar com o ambiente?”

“Um elfo comum nunca seria capaz de utilizar uma bênção tão potente naquelas condições. Eu não acredito que ele seja um sacerdote, mas é possível que eles tenham sim algum envolvimento. Embora não seja normal eles agirem dessa maneira.” - Em um estalo, Witt levanta o dedo indicador; - “Meu irmão pode ter visto algo! Ele provavelmente ainda não voltou, mas deve ter contado algo para Hellenor. Algum detalhe, qualquer coisa. Devemos solicitar que ela venha para cá.” Ela olha em volta, procurando por guardas ou qualquer um que pudesse ir para lá. A biblioteca estava vazia e o único som que ecoava pelas vastas prateleiras era o andar ininterrupto e impaciente de Hellix.

“Bom, seria ótimo se a Hellix pudesse ir lá e chamar Hellenor, não acha?” Jess disse em tom alto suficiente para que a princesa escutasse. Não parecia uma má ideia ficar sozinha com Witt durante aquela noite fria.

“Ha! Era só o que faltava!” - A loira parou de andar e bateu o pé; - “Virei pombo correio das duas elfas mais desprezíveis que conheço!” Ela riu e virou de costas.

Empurrando a cadeira de madeira contra o piso e fazendo um som estridente, Witt levantou com um suspiro. Naquele momento, Hellix virou o rosto para a cientista. Ela tirou seus óculos, os colocou na mesa, massageou a área entre os olhos e respirou fundo.

“Hellix, eu não sei o motivo de nos odiar tanto, mas se não fizer nada é bem capaz desse assassino voltar e matar mais pessoas.” - Ela falava pausadamente com a voz relaxada; - “Semana passada foi uma cardeal. Ontem foi um ataque à contenda. Amanhã pode ser o castelo? Ou poderia ser até mesmo hoje. Seja como for, precisamos que também nos ajude.” Witt não desviou o olhar do rosto da princesa.

Ainda de braços cruzados, a gêmea de Hellenor analisava Witt por todos os ângulos. Os cabelos bagunçados, seu suspensório casual sujo, olheiras aparentes. A intelectual nunca esteve em um estado tão deplorável aos olhos da princesa. Ela sorriu.

“É, agora consigo ver que está se esforçando. Se tivesse toda essa energia desde o começo provavelmente não estaríamos nessa situação.” - Desviou o olhar e seguiu para a saída; - *“Vou chamar a tristonha. Não saiam daqui!”* Os passos ecoaram pela saída.

...

Salos, Praça principal

Ao redor da multidão desgovernada, os cavalos grunhiam de pernas levantadas. Lakan coordenava Nilo, seu cavalo cinzento e Laerdra fazia o mesmo em sua montaria. Evitando qualquer ofensiva que pudesse ferir seus inimigos, a tropa real circulava Keen, o escoltando até os entornos do castelo. Por lá, desesperados, dezenas de elfos civis de todas as idades investiam com a intenção de ferir o rei a qualquer custo. Eles estavam armados com tudo o que puderam encontrar pelas ruas e muitos já estavam no chão desacordados ou mortos. Os lamentos e protestos eram ouvidos por toda a cidade e indicavam o epicentro do conflito, assim atraindo mais vítimas para a espiral de violência.

“Calma, garoto! Calma, Nilo!” Lakan tentava acalmar seu corcel, enquanto defendia o Rei de pedras e paus a ele lançados. Ele brandia a enorme espada de um lado para o outro, defendendo a maioria dos projéteis.

Praticamente todos os guardas do castelo estavam pelas redondezas, sob as ordens de Laerdra. Distribuídos de maneira irregular eles estavam apaziguando a multidão e fazendo rondas pelo lugar para garantir a diminuição da tensão. Alguns estavam também responsáveis por desaparecer com os destroços e restos putrefatos dos cadáveres feitos pelas chamas negras de Keen. A calamidade lembrava um formigueiro em frenesi.

“Vamos até a masmorra norte.” - Subindo em um dos equinos que tomou de seus guardas, Keen declarou; - *“Vamos tirar tudo o que pudermos de Salazar.”* Bateu com força as cordas contra o animal, fazendo vibrar por todo o cabresto. Ele relinchou e trotou em alta velocidade.

Deixando o povo para trás e seguindo pelas ruas de pedra, o trio cavalgava em sintonia. Suado e ainda se recuperando da exaustão do evento daquela tarde, Lakan sentia a fadiga e guiava Nilo para ir mais devagar. As pontadas que sentia debaixo das costelas fizeram o guerreiro ceder e discretamente colocar a mão no ferimento interno. Ainda assim, ele seguiu com firmeza a corrida, carregando sua arma sem a apoiar em Nilo.

Exigindo o máximo de seus cavalos, pegando atalhos e aproveitando o vazio da noite eles atravessaram metade da capital em aproximadamente 15 minutos. A masmorra possuía 10 andares e o resto era subterrâneo. A profundidade era proporcional ao crime cometido pelo detento. Keen havia colocado Salazar no penúltimo andar subterrâneo.

O edifício retangular era torto e sua estrutura parecia estar próxima de desmoronar a qualquer instante. A pintura estava desgastada, revelando em muitas áreas os tijolos cinzentos de seu esqueleto. Nada disso surpreendeu os três que haviam chegado recentemente, exceto o fato dos guardas da entrada estarem com os pescoços degolados.

“Desgraça!” - Keen gritou com toda força que tinha. Os aliados e os cavalos se assustaram com o ato repentino; - “*Eu quero eles MORTOS! Entendeu, Lakan? É pra matar TODOS!*” Saiu do cavalo já sacando a espada e se aproximando da masmorra.

“*Lorde Keen! Espere!*” - O Querubim deixou Nilo e soltou sua Redenção para ganhar velocidade e segurar o rei; - “*Precisamos de Salazar vivo! Viemos aqui para o interrogar e descobrir como impedir que Crux faça o que prometeu! Ele pode explodir a cabeça de centenas de elfos a qualquer momento! Não temos tempo!*” Puxou o ombro do rei e o virou.

Com os dentes cerrados, olhos arregalados e descabelado, Keen aponta a lâmina obsidiana rumo ao pescoço de Lakan e acende suas chamas negras. Através do cabelo em seu rosto, os olhos do Rei encaravam o Querubim com uma intenção assassina. Mais um centímetro e o fogo da lâmina tocaria o queixo do guerreiro. Laerdra gritou:

“*Chega, Keen!*” - Apontou sua fina lâmina de esgrima contra o monarca; - “*Precisamos seguir em frente! Lakan não está errado!*” Ela tentava com todas as forças esconder que suas mãos estavam trêmulas.

A tensão durou mais alguns instantes até que uma figura atravessou a entrada escura da masmorra. Lakan, Keen e Laerdra pararam todo o conflito e viraram para o sujeito que se aproximava. A mesma máscara de coruja, o mesmo traje branco encapuzado. Crux. O sujeito andava lentamente rumo ao trio. Keen começou a aumentar o tamanho de sua chama.

“*Você não é Crux.*” - Lakan analisava a figura de cima a baixo; - “*Estatura um pouco inferior. Ombros menos largos. Mãos e pés menores. É bem provável que seja uma elfa.*” O Querubim dizia enquanto buscava sua espada no chão.

“Bravo, Lakan. Não é atoa que Crux o quer vivo.” - O sujeito dizia, assim revelando uma fina voz feminina. De ambas as mangas, a inimiga retirou duas armas. Eram como pregos do tamanho de adagas; - *“Na verdade, Crux quer você e Keen vivos.”* Em um único movimento, a elfa misteriosa corta seus próprios pulsos verticalmente, derramando jatos de sangue.

O trio assistia atônito ao suicídio. Ambos os braços da elfa despejavam grandes quantidades de sangue e não paravam de tremer bruscamente. Em segundos, ela estava completamente pálida.

“Sacerdote sem classe. Furkas. Me conceda um duelo justo contra a chefe da guarda real, Laerdra.”

- Ela dizia ofegante e fazendo força em cada palavra. Naquele momento, os três entenderam; - *“Aceite minha vida como pagamento.”* Terminou.

“Afastem-se” Ordenou o Rei, arremessando uma rajada de fogo crescente contra a elfa ferida.

O ataque incendiário cresceu ao ponto de passar os dez andares de altura da masmorra. Tentando se afastar e se proteger, Lakan sentiu o calor exalado pela lâmina do rei e percebeu que isso era suficiente para desintegrar boa parte do solo e das estruturas em volta. As colossais chamas negras se contraíram e cercavam a única inimiga. Porém, tudo se apagou com um escuro que cobriu a própria lua cheia. As cores haviam sido devoradas pela escuridão. Em um ambiente sem limites visíveis, Laerdra se encontrava na penumbra apenas com a figura misteriosa a fazendo companhia. Era difícil para Laerdra visualizar a inimiga, mas sua silhueta ainda era perceptível. As risadas da elfa ressoaram pelo lugar. Seus pulsos não mais sangravam.

“Um contra um. Soube que foi assim que enfrentou a lendária Aradia e sobreviveu.” - A acólita se aproximava com os instrumentos afiados. Laerdra continuou séria, focada em seu alvo e não respondeu a provocação; - *“Vamos ver se sua cicatriz não é uma fraude.”* Ela correu.

Uma luta sem bênçãos. A acólita tentou um ataque com a mão direita, próximo ao pescoço de Laerdra. O ataque foi interceptado com uma rápida evasiva para trás. Em seguida, a inimiga continuou, dessa vez mirando na altura do abdômen. Em um movimento giratório, a guarda acertou o instrumento afiado e o movimentou desenhando um círculo no ar. A lâmina de esgrima guiou o ataque para o alto e, em uma só descida, fez um corte diagonal do ombro direito até a parte esquerda do abdômen da adversária, que recuou com um grito.

“Você passa óleo de lagarto nessa lâmina fina, não é?” - A máscara da acólita caiu, deixando uma franja castanha cobrir o rosto jovem da elfa; - *“Isso não estava nos seus registros.”*

“Você é a filha de Salazar! Então aquele Cardeal desgraçado está mesmo querendo matar Keen e assumir a coroa!” Laerdra presumiu em voz alta.

“Não... meu pai não tem nada a ver com isso. Ele jamais compreenderia a grandiosidade de Crux. Eu vim até aqui apenas para o matar e me livrar de você em seguida.” - Tomando distância, ela se recuperava do ataque superficial; - *“Nenhum de vocês jamais entenderia.”* Partiu para uma segunda investida. Laerdra retomou a guarda alta.

O primeiro ataque seguiu o mesmo trajeto da última vez. Diretamente rumo ao pescoço. Porém, na metade do caminho ela voltou o golpe e fez um corte horizontal próximo a garganta. Surpresa com a finta, Laerdra teve reflexos para se defender. Porém, a outra lâmina foi de encontro direto com a coxa da guarda que tropeça com o dano recebido. A seguidora de Crux sorriu.

Aproveitando que Laerdra estava em posição desvantajosa, a acólita continuou, dessa vez para um ultimato rumo ao coração. Quando ela sentiu que o instrumento tocou o peito de Laerdra, ela riu em voz alta com o golpe certo. O riso foi interrompido com uma única perfurada em sua garganta que atravessou a nuca.

“Parabéns pela coragem, mas você é muito mais lenta que Aradia.” Diz ofegante. Com sua outra mão, a guarda segurava o instrumento que havia entrado parcialmente em seu tórax. A inimiga caiu de costas no chão escuro.

Da mesma forma que tudo começou a escurecer, todo o cenário voltava lentamente ao normal. Boa parte do chão do terreno havia sido danificado pelo fulminante ataque anterior de Keen. A elfa vitoriosa tentou se levantar, mas sentiu que o ferimento poderia abrir se continuasse o movimento. Ela optou por permanecer ajoelhada em frente a acólita derrotada. Respirando fundo, com sua mão livre, usando os dedos indicador e médio, ela massageou a cicatriz deixada por Aradia enquanto assistia a oponente desferir os últimos espasmos de vida. Após alguns segundos, a escuridão havia se dissipado e Lakan corria ao encontro da amiga.

“Que merda acabou de acontecer?! Você está bem?!” - Ele a abraçou com cuidado enquanto olhava pelos arredores; - *“Isso é sangue! Você foi atingida no coração! Keen, rápido! É um ferimento grave!”*

“Leve ela de volta ao castelo. Vocês dois não estão em condições de continuar.” - Keen seguiu para a masmorra; - *“Procurem por Jess. Com os tratamentos médicos dele, é capaz que ela sobreviva.”* O Rei adentra sem olhar para trás.

“Canalha...” Murmura Lakan ao desviar o olhar do Rei e colocar a companheira nos braços.

“Você ainda não se recuperou da provação, não é?” – As sobrancelhas delicadas e os olhos claros da experiente guarda contrastavam com a agressiva cicatriz profunda em seu rosto; – “Achou que eu não ia perceber você mancando desse jeito?”

“Não vou tirar esse instrumento do seu peito. Ele deve conter um pouco da hemorragia.” – Lakan a analisava enquanto a alocava com cuidado no cavalo; – “Vamos com cuidado para que o ferimento não piore. Foi superficial, mas é bem próximo do coração. Você vai ficar bem, La. Eu prometo.” Ajustou parte dos fios loiros que atrapalham a visão da elfa e os delineou para trás das orelhas acentuadas.

“Tá parecendo sua irmã com os apelidos bobos...” Ela ri de olhos fechados.

...

Castelo de Keen, Quarto de Hellenor

Hellix pegou um atalho até o quarto. Ela pensou que a irmã ainda estaria na cúpula, mas resolveu passar nos aposentos da gêmea pois era caminho do corredor. A porta estava aberta. Um forte odor de carne exalava com a ajuda da brisa provinda da janela escancarada. Paralisada, suas mãos tremiam, hesitando em continuar. Seu estômago revirava só de imaginar o que lhe aguardava. Ao dar o primeiro passo dentro do quarto frio, ela finalmente se deparou com o que mais temia.

Pelo chão, uma enorme poça de sangue cobria o corpo de Hellenor petrificado. Sua boca estava entreaberta e das bordas escapava um pouco de saliva com sangue. Seus olhos escuros não possuíam qualquer luz, mas não estavam arregalados. As mãos do corpo estavam repousadas na área do abdômen, a qual havia sido completamente aberta pelo ser que estava agachado em frente ao cadáver. Hellix continuou petrificada e sua pele estava pálida como leite.

“A outra irmã veio para a festa do pijama.” O ser disse em uma voz modulada e indistinguível, sem olhar para seu próximo alvo.

A luz da lua cobria a capa branca do assassino. As luvas que vestia estavam banhadas em sangue quente e gotejavam pelo piso do quarto. Sua máscara branca possuía um leve bico antes de revelar os lábios finos do sujeito encapuzado. Virando lentamente seu rosto, os redondos olhos escuros sem fim encaravam Hellix e assim ficaram sem mover um centímetro.

“Hellix. Diferente de Hellenor, eu não aprecio você. Você é barulhenta e ausente de qualquer beleza.” - Ele disse, ainda encarando a elfa; - *“Faça me o favor e prometo que você não sofrerá... ajoelhe-se e feche os olhos... pode fazer isso?”* Deu um passo à frente.

Respirando freneticamente, Hellix berrou e deu as costas para o criminoso. Deu um passo e conseguiu sair do quarto. Ao desferir o segundo, ela já não ouvia mais o som de seus gritos, mas sentia um corte rasgando suas costas. Ela caiu de frente no chão do corredor. Mesmo não vendo o ferimento, ela podia sentir a abertura se expandindo da altura de seu ombro direito até seu cóccix. Começou a debater todos os membros em protesto à dor crescente.

“Até mesmo na morte Hellenor foi mais elegante que você. Você é sem dúvida a mais patética das proles de Keen.” - Dessa vez a voz do assassino era masculina e jovial; - *“Eu realmente pensei bastante em poupar Hellenor, sabia? Ela parecia ser uma garota boa e só teve azar de ser filha do cara errado. Um filho que pagou pelos pecados do pai. Assim como Laria. Assim como nossa irmã.”*
- Ele deu alguns passos em direção a princesa caída; - *“Mas você, Hellix? Ah... você... eu mato sem pensar duas vezes.”* Riu.

O oxigênio parecia não ser suficiente para manter a consciência da garota por muito mais tempo. A respiração acelerada em conjunto com a perda de sangue estava deixando Hellix cada vez mais tonta. Ela murmurava, se arrastando para longe com dificuldade, mas o som parecia simplesmente não sair.

“Calada. Você vai morrer em silêncio da mesma maneira que sua irmã permaneceu a vida inteira.” - Mais um passo foi dado; - *“Talvez assim você... espera... você está aqui, não está?”* O som do lugar inteiro retornou ao normal. Os murmúrios de Hellix agora se tornaram audíveis. O encapuzado movia a cabeça para os lados.

A dor causada pelo corte nas costas de Hellix começou a passar. No início ela cogitou que estivesse morrendo, contudo percebia que estava com mais energia do que nunca. Lentamente retomando sua forma visível, Ikarus surgiu frente à elfa caída. Em segundos aquele corte profundo nada mais era que uma leve cicatriz.

“Sim. Eu estou aqui...” - O sacerdote iluminado estende a mão para Hellix levantar. Chorando com os olhos arregalados em pavor, a princesa o abraçou com força. Ele retribuiu o ato; - *“Eu senti a morte de Hellenor... não pude fazer nada.”* Sussurra para a jovem.

“Ikarus... já fazem mais de 100 anos...” - Ele bate palmas; - *“Devo lhe parabenizar! Está cumprindo muito bem o seu dever como sacerdote. Continua viajando... curando pessoas...”*

Exterminando os espectros que Aradia cria por aí... louvável! Um verdadeiro salvador.” Termina com um sorriso.

“E você está fazendo um uso indevido da sua bênção. Bênção a qual eu potencializei...” - Ikarus largou a elfa que saiu correndo logo em seguida; - “Sabe que não posso deixar você continuar com isso, não é?” Ele estava sério.

“Tenho ciência disso. Seu mandamento jamais permitiria que eu matasse usando um presente que você me deu.” - Crux retirou o capuz, revelando suas orelhas de elfo e um cabelo escuro amarrado; - “Mas eu me pergunto... como poderia um cego ser derrotado pela luz?” Abriu um sorriso.

Após o dito pelo assassino, tudo naquele andar começou a vibrar. Crux fechou os dois punhos e um alto som agudo crescia ressoando por todo castelo. A partir do elfo, as paredes e o piso dos corredores estremeciam com a força da bênção. Ikarus assistia a cena com olhos calmos e triunfantes. O sacerdote esticou seu braço e abriu a palma da mão. O centro do peito do elfo começou a brilhar uma forte luz amarelada e, com isso, o som e as vibrações cessaram naquele mesmo segundo.

“É muito fácil, na verdade. Tudo que preciso fazer é apenas retirar a luz do seu interior.” Disse, Ikarus.

Capítulo 34 - Pureza

Ano 151 ▪ Serperios, Distrito Comercial

Já fazia um ano desde o final da Guerra de Tormenta, o primeiro conflito generalizado entre raças do continente de Granland. Com a morte de Angus em batalha

contra a lendária vampira mãe, Keen havia assumido como rei e suas filhas já haviam completado um ano de idade. Como vencedores, os elfos receberam diversos recursos para a construção de novos estabelecimentos e reformas em suas províncias. Por sua localização isolada, Serperios foi a menos beneficiada. Em situação precária, a cidade ficava ao nordeste de Ártemis e havia sido inteiramente construída em torno de um imenso precipício que indicava o fim da cidade e o ponto mais alto de todo país.

Em sua fundação, a província sobrevivia de pequenas plantações e trocas comerciais internas. Porém, nas proximidades do abismo havia um fungo que crescia em larga escala e sem qualquer necessidade de solo específico. Eram grandes aglomerados de cogumelos azulados apelidados de Lua, exclusivos daquela região. Eles proliferavam de maneira espontânea por todos os arredores do final da cidade e cresciam com a chuva. A cultura local comercializava e exportava Lua por sua potente propriedade afrodisíaca e não demorou para sua pequena população estabelecer a economia de Serperios no turismo, juntamente da prostituição e mercado sexual.

Em 150, Serperios já era referência em seus bordéis para viajantes que desejavam férias e procuravam por diversão. A cidadela em ascensão recebeu Keen pela primeira vez neste ano para a realização de poucas reformas e construções. Em sua visita, o rei não hesitou em aproveitar ao máximo sua estadia e passar dias em festas nos muitos cabarés da região. Após a viagem de negócios, Keen retornou para sua família em Salos, e Serperios havia recebido alguns investimentos. A população já vivia em condições melhores, tendo acesso a mais carruagens, estabelecimentos e equipamentos para cultivo. Contudo, uma das meretrizes havia ficado grávida do rei. Lya era seu nome.

A jovem elfa era uma das mais cobiçadas do distrito. Com cabelos negros seguidos por uma singela trança, suas feições eram compostas por lábios carnudos, olhos verdes, estreitos e desafiadores e um nariz levemente achatado. Assim como a maioria pertencente àquela região, sua pele era levemente mais escura que a dos elfos de outras cidades de Ártemis. Era alta, com uma estrutura robusta, seios fartos e vestia um avantajado roupão como uniforme de trabalho.

Tendo Serperios como sua cidade natal, Lya se ausentou dos trabalhos após descobrir a gravidez indesejada. Sem conseguir mais atender seus clientes, ela decidiu cuidar da limpeza do bordel em troca de comida e um lugar para ficar. Ela conseguiu um acordo que lhe oferecia um pequeno quarto, onde originalmente era usado para guardar ferramentas, com cama improvisada e duas refeições por dia. Durante as manhãs e tardes ela cuidava da limpeza de todos os quartos daquele distrito e a noite usava para repousar no pequeno aposento. Ainda assim, vivendo sozinha no depósito isolado, ela sempre era tomada por uma intensa inquietude de querer achar o pai de sua prole. Sua mente sempre cogitava a possibilidade de que o progenitor fosse Keen e seu coração ansiava por ir até a capital e encontrar o Rei. Em uma mão, existia a possibilidade dela ter recursos para viver uma vida tranquila ao lado de sua criança. Em outra, temia ser

silenciada e executada impiedosamente, já que Keen seria reconhecido pelo adultério. Nas madrugadas de pensamentos ensurdecadores, ela escrevia em seu diário.

Em uma das noites de escrita e registro de seus pensamentos, Lya sentiu sua bolsa estourar. O pânico tomou sua mente, ainda não estava na hora apropriada para o nascimento da criança. Trêmula, Lya andou em círculos, pegou seus sapatos, uma manta e saiu do pequeno quarto em que vivia sozinha. Mesmo na madrugada de garoa, as ruas continuavam iluminadas por alguns candelabros fechados contendo velas.

Ela sentia cada vez mais que estava entrando em trabalho de parto e sabia que ainda estava longe dos hotéis para doentes, onde seria atendida. Segurando sua barriga e caminhando com cuidado e ofegante, ela olhou pela rua mal iluminada e foi de encontro ao beco mais próximo. Ela se aproximou de uma parede e sentou no chão úmido. A chuva parecia aumentar. Sozinha e com frio, Lya gritava e tentava fazer força no mesmo ritmo das intensas contrações.

Quando já estava quase sem fôlego e forças, ela percebeu as gotas de chuva pararem em sua volta. Algumas gotas inclusive tocavam as poças de água e faziam pequenas ondas circulares que também estavam paralisadas naquele instante. O mundo inteiro parecia ter parado e Lya estava consciente e não sentia mais dores. Ainda com o rosto contraído pela dor anterior, ela olhava em volta, buscando por uma explicação para aquilo tudo. Foi quando ouviu o bater de asas provindo de diversos animais em sincronia, que surgiram no teto dos estabelecimentos que delimitavam o beco. Eram facilmente mais de vinte criaturas similares a corvos com bicos largos e infinitos olhos vermelhos. Outras centenas voavam, cobrindo o céu nublado com suas silhuetas amorfas. Eles possuíam um número irregular de asas saindo pelo seu corpo e não pareciam ter semelhança entre si.

“Elfa...” - O som ecoava por todo o beco. Era uma voz grossa e rouca que gerou um arrepio na alma da mulher; - *“Portadora das crias de Keen, nós a garantimos uma escolha simples. Você deseja sacrificar suas crianças para continuar vivendo ou poupá-las e morrer sozinha neste mesmo instante?”* Sem mais explicações, a entidade de muitos olhos a encarava em silêncio.

Inconscientemente, ela sabia que não existia outra opção. A mulher chorou. Abraçando o abdômen em posição fetal no canto do beco molhado, ela desabou em prantos e gritos. Não importava o quanto lamentasse ou ficasse em silêncio, o tempo ainda não havia voltado a correr. Após o que parecia ser uma eternidade congelada. Com o cabelo molhado sobre o rosto, ela murmurou:

“Então eu tenho dois bebês, não é?” - E contraindo os lábios que antes tremiam com o choro se fez um sorriso; - *“Então eles nunca ficarão sozinhos neste mundo. Eu já não sou mais*

necessária.” Ela riu sem parar ao ponto de gargalhar com uma das mãos sobre os olhos que continuavam a chorar. A entidade permaneceu muda; - *“Pode me dizer se são meninos ou meninas?”*

“...Uma cria é macho e outra é fêmea.” A voz disse em uníssono.

“Entendi. Que bom. Credus e Laria então. Esses eram os nomes que eu tinha em mente. Serviu direitinho.” - A mulher apreciou seus últimos momentos sem muita pressa; - *“Eu escolho meus filhos. Pode levar minha vida ou fazer o que quiser.”* E na mesma hora o tempo voltou a correr.

No começo da manhã seguinte, uma das guardas de Keen havia chegado de viagem em Serperios. Laerdra estava amarrando os cavalos de sua carruagem quando ouviu o choro de crianças vindo de um beco aleatório. Já sacando sua espada de esgrima esperando um golpe de algum mendigo, tudo que a guarda encontrou foram dois bebês e um cadáver. Em choque com o que acabara de ver, ela averiguou os pequeninos e percebeu que eram recém-nascidos que estavam completamente limpos e que pareciam ter passado por algum processo cirúrgico para a remoção do cordão umbilical.

Ano 160 ▪ Serperios, Orfanato Enkrateia

“Ele é cego!” - Uma das crianças disse para a diretora; - *“Ele fica falando que vai ser Querubim, mas é cego! Se ele não aguenta nem um empurrão, como conseguiria se tornar Querubim?”* Movendo as mãos com velocidade e apontando para o colega, a criança explicava.

A sala era espaçosa e quadrada. O local não era luxuoso, porém haviam diversas escrivaninhas com livros e algumas pinturas decorativas. Embora o cheiro fosse de um aposento velho, todos sempre ficavam à vontade naquele recinto. Divididos por uma mesa repleta de itens para escrita e documentos, estavam duas crianças em pé e atrás dessa mesa estava a tutora.

Ambas as crianças não aparentavam ter mais de 10 anos e estavam com alguns arranhões pela pele e com manchas de barro em suas roupas brancas. A diretora do orfanato Enkrateia, a senhorita Kirstein, era uma elfa anciã. Com quase 300 anos de idade, seus cabelos eram de um tom grisalho e os fios eram frágeis e ela usava óculos de lente redonda. Suas orelhas eram tão longas que faziam curvas em suas extremidades.

“Não importa o motivo, você não deve criticar o sonho dos outros, Gin.” - A senhora puxou a curta orelha do elfo mais novo que recuou e fechou um dos olhos; - *“Do jeito que você*

disse, parece que você bateu em Credus por inveja dele já possuir uma bênção de Ishtar. Não há motivo para você fazer isso, garoto! Quantas vezes preciso repetir?!”

Das duas crianças que ali estavam, Gin era aquele que sempre costumava causar problemas às outras crianças. De aparência rechonchuda, embora pequeno, o elfo de cabelos castanhos era um dos mais velhos do orfanato e já havia tido conflitos com pelo menos metade das crianças. O outro elfo que estava ali era Credus. Menor que a maioria de sua idade, franzino e com algumas olheiras, o garoto cego possuía cabelos lisos e escuros, junto com uma pele pálida.

O conjunto de roupas dos órfãos era sempre o mesmo. Uma camiseta branca de algodão fino, juntamente de uma calça do mesmo material e sandálias simples. No peito, havia um bordado artesanal do brasão da instituição juntamente de seu nome em caixa alta. Ambos os uniformes estavam desgastados e repletos de lama.

“E por que você está ferido, Gin? Credus por acaso te bateu após ter empurrado ele no chão?!” Ela encarava as crianças como se estivesse diante de um delito.

“Foi a irmã dele... a Laria.” – Gin respondeu desviando o olhar da senhora; – *“O cara que diz que vai ser Querubim precisa da irmãzinha pra defender ele!”* Virou contra o cego e mostrou a língua.

“Já chega! Pro seu quarto! Agora!” – Com uma régua, deu três palmadas na bunda do garoto. O barulho podia ser ouvido do lado de fora; – *“Hoje é dia de inspeção, garoto tolo! Você está de castigo até amanhã!”* Soltou Gin, que foi correndo para fora da sala da diretoria.

“Eu não queria causar problemas logo hoje, senhorita Kirstein. Eu juro...” Credus abaixou a cabeça.

“Não se preocupe... apenas suba no seu quarto, tome um banho e troque de roupa. Eu irei falar com Laerdra sobre a manutenção do orfanato. Se sobrar um tempo, você e sua irmã irão poder vê-la.” – Kirstein sorriu de leve e voltou para os documentos; – *“Agora vá. Sem tempo a perder. E se Gin aprontar outra, me avise!”* Retomou a leitura. O garoto assentiu com a cabeça e seguiu para fora usando sua vara de madeira para se guiar.

Tateando o chão com a vareta, ele andou pelos corredores do orfanato. Era hora do almoço, então o térreo inteiro estava com um amplo odor que vinha da cozinha. Provavelmente eram feijões com couve. O estômago de Credus roncou, mas ele seguiu para a direção oposta. Tentando ignorar seu olfato e usando sua bênção, o garoto conseguia sentir com precisão tudo o que o cercava com as ondas sonoras. Também não era complicado manipular as ondas para as fazer tomar rumos diferentes, e assim,

entender o que havia em outros andares da instituição. Andando devagar, ele sabia exatamente quantas pessoas estavam presentes no perímetro, tanto dentro quanto fora do orfanato. Subiu as escadas, batendo a vareta contra os entalhes verticais do corrimão, como se fossem barras de uma cela. Mandando o som para cima, conseguiu ver com mais precisão seu quarto e identificou o espectro físico de sua irmã sentada na cama beliche. Coçou a nuca, já imaginando a bronca que tomaria, e, no final da escada, seguiu pelo corredor até o aposento. A porta estava aberta. Ele entrou de cabeça baixa.

“Você sabe o que eu vou dizer, né?” A gêmea começou. Seu cabelo era tão escuro quanto o de Credus, porém, utilizava uma franja para cobrir um de seus olhos verdes. Ela era menos pálida que seu irmão, mais alta e possuía um semblante quase adulto.

“Você não precisava ter batido no Gin. Eu tinha tudo sob controle...” Sentou na cama de baixo.

“Sob controle?” – Pulou da cama de cima e ficou em frente ao irmão sentado; – *“Vai me dizer que estava apenas verificando a lama bem de pertinho. Procurando por minhocas, talvez?”*
Ela riu.

Indo até o armário e checando o estado de seu uniforme, Laria começa a se trocar. A camiseta branca com gola formal possuía alguns rasgos e manchas de lama e sangue. O mesmo estava presente na saia xadrez. Fazendo uso do espelho na porta do armário, ela também notou que uma gota rubra e seca escapava de seu nariz.

“Você podia ter matado eles, Laria... usou sua bênção.” – Credus dizia recuando a voz; – *“Sabe que não podemos. Se o Gin revelar isso pra senhora Kirstein...”*

“Eu sei que podemos ser despejados, eu sei droga!” – Virou, levantando a voz; – *“É crime atacar os outros com bênções. Mas o que você queria que eu fizesse?! Você tava lá no chão, de novo! Eles sempre fazem isso! Eu to cansada!”* Jogou a muda de roupas no chão. Credus ficou em silêncio.

Três batidas vieram da porta do quarto. Temendo que a vissem nua, rapidamente, Laria estendeu a mão na direção da entrada e usou sua bênção. Veias cobriram as costas de sua mão e, no mesmo segundo, a chave de metal girou em alta velocidade, assim trancando a porta. Mais sangue escorreu do nariz da jovem.

“Queridos, sou eu.” – A diretora dizia; – *“Nossa convidada chegou e está os esperando em minha sala. Arrumem-se depressa!”* Em passos apressadinhos, a senhora deixou o lugar, animada.

Após se vestir, ajudar seu irmão com outra muda de roupas e lavar seus rostos com água do poço de trás da casa, os gêmeos correram de mãos dadas rumo a sala da diretora. Ao adentrarem a sala, a primeira coisa que Laria percebeu foi a presença de uma espada fina, repousada ao lado da entrada. Lá, em frente a Kirstein estava uma elfa loira de cabelo preso e armadura escura. Ela estava sentada e bebia uma xícara de chá com a dona do orfanato. Laerdra virou-se para a dupla. Laria soltou a mão de Credus.

“O que temos aqui? Uma irmã durona e um garoto sensível?” - Deu um gole no chá; - *“Laria e Credus. Vocês cresceram bem.”* A guarda sorriu.

“Eu vou deixar vocês conversarem mais a vontade. Volto em 10 minutos, tudo bem?” Kirstein sugeriu. Leardra assentiu.

Com a saída da diretora, a guarda de Keen ficou de pé e analisou os dois com os olhos. Andando pelo recinto, ela aproximou duas cadeiras para os irmãos e voltou para a mesa onde estava o bule de chá com um jogo de xícaras brancas.

“Aceitam? É chá de erva doce.” - Deu outro gole, dessa vez, terminando a bebida; - *“Está delicioso.”* Serviu-se mais.

“Acho que estamos bem.” - Laria disse, olhando para o irmão que não reclamou; - *“E quem seria a senhora?”*

“Senhora?! Mas que insulto, eu só tenho 45! Ainda não vivi nem um quarto da vida!” - Rindo, ela estende a mão para Laria e depois para Credus; - *“Me chamo Laerdra. Sou a chefe da guarda real de Keen e também faço patrulhas em algumas cidades para registrar como andam as coisas. Serperios em específico sempre me deixou com a pulga atrás da orelha.”*

“Por que?” - Credus perguntou; - *“Aqui não tem nada.”*

“Como assim? Aqui têm vocês!” - Pela primeira vez, a elfa parecia falar sério com as crianças; - *“Eu não quero ver vocês se reduzindo dessa forma. Vocês não sabem o quão sortudos são.”* Por um momento, os lábios se contraíram e os olhos foram ao chão.

“Sortudos?” - Credus continuou; - *“Viver no fim do país, na cidade mais miserável de todas e lembrando todos os dias que ninguém aqui nos quer. Às vezes mal sobra comida pra gente e você vem falar de sorte?! O que você sabe sobre a gente?!”* A indignação e o tom de Credus fizeram a irmã recuar em surpresa.

“Teve uma manhã em que eu vim para cá para fazer minha patrulha. Exatamente como estou fazendo hoje. Nesse dia eu encontrei dois bebês nos braços de uma elfa morta... aquilo foi algo inexplicável.” - Laria cobriu a boca com as mãos. Credus arregalou os olhos, paralisado; -

“Vocês eram tão pequenos... eu vi tanta desgraça na Guerra de Tormenta, mas quando peguei vocês no colo, eu soube que tudo aquilo valeu a pena. Ter sobrevivido ao inferno valeu a pena. Eu descobri o porquê de Ishtar querer que eu continuasse respirando até aquele momento.” As lágrimas da guerreira despencaram.

“E... o que mais...?” Com os olhos nublados, Credus também chorava.

“Bem... sua mãe acreditava que vocês eram filhos de Keen. Ele havia feito uma visita em Serperios e batia com o tempo de gestação. Além disso, não é a primeira vez que o rei tem gêmeos. Seria engraçado, mas não impossível.” Laerdra limpa as lágrimas.

“Filhos de Keen...?!” - Laria comenta. A cabeça se movia lentamente para os lados, procurando respostas; - *“Como sabe disso tudo?!”*

“Sua mãe deixou poucos pertences para trás após partir. O principal foi esse diário.” - Ela tira de dentro da bolsa um pequeno caderno de folhas amareladas e o entrega para Laria; - *“Nele você poderá ler toda a trajetória de sua mãe desde que descobriu estar grávida. Inclusive, como ela não sabia o sexo da criança, ela possuía um nome para caso fosse menino ou menina. Credus e Laria.”*

Segurando o diário com ambas as mãos e sem ter a coragem para abri-lo, Laria apenas chorava em silêncio. Seu irmão a abraçou. Entre soluços e fungadas, o tempo passava e ninguém parecia estar contando. Aliviando o peso em seus ombros, Laerdra retoma a conversa.

“E é por isso que eu não quero ver vocês se rebaixando desse jeito, entenderam?!” - A adulta dá um leve toque no nariz de Credus; - *“Eu não me surpreenderia se o futuro Querubim viesse desse orfanato, viu?”*

“Que... é sério?!” - Credus surpreende ao levantar a voz em alegria; - *“E alguém chegou perto de se tornar um?! Alguém conseguiu dar trabalho para Keen?!”* Laerdra gargalha ao notar que o garoto parecia ter deixado de lado todo o momento emocional em segundos.

“Quanto ânimo, Credus! Sim, sim... estamos iniciando os procedimentos e treinando jovens para uma nova geração de guerreiros. Provavelmente algum deles será qualificado.” - Ela deu mais um gole no chá; - *“Por isso, não posso deixá-los aqui, não é mesmo?”*

“Você vai nos tirar daqui...” - Laria pensou antes de continuar; - “...Senhorita, Laerdra?”

“Pode chamar só de Laerdra, amor. Ou, como diz uma amiguinha minha, Lala.” - Ela sorri; - “Sim. Eu vim para Serperios para relatar a situação a Keen e também para encontrá-los e levá-los comigo para a capital.”

Por quase um minuto inteiro os dois irmãos abriram as bocas sem deixar escapar uma palavra sequer. Após o momento de assimilação, ambos pularam e se abraçaram, celebrando com gargalhadas e risadas. Imaginando tudo o que tais crianças devem ter passado até aquele momento, Laerdra escolheu olhar para a janela para tentar não se emocionar com a felicidade contagiante.

“Então é isso. Eu irei resolver a papelada com a senhora Kirstein, terminar meu trabalho por aqui e amanhã volto para buscar vocês e seguirmos para Salos, combinado?” Laerdra sugere, ficando de pé e indo rumo a porta.

“Eu posso ir com você?! Sempre quis ver como uma guarda trabalha bem de pertinho!” Laria pula da cadeira e abraça a guerreira que olha para baixo desconcertada.

“Eu não posso levar duas crianças comigo por aí... iria chamar muita atenção e -”

“Vocês duas podem ir.” - Credus diz sorrindo; - “Eu fico aqui e arrumo as coisas para amanhã. Não tem problema, de verdade.”

“Bom... acho que tudo bem. Vai ser apenas uma tarde, de qualquer forma.” - Laerdra abre a porta; - “Então, mãos à obra pequenina.” Com olhos azuis reluzentes, ela bagunça o liso cabelo escuro de Laria.

...

Já era próximo do fim da tarde quando, em seu quarto, Credus dobrava algumas de suas roupas e as de sua irmã. Não eram muitos os pertences da dupla, porém o garoto fez questão de averiguar tudo o que podia levar em suas mochilas. Segurando o diário de sua mãe, ele passa o polegar por cima da capa amassada, sentido a superfície do papel antigo e suas dobraduras. Algumas lágrimas caem novamente.

“Está na hora, Credus...” - As inúmeras vozes roucas ressoavam na cabeça do garoto. Ele fechou os olhos com força; - “Nós garantiremos o poder que tanto almeja. Você terá olhos pelo mundo inteiro, como sempre sonhou. Mas, para isso, um sacrifício é necessário.”

“O que vocês querem que eu faça...?” Credus diz em voz alta, virando o rosto pelo quarto.

“Você já tem todo o necessário para realizar o ritual. Apenas faça o que instruímos, Credus, e você e sua irmã ficarão bem.” – O elfo colocou ambas as mãos na cabeça; – *“Do contrário, você terá traído nosso compromisso e um terrível destino o aguardará.”*

Saindo de seu dormitório e subindo mais as escadas, o garoto foi até o último andar do orfanato. Em suas mãos, ele possuía um pequeno saco com poucos objetos. O telhado era plano e, embora ainda houvesse alguns raios no horizonte, a lua já era visível se aproximando pelo lado oposto. Em seu perímetro o elfo conseguia sentir, através do som, boa parte da cidade, principalmente o barulhento e movimentado distrito comercial. Do outro lado, mais próximo do orfanato, havia o famoso precipício de Serperios. Subitamente, o elfo captou novas criaturas em seu radar sonoro. O crocitar de milhões de corvos simultaneamente pelo céu.

“Comece.” Se destacando do som infernal, a ordem surgiu em sua mente.

Retirando rapidamente tudo de sua sacola, Credus improvisou um círculo usando enxofre. Após isso, usou uma faca de cozinha para cortar a palma de sua mão. Ele hesitou bastante no início, mas quando se cortou chorou com a dor. Por fim, recitou alguns ditos que a entidade sussurrava em sua mente.

“Oblivio, eu o invoco para este sacrifício!” – Fogo negro escapou pelas bordas do círculo de enxofre. O garoto se assustou e quase caiu para trás; – *“Tome tudo o que deseja neste lugar! Devore tudo! Me dê sua visão!”* Da fumaça exalada, um novo ser se construía. Um único e colossal espectro. O primeiro espectro.

O fogo se espalhou de cima para baixo e a fumaça carregada se esvaiu pelo ar. Contudo, o incêndio não era o que mais preocupava aqueles que estavam no orfanato, mas sim, o que se formava a partir da fumaça exalada do telhado. Aquelas nuvens escuras se contorciam entre si, criando formas cada vez mais familiares. Braços nebulosos se transformaram em lâminas negras e depois em milhares de patas de aranha que em rápidos movimentos tateantes abraçavam toda a estrutura do edifício.

O som que vinha do céu era ensurdecedor, mas ninguém do orfanato conseguia decifrar a origem do que pareciam infinitos gritos estridentes. As crianças fugiam como formigas de dentro do orfanato em chamas e o desespero os levaria para dois rumos: Descer ou subir. Sair ou ficar. O espectro ou o incêndio. Não havia salvação.

Do teto, Credus podia ouvir apenas os gritos das mortes que causara. Os gritos o faziam ver a cena com clareza. Porém, ele não entendia a situação. As ondas sonoras se

espalhavam e não rebatiam no espectro devido a sua consistência amorfa. Tudo que ele via eram diversos corpos se partindo e levitando em alta velocidade na mesma direção.

“Corvos! Eu quero descer!” Ele gritou para as entidades.

“Você não precisa dizer isso em voz alta... estaremos sempre o ouvindo, em seus pensamentos.” O corpo do elfo começou a ser rodeado pelas muitas criaturas que, devido a sua alta velocidade, mais pareciam vultos. Por fim, Credus desapareceu por completo. O processo inverso ocorreu no chão, ao lado do orfanato, onde seu corpo havia se materializado novamente.

A essa altura, o grande espectro já havia devorado mais de vinte crianças. Muitos corpos estavam caídos pelo interior de Enkrateia, alguns desmembrados, outros meramente inconscientes pela inalação da fumaça. Credus continuava a não entender a situação, até que, perante os inúmeros gritos e lamentos, uma luz surgiu iluminando todo o céu noturno. Abrindo uma cratera entre as núvens escuras do turbilhão de corvos negros, o raio ofuscante dourado trazia consigo uma figura em seu interior.

Por um segundo, Credus achou ter sido capaz de ter presenciado luz em meio a escuridão que o cercou durante toda sua vida. Levitando, Ikarus surgiu. Segurando seu clássico cajado de madeira, ele encarava o ser de escuridão que, como uma serpente de sombras, cobria e amassava o orfanato. Ikarus estava sério.

Com o que parecia ser uma grande boca aberta, a criatura soltou um alto e agudo grunhido contra o sacerdote. Muita pressão foi exalada e algumas das chamas voaram pelos arredores, atingindo partes da rua. Cravando a ponta de seu cajado no chão, Ikarus suportou o rugido e não saiu do lugar. Com uma forte contração do espectro, o orfanato começou a desmoronar. O homem iluminado não se segurou e, em menos de um segundo, envolto em uma forte luz reluzente, surgiu dentro do centro do edifício em chamas. Era o corredor do segundo andar, onde havia alguns quartos consumidos pelo fogo e outros estavam abandonados. Junto do forte odor de enxofre, também havia muito sangue pelas paredes e restos dos corpos de algumas crianças. Ikarus olhou para os lados, cobrindo parte do rosto com o braço e ouviu o choro da maioria dos sobreviventes. Eles estavam próximos a escadaria demolida que levaria para o andar de baixo. Ele correu rumo às poucas crianças e a diretora ferida. Kirstein estava caída e segurava em uma parte do corrimão quebrado. Sua perna escorria sangue desde a área do joelho.

“Fiquem todos calmos! Tem mais algum sobrevivente por aqui?!” – Ikarus agrupou a meia-dúzia de crianças e se aproximou da elfa.

“Não vimos mais ninguém... por favor, apenas tire-os daqui.” Com as pálpebras pesadas, sem nem olhar para aquele que havia chegado, a mulher dizia em tom balbuciante.

Ajoelhando-se, a mão do sacerdote foi depositada no ombro da elfa caída e ele abriu os braços em direção às crianças. Feridos e abatidos, os poucos sobreviventes sentiam um conforto descomunal vindo daquele ser. A sensação era segura como o colo da mãe que nenhum deles havia conhecido. Instintivamente, todos o abraçaram. Uma luz branca os cobriu e, em um piscar de olhos, já estavam do lado de fora do orfanato e longe da criatura.

Em estalos, as chamas escuras que cresciam pelas paredes devoravam a madeira e o concreto como se fossem papel. As principais estruturas caíram em pedaços, alastrando fumaça e poeira por todo local. Ikarus encarava aquele fogo ardente que era refletido em seu contemplar silencioso. Não demorou para curar todos os feridos, porém, aquele incêndio levaria tempo para se apagar por completo. A criatura se aproximava, ainda consumindo os restos dos menos afortunados. O único que o espectro parecia ignorar era Credus. A noite já havia devorado os últimos filamentos de luz solar, e agora a bênção do pequeno elfo estava inutilizável. O som ao seu redor não mais projetava imagens vívidas. Apenas a escuridão o cercava. Ele continuava lá, parado como uma estátua, de joelhos no chão infértil.

“Não conseguirei os curar a tempo! Todos evacuem para o mais longe possível dessas chamas. Elas não são chamas normais.” - A voz jovial do sacerdote iluminado era alta, e ele apontava para o distrito comercial; - *“Busquem abrigo por enquanto. Levará algumas horas até essa energia se dissipar por completo. Até lá, nada será efetivo para apagá-las.”* E os poucos sobreviventes seguiram a sugestão do sábio.

Em outro flash instantâneo, o sacerdote surgiu pelas costas do espectro original. Com uma das mãos, desferiu uma rajada de luz que apagou parte do tecido escuro da criatura. Ela recuou temente, com a sagacidade de uma víbora esguia. Vendo que o ataque havia sido eficaz, usando a outra mão, desferiu mais uma rajada contínua que percorreu seguindo o adversário. Porém, a sombra se movia com uma velocidade crescente e se aproximava do jovem, usando movimentos ondulares e imprevisíveis. Um bote rápido da criatura colossal. Outro flash de luz para longe foi realizado.

Os olhos cristalinos de Ikarus assistiam aos inúmeros corvos no céu, que gritavam contra ele como uma platéia enfurecida. Sua postura relaxou e ele riu soltando o ar de seus pulmões. O espectro original já havia o localizado mais uma vez e agora parecia se expandir no intuito de aumentar sua área de ataque. A sombra se dilatava, mudando sua forma para tentáculos, garras e outras silhuetas.

“Bom, isso aqui vai chamar bastante atenção, mas com certeza vai te matar.” – Ergueu seu braço e apontou o dedo indicador para cima; – “E lá se vai minha sutileza...”

Um filamento de luz surge rumo ao céu e, a partir daquele ponto, todo o céu clareia como uma nebulosa resplandecente. As luzes eram vivas e formavam enormes trilhas de luz pela atmosfera, com cores pulsantes que conversavam entre um roxo claro e azul radiante. Os corvos gritaram e se contraíram no ar ao entrar em contato com a luz e sumiram por completo, como se estivessem simplesmente se mesclando às cores do céu. O espectro grunhiu e se solidificou, sem outra opção para fugir. Começou a se debater contra o chão como uma serpente em chamas e, em meio aos espasmos, a criatura que agonizava soltou um último lamento agudo e irregular antes de se transformar em um escuro tecido trêmulo e se descascar completamente em cinzas de enxofre.

Com o combate finalizado, Ikarus desfaz a nebulosa e tira o peso de seus ombros, fechando os olhos e massageando o rosto com a palma de sua mão. Ele bateu um pouco a poeira de suas vestes e, diante dos restos do que um dia havia sido um lar, passando por cima de alguns dos fragmentos, o sacerdote deu os primeiros passos em direção ao garoto caído.

“Os corvos estavam de olho em você, garoto. Você fez isso?” Olhando para o horizonte, ele parou em frente ao elfo. O fogo estalou mais forte ao fundo, fazendo cair alguns blocos destruídos.

“Eu só queria enxergar. Ver o que vocês chamam de cores. Eu só queria ser o Querubim e proteger Laria pelo menos uma vez.” O cego levantou o rosto e chorou como nunca antes havia feito. Ele se lamentou em prantos até a mão do sacerdote tocar sua cabeça.

“Eu nunca poderia julgá-lo por isso. Vejo que está verdadeiramente arrependido do que fez, mas nunca poderá deixar para trás o que aconteceu aqui hoje.” – Fazendo carinho, ele passou a mão pelos cabelos escuros da criança e sorriu; – *“Venha comigo. Farei você conseguir enxergar até mesmo na mais densa escuridão. Além disso, eu posso lhe ensinar a como usar seu potencial para ajudar aqueles que merecem. E isso, meu garoto, é muito mais valioso do que ser um Querubim. Eu garanto.”* Estendeu a mão para o elfo levantar.

Capítulo 35 - Anomalia

Ano 160 ▪ ? - Base de Ikarus

Dormência. Em pensamentos desconexos e embriagados pelo sono, Credus começou a despertar. Recobrando os sentidos, percebeu um breve toque molhado em

sua testa. Uma gota de água escorreu pela superfície da pele, descendo pela lateral do rosto. Ele abriu os olhos.

Entendendo que estava deitado em um espaço plano e relativamente duro, apenas com uma fina camada de algo que simulava um lençol de algodão, o cego não escutava qualquer som em sua volta e, portanto, não conseguia sentir o que o cercava. Mais um pinga caiu em sua testa. Algumas frestas pelas paredes rochosas faziam transpassar feixes de luz, indicando um caloroso amanhecer.

“Bom dia, dorminhoco.” - Uma voz brincalhona e fina, que repercutiu ao seu lado, iluminou seu radar; - *“Não sabia que elfos dormiam tanto assim. Engraçado... você sonha? Esperei esse tempo todo aqui só pra te perguntar isso, então não minta para mim!”* A fala veio com um toque sugestivo de curiosidade genuína. O idioma élfico parecia diferente do usual, com um toque um pouco mais gutural.

Era com certeza uma criança falando. Uma garota animada. Se ela estava em pé ou sentada em alguma cadeira próxima, isso era um mistério para Credus. Manipulando as ondas sonoras da voz daquela que falava, o elfo remodelava telepaticamente as vibrações em torno da face da interlocutora. Nela, as ondas rebatiam sutilmente, revelando um longo cabelo liso de fios finos, traços faciais delicados e, o mais estranho, a ausência de batimentos cardíacos em toda a estrutura do pescoço.

“O que é isso...? Você está morta?! Quem é você?” - O garoto perguntou, limpando os olhos pesados com as costas das mãos. Após o incidente com o espectro primordial, Credus não se lembrou de muitos detalhes. Ele havia falado com Ikarus e então... Tudo ficou branco; - *“Aquilo tudo realmente aconteceu?”* Algumas memórias ainda destoavam entre sonho e realidade.

“O ritual no orfanato? Sim, você fez tudo aquilo. Fazem exatamente dois dias.” - Ela observou o formato dos lábios de Credus ao falar e tentou imitar; - *“É, acho que meu sotaque é um pouco diferente do seu... ‘aconteceu’, ‘aconteceu’. Tenho que usar menos a garganta pra falar esse tipo de palavra pelo visto. Desculpe, nunca falei com um elfo antes.”* Após imitar a pronúncia de Credus, seu dialeto estava mais próximo do élfico tradicional.

“Dois dias...” - Ignorando o restante dito pela garota, ele se sentou; - *“E o que aconteceu com a senhorita Kirstein? E Laria? E-”*

“Sou Lavender.” Sorriu com orgulho.

“Eu... me chamo Credus.” A interrupção o fez voltar para si.

“Muito prazer, Credus!” - Ela estendeu a mão, o garoto firmou um aperto leve e ela balançou ambas rapidamente para cima e para baixo; - “Vamos fazer assim: se você responder às minhas perguntas eu respondo às suas. Pode ser? E depois vamos tomar uma sopinha bem gostosa que fiz hoje mais cedo.”

“Tudo bem. Sopa parece uma boa, obrigado. Estou com muita fome.” - Ele suspirou e deixou uma das mãos na barriga; - “Qual era a pergunta mesmo?”

“Eu vou reformular. Vejamos... primeiramente, se você é cego, como você viu minha mão e a apertou sem qualquer problema?” Ela sentou-se ao lado de Credus.

Os outros sentidos de Credus também estavam mais sensíveis do que se lembrava. Inspirando, ele sentiu a aguda fragrância da garota. Um cheiro completamente novo e agradável. O aroma inalado desceu e ele a podia sentir em suas papilas gustativas. Era como presenciar uma primavera inteira em uma respiração. Aquilo ia completamente contra o que sua audição indicava. Um cadáver com tal odor seria uma contradição natural, e isso o atraiu.

“Ah... então você me testou. Inteligente.” - Levantando as sobrancelhas o elfo quase sorriu; - “Bom, nós elfos temos bênçãos. Eu nasci com a minha mas, normalmente, a bênção de cada elfo se aflora em momentos diferentes. Momentos importantes.”

“Por que será que você já nasceu com sua bênção?” Ela parecia mais curiosa do que antes.

“Os corvos me disseram que retiraram um dos meus sentidos ao nascer e isso fez meu desenvolvimento ser diferente de um elfo normal. Algo a ver com energia negativa, eu acho. Nunca entendi muito bem...” - Faz uma breve pausa, tentando não lembrar do acidente; - “Voltando à sua pergunta, minha bênção sempre fez eu enxergar com o som. É como se eu pudesse guiar ondas pelo ar e tudo que essas ondas batem eu sinto. Também posso fazê-las aumentar ou diminuir conforme me concentro. Às vezes é bem divertido movimentá-las, mas acaba sendo desgastante. Normalmente durmo com dores de cabeça.” Se Credus pudesse ver Lavender, ele perceberia que ela não havia piscado nem por um segundo enquanto absorvia toda a explicação.

“É quase como um morcego. Interessante. Nos livros que li estava indicado que normalmente bênçãos eram bem difíceis de serem controladas no começo, mas pelo que entendi você sempre teve muita maestria. Também vejo que elfos aparentam ser mais maduros do que sua idade. Mas talvez isso seja apenas parte da sua individualidade e do modo como fala.” - Após varrer uma mecha errante de cabelo para atrás de uma das orelhas pontudas, Lavender bate palminhas; - “Muito bem, muito bem. Sua vez de perguntar.”

“Bom... o que é você?” Temendo que a pergunta fosse de alguma forma ofensiva, ele a fez com cuidado.

“É uma boa pergunta... nem mesmo eu sei exatamente.” – Os redondos olhos de Lavender procuravam pela resposta, olhando para cima; – “Usando como base os livros dos sacerdotes... eu posso ser chamada de vampira. Somos uma raça de criaturas da noite, majoritariamente carnívora. Todos viemos de Tormenta, e ela teve seus filhos com os humanos de seu tempo.” Conforme ela contava a história, percebia que o elfo parecia cada vez mais interessado.

“E todos os vampiros tem um perfume bom como o seu?” Ele não percebeu, mas sua pergunta soou como um elogio aos ouvidos de Lavender.

“Eu tenho um perfume agradável? Isso... é novo.” – Sorriu; – “Mas não. Não convivi com nenhum outro vampiro em minha vida toda mas, pelo que os livros afirmam, eu sou bem diferente e acredito que meu odor seja mais uma exclusividade. Eu sou realmente bem diferente deles... consigo até mesmo sair durante o dia. Na verdade, eu gosto muito de ficar deitada lá fora pegando sol. Às vezes até tiro um cochilo.” A gota que antes caía na testa de Credus, dessa vez atinge o topo da cabeça de Lavender, que levanta os olhos para a stalactite localizada no alto do recinto.

“E por que você é diferente dos outros vampiros?”

“Ei! Você está fazendo muitas perguntas e me dando poucas respostas!” – Brincou em tom de piada; – “Brincadeira... bom, pra responder isso eu tenho que te explicar algumas coisas antes... o interior dos vampiros funciona de forma muito distinta de vocês elfos. Temos um sangue escuro e pútrido correndo em nossas veias e nossos corações não batem. Muitos órgãos possuem funcionalidade opcional, como os pulmões. Não precisamos respirar, comer ou dormir, mas é sempre bom fazer essas coisas. Usamos nossas reservas de energia para sobreviver e nos manter ativos, então, se absorvemos vida de vegetais ou seres vivos, podemos passar semanas acordados. Na verdade, poucos vampiros gostam de perder tempo dormindo.”

“Parece bom ser vampiro. Nunca descansar e poder aproveitar a vida inteira consciente... eu também não iria querer dormir. Mas então, por que você é diferente?”

“Porque meu sangue é como o seu. Vermelho. Eu não possuo a energia vital que todos os descendentes de Tormenta possuem. Não nasci com a negatividade.” – O que antes era um tom simpático de uma conversa amigável havia se desdobrado em um tom de breve decepção; – “Negatividade é o que faz um vampiro ser capaz de fazer coisas de vampiro, entende?”

Transmutar-se em animais da noite, converter o corpo em nevoeiros densos, controlar emoções e sentimentos... eu nunca vou ser o que nasci para ser. Minha condição se enquadra perfeitamente com a definição de anomalia.” Credus sabia que não havia pulsação naquele ser, mas pôde sentir o aperto no peito da garota à sua frente.

Ele ousou e seguiu com um toque. Usou a ponta de seus dedos para sentir a textura da pele do braço de Lavender. Indo contra todas as expectativas, aquela pele era morna e macia. Percorreu o entorno do braço, usando o tato para o guiar até o começo da mão da jovem. Ela era lisa e ele encostou palma com palma.

“É, eu também nasci diferente dos outros elfos. Se seguirmos o seu pensamento, acho que também me enquadro na definição de anomalia.” - Inclinou o rosto em direção ao de Lavender; - *“Eu nunca encontrei alguém como eu. Diferente. Singular. Você disse que não conviveu com outros vampiros, mas não precisa disso pra entender como é ser diferente dos outros. É sempre doloroso e até um cego como eu pode ver que entende isso.”* Com a outra mão, passou o dedo em uma das mechas do cabelo da vampira. Era um toque liso e macio. Ele compreendeu o motivo dela apreciar tanto mexer no próprio cabelo.

“Sei que sou apenas alguns anos mais velha que você, mas posso dizer que você é um elfo muito evoluído para sua idade.” - Pelos olhos nublados do jovem, ela conseguia ver seu próprio reflexo; - *“Nessa caverna eu passo todos os dias estudando e adquirindo novos conhecimentos, mas hoje sinto que estou falando com alguém que possui algo que eu ainda não tenho. Você tem experiência de vida, Credus. O afeto de Ikarus por você é compreensível.”*

“Ikarus está aqui?” - Ao ouvir o nome, lembrou de mais alguns momentos daquele dia. Em sua mente, ele viu Ikarus abrir o céu e a grande aurora de cores que pintaram a noite. Pensou nos corpos das crianças que foram reduzidas a retalhos. A culpa estrangulou seu coração. A vampira percebeu que a mão de Credus começou a tremer e suas sobrancelhas se curvaram; - *“Eu sou horrível.”* Desfez o toque com Lavender e se pôs a chorar, cobrindo o rosto com as mãos.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, o choro do garoto se envolveu em soluços e com um firme nó na garganta, ele não conseguia dizer nada. Sentindo Lavender se levantar, ele conseguia visualizar todo o ambiente usando o som de seus murmúrios. Nada disso importava. Para onde Lavender caminhava também parecia irrelevante. Algumas cenas se repetiram e o peso que traziam criava ondas turbulentas em seu estômago vazio. Ele sentiu a cabeça palpitar na região frontal, como se uma fratura estivesse rasgando o crânio. Ela veio como um estalo. A dor era tão intensa e aguda que Credus não conseguia pronunciar som algum. Ele sentiu a presença dos corvos. Só podiam ser eles, isso parecia óbvio para o elfo. Aquela energia assombrosa já o era familiar.

“Você, Credus Rowan, pode ver todo e qualquer lugar que o céu toca.” – Uma voz rouca e grossa sussurrou em seu ouvido. O som entrou queimando pelo canal auditivo; – *“Você, Credus Rowan, pode ir para todo e qualquer lugar de Mayah.”* Outra voz recitou da mesma forma em outro ouvido.

Com o fim da aparição, ele sentia-se em estado febril. Toda área de seu peito ao seu pescoço pingava de suor. O rosto branco estava quase inteiramente vermelho e também transpirava incessantemente. Eram muitas sensações ocorrendo pelo corpo todo simultaneamente. Os ouvidos estavam abafados. Pelos braços, sangue quente corria. O abdômen estava tão contraído que parecia que cada filamento de músculo se romperia. Foi obrigado a deitar na cama. Pelo teto da caverna, milhões de olhos vermelhos tremulavam o assistindo na penumbra. Alguns grasnos eram ouvidos.

Todas as sensações que sentia não eram nada comparadas à perspectiva que Credus havia adquirido. Ele sentia que possuía o mundo em suas mãos. Sentia que toda e qualquer distância era pequena e que até o mais remoto dos lugares poderia ser acessível em poucos segundos. Aquilo era poder bruto em sua mais pura forma. Ficou de pé, contemplando cada célula que parecia ansiar por mais energia.

Por último, um novo sentido despertou nos olhos do elfo. Imerso em calor, ele sentia seus globos oculares arderem e quase queimarem. Lágrimas escorriam sem muito controle. Era uma dor constante, porém suportável. Abrindo seus olhos, quase como uma extensão de seu corpo, agora ele era capaz de enxergar seu próprio corpo visto de cima. Não demorou para entender que estava usando os vários olhos da entidade como se fossem seus. Ele riu. Riu muito pois, pela primeira vez, estava de fato enxergando imagens verdadeiras. Não apenas isso, mas também sentia-se capaz de criar corvos e observar qualquer canto pelo céu. Só de imaginar isso, o sorriso em seu rosto aumentou vigorosamente.

“Eu consigo ver...! Laria... eu não sou mais cego...” Secou as lágrimas quentes.

“Tem um grande coração, elfinho.” – Quando notou Ikarus, o mesmo já estava com a mão em seu ombro; – *“Mas ainda precisa lidar com suas novas capacidades.”* Boquiaberto, agora perto do sacerdote, Credus podia sentir a aura que envolvia aquela figura. Estar próximo à Ikarus trazia uma enorme segurança, algo que ele nunca havia presenciado. Sentia que mesmo diante da pior ameaça possível, tudo acabaria bem. Do fundo da caverna, os corvos berravam contra o iluminado.

“Ikarus, eu...”

“Vão embora antes que eu resolva perder tempo com vocês.” – Fez uma pequena esfera de luz em seu indicador e apontou para a entidade. No mesmo instante já não havia mais nenhum corvo lá; – *“Pronto... nossa, como são barulhentos... como você aguenta isso?”*

“É. Realmente são irritantes.” Ele não conseguia levantar o rosto para Ikarus. A vergonha pesava o rosto para o chão.

“Ei. Eu ouvi um pouco do que você e Lavender estavam conversando. E você apontou algo muito inteligente, Credus.” – Usando a manga do manto cinzento que vestia, Ikarus limpou a testa e os resquícios de lágrimas no rosto do elfo; – *“Você entendeu o que muitos reis e sábios não compreendem. Percebeu algo que nos conecta. Nossas individualidades.”* Terminou bagunçando o cabelo da criança.

“Como assim?”

“Lavender é uma vampira que nasceu conectada com o mundo positivo. Você é um elfo que nasceu conectado com o mundo negativo. E eu...? Bom, sou considerado o único sacerdote que usa energia positiva. Consegue perceber? Somos todos exceções. Todos anomalias.” – Soltou um breve riso; – *“Independente dos motivos que nos fizeram ser o que somos, devemos arcar com isso. E sempre procurar evoluir. Juntos.”*

“Eu não sei o que dizer...” Muitas coisas passavam pela mente do garoto naquele momento, mas nenhuma podia resumir a sensação de acolhimento que sentia.

“Não precisa dizer nada, elfinho. Vamos aproveitar o tempo que estou aqui e comer uma sopa com a Lavender, anda.” Colocou uma mão nas costas de Credus e o guiou para fora do cômodo.

...

Nos dias e noites seguintes, Lavender guiou Credus na realização das tarefas domésticas. Não demorou para que os corvos sussurrassem para o elfo onde era sua atual localização. Um pequeno bosque situado em uma isolada área montanhosa de outro continente. Divagando entre animação por estar em um lugar novo e preocupação ao perceber que estava longe de casa, ele se dividia em sentimentos e preferiu sempre guardar suas reflexões para si. Isso não impediu a vampira de sempre tentar puxar assunto e aprender mais sobre seu novo amigo.

Em uma manhã corriqueira, quando já haviam plantado seus alimentos e estavam cortando lenha juntos pelas proximidades, Lavender resolveu tentar uma aproximação diferente.

“Por que você nunca fala sobre sua irmã?” Disse de maneira casual.

“Minha irmã? É... Laria.” - Ele não esperava por um assunto desses vindo de maneira tão repentina e natural; - *“Eu sinto falta dela. O que quer saber?”*

“Na verdade, não sei. Sinto que esse é um assunto que não falamos muito e, quando paro pra pensar, não consigo imaginar como sua irmã deve ser.” - Ela encarava o elfo, preocupada em saber sua reação e se aquilo o incomodava; - *“Não precisamos falar sobre isso se não quiser. Mas, se estiver disposto, eu lhe recompensarei com uma pergunta sem restrições!”* Dizia como se fosse um prêmio de valor inestimável. Ele riu.

“Tudo bem, justo. Laria é minha irmã gêmea, mas não nasceu cega como eu. Também nasceu sem sua bênção, como uma elfa normal. Ela só veio a despertá-la quando alguns velhos a abordaram em um beco. Ela nunca me contou muito sobre o que aconteceu, mas disse que nunca sentiu tanta raiva e dor quanto naquele dia. No final, soube que ela feriu muito os homens e que eles haviam sido presos e levados ao calabouço em Salos.” - Lavender arqueou as sobrancelhas sem acrescentar qualquer palavra; - *“Como pode ver, ela sempre foi muito durona e até desobediente. Brigava bastante com a senhorita Kirstein e nunca se deu muito bem com os outros do orfanato. Algumas vezes eles me batiam por causa das atitudes dela.”* - Refletiu, lembrando que havia presenciado muitos dos valentões mortos ou sendo devorados pelo espectro; - *“No fundo, eu não me incomodava com nada daquilo. Ela era muito carinhosa e me ensinou tudo que sei. Eu não tinha muitos amigos, mas ter Laria ao meu lado era mais que suficiente.”*

“É, você viveu bastante para um elfo da sua idade. Nenhuma criança deve passar pelo que passou.” - Lavender agarrou um dos tocos de madeira que haviam coletado e o apoiou contra a base de uma árvore que haviam derrubado alguns dias antes. Com cautela, ela empunhou um machado pequeno e mirava para cortar o toco no meio em uma tacada só; - *“Mas acho que tudo vai ficar bem. Você tem eu e Ikarus ao seu lado e em breve irá retornar à sua cidade e reencontrar Laria. Um dia quero conhecê-la, se possível.”* Olhou para Credus e sorriu antes de descer a lâmina e partir a madeira em dois. Enfiou os pedaços em uma grande sacola de lã que utilizavam para o transporte.

“Sim. Claro.” - Credus tentou sorrir e quase conseguiu dessa vez; - *“Bom, minha vez... você consegue vê-los?”* Apontou para uma árvore. Lavender voltou a atenção para a direção do indicador do menino, mas tudo que via eram apenas os galhos e o topo de uma árvore comum.

Do alto do cume, entre as secas folhas amareladas de outono, milhares de olhos carmesim encaravam a dupla. Os corvos possuíam corpos grotescos e distorcidos. Múltiplas asas tortas que, onde terminava uma, começava outra, bicos afiados como pontas de lanças e alguns possuíam até mesmo mais de uma cabeça.

“São os corvos, né?” - Fez a dedução mais lógica; - “Não. Eu não sou capaz de vê-los. Quando Ikarus mencionou sobre isso eu pesquisei um pouco em alguns livros. Achei poucas conclusões dos sacerdotes, mas pelo que vi existe um tecido no espaço que eles apelidaram de ‘mundo transparente’. Parece que os únicos capazes de enxergar esse tecido são seres com características especiais. Algumas teorias apontam que o fator decisivo para a visualização de tal se encontra nos sentidos de tais seres. Faria sentido com o seu caso.”

“Como sabe disso tudo?”

“Eu leio muito.” Sorriu e agarrou outro pedaço de lenha.

“É, eu notei.” - Ele pediu o machado para Lavender que não hesitou na entrega; - “Eu pretendo tentar aprender mais sobre os corvos e como posso usá-los para ir a outros lugares. O que você planeja para o futuro, Lavender?” Desceu a lâmina e, em um corte diagonal, cortou a madeira em dois pedaços similares. Alguns farelos se espalharam pelo ar.

“Boa. Logo, logo pega o jeito.” - Catou os pedaços e os inseriu na sacola de lã surrada; - “Bom, Ikarus não deve lhe ter informado, mas... eu estou estudando para me tornar a rainha dos vampiros.” Ele virou com velocidade para a garota.

“O que?! Rainha? Igual a como temos em Ártemis?!”

“Uhum. Por isso eu devo continuar meus estudos e ser o mais culta possível. Só assim conseguirei garantir um futuro para eles.” - Ela cobriu uma mão sobre a outra por um instante; - “Eu admito que estou com medo. Muito medo. Tenho medo deles. Da natureza deles. E também tenho medo por ser diferente. Cada livro que leio, eu percebo que não tenho nada a ver com os vampiros, e que Tormenta parecia um oposto completo dos ideais que eu sigo.” Foi a primeira vez que Credis a viu tão perdida em suas falas.

“Nossa, você não deveria ter medo disso.” - Declarou com toda honestidade do mundo; - “Eu e minha irmã somos...” Pensou em revelar acerca de seu parentesco com Keen, mas lembrou do que Ikarus lhe instruiu alguns dias atrás. Não revelar essa informação a ninguém seria essencial para um recomeço tranquilo.

“Vocês são...?” Ela perguntou ao apanhar a sacola cheia de madeira e apoiá-la no ombro.

“Somos... somos de uma cidade muito isolada. Lá tudo é bem diferente e acho que não saberia me portar direito em frente ao povo da capital, entende?” - Improvisou. Lavender riu ao perceber que o menor ainda tinha seus segredos; - “Você é muito dedicada. Vai dar tudo certo. Um dia eu e Laria iremos te visitar para ver os frutos do seu trabalho.” Um sorriso mentiroso. Ela ao menos apreciou o esforço.

“É claro. Será um prazer.” Credus a auxiliou com a sacola e juntos a carregaram de volta para a caverna.

Pelo caminho, Lavender cantarolava uma melodia e balançava sua cabeça para os lados no ritmo da música. A saia de seu vestido rodava com o balançar de seu corpo. Depois de alguns instantes, ela nem havia percebido, mas já estava cantando em voz alta. Da sua voz, o cantar era lento e melancólico. Na verdade, para Credus, todas as músicas que Lavender cantava pareciam iguais por serem em vampírico. Ele não reclamou e nem interrompeu. As ondas sonoras que ela propagava, ajudavam o elfo a ver seus arredores ainda com mais clareza.

“Com a lua poente, em seu tom mais reluzente, a doce dama vem e nos deleita com felicidade. Com o sol ardente, e sua luz insurgente, o homem da lança vai e nos contempla mortalidade.” - Ela cantava; - “Se vamos dormir, se vamos comer. Quando a lua não mais se esconder. Se vamos, correr ou enfim nos render. A mãe Tormenta irá acolher.” E continuou a cantarolar em repetição.

Achando engraçado, Credus modulou a voz dele para tomar a mesma forma das ondas que Lavender propagava. Ele já havia brincado disso algumas vezes com Laria e agora não estava mais tão complicado como quando era mais novo. Começou a cantar a mesma música que a vampira, imitando com perfeição a voz da mesma. Impressionada, Lavender riu e juntos seguiram em sintonia.

Com o sol em seu ponto mais alto do dia, o calor fazia o suor percorrer pelo pescoço do elfo, indo por entre a camiseta batida do orfanato que vestia e pingando na grama. Lavender parecia realmente não se abalar nem mesmo naquela alta temperatura. Assim como uma planta absorvendo a luz, a vampira singular parecia recuperar seu bom humor na mesma medida em que passava aquecendo sua pele. Chegando na caverna, Lavender tomou para si o saco.

“Bom, eu vou ir preparando o fogo para aquecer o almoço. Você pode tomar um banho enquanto isso.”

Antes de se virar para o túnel que a levaria para a cozinha, Laveder foi surpreendida com a entrada de dois animais voadores extremamente velozes pelas aberturas do teto da caverna. Atônita, ela inspirou fundo e derrubou o saco, deixando cair boa parte da madeira. Credus não entendeu, usou o som da madeira ecoante e tentou um pulso para captar o que havia assustado sua amiga. Como um sonar, percebeu duas figuras voadoras que não reproduziam qualquer som em seu voo. Não eram seus corvos. Aquilo eram animais reais.

“São corujas brancas das montanhas!” - Juntando suas mãos, Lavender sorriu como nunca havia feito; - “Elas são fabulosas! Extremamente raras!”

“Elas não produzem som...” - Credus não sabia como reagir; - “Nunca presenciei nada parecido.”

“Não precisa ter medo. São aves migratórias e cavernícolas. Grandes predadoras de pequenos animais. Seu voo é realmente muito silencioso.” - Ela percebeu um pequeno ninho em uma pequena fenda entre as estalactites; - “É, eu retiro o que disse. Você é mais parecido com corujas do que morcegos.”

Capítulo 36 - Entorpecido

Ano 280 - Noite 25 ▪ Salos, Castelo de Keen. Quarto de Hellenor

“Perdão, elfinho. Mas tudo acaba aqui.”

Ikarus fechou o punho e começou a fazer força, puxando para fora toda luz do peito do assassino em série. A fenda no centro das costelas de Credus se abria cada vez mais, assim liberando mais feixes dourados da essência do elfo. Com o nariz apontado para o céu, boca e olhos abertos, o elfo gritava em protesto.

Quanto mais luz Ikarus arrancava do inimigo, mais fraco o mesmo aparentava. Abaixo da máscara, criando rugas, a pele do elfo começou a envelhecer. Ele estava trêmulo. Ikarus não sabia o quão dependente de sua bênção aquele corpo amaldiçoado havia se tornado. O sacerdote encarava aquilo com olhos tristes e, temendo matar o elfo ao retirar sua bênção, por um momento hesitou em continuar.

“Corvos!” Creus brandiu com violência como uma ordem.

Não eram centenas, mas sim milhares de seres que surgiram das sombras por todo o corredor. O alto som das infinitas asas somado com o impassível grasnado estridente gerava uma alta e infernal melodia que podia ser ouvida sem dificuldade por todo o complexo da família Rowan. Em um furacão, eles atacaram o sacerdote. Arrancaram dedos, rasgaram sua pele, cortaram as pálpebras. Os bicos frenéticos se moviam como tesouras afiadas e Ikarus foi obrigado a interromper seu ataque a Credus.

O efeito se desfez e a luz retornou ao elfo. Rindo com a brecha que havia conseguido, o cego correu para dentro do quarto da falecida elfa e, com uma investida de ombro, usou o próprio corpo para quebrar a janela que dava ao pátio interno do castelo. Caindo junto de centenas de fragmentos, ele abriu os braços e, por debaixo de sua capa, mais corvos deformados surgiram. As patas das criaturas cravaram nos ombros e braços do elfo e, com as múltiplas asas abertas, eles o fizeram planar. Em uma acrobacia, ele rolou pelas diversas flores do jardim, assim amaciando a queda, porém, ferindo sua perna. Ele havia aterrissado a poucos metros de Lakan, que estava carregando Laerdra e havia acabado de deixar Nilo no estábulo interno do castelo junto com sua grande espada. Sem sua arma principal e cara a cara com o assassino, o Querubim arregalou os olhos e deu dois passos para trás.

“O Querubim está aqui! O elfo que atingiu o limite de tudo!” - Ainda recuperando o fôlego pela recente fuga, Crux diz, rindo e aplaudindo; - *“Que sorte a minha! Eu sempre quis falar com você! Finalmente! Sem máscaras ou sósias!”* Ele retira sua máscara. Seu rosto era muito similar ao de Keen, exceto pelos olhos com pupila fosca e acinzentada. Ele aparentava ser ligeiramente mais velho que Lakan. O cego também soltou o cabelo negro que ia até os ombros e jogou a máscara na direção do soldado.

“Cego... então ele usa o som de sua bênção para se localizar. É uma possibilidade. Pode ser similar a quando eu desativo meus sentidos e mantenho apenas a audição.” - O Querubim pensou,

analisando todas as novas informações do assassino; - *“Ele pode usar sua bênção durante a noite. Não deve demorar muito para amanhecer, mas preciso tomar cuidado com isso e acabar com tudo de uma só vez. Se ao menos eu tivesse a Redenção aqui comigo...”* Dormindo, Laerdra tremia de dor no colo do aliado.

“Se entregue.” - Lakan começou, deixando sua aliada em um jardim ali próximo; - *“Caso você se entregue e explique suas motivações, ainda pode receber uma execução e toda sua dor irá sumir. Tenho certeza que é um destino mais honrado e menos horrendo do que centenas de anos de tortura.”* Barganhou o Querubim que sacava suas facas com um olhar fixado no inimigo.

“Uma execução... isso me é familiar... não foi exatamente isso que fez com a sua ex-parceira Seraphim?” - Lakan respirou fundo e segurou as facas com mais firmeza; - *“Não foi isso que fez com Laria?”* Disse sério.

“Sim.” - Lakan gaguejou e fez uma pausa antes de continuar. Respirou fundo mais uma vez; - *“Foram ordens de Keen.”* Mordeu o lábio inferior.

Com a resposta de Lakan, Crux riu. Ele riu até chorar. O Querubim não perdeu tempo e foi com tudo para cima do inimigo. O primeiro ataque foi a tentativa de uma apunhalada rumo ao abdômen de Crux. Querubim usou o peso de seu corpo e a força de seus braços para atingir o máximo de velocidade possível. A adaga era muito leve se comparada ao peso comum que o homem usava para lutar normalmente. Empunhar aquela arma era tão suave que nem parecia estar com metal nas mãos. Contudo, o ladino parecia prever o trajeto do corte e contra atacou sacando uma lâmina de dentro de seu manto e desferindo um corte paralelo à lâmina do famoso guerreiro. O golpe do cego rasgou o aço da faca de Lakan como se fosse papel. Antes de continuar a sequência, o herói esquivou para a direita e andou rapidamente para trás.

“Vorpalite? Era esse o nome do material? Witt é realmente uma elfa completa. Que trabalho esplêndido!” - Disse Crux, passando o polegar na lateral da pequena adaga que segurava; - *“Sabe Lakan, eu sou cego. Mas eu vejo tudo nesse mundo. E esse é um poder que veio a muito custo.”* Lakan tremeu.

“Isso é um blefe? Ou ele está exagerando?” - Começou a pensar; - *“Ele parece disposto a conversar. Posso ganhar tempo até o amanhecer e o derrotar com minha bênção. Mas... quanto tempo Laerdra ainda tem...?”* Olhava para seus arredores, procurando respostas. Direcionando seu foco pro castelo, ele percebeu que a janela por onde Crux havia escapado era a mesma do quarto de Hellenor. Seu corpo gelou por completo.

“Ei... isso é inusitado. Sua respiração está engraçada, senhor Querubim.” - Os sons do corpo do guerreiro eram sutis, porém foram amplamente captados pelo inimigo; - *“Batimentos acelerados... isso é medo?”* Ele levanta a adaga que rapidamente é empunhada por um corvo que surge em seu ombro.

Os olhos castanhos de Lakan estavam travados na janela despedaçada do quarto. Como ondas raivosas, as cortinas rasgadas que fugiam do recinto voavam presas em seu interior. Aqueles movimentos ininterruptos trouxeram mil pensamentos à mente do elfo. Um arrepio percorreu seu esqueleto ao imaginar a pior possibilidade.

Mais uma carga foi realizada em direção ao inimigo. Lakan empunhou a adaga em um aperto invertido heterodoxo. Crux o aguardou, ouvindo seus passos com atenção e analisando todo o espectro que surgia com as ondas sonoras. O Querubim continuou correndo ao desferir o primeiro ataque, um corte de cima para baixo simulando um gancho, onde a lâmina cortaria a partir da jugular e subiria. Crux foi para trás e moveu sua lâmina de vorpalite rumo ao estômago do guerreiro. Porém, não teve abertura para isso. Lakan continuou a sequência com um soco cruzado com a outra mão. Crux abaixou. A adaga de Lakan volta rumo ao pescoço do alvo novamente. Ele esquiva para trás mais uma vez. Ganhando território e pressão, agora corpo a corpo com o adversário, ele mira com tudo em um ataque contra a mão do assassino. Usando as costas de seu punho ele acertou a lateral da mão do inimigo. Com a força na batida, a lâmina mortífera é derrubada e, sentindo que a intensidade do soco de Lakan pudesse ter quebrado ou torcido seu pulso, Crux recua vários passos com a mão no ferimento.

“Ele não é bom em combate a curta distância. Hellenor. Preciso ir até Hellenor.” Pensou o Querubim. Com o inimigo desarmado, ele voltou os olhos rapidamente para a janela. Naquela virada de pescoço, Crux apontou para a lâmina no chão. Um corvo surgiu e a apanhou com patas finas e secas como galhos mortos.

Voltando a atenção para o inimigo, Lakan apenas via a lâmina voando em pleno ar. Aquilo não fazia sentido algum para o elfo. O corvo levou o objeto à mão estendida de Crux.

“O que foi isso?! Mais algum truque? Tá, não importa. Me perdoe, Laerdra.” Lakan pensava antes de correr. Dessa vez, ele deixou o jardim e entrou no castelo.

“Oh, ele vai fugir? Logo ele que não fugiu nem mesmo de Solumbre?” - Sussurrou, Crux; - *“E ainda deixou a coitada aqui no chão. Que belo herói.”* Se virou para Laerdra desacordada.

“Guardas! Reforç-” Antes que pudesse terminar de brandir por ajuda, Lakan percebeu que o som não mais saía de sua boca. Subitamente, vibrações quase invisíveis passaram por

ele, como uma ventania repentina, e fizeram cortes profundos em seu equipamento, principalmente na área do peitoral.

“Foi o som! Ele condensou os meus gritos e fez esse ataque com as vibrações!” Continuou correndo e subindo as escadas sem olhar para trás. Não havia qualquer luz acesa e muitas janelas estavam escancaradas com vidro jogado pelo chão. Nenhum soldado pôde ser visto pelo caminho.

Ofegante por manter o ritmo da corrida constante, o elfo pulava os degraus e atravessava os corredores da instalação sem olhar para trás. Aparentemente ele não estava sendo seguido, mas continuou com a adaga em sua mão enquanto investia. Seus passos eram altos e ecoavam pelos saguões vazios. Faltava pouco para chegar até o quarto de Hellenor e foi então que notou gotas de sangue pelo chão a partir desse caminho. Seu coração pulsou mais forte e cerrou o punho onde segurava a adaga. Mais alguns passos e ele iria virar para a direita, entrando no corredor do quarto.

Seus olhos umedeceram a visão. O pisar estava pesado, lento e hesitante. Arrepiado, ele tentou regular a respiração. A franja castanha que cobria a testa, que antes estava molhada pelo suor da batalha, agora estava gelada. Deu o passo necessário para entrar no encontro de corredores. Era escuro, mas alguns raios de luz adentravam pelas janelas quebradas. Pelas paredes e pelo chão de concreto havia inúmeras marcas de cortes junto de muitas manchas de sangue. Era como se alguma lâmina afiada tivesse atacado para todos os lados do saguão. Nada disso interessou Lakan que olhava fixamente para a porta do quarto. A dobradiça de metal superior havia arrebentado e a porta estava torta. Ele sentiu que precisava correr, mas algum sentimento estranho segurava seus ombros, o fazendo reduzir o passo. Então andou.

Um passo de cada vez, ele não queria chegar naquele quarto. As malditas lágrimas umedeceram novamente a visão. Lembrou do treinamento militar onde aprendeu a passar terra caso algum dia fosse ferido na testa em combate, para assim o sangue não escorrer e atrapalhar a visão dos olhos. Por um segundo se deu ao luxo de rir da juventude e da ironia de como não poderia fazer isso no momento. Ele relaxou e a lâmina escapou pelos dedos, fazendo um alto som metálico ao atingir o chão. Aquele caminho de poucos metros parecia não acabar, até que acabou. Ele estava em frente a porta torta.

Estava de frente com a janela que o seduzia quando em combate com Crux. Violentemente, as cortinas pareciam tentar pular para fora daquele quarto. Todos os móveis pareciam ter sido abalados, empurrados e danificados. No chão da entrada, o herói pisou sem perceber em um profundo corte no chão de concreto, onde se encontrava uma poça vermelha que respingou pelos cantos da fissura. Um corpo, coberto por um cobertor branco e tingido de sangue, estava deitado no centro de todo

aquele caos. Os cabelos escuros que escapavam do casulo denunciavam a identidade do cadáver.

Lakan não disse nada. Ele não piscou. Alguns minutos se passaram e seus olhos ressecaram ao ponto de lacrimejar novamente. Deixou as lágrimas caírem e só então voltou para a realidade. Com a boca fechada, cerrou os dentes ao ponto de sentir a dor percorrer pelas laterais da cabeça. Engoliu saliva e só então percebeu que sua garganta estava mais seca do que nunca. Após uma fungada, com os lábios trêmulos, ele se ateve a quebrar o silêncio.

“Hellenor...?” Esperou a resposta.

Cada segundo que morria tornava maior a impaciência do guerreiro. Ele esperava que aquela não fosse a amada. Não se permitiu derramar mais uma lágrima sequer até ouvir uma resposta. Desviou o olhar novamente para as cortinas que dançavam pela janela. Mantendo os olhos naqueles movimentos ondulares, ele recusou-se a pensar em qualquer outra coisa. E ficou lá.

“Quando é a provação? Eu tenho que lutar pra salvar a mamãe e casar com a Hellenor.” - Pensou; - *“Vai ter a provação em breve. Eu vou ganhar mais uma vez, e Keen vai aplaudir. Depois disso vou viajar e entregar os remédios da mamãe. Ficar lá, pescar... falar com ela sobre todas as coisas boas que aconteceram nesses tempos. Falar pra ela do nosso casamento. Casamento.”* Mais lágrimas. Limpou os olhos com as costas das mãos. Franziu as sobrancelhas, estranhando o motivo daquilo.

“É. Eu nunca pensei em casar, mas Hellenor falou tanto sobre isso que eu acabei mudando de ideia. Já está tudo certo com Keen e eu derrotei muitos na provação que foi adiada. A provação foi... adiada? Por que ela foi adiada mesmo? Tinha um inimigo. Ele tinha matado outras pessoas e estava lá.” - A respiração ficou veloz. Tirou os olhos da janela e foi até o corpo, se agachando; - *“Ele entrou no castelo quando eu estava fora. Ele fez isso.”* De uma só vez, tirou o cobertor ensanguentado de cima do corpo.

Lábios secos e roxos, pele pálida com veias à mostra, olhos semiabertos com fundas olheiras. Havia uma enorme poça de sangue abaixo de Hellenor, proveniente do profundo corte em seu abdômen. Os órgãos também estavam evidentes. A parte da saia de seu vestido negro estava completamente banhado naquele sangue. Lakan foi para trás, prendendo a respiração. Ele queria fechar os olhos e tirar aquela cena de sua frente, mas não conseguia. Ficou parado analisando todos os detalhes. O olhar morto, cabelo embaraçado, unhas púrpuras. Encarou a cena até se acostumar com a brutalidade. Ele já não mais tremia.

Engatinhando, aproximou os braços e fez carinho sobre o rosto. Da testa até as bochechas, a pele estava fria mas ele não se atentou a isso. Passou o dedo indicador pelos cabelos, brincando um pouco como costumava fazer quando com ela. Sentou. Levantou a cabeça dela e apoiou sobre seu colo. Ficou passando a mão no cabelo por alguns instantes.

“Hellenor morreu.” Sem motivo, pensou nisso. Foi um pensamento rápido. Olhou novamente para o rosto dela. Chorou.

Dessa vez ele não parou. Tentou limpá-las com as costas das mãos, mas elas continuavam caindo. Ele respirava fundo com a boca. Soluçou. O coração palpitou até chegar na garganta. Com a face completamente molhada, ele se inclinou, colocando sua cabeça na área do peito de Hellenor. Lá ele gritou, agarrou com força o tecido do vestido, fechou os olhos com todo ímpeto que possuía. Ele tentou não lembrar quando foi a última vez que a viu com vida. Tentou não pensar em sua boca rosada e seus olhos simpáticos que o acompanharam por toda vida. Nem nos beijos e momentos de amor que pareciam eternos. As noites em que deitava e pensava na sorte que tinha em tê-la dormindo ao lado. Observava-a dormir e não queria fechar os olhos para que aquele momento não acabasse. Tudo aquilo havia chegado ao fim. Amanheceu.

...

Nas primeiras horas da manhã, do lado de fora do castelo, ainda haviam guardas fazendo patrulha e contendo os poucos civis que ainda não haviam sido detidos. Afastadas da área de tensão, Jess e Witt estavam juntas, assistindo o amanhecer surgir atrás do castelo pelo zênite. O sol tocava suas peles brancas e as aquecia. Embriagadas pelo sono de uma noite inteira de trabalho e tensão, nenhuma das duas ousou desperdiçar palavras naquele momento.

A cavalo, uma figura chamou a atenção não apenas da dupla, mas também dos soldados e dos civis que ainda se encontravam em protesto. De cabeça baixa, em seu cavalo preto, Keen cavalgava rumo ao conglomerado de torres do castelo. Ele passou em frente a dupla sem olhar ou dizer nada. Um soldado parou em sua frente e o chamou com devido tratamento.

“Peço perdão por interromper o andar de vossa alteza, porém lhe trago más notícias. Laerdra fora encontrada gravemente ferida no jardim interno que interliga as torres do castelo. Ela foi levada em estado emergencial para o hospital central e está sob vigilância dos melhores curandeiros. E quanto sua filha, meu lorde...” - Keen parou o cavalo para ouvir. Seus olhos estavam vazios e pareciam atravessar aquele que o entregava a mensagem; - *“Sua filha, Hellenor, foi assassinada esta noite. Tudo indica que ocorreu enquanto as forças lidavam com o povo. Nós*

sentimos muito, lorde Keen.” Estando a poucos metros do anúncio, o sangue de Jess e Witt gelou com a notícia.

A expressão do Rei não mudou. A bainha de sua lâmina remexeu, sem qualquer toque ou interação de seu portador. Ela tremia e uma breve fumaça escura fora exalada. Abaixou sua cabeça, bateu de leve com a guia contra seu cavalo e, contornando o soldado, ele seguiu com tranquilidade rumo ao castelo.

“Hellenor morta? Por que?” - Um dos punhos fechados de Jess tremia enquanto ela olhava para o chão; - *“Crux só queria matar Keen... ela nem era uma guerreira! Não apresentava qualquer ameaça! Então porque?!”* A ruiva contraiu os lábios.

“Os filhos pagarão pelos pais’. Ele tem algo muito pessoal contra Keen.” - Witt analisava ao pausar o raciocínio com um suspiro cansado; - *“Lakan deve estar péssimo... não consigo imaginar a dor que ele deve estar passando. Vou ver se consigo encontrá-lo para dar uma força.”* Desencostando da amiga, ela caminha rumo ao guarda que deu a notícia à Keen. Usando seu braço direito, ela pressionava contra o peito uma série de livros e cadernos. Jess segurou este antes da partida.

“Eu irei para o bar. Depois de ver se seu irmão está bem, você deveria passar por lá.” A ruiva apertou com firmeza ao dizer aquilo. Olhando para a mão da amiga, Witt assentiu com a cabeça.

“Eu irei. Só preciso de um tempo com ele. Na verdade, irei passar em outro lugar primeiro.” - Deu o primeiro passo em diante, mas ela continuou a segurar seu braço; - *“Algum problema, Jess?”* Olhou no fundo dos olhos. Os olhos verdes da elfa que a tocava resistiam a chorar por um fio. Ela soltou.

“Tenho uma coisa para lhe dizer quando retornar. Nos vemos em uma hora.” Ela se virou e seguiu entrando em outra rua e deixando Witt para trás. Muda, a cientista observou sua amiga ir, percebendo algo diferente em seu andar. Algo além de mera tristeza.

A guerreira aposentada andou com os punhos fechados e olhando para o chão. Onde quer que o amanhecer dourado tocasse, haviam guardas em vigia. Ela não se incomodou. Encarando os sapatos em seu andar lento, o peso de sua culpa somados ao sono abatiam a elfa. Após revirar ruas, refletir em silêncio e ser brevemente parada por um guarda, ela chegou ao bar Akrasia.

Com exceção do forte odor de pimenta deixado por Witt na madrugada anterior, tudo estava perfeitamente em ordem. O bar noturno parecia sempre ser maior pelas manhãs silenciosas do que durante as noites turbulentas. Andando pelo salão,

organizando algumas cadeiras de madeira pelo caminho, Jess foi até o balcão. Na pia, havia pilhas e mais pilhas de louça, porém, a elfa se focou apenas em lavar seu rosto usando a água da torneira. Massageando o rosto com a água gelada, ela tentava relaxar os ombros sem sucesso. Terminou com um suspiro e apanhou um bife que passou a noite pelo balcão, nele algumas moscas repousavam.

Sem mais delongas, empurrou uma das estruturas próximas ao balcão. Um largo e pesado baú que ficava no canto da sala. O piso de madeira rangeu, sofrendo pelo peso da estrutura. Uma singela abertura formava um escuro caminho para baixo, com uma breve escadaria que levava a um andar subterrâneo do formoso bar rústico. O cheiro de podre subiu no mesmo instante e foi o suficiente para fazer a dona do bar virar o rosto em repúdio. Antes de qualquer outra coisa, ela encarou um dos machados que era mantido como decoração do bar. Uma machete de mão. Por ter tido seu último uso na Guerra Final ele estava cego e com parte da lâmina enferrujada. Após quase um minuto observando a arma, ela o brandiu e o escondeu em suas costas, colocando o cabo de madeira dentro da calça e o apoiado na cintura. Desceu os quase oito metros de altura e aterrissou no úmido solo da sala escura.

“Podemos conversar?” Ela perguntou ao vento.

“Nério não falar bem élfico... amiga de Witt saber vampírico?” A voz grossa e quase gutural respondeu pelo vazio, seguido do som de correntes em atrito.

“Não. Eu não sei vampírico.” - Iluminada apenas por poucos feixes de luz provindos da superfície do bar, ela atirou o bife velho na escuridão. O som da carne sendo deliciada por mordidas suculentas repercutiu pelo porão; - *“Não tivemos muito tempo para conversar... sou Jess. Espera... como sabe que sou amiga de Witt?”*

“Ah, é fácil. Witt contou pra Nério que menina de cabelo... fogo! Isso. Cabelo cor de fogo era amiga. Amiga bonita e forte. Nério entendeu na hora.” Jess teria percebido o sorriso no rosto pálido do vampiro se não fosse pelo escuro.

“Ela disse isso, né? Ela é um doce.” - Sorriu; - *“Eu ouvi suas histórias quase todas as noites após meu trabalho, Nério. Nós vamos te tirar daqui e o levar em segurança para Héros. O que Keen fez com você não foi certo. Você deve voltar para casa em breve.”*

Assim que a última palavra escapou dos lábios de Jess, o clima começou a pesar. Ela estranhou, olhando para os lados, tentando entender o motivo do profundo arrepio que sentia. Subitamente, o grasnar de alguns corvos ressoou do lado de fora do bar. Jess arregalou os olhos, já olhando para a saída do porão. O som se intensificou, ecoando pelo interior do porão, e da escuridão Nério gritou.

“O que é isso?! Nério você está be-” Palavra alguma saía dos lábios da elfa. Passando os olhos por todo lugar, a elfa brandiu o machado e cobriu as costas ficando encostada contra a parede.

“Vejo que mesmo depois da última guerra você ainda possui bons reflexos e instintos, Jess. Muito bom.” - Do escuro, Credus surge mancando; - “Desculpe pela inconveniência. É só que eu não aguento mais tantos gritos...” Em um estalo de dedos, o som volta como se nunca tivesse sumido e o grito de Nério continua, dessa vez mais desafinado e desesperado.

Credus estava sem sua máscara. Seu cabelo escuro e liso estava bagunçado, com boa parte da franja sobre os olhos. Pelo nariz, sangue escorria sem parar, contornando os lábios e descendo pelo queixo fino. Abaixo dos olhos nebulosos pousavam olheiras cansadas. Ele estava ofegante.

“Acho que vou retirar o som dele por hora. Apenas para conversarmos em paz.” - Fechou o punho e novamente Nério estava mudo; - “Melhor assim.” Andou lentamente até Jess.

“Nem mais um passo, seu patife de merda! Você matou Hellenor! A Hellenor, Crux! Isso não fazia parte do acordo!” - Apontou o machado na direção do elfo; - “O que aconteceu com o plano de matar só o Keen?! Por que ele continua vivo e a Hellenor não?!”

“É, eu sei. Eu não te contei tudo, Jess. Peço desculpas.” - Ele levanta as mãos; - “Mas tenha calma, eu estou ferido. Acabei enfrentando o Querubim. As coisas não foram como o planejado.”

“É, você certamente não me contou nem metade! Eu e Witt já vimos tudo. Sabemos que você é a merda do filho bastardo de Keen!” Naquele momento, Credus franziu as sobrancelhas.

“Como descobriram isso?”

“Não importa! Me responda! Pra que matar a coitada da Hellenor?! Ela não tem culpa alguma de nada disso!”

“Você não está vendo o todo... o sangue de Keen é podre. Se Keen morrer, uma filha assumirá o trono e continuará seu legado miserável. Por isso, o plano é primeiro voltar a nação contra ele, eliminar os descendentes e, só então, o ver dividido entre matar o próprio povo ou abdicar do trono como o covarde que é.” - Ele pausa para respirar; - “A morte de Hellenor era evitável. Ela poderia ter fugido para outro lugar e ter vivido com o atual Querubim por um bom tempo. Mas ela deitada naquele momento... era uma chance simplesmente boa demais para desperdiçar. Em breve

os pirralhos que me seguem também devem se livrar de Hellix. Aquela meretriz em vestidos reais incorpora tudo de errado em Keen...”

Jess chorou. Ela não tirou os olhos do assassino e estava pronta para o atacar a qualquer momento. Um ataque no pescoço. Mesmo com uma arma cega, aquilo poderia ser mortal. Mas se o ataque errasse, ela poderia ser um alvo fácil, acabar morta naquele porão e virar comida de vampiro. As possibilidades afloravam em sua mente.

“E eu contribui pra essa merda toda... No final é só uma vingança pessoal e sem sentido.”

“Veja como quiser. Eu não espero que compreenda meus motivos.” – Ele move a cabeça pros lados, sem manter contato visual com a elfa; – “Eu vejo muitas coisas, Jess. Muitas mesmo. Os corvos me permitem ver o mundo todo, quando eu quiser. Claro que esse poder tem um custo e exige muito do meu corpo, como pode ver. Mas eu realmente não vejo sentido em um mundo com Keen como rei. Um mundo onde crianças sofrem não tem salvação. Nem mesmo com a ajuda de Ikarus.” Ele ri.

“O que você pretende fazer agora, Crux?” Deixando de lado o dito, ela relaxa alguns músculos, ainda mantendo a guarda alta.

“Primeiro, abaixe essa arma. Estamos do mesmo lado. Ambos queremos libertar o vampiro e arrancar a cabeça de Keen, lembra? Então, preciso saber se ainda posso contar com seu sigilo.”

“Você sabe que pode confiar em mim... acho que fui bem clara naquela noite com Aradia.” Jess olha para baixo. A faca foi ao chão.

“Eu espero que sim. Depois que eu descansar e me recuperar, existem duas coisas importantes a fazer.” – Ele se senta; – “A primeira é encontrar outro elfo escolhido pelos corvos e a segunda é o plano do relógio de Witt.”

“Certo, mais uma vez você não me falou sobre nada disso... maravilha. Continue.”

“Bom, vamos por partes... os corvos são entidades muito antigas e assim como sacerdotes é possível fazer acordos em troca de poder. No meu caso, eu fui escolhido por eles em meu nascimento. Minha mãe deve ter tido contato com eles em algum momento durante a gravidez e eles me marcaram. Retiraram minha visão, apenas para depois barganhar a mesma. Eles são assim e fizeram isso com outros elfos. Estão mirando em uma nova vítima. Preciso que me ajude a encontrar outro elfo que tenha nascido sem um dos sentidos, assim podemos fazê-lo evitar qualquer contrato com eles.”

“Uma das alunas da Witt é surda... Hayam, se não me engano.”

“Então ela é portadora de uma bênção poderosa e os corvos desejam a enganar como fizeram comigo. Caso ela siga o que as vozes dizem, ela será tentada pelo poder para recobrar seus sentidos e provavelmente um massacre ocorrerá. Ela carregaria para sempre inúmeras mortes consigo.” –

Ele faz uma pausa contraindo os lábios; – “Poder algum vale esse fardo.”

“Pode deixar essa tarefa comigo. E quanto a segunda parte do plano?”

“Bom, eles não mataram Keen. Ou seja, precisam pagar.”

“O que? Como assim?”

“Os civis não mataram Keen durante a noite. Então os filhos pagarão pelos erros dos pais. Eles precisam entender que eu sou um homem de palavra. Precisam entender que minhas promessas não são vazias como as de Keen.” – Vira o rosto para Jess. Ela apanha a arma do chão; – “Daqui a menos de uma hora, o grande relógio no centro da cidade irá tocar e eu irei manipular as frequências das ondas sonoras. Todos os bebês que estiverem no alcance de Salos serão afetados.”

“Não faz isso.” – Jess disse; – “Eu imploro. Você mataria centenas de inocentes. Acabaria com muitas famílias. Eu mesma posso ir lá e matar Keen.”

“Está um pouco tarde para isso. O tempo já acabou e Keen está vivo.” – Respondeu sério; – “Não me apetece ter que fazer isso, mas você entende a proporção que isso tomaria, não é? Será uma catástrofe. Um trauma não apenas para Salos, mas para Ártemis inteira. Eles viriam primeiro atrás de mim, mas eu já estarei morto quando me encontrarem. Então só sobrá um culpado...”

“Não faz isso.” Repetiu, firmando a mão no machado.

“E assim, a linhagem de Keen morre e um novo representante dos elfos surgirá. Ele reinará uma nação eternamente vigilante e em constante cobrança. Dessa vez, o rei terá que pensar duas vezes antes de sair para fazer filhos em bordéis enquanto sua esposa espera em casa.”

Em um movimento veloz, ela recuou o machado para o retornar contra o peito de Credus. Durante esse recuo, em pleno ar, uma onda turva de som cortou parte do cabo da arma. A lâmina cai no chão e a elfa se vê segurando apenas um toco de madeira.

“Isso que eu usei foi o grito do Nério. Muita vibração condensada... Provavelmente corta quase tanto quanto vorpalite.” – Mesmo com mais sangue escorrendo pelo nariz, ele se mantinha

com o semblante calmo. Nério voltou a murmurar no fundo; - *“Não perca tempo entrando em meu caminho, Jess. Vá atrás de Hayam e a informe sobre os corvos. Esse é o melhor que pode fazer no momento.”*

“Homem vai matar gente?” - Nério murmurou no fundo escuro; - *“Nério não deixar! Corre, moça! Corre!”*

Saído das sombras em uma investida, o pálido vampiro sem camisa surgiu de braços abertos. Ele era alto, pálido e magro. Em suas mãos, as garras estavam à mostra e sua mandíbula completamente aberta revelava grandes dentes. Credus sacou a lâmina de vorpalite e, em um único movimento vertical, desmembrou com facilidade um dos braços de Nério. O vampiro não parou a investida e usou o braço remanescente para agarrar o elfo. Tentando ir para trás, Credus teve dificuldades em se esquivar graças a perna ferida. Ainda assim, mirou o corte no pescoço de Nério. As cinco garras de Nério perfuraram parte do braço do assassino. Antes que a arma perfurasse o pescoço do Ghoul, Jess imobilizou Credus, implementando uma chave de braço.

“Pare! Se tentar me impedir, o sacrifício de Hellenor terá sido em vão!” Credus gritou.

“Não foi um sacrifício! Foi assassinato!” Jess respondeu em protesto.

Os dentes de Nério entraram profundamente na área do ombro do elfo e ele já sentia a intensa pressão na área em que seu sangue era drenado. Sem outra alternativa, Credus fechou os olhos e gritou. Os corvos surgiram mais uma vez, atacando Nério e Jess em múltiplos cortes. Jess recuou antes que a entidade a atingisse em algum ponto vital. Já Nério tentou continuar a se alimentar, porém, com inúmeros cortes pelo peito e rosto, o Ghoul caiu para trás, de costas contra o chão. No término do redemoinho de corvos, Credus já havia desaparecido por completo deixando para trás apenas uma poça de seu sangue.

“Ele fugiu... ele vai matar milhares de inocentes...” Desacreditada, Jess caiu ajoelhada, retomando o fôlego.

Pelo chão de madeira o sangue negro do braço decepado escorria, juntamente do enorme ferimento aberto na altura do ombro do vampiro. Embora o líquido passasse por seus dedos, ele tentou conter o sangramento com a outra mão. A visão do membro decepado a tonteou, o cheiro pútrido que impregnou o lugar a fez sentir náuseas. Ainda assim, ela sentia algo diferente naquele odor. Era como se pudesse sentir algo doce em meio a fragrância putrefata. Algo que a fez se sentir bem, anestesiada, entorpecida.

“*Jess ta bem?*” – Ele se aproximou da elfa que estava com a boca aberta e com as pálpebras em frenesi; – “*Sangue de Nério é perigoso. Sangue de Nério ser viciante e fazer coisas estranhas!*” Disse se afastando.

“*Não, eu... deixa eu te ajudar. Minha bênção faz com que eu consiga reconectar membros ou partes do corpo de outras pessoas. Não sei se funciona em vampiros, mas podemos tentar.*” Saindo do transe ela coçava os olhos com a lateral da mão.

“*Nério não sabe... Jess pode estar viciada em ajudar Nério.*” – Hesitou com um passo pra trás; – “*Nério sabe que Witt não gosta de verdade de Nério. Witt viciada porque sentiu o cheiro do sangue de Nério por muito tempo.*” Na escuridão era possível apenas ver o reflexo dos olhos carmesim do vampiro. Jess lembrou de Aradia naquele mesmo momento.

“*O que? Seu sangue possui essas propriedades?*” Ela sentiu seu estômago revirar violentamente. Como se todos os energéticos que havia bebido na madrugada passada estivessem lutando pra sair por sua boca. Usando as duas mãos, ela cobriu antes de regurgitar.

“*Jess! Melhor Jess sair e deixar Nério. Nério se cura. Vai ficar bem. Olha.*” – O ferimento já havia fechado e metade do antebraço estava formado; – “*Nério bebeu sangue. Nério ficar bem.*”

“*Certo... acho que nunca saberemos se minha benção funciona em vampiros.*” – Soltou uma risada antes de voltar ao semblante sério; – “*Eu ainda não acredito que isso tá acontecendo... ele vai matar muita gente...*” Se dirigiu para a saída.

“*Nério não entendeu como ele vai fazer isso, mas não é só destruir?*” – Deu um passo à frente, revelando um pouco mais de seu corpo novamente; – “*Ele tava cansado e com sangue. Ele tava com muito sangue no... nessa parte aqui!*” Aponta pro nariz.

“*Destruir? Só destruir?*” – Jess arregalou os olhos; – “*É só desligar o relógio! Talvez nem precisemos recorrer a destruí-lo! Precisamos falar com Witt!*”

“*Tá. Nério vai ficar aqui, tá bom? Nério tá satisfeito. Sangue tava bom.*” Levanta o polegar.

Em uma corrida desesperada, Jess sobe a escadaria e empurra o baú com toda força possível para lacrar a entrada de luz do porão. Rumo a saída, ela investe batendo em algumas cadeiras e mesas no caminho. Seu sangue estava quente. A cada segundo que passava, o relógio estava mais próximo de seu badalar e a morte de milhares era cada vez mais um fato e não uma possibilidade. Ao girar a maçaneta, seu único pensamento era onde Witt poderia estar naquele exato momento.

Capítulo 37 - Arrependimento

Ano 280 - Manhã 26 ▪ Salos, Centro. Relógio de Aretê

Os constantes sons mecânicos do ponteiro faziam Crux ver tudo ao seu redor com exatidão. Ele estava no começo de uma vasta escadaria que poderia o levar até o

topo do edifício e, conseqüentemente, ao sino de cobre que em breve iria começar os badalares retumbantes. Ao redor da velha escada de madeira, centenas de engrenagens se empurravam, em infinito atrito, medindo exatamente o tempo previsto pelo ponteiro próximo ao topo.

Por dentro de toda a grande torre, havia salas isoladas, onde normalmente era realizada a manutenção do relógio, uma vez que seus pêndulos eram movidos através de um sistema de roldanas que iam até o topo. As roldanas moviam as engrenagens através da positividade semanalmente captada pelas placas condutoras.

Outra coisa que era constante naquele lugar era o gotejo de sangue que descia da ferida causada por Nério. Os músculos do ombro do elfo haviam sido quase inteiramente rompidos ao se teletransportar e poucos filamentos ainda conectavam o osso do ombro à sua carne. A dor era incomparável a qualquer outra antes sentida pelo cego. Ele sentia cada pulsão de seu peito percorrendo por todo o corpo. Não era difícil deduzir que em breve perderia mais sangue e provavelmente desmaiaria. A cada respiração, sentia menos dor e mais tontura.

Seu manto branco estava pintado de vermelho. Os olhos turvos como a água da chuva não exibiam qualquer brilho de vida. O pouco sangue que antes descia levemente pelo nariz, agora contornava bruscamente seus lábios, entrando na boca ofegante e manchando os dentes brancos. Por fim, escorria pelo queixo e caía em pingos, eternizando na escura madeira sobre seus pés trêmulos.

“Aproveite seus últimos momentos, Credus.” Pacientemente, um corvo o observava no topo. Subindo os degraus, ele caminhou rumo à entidade.

...

Deitado em uma cama dura, mesmo de olhos fechados, Lakan reconheceu o odor que o rodeava. Um hospital, é claro. O forte cheiro de poções químicas relembra das feridas que havia trazido consigo após a Guerra Final e do tempo em que permaneceu internado. Moveu todos os dedos das mãos, abrindo e fechando, sempre prestando atenção nas falanges. Nada, sem dores. Não havia brandindo sua grande arma em batalha alguma, pois fora pego de surpresa pelo inimigo e, após poucos minutos em um combate com poucas trocas de golpes, fugiu. Correu deixando sua maior aliada para trás.

Abriu os olhos. Estava perante a uma familiar sala branca do único hospital de Salos, o chamado Clementia. Tudo em volta parecia com menos cor do que o costume, as janelas abertas mostravam um céu azul, quase em seu apogeu. Porém, aquilo de alguma forma parecia menos vivo do que o normal. Ao lado da cama, havia uma mesa com alguns instrumentos de cirurgia e um breve relatório da situação de Lakan. A

princípio não havia nada de grave e os únicos ferimentos já haviam sido devidamente tratados. Coberto por apenas um lençol branco, ele continuava com suas roupas e o fedor de suor da noite passada também permanecia impregnado em seu corpo.

Sentando-se com as costas contra a parede, ele tentou recapitular tudo que havia acontecido. No mesmo instante, a imagem do corpo de Hellenor apareceu em sua mente. Aquilo não o surpreendeu. Com os castanhos olhos entreabertos, ele apenas prezou pelo silêncio e continuou a reviver aquela cena.

Após um tempo indefinido, alguém bateu na porta. Lakan não respondeu. A pessoa entrou sem mais avisos. Era Witt. Ela carregava uma cesta marrom com alguns ornamentos como lacinhos e barbantes.

“Ah, você já tá acordado. Que bom que não atrapalhei o sono.” - Ela sorriu. Um sorriso falso. Conhecendo sua irmã, Lakan sempre soube dizer com exatidão quando a mesma têm segundas intenções ou mente. Ela tem a mania de tremer uma de suas sobrancelhas; -
“Eu só vim deixar isso aqui e ver se você está melhor. Serei breve.”

“Witt... o que aconteceu?”

“Você não se lembra?”

“Eu quero ouvir de você.”

Ela parou por alguns instantes encarando o irmão. Seguiu sala a dentro e deixou a cesta aberta nos pés de Lakan. Havia um pequeno bule que exalava vapor, juntamente de algumas frutas e bolinhos.

“Por que não come um pouco? Eu trouxe muita coisa gostosa.”

“Witt...” Continuou com a mesma expressão. Witt desfez o semblante simpático.

“Tá, chega de fingir que tá tudo bem.” - Ela sentou na cama, olhou para o chão por um momento e suspirou antes de começar a longa explicação; - *“Eu e Jess ficamos procurando por informações na biblioteca de Keen. Depois de algum tempo pesquisando, sentimos vibrações por todo lugar e resolvemos sair de lá correndo. A princípio pensei que fosse um tremor que derrubaria o castelo, por isso saímos e nos escondemos até as coisas melhorarem. Aí amanheceu e... bom... soubemos da sua perda. Laerdra está bem. Ela está sendo operada em outra sala por aqui.”* Ela colocou a mão sobre o punho fechado do irmão.

“A deixei sozinha. Deixei Hellenor e Laerdra morrerem sozinhas.” – Disse com o olhar fixo em um ponto imaginário à sua frente; – “Hellenor morreu, Witt.”

“É... ela morreu. Eu não o culpo por isso... você só fez o que qualquer um realmente apaixonado faria.” A mão de Lakan tremia.

“Um dia... na verdade, uma noite, nós estávamos juntos. Ela havia fugido do castelo pela madrugada e se encontrado comigo em uma pousada. Nós...” – Lakan dizia e, antes de continuar a descrever, parou; – “Enfim... deitados na cama, ela me disse algo que nunca havia dito para mais ninguém. Ela me contou as últimas palavras da rainha Hellida.”

“Como assim?”

“A Hellenor me fez prometer que eu não contaria isso a ninguém mas, ela também não queria que a mensagem da mãe morresse com ela. Então, não vejo mais motivos para guardar isso pra mim.” – Ele e a irmã trocaram olhares. Lakan engoliu em seco antes de continuar; – “Em seus últimos segundos de vida, a rainha sussurrou para Hellenor a seguinte frase: ‘Keen fará as estrelas caírem sob seu povo. E ele irá se deleitar com a morte de cada filho.’” Os olhos de Witt arregalaram.

“Crux é uma constelação... então ela sabia da existência dele?!”

“Talvez... quem sabe algum sacerdote não a contou sobre o tal elfo? Ou talvez ela já conhecesse Crux. Sinceramente, pode ser qualquer coisa.” Ele deu de ombros, sem fazer muito caso. Dando espaço a alguns segundos de silêncio, Witt colocou os pensamentos em ordem e arquivou as novas informações em uma área reservada em sua mente. Ela com certeza iria anotar tudo aquilo em seus registros.

“Bom... essas informações vieram em boa hora, mas...” – Ela não queria ser insensível e mudar de assunto, porém seria bom deixar Lakan alerta; – “Crux continua desaparecido. Ele não foi visto desde que escapou de Ikarus pelo quarto de Hellenor.”

Em um movimento, Lakan saiu da cama e ficou de pé. Embora sentisse um leve cansaço e falta de disposição, seu corpo estava descansado quase sem qualquer dor. Virou-se para a irmã.

“Ontem enquanto lutamos ele mencionou sobre a execução de Laria. Ele parecia ser próximo dela.” Ele dizia em tom solene.

“Olha, mano... não precisamos reviver esse assunto. Sabemos que Laria gostava de você e que ela perdeu os parafusos na guerra. Você não teve culpa pelo que ela veio a fazer e muito menos por como ela terminou.” – Witt pegou novamente a cesta e ajustou seus óculos tentando ser o mais clara possível em sua próxima fala; – *“Você nunca matou elfo algum.”*

“Mas hoje matarei.” – Continuava olhando nos olhos da irmã; – *“Eu executei Laria a mando de Keen. Eu era o único que podia parar ela. Até hoje ainda choro em arrependimento pelo fim que as coisas se deram, mas não havia outra forma. Ela estava simplesmente esmagando as armaduras de nossos soldados.”*

“Você não precisa explicar essa história para mim mais uma vez...” – Ela fez carinho no braço do guerreiro; – *“Agora descanse um pouco e, mais tarde, procure falar com Laerdra. Eu adoraria continuar aqui com você, mas estou sem tempo no momento... preciso correr.”* Soltou, virou de costas e, antes de sair do quarto, olhou uma última vez para o irmão. Mesmo estando completamente restaurado de seu sono, sua aparência era a de alguém abatido pelo cansaço de inúmeras noites em claro. Witt saiu e o som de seus passos eram rápidos.

Ainda em pé, ele encarava a porta. Esperou até o último passo de Witt sumir pelo corredor externo. O silêncio retornou. Sentou na cama. Olhou para baixo. Analisou suas mãos, esfregando seu indicador contra seu polegar. Apanhou uma maçã que Witt trouxe e deu uma mordida. Todas as sensações e sabores pareciam menos reais. Decidiu tentar algo novo.

Deitando o restante de seu corpo na cama, Lakan fechou os olhos e manteve sua respiração constante. Prestou atenção em cada inspiração e expiração. Usou sua bênção. Desligou sua visão. Continuou o atrito de seus dedos. Desligou o tato. Terminou de mastigar a maçã e a engoliu. Desligou o paladar. Aos poucos o cheiro do hospital começou a ficar mais fraco por causa da inibição do sabor, contudo, ele desapareceu completamente quando seu olfato foi desligado. Havia restado apenas a audição. Ele ouvia os sons do lado de fora como se estivesse lá, além disso também conseguia modular onde iria focar sua atenção. Em um momento, conseguia ouvir todos os sons internos de seu corpo, desde os sons de seu intestino, até seus próprios batimentos cardíacos. Decidiu forçar mais sua bênção. Desligou sua audição. Não sentiu mais nada. Ouviu corvos.

...

Ano 170 – Noite ▪ Guerra Final, Floresta da União

Uma fraca garoa introduzia o início da noite da área central do conflito que ocorria na Floresta da União. Subindo um pequeno morro repleto de altas árvores, o

esquadrão da Seraphim seguia com o ataque planejado. Em passos furtivos, Laria, Jess e outros elfos se aproximavam do que seria o acampamento vampírico. Naquele tempo, Jess ainda vestia suas proteções para batalhas adventas e se via como um elfo guerreiro e combatente. Conforme se aproximavam da suposta base, a grama se mostrava cada vez menos viva.

Antes de iniciarem o ataque, haviam concordado com Keen o chamado “ataque das três ondas” criado por Laria. A primeira onda seria composta pelas tropas da Seraphim e contaria com cerca de 50 elfos para um ataque gradual à base onde estaria Lizha e outros vampiros importantes. O atentado seria uma forma de provocar as forças vampíricas a permanecerem na Floresta da União e assim, abrir alas para a segunda onda. Comandando a segunda onda, Keen guiaria a maior parte do exército restante para a entrada de Héros. Ele e suas tropas atacariam Bankas, liberando espaço para a infantaria da terceira e última onda. Um pequeno grupo liderado por Lakan, o virtuoso Querubim. A terceira onda teria o papel mais arriscado e importante. Ir até Tenebre e matar o máximo dos nobres, para desestabilizar a liderança da nação rival e, se possível, apreender Lavender para negociar os termos para o fim do conflito.

Keen havia dito que a sugestão da Seraphim era muito arriscada. Tentar se aproximar de uma base vampírica durante a noite era algo que eles com certeza não iriam esperar. O elemento surpresa poderia ter um efeito decisivo para todos os combates posteriores. Para sustentar seu argumento para prosseguir com o plano, Laria disse que mesmo se o ataque surpresa falhasse, eles ainda poderiam ganhar a atenção do exército inimigo e levar a batalha para um local ainda mais isolado, dando assim mais chances das próximas ondas avançarem com segurança. Além disso, eles também poderiam contar com os equipamentos projetados por Witt. Ainda com ressalvas, Keen concordou com o plano.

Se esgueirando por arbustos e árvores de tronco acinzentado, Jess e Laria tomavam a dianteira. Jess estava com seu cabelo preso como de costume e segurava dois machados pequenos, um em cada mão. Usava proteções de metal em seus braços e uma armadura leve de ferro. Em suas pernas, prezando por mobilidade, mantinha apenas poucas proteções de couro e malha de aço. Os olhos verdes do elfo nunca estiveram tão abertos e atentos ao ambiente. A algumas dezenas de metros a seu lado estava Laria. A líder usava sinais de mão para se comunicar com Jess. Vestindo uma armadura completa de metal escuro como a de Keen, a Seraphim possuía uma espada de lâmina fina guardada em sua cintura.

Elas já haviam se esquivado de muitas armadilhas de fios e buracos pelo caminho e não haviam ativado nenhum alerta aos inimigos. Porém, aquelas armadilhas pareciam ser muito simples e primitivas, até mesmo para vampiros. Laria analisava se haveria algo mais naquilo tudo. Com um sinal de palma de mão aberta, comandou Jess para cessar o avanço. Ele obedeceu sua superior e avisou aos demais que o seguia.

Próximo a onde Laria pisava com suas botas haviam pequenos fragmentos de um material branco, algo como giz. Cautelosamente, bateu com o dedo médio e indicador, amaciou usando o polegar e aproximou de seu nariz. Tudo indicava ser cálcio. Tirando a atenção da substância, a elfa foi surpreendida ao ouvir o cântico de diversas vozes. Elas ressoavam como uma. Mais a frente, pelas cabanas entre as árvores mortas, os vampiros pareciam cantar uma melodia fúnebre em coral. Estava escuro, porém, Laria agora via diversas linhas brancas feitas de cálcio pelo chão. Elas se interligavam e pareciam formar algo maior. Não era necessário mais nenhum detalhe para a elfa relacionar que estavam diante de um dos tão temidos rituais vampíricos. As lendas contavam que Tormenta havia usado de tais artifícios para subjugar Angus durante seu último confronto.

“Vamos recuar.” Chamou a atenção de Jess e silabou as palavras sem soltar som. Jess concordou e começou a voltar pelo caminho que vieram, caminhando devagar.

Estavam descendo o morro, quando notaram vozes de seres subindo o mesmo. Laria gelou e já sacou sua lâmina. Se outros inimigos chegassem pelo caminho em que eles traçaram, a tropa de Seraphim estaria completamente cercada. Seu grupo era muito grande para que todos se escondessem a tempo sem fazer barulho ou deixar vestígios. Ela não conseguia imaginar uma situação pior. Dissipar também não parecia ser uma boa escolha, tendo em vista que a separação em território inimigo poderia levar muitos à morte certa. A única opção viável que passou pela mente da elfa era atacar aqueles que se aproximavam da subida do morro e bater em retirada logo em seguida.

Laria já conseguia ver as silhuetas da equipe inimiga que se aproximava, o que indicava que os elfos provavelmente já estavam no raio de alcance do faro vampírico. No mesmo momento atacou. Sacou e arremessou dois frascos de vidro em direção ao grupo que se aproximava. Com o impacto no chão, o vidro liberou pelo ar uma grande nuvem prateada.

“O que é isso?! É prata! Pó de prata!” – Os vampiros que antes caminhavam agora corriam e berravam, se espalhando como formigas em um formigueiro sob ataque; – *“Fizha! Fizha!”*
Corriam perdidos. Para a sorte das tropas de Laria, o vento estava a favor do morro, e assim as nuvens prateadas subiam rumo ao acampamento. A evasiva parecia ter sido um sucesso completo.

“Vamos!” – Gritou Laria. Jess imitou o ato que também lançou suas poções contra a direção das vozes. Mais tantos agonizavam, deixando para trás alguns dos recursos que traziam; – *“Jess, dificulte que nos sigam!”* A Seraphim apontou para as árvores.

“Trístanos, sacerdote rei... eu ofereço minha carne... por isso...” – Parando de correr, de olhos fechados, Jess se concentrava enquanto balbuciava as palavras em vampírico. Ele levantou o machado que empunhava, mirou no começo do pulso e, sem hesitação, desmembrou a mão esquerda. Com uma pausa causada pela dor insana, ele recuperou os sentidos; – “...queime tudo!” Gritou usando a dor do corte como combustível.

Enquanto a mão do elfo era desintegrada e sacrificada ao sacerdote, chamas vividas surgiam, explodindo os troncos das árvores e consumindo todo o bosque. O vento empurrava as chamas contra o acampamento vampírico e uma parede de fogo dividia o caminho que os elfos deixaram para trás, impossibilitando-os de serem seguidos. Alguns vampiros até tentavam passar pelas chamas invocadas por Jess, porém, subestimando o calor das mesmas, acabavam carbonizados em segundos. O cheiro de combustão e carne podre queimada impregnou toda área.

Passado quase uma hora após o ataque, ainda era possível sentir o gosto de queimado na boca daqueles que agora riam enquanto continuavam a retornar a sua base. A evasiva havia feito muitos se separarem e correrem para direções diferentes. Agora, havia apenas outros três elfos que acompanhavam Laria e Jess rumo à base. A mão de Jess já estava enfaixada e o ferimento estancado. O elfo estava pálido, andava devagar e se mantinha apoiado a Laria, temendo que pudesse desmaiar pela perda de sangue.

“Eu falei? Keen subestima nossas táticas. Quando estamos juntos, nossa equipe consegue vencer vampiros até mesmo durante a noite!” Laria comemorou, acariciando as costas do guerreiro.

“Sim... eu não esperava que fosse dar tudo tão certo. Mesmo com o imprevisto, conseguimos lidar bem e mudar de estratégia a tempo. Só espero que depois dessa confusão todo mundo ache o caminho para a base.”

“Pois é... mas você foi incrível, Jess. Keen escolheu a pessoa certa para ser um estudante dos sacerdotes. Se continuar assim, poderá vencer Lakan nos treinos com a mão nas costas!” Ajeitou a franja morena que caiu sobre os olhos.

“É... bom, primeiro vou precisar de uma mãozinha.” Riu mostrando o cotoco.

“Que humor horrível.” – Tentando não rir do comentário, Laria abaixou o braço do elfo; – *“E o que você pretende fazer depois que a guerra acabar? Tentar um novo cargo? Viajar por aí? Procurar uma elfa pra passar o resto da vida...?”*

“É... acho que vou tentar algo com a Witt. Eu ainda gosto muito dela e... bom... eu também primeiro preciso me resolver, na verdade.” – Ele fazia pausas e pensava bastante antes de continuar a falar; – *“Acho que começar um novo negócio. Uma loja talvez.”*

“Parece bom. Witt é uma elfa difícil. Muito diferente. Não consigo manter um diálogo com ela... Mas acho que as coisas entre vocês podem dar certo sim. E quanto ao lance da loja-” Um soldado gritou e caiu sem vida.

Diante do ataque surpresa, cada um dos quatro elfos restantes do esquadrão teve uma reação diferente. Jess e Laria empunharam suas armas e cobriram as costas uns dos outros. A elfa restante utilizou seu frasco de pó de prata contra o chão, para assim, proteger o perímetro do grupo. A visão dos elfos estava embaçada e era difícil de respirar, por isso se agacharam. Antes que a elfa se unisse à proximidade de Laria e Jess, a mesma gritou e caiu no chão. Pelo solo seco, o sangue dela escorreu, molhando as botas de Laria.

“Merda, merda, merda! Um vampiro nos seguiu?! Mas como?! Será Lizha?” Jess sussurrou para sua parceira.

“Acalme-se... se for Lizha, o pó de prata será inútil. Precisamos continuar atentos para contra atacar caso ela se aproxime.” Permanecia com uma faca de prata à sua frente, preparada para apunhalar a primeira silhueta que surgisse.

“Foi um caminho cheio de percalços, mas cá estamos novamente... de volta à guerra.” – Uma voz feminina ditava em vampírico a frase em tom calmo. Alguns sons de carne sendo destroçada acompanhavam a voz ao fundo; – *“Uma nuvem de prata? Isso é novo. Esse é o preço por deixar vocês se desenvolverem... investem todo tempo livre em novas armas para nos matar.”* Passos lentos são dados rumo a dupla, entrando no alcance do pó de prata concentrado.

“Jess, corra para a base. Eu seguro Lizha.” Laria andou rumo aos passos.

“Não... essa voz não é da vampira que estávamos enfrentando nas batalhas anteriores. É outra vampira... é, para aguentar pó de prata com essa facilidade, só pode ser tão velha quanto Lizha.” –

Jess dizia, temendo que suas suspeitas estivessem corretas; – *“Você é Aradia, não é?”*

Balbuciou em vampírico.

“Um elfo que fala vampírico?! Por quanto tempo eu dormi?!” – Aradia gargalha na escuridão. A risada fez o punho de Laria estremecer; – *“Minha irmã deve ter se tornado uma péssima rainha para deixar que nossa cultura fosse entregue a vocês dessa forma.”* O pó de prata já havia se

dissipado quase completamente. Agora visível, Aradia vestia um manto preto e nada por baixo. Encapuzada, era possível ver sangue vermelho escorrendo pelos entornos de seus olhos e lábios. A pele absolutamente pálida, contrastava com os olhos vermelhos que não piscavam enquanto miravam na jugular de Laria. Ela sorria de uma ponta a outra do rosto, exibindo dentes repletos de sangue élfico.

“O que vocês estão conversando, Jess?” Laria gaguejava, prevendo um ataque do monstro à sua frente. Jess olha para a Seraphim, mas se atém a continuar o diálogo com Aradia.

A vampira deu um passo à frente, deixando a poeira de prata completamente para trás e revelando suas mãos. As garras estavam ativas. Finas e negras como patas de aranha e consideravelmente mais afiadas que qualquer navalha élfica, os dedos se estendiam muito acima do padrão normal dos vampiros. Ela brincava de mover o dedo indicador e médio, um de cada vez.

“Então é verdade. Você não esteve em Héros durante todos esses anos. Desde a guerra de Tormenta, é dito que você estava desaparecida.” Jess continuou.

“Ainda estou impressionada com seu vampírico... mas sim. Me atualize. O que perdi desde que deixei minha Héros?” Aradia limpava o sangue e as entranhas presas em suas garras com a língua. O gosto era doce, quase como um vinho de uvas recém colhidas.

“Sua irmã não é a atual Rainha. Pelo que sabemos dos sacerdotes, por você não estar no país e por Lizha não estar em condições de governar desde a Guerra de Tormenta, eles tiveram de escolher outra representante. Uma vampira chamada Lavender assumiu e desde então troca cartas com Keen, nosso atual rei.” O coração de Jess batia rápido e ele sentia que o sangue perdido de seu braço o levaria a desmaiar em breve. Eles estavam a poucos quilômetros da base principal, portanto continuava a elaborar algum plano de evasiva.

“Lavender?! O que?! Você quer morrer, elfo?!” – Aradia gritou, andou para frente e brandiu as garras. Laria se posicionou, já pronta para uma troca de golpes; – “Como ousa?!”

Aradia investiu contra Laria. De cima para baixo, um corte com as garras da vampira foi desferido, rumo ao ombro da elfa. Laria defendeu com a faca de prata, mas aquilo parecia inútil. As garras atravessaram a prata como vento e acertaram cortando parte do ombro da elfa. Laria conseguiu diminuir o dano por ter esquivado para trás a tempo, porém, o corte era profundo. A elfa até havia esquecido que estava com ombreiras de ferro, pois elas haviam sido completamente dilaceradas pelas garras afiadas da Ghoul.

Soltando a faca destruída no chão e sacando a espada fina de prata, Laria se colocou em posição defensiva. Uma mão apontava a lâmina para a vampira enquanto a outra pressionava contra o corte no ombro. Ela estava ofegante.

“Que bela posição de batalha! A última vez que enfrentei uma elfa que a utilizava, ela acabou com um corte na cara!” – Riu sem parar; – “Ei, elfo ruivo! Avise sua amiga para abaixar a arma se não quiser acabar como o restante! Ainda podemos conversar um pouco.” Dizia para Jess.

“O que você quer, Aradia? O que podemos fazer para você nos deixar?” – Ele levantou a mão, indicando Laria para cessar o ataque; – “*Não temos chances contra ela, Laria. Estou tentando negociar.*” Alternou para o élfico.

“Bom... vocês me insultaram um pouco contando aquelas mentiras sobre Lizha. Algo como aquilo nunca aconteceria.” – Aradia passava algumas mechas do longo cabelo branco pelas garras; – “Eu quero Angus. Estou disposta a esquecer isso se me falarem onde posso encontrá-lo. Acho uma troca justa.”

“Angus...?” – Jess gelou. Aradia não sabia que Angus havia desaparecido há quase uma década; – “Ele está em uma de nossas bases ao norte! Vá naquele sentido por cerca de duas horas e depois vire à direita. A esse ponto você já deve começar a sentir o cheiro dos elfos das proximidades sem problemas!” Apontou para uma direção atrás da vampira.

“Engraçado... eu estava por lá e não senti cheiro ou a presença de Angus.” Aradia fecha o sorriso. Abrindo as mãos e preparando ambas as garras, partiu para Laria que, naquele momento estava defendendo Jess.

O avanço de Aradia era veloz. Com os olhos, Laria acompanhou o balanço das garras que vinham rumo a sua face. Em um movimento circular, usando sua espada de lâmina fina, a elfa aparou a mão de Aradia e redirecionou o ataque ao chão. Aradia percebeu que pelo fio da arma de sua inimiga, havia um líquido que lubrificava a prata. A defesa repentina, somada ao truque de diminuição de atrito, surpreendeu Aradia. Ela não pôde evitar uma ligeira estocada que atravessou seu coração. Jess sacou sua arma e correu para também atacar a ghoul.

“A cabeça!” Já quase exausta, Laria gritou. Assim como diziam as lendas de como Angus matou Tormenta, apenas ao destruir o coração e arrancar a cabeça de um Ghoul que o mesmo viria a morrer. Jess seguiu o comando.

Mirando no pescoço de Aradia, Jess desferiu um ataque horizontal com o curto machado. Mantendo a calma, Aradia esperou o elfo se aproximar para, com uma das

mãos, quebrar a lâmina de Laria e emboscar o elfo com uma mordida na altura do ombro. Jess não teve tempo de recuar. Ele iria cair no abraço de Aradia e teria seu pescoço perfurado pelos dentes afiados da vampira. Então, já sabendo que iria ser emboscado, preferiu continuar o movimento do ataque sem hesitações, para assim, apostar tudo no golpe que decapitaria a vampira.

A arriscada aposta não teve chance de ser concretizada. Empurrando seu parceiro com os últimos resquícios de força restantes, Laria recebe o ataque por Jess. O elfo ruivo caiu rolando contra o chão e Laria teve seu pescoço perfurado pelas presas da vampira. Os olhos vermelhos de Aradia subiram em êxtase ao saborear o sangue daquele fino pescoço. O peito e coração da vampira se regeneraram com a lâmina ainda atravessando seu corpo. Com os lábios entreabertos, derrubando o punho de sua espada destruída, Laria encarava o chão próximo aos pés de Jess.

Observando a cena caído, a respiração de Jess começou a acelerar. Sua boca, abrindo e fechando, sem saber como reagir, não escapava gritos nem lamentos. Os olhos claros do elfo lacrimejaram e, só então após apanhar novamente o machado, ele pôde gritar com toda força que havia em seu peito. Correu e desceu a arma rumo à cabeça de Aradia. Sem olhar para o ataque, com uma força ainda desconhecida por Jess, a ghoul segurou o machado pela lâmina, assim parando o ataque. Aquilo foi suficiente para esfriar o sangue do guerreiro, ao perceber que sua inimiga parecia estar ainda mais poderosa que a poucos instantes atrás. Impotente, ele se ajoelha.

“Hm...?” – Aradia retirou os dentes do corpo de Laria, deixando uma grande área completamente escura pela superfície do ferimento; – “Por um segundo eu quase esqueci que você ainda estava aqui, elfo ruivo.” Ela se vira para o elfo novamente caído. Com uma tentativa de respirar, Laria tosse sangue, que jorra por sua boca e escorre pelos cantos do rosto cada vez mais pálido.

“Eu faço qualquer coisa... por favor não mate ela...” – Jess dizia, de cabeça baixa; – “Qualquer coisa, Aradia...” Ele levantou os olhos, encarando as órbitas escarlate da general.

“Qualquer coisa... você me deu uma ideia.” – Passando o dedo médio e indicador por seus lábios, Aradia delineou novamente o sangue élfico em seu rosto; – “Todos nós podemos sair daqui vivos e felizes. Estaria de acordo?” Solto um sorriso sádico.

“Sim, qualquer coisa! Agora rápido! Laria vai morrer!” Aumentou o tom.

“Perfeito! Eu não acredito que vou fazer isso! Vamos, ruivinho, vamos!” – Com uma das garras, Aradia fura a pele da palma de sua mão e força o sangue a escorrer rumo à boca aberta de

Laria. O líquido escuro é derramado e desce direto pela garganta da elfa; - “Com meu sangue, acredito que as feridas dela irão se regenerar. A mente vai sofrer graves danos e é bem possível que ela fique insana. Mas irá sobreviver.” Quase instantaneamente, os ferimentos do pescoço e ombro começaram a ser coagulados por uma camada escura de sangue.

“Insana? O que?” Jess encarava o corpo deitado de sua parceira.

“Sim. Ela irá sobreviver, mas ficará completamente fora de controle. Pelo menos foi o que aconteceu quando testamos com os elfos que capturamos na última guerra.” - Aradia riu; - “Minha parte aqui está feita. Oblívio, faça o resto.” Jess sentiu um arrepio percorrer seus ombros e descer por seus braços.

O elfo piscou e ao abrir seus olhos novamente, tudo ao seu redor estava diferente. O chão de grama no qual se ajoelhava, agora era composto de entranhas escuras e grudentas. As árvores eram feitas de ossos colossais que iam até os céus, e os céus eram um infinito tecido escuro e sem estrelas. A cada três segundos, era possível sentir o chão pulsando como se estivesse bombeando sangue para algum lugar. Jess nunca havia sentido um odor tão repugnante, mas ela pôde relacionar aquele cheiro com o de tripas de porco podres. Tudo ao seu redor possuía aquele forte e azedo aroma. Ele estava tentando não vomitar, até que começou a sentir o gosto daquele cheiro que adentrava suas narinas se alocando no fundo de sua língua. Depois disso, foi impossível conter o regurgito.

O coração parecia que ia rasgar sua garganta antes de sair pela boca. Jess vomitou no chão, sujando seus braços e suas mãos. Aquelas vísceras deterioradas, pareciam absorver o conteúdo rejeitado pelo elfo e rapidamente tudo que fora expelido já havia sido consumido. Cambaleante, ele olhou em volta, até se deparar com Aradia que parecia se deleitar com toda aquela cena. A vampira estava sentada em uma elevação. Era como uma parte elevada de órgão daquele insano amontoado de carne pútrida. De pernas cruzadas, ela encarava Jess com um sorriso molhado, até que o desfez em menos de um segundo.

“Aqui olhos vulgares não de enxergar apenas a obscuridade e desesperar-se-ão com o real e irreal.” - Aradia disse séria; - “Contemple... o Oblívio. O coração pulsante da perversão. A origem de Tormenta. A origem dos vampiros.” A mulher subjuga o elfo com seu olhar.

“O que é tudo isso...?!” Tossindo, nunca foi tão difícil para Jess tirar uma frase de seus lábios.

“Oblívio é o julgador do nosso mundo. Ele é O negativo.” – Dando um passo, Aradia desceu da elevação que estava e se aproximou de Jess. No campo de visão do elfo, além da mulher à sua frente, inúmeros espectros sobrevoavam pela dimensão; – “E ele também o obrigará a firmar sua parte em nosso acordo.” Sem as garras, a vampira abriu sua mão para Jess se levantar.

“Eu não estou entendendo...” Tremendo e chorando, engatinhou para trás. Aradia o seguiu.

“Nós iremos firmar um acordo. A minha parte diz respeito a manter você e sua aliada vivas até acharem seus reforços. E a sua parte será a de futuramente me auxiliar em alguma tarefa nos interiores de Salos, ou a capital élfica em questão. Estamos de acordo?” A mão continuava no aguardo.

“E o que acontece se alguém não cumprir com o acordo?! Como ele estaria garantido?! E como sairemos daqui?!”

“Pelo visto, vou ter que te contar um pouco mais antes de prosseguirmos...” – A ghoul abaixou a mão com um suspiro; – “Quando eu O encontrei, foi por acidente. Estava viajando sem rumo, com culpa pela derrota da última guerra. Como eu o encontrei não importa, mas nosso contato foi esplêndido. Ele se apresentou como um prisioneiro desse mundo. O único prisioneiro de Mayah. E pediu para deixá-lo viver em mim em troca de poder. Eu aceitei e por muito tempo tive algo que nunca vampiro algum teve. Eu sonhei.” Em seu desabafo, Aradia proclamava as palavras com emoção, revivendo a cena em sua mente.

“Eu sonhei com vários lugares do mundo. Eu podia destruí-los com punhos intocáveis. Eu matava e devorava elfos, destruí orfanatos com crianças, enfrentei exércitos. Foi o tempo de uma vida.” – Com olhos calmos, ela encarava a palma das mãos; – “Eu acordei recentemente. Duas noites, no máximo... e não sabia nem dizer quanto tempo passou. Ainda sinto o poder pulsando dentro de mim. Me convocando para mais. Isso é Oblívio. Foi desse poder que Tormenta ressurgiu.” Tocou o coração com orgulho.

“Eu... o que eu devo fazer?” Jess havia compreendido até certo ponto, mas tudo aquilo era muita informação para absorver de uma só vez.

“Entenda... estou lhe contando tudo isso porque acredito que nós três temos só a ganhar com esse feito. Eu só posso convocar Oblívio para fazer algum pacto onde ele saia beneficiado de alguma forma e, por isso, todo pacto tem regras. A mais importante é: Jamais contar sobre o pacto com alguém que nunca presenciou o

Oblívio; A segunda é: Seguir o que lhe fora acordado; Se quebrar qualquer uma das duas, Oblívio irá simplesmente matar tudo que você algum dia amou. Como ele fará isso? Eu não tenho ideia, mas não sou louca de cruzar essa linha.” – Ela ri; – “Com isso dito... você e sua aliada irão viver até retornarem a sua base, meu caro elfo ruivo... isso desde que você futuramente me ajude com informações que possam me ser úteis. Está de acordo com os termos?” Voltou com a mão que esperava paciente.

“Acredito que eu não tenha outra opção...” – A mão, ainda suja de vômito e saliva, firma um cumprimento com a de Aradia; – “Eu aceito.” A vampira sorriu sem ressalvas.

Tudo ao redor de Jess começou a retornar ao estado anterior. Os infinitos músculos definharam até se converter novamente em barro. Os ossos escuros se retorciam em seu próprio eixo, formando troncos de árvores. A noite voltou a ter incontáveis corpos celestes. Respirando fundo, o elfo não conseguia parar de tremer.

“E agora, Aradia?” Ele olhava para a vampira. Ela estava de costas, seu fino manto negro arrastava pelo chão enquanto a mesma se distanciava.

“Viva sua vida. Você é um elfo valioso para Keen, aposto que não morrerá na guerra. Quando tudo isso acabar, eu retornarei e irei cobrar minha parte do acordo.” Saiu sem olhar para trás.

...

Ano 280 – Manhã 26 ▪ Salos, Castelo da Família Rowan

“Hellix... aproxime-se...” No grande salão festivo do castelo, Keen estava sentado em seu trono. Em seu colo, sua lâmina obsidiana descansava, exposta.

Com os olhos inchados pelo choro constante e pela madrugada acordada, Hellix andou solenemente até seu Rei e pai. Ela andava curvada, de cabeça baixa. Os olhos claros estavam cansados e a boca permanecia contraída. Ambas as mãos seguravam a saia do vestido que continuava manchado pelo sangue do golpe recebido na noite passada. O ferimento das costas já havia cicatrizado graças a bênção de Ikarus, mas era notório pelo seu andar que a princesa ainda sentia dores.

“Lorde Keen...?” Dizia levantando o rosto com delicadeza.

“Está doendo?”

“Não se preocupe. Já fui tratada por seu melhor homem.” – Dizia sem mudar a expressão de serenidade; – “Em que posso lhe ser útil, senhor dos elfos?”

“Sua irmã está morta. Quero que saiba que irei matar o culpado e o executar ao lado do corpo da antiga traidora insana de Salos.” - A rigidez com que falava era igualada a sua expressão facial. Ele não mudou seu tom ou se deixou abalar, apenas continuou; - “O crime de Seraphim foi algo baixo se comparado ao desse...” Não achou palavra horrenda o suficiente para usar.

“Ele é seu filho, Keen!” - Jess chegou. Suada por ter corrido o máximo que pôde, ela continuou sem ao menos notar a expressão de surpresa da família real; - “Crux, é seu filho com uma meretriz de Serpérios! Eu e Witt encontramos documentos que comprovam isso! Seu nome era Credus e a falecida Seraphim era sua irmã, Laria! Todos os crimes que cometeu foram por ter nascido do seu sangue! Por isso os filhos devem pagar pelos pais! Por isso ele cometeu erros que o levaram a esse caminho! Agora vamos! Temos que impedir ele!”

“Mas o que esse guerreiro pensa que está dizendo...?” - De olhos arregalados e boca entreaberta, Keen encarava Jess. Hellix permanecia da mesma forma que seu pai; - “Você enlouqueceu?!” Gritou ao levantar com força e derrubar a espada no chão. O som do metal rebatendo contra o chão ecoou no amplo salão vazio.

“Depois eu dou mais detalhes! Agora temos que correr!” - Gritava disputando som com o monarca; - “Assim que o relógio bater, ele deve fazer o que prometeu na noite passada! Ele vai matar centenas, não, milhares de elfos!”

Durante um breve silêncio onde os olhares daqueles elfos indicavam uma possível pena de morte para a guerreira aposentada, o som abafado do relógio ressoou por toda capital. Todos sentiram um arrepio antes de pressentir o que viria.

Capítulo 38 - Pt 1. - Reunião

Ano 163 ▪ Tabelion, Ilha dos Sacerdotes - Salão do Julgamento

Por todos os lados, a amplitude do local era magna. O Salão do Julgamento, como era apelidado pelos sacerdotes que habitavam a ilha, era um recinto isolado no gigantesco complexo do reino de Trístanos, além de ser onde o mesmo permanecia enfurnado. Não seria exagero presumir que a altura do salão ultrapassa a altura de montanhas, e que o trono onde o rei dos sacerdotes ficava sentado era maior que muitas torres construídas por elfos e vampiros. Correndo pelos arredores do trono, haviam outros setenta e um postos que serviam como altas varandas, que fechavam um círculo contornando toda a sala. No centro do círculo, não havia acomodações ou qualquer móvel, apenas um resquício de luz que vinha do céu e iluminava o centro do salão.

Na ocasião daquele momento, muitos postos estavam preenchidos por seus respectivos representantes, enquanto outros estavam vazios. O rei, Trístanos, de colossal tamanho e formosura, estava presente em seu trono. Ele era uma figura esguia, porém de altura incomparável a qualquer outro sacerdote. Vestia uma capa escura com diversos entalhes cravados em dourado, a qual cobria todo seu torso e pernas, chegando até o chão. O que era visível e denunciava sua identidade era o rosto. Uma face jovial, parecia ter sido esculpida em mármore pela branquitude e pela expressão paralisada. Seus olhos eram dourados e seu cabelo era longo, esfumado e escuro como a noite, o fazendo desaparecer pelo manto de mesma cor. Além daquela, ele possuía outras duas cabeças, uma à direita e outra à esquerda da principal, as quais estavam abaixadas, como se estivessem em sono profundo.

“Saudações a todos... observo que não encontraram problemas para chegar até aqui. Quem vos fala é Trístanos, sacerdote de primeira classe...” – Por mais jovial que o rosto de Trístanos aparentasse, a voz era de um homem adulto e cada palavra era dita com firmeza; – “Tendo em vista que alguns de nós vieram a perecer, devo me certificar de que os sucessores dos determinados sacerdotes tenham conhecimento prévio acerca da última reunião. Portanto... hei de introduzi-la brevemente... Após a derrota dos vampiros na chamada Guerra de Tormenta, o trono acabou ficando sem representantes dignos. Radia Tenebre renunciou a herança ao sair de Héros por décadas. Lizha Tenebre estava inconsciente pelo uso excessivo de rituais proibidos em campo de batalha. Nério Tenebre declarou que não assumiria o reinado de sua mãe, respeitando a tradição de que apenas vampiras pudessem governar tais terras. Neste cenário, o réu aqui presente sugeriu um plano para a reposição da coroa.” O rei se inclinou ao centro do salão, onde Ikarus estava posicionado.

“Olá, novos sacerdotes.” – Ikarus acenou e sorriu para os postos; – “Espero que possamos ser amigos.” Calmamente voltou as mãos para as costas.

“O plano de Ikarus foi uma infração em uma de nossas regras como mediadores de Mayah. Ele interviu em um conflito entre duas raças, priorizando uma acima da outra. Quebrou o equilíbrio da neutralidade que devemos ter em relação às nações. Isso compromete toda nossa reputação.” – A voz séria de Trístanos permanecia ecoando sobre a sala; – “Além desta infração, o sacerdote de classe zero, Ikarus, se recusa a elaborar mais sobre seu passado e como veio a se tornar um sacerdote nomeado por Zeéd. Portanto, na última reunião, sua liberdade fora diminuída por mim.” Ele deu voz a Ikarus para se explicar.

“Sim. Para quem é novo, eu sempre deixei claro que sou diferente dos demais... isso não significa que sou melhor ou pior. Sou apenas diferente. Existem exceções nesse mundo. Mayah é inteiramente composta por pessoas diferentes. E eu sei que sou o único sacerdote que controla a positividade. Mas eu já deixei claro no passado que eu possuo limitações... eu sou incapaz de mentir, de matar ou deixar alguém morrer. Minha origem é diferente. Zeéd me nomeou como sacerdote de maior hierarquia, não para governá-los ou liderá-los, mas sim para que eu não tivesse tais regras aplicadas à minha singularidade.” – Ikarus deixou a mão aberta no peito enquanto falava; – “O que vou dizer agora é com toda sinceridade do mundo. Desde seu nascimento, Lavender é uma vampira diferente. Eu senti isso quando ela nasceu e por isso pude localizá-la graças a sua positividade. A partir disso, meu plano foi educá-la para restituir Héros em uma tentativa de guiar os vampiros com uma representante que desde sempre tivera isso como missão. Por isso ela cresceu isolada, estudando tudo que podia sobre as raças e sobre política e sempre tendo auxílio dos sacerdotes que quisesse. Tudo para ser a diplomata perfeita para uma nova era de paz entre as raças.” Terminou e, antes de voltar a palavra para o Rei, alguém se meteu no diálogo.

“Isso é ridículo!” – O brando veio de um dos postos e fora dito em vampírico fluente. A voz era adolescente; – “Uma vampira com positividade?! É tão condizente quanto o amor de um elfo por um bife!” O vampiro cuspiu a ironia.

“Allith, atual sacerdote de segunda classe... por você ser novo, não será penalizado. Apenas saiba que não interrompemos o diálogo de abertura.” – O rei disse em um ritmo manso; – “Por que não aproveita sua intromissão e se apresenta. Como vampiro e sacerdote, talvez possa ter alguma opinião interessante sobre nossa decisão.”

Vestindo um manto cinza e surrado, Allith estava de pé, com a metade da máscara de Naberius cobrindo seu rosto. O vampiro tinha por volta de seus 16 anos, de cabelos curtos e tão castanhos quanto seus olhos. De braços cruzados e expressão abatida como se não dormisse ou se alimentasse há semanas, ele começou a reclamação:

“Minha opinião?! Ah, claro! Saudações a todos vocês, sacerdotes. Me chamo Allith e... calado, Nabarius! Deixa eu terminar!” – Bateu com sua mão contra a máscara em seu rosto; – “Continuando... Allith, sacerdote de segunda classe. Vai ser um prazer mandar em todos vocês de cargo inferior!” A criança soltou um sorriso malicioso.

“Você terá amplo domínio sobre seus subordinados quando for oficializado como sacerdote. Deverá ficar um tempo aqui conosco para entender suas responsabilidades.” – Trístanos recitou; – “Continue...”

“Continuar... ah sim. Claro... não faz sentido Lavender ser Rainha.” – Abriu o argumento; – “Mesmo sendo treinada por vocês e tendo amplo conhecimento acerca do mundo, ela ainda não teria o mais importante para governar. A identidade. Ela não seria uma de nós, portanto, sempre nos olharia com outros olhos. Olhos de um estrangeiro.”

“E qual é sua solução com tamanha crítica?” Uma voz feminina veio de outro posto.

“Minha solução? Vocês são setenta cabeças com mais tempo de vida que o mundo! Há é com vocês.” – Ele riu e encostou as costas contra um pilar de apoio de seu palanque; – “Mas, se não conseguirem pensar em nada... acredito que me colocar como rei possa ser uma boa ideia.”

Risadas femininas e masculinas ecoaram por todo salão. Até mesmo Ikarus se dispôs a rir da declaração de Allith. Trístanos encarava o vampiro com seriedade, esperando um desenvolvimento para sua declaração.

“Do que estão rindo?! Preferem colocar uma mulher aleatória no poder?! Uma vampira que nunca teve relações interpessoais com os outros?!” – Bateu contra a parede. As risadas o desestabilizaram; – “Eu nunca pedi pra me tornar um sacerdote! Meu pai me obrigou a matá-lo e herdar essa desgraça! Eis o legado do clã Lazor! Mas ainda sim estou aqui! Eu sou a maior ponte entre vampiros e sacerdotes! E eu posso guiar Tenebre para um futuro próspero!” Olhava com raiva para Ikarus e todos ao seu redor.

“O garoto tem coragem e ambição. Pode se tornar um bom conselheiro.” – Ikarus anunciou, mirando os olhos azuis para o rosto de Allith que fazia o mesmo; – “Mas, temo dizer que está errado, meu jovem e energético Allith. Lavender possui contratos com quase todos os sacerdotes existentes. Ou seja, ela é a melhor ponte entre nós e a sociedade vampírica. Ela também entende mais sobre diplomacia e como fazer uma sociedade prosperar do que qualquer outro vampiro, superando a capacidade de governança até

mesmo de Tormenta.” – Olhou sério para o vampiro; – “E isso tudo sendo um ano mais nova que você.” Terminou voltando com um sorriso.

Encurralado, Allith se sentou. Ele ainda não havia se dado por vencido. Estava procurando por mais argumentos em seu arcabouço, mas algo naqueles olhos azuis havia tirado sua concentração por um momento. Era como encarar um céu sem nuvens. Pacífico. Porém com uma vontade intrínseca. Aquilo o intrigou e preferiu recuar do debate.

“Sem mais delongas, naturalmente retornamos o ponto da reunião à você, sacerdote iluminado.” – Trístanos falou seriamente, movendo os olhos petrificados à Ikarus; – “Já é consenso geral que Lavender assuma hoje como rainha de Héros. Os sacerdotes Vianna e Héros irão acompanhar para a coroação e você também poderá estar presente no ato. Após isso, deverá concentrar seus esforços em outra nação, afinal, suas contribuições a vampiros já excedem o esperado.”

“Como quiser, vossa Alteza. Concordo plenamente.” – Ikarus fez uma breve reverência; “Já estavam nos meus planos dar atenção a Keen e Ravnos. O líder dos elfos parece precisar de certa companhia, já Ravnos é um amigo de longa data e é sempre bom estar ao seu lado.” Disse como se fosse o fim da reunião.

“Perfeito, Ikarus.” – Uma voz grossa e masculina veio de outro posto. Era Kayn. Ele não estava presente de corpo. Naquele recinto habitava apenas sua presença e energia, formando uma silhueta sombria. Esse método era usado para aqueles que, por algum motivo específico, não podiam se deslocar até a reunião; – “Muito bom, muito nobre. E quando vai se explicar quanto ao elfo que tem treinado em segredo?” Pela primeira vez naquela reunião, os olhos de Ikarus se arregalaram. Ele ficou paralisado por alguns segundos, surpreso pela declaração inesperada.

“Sim, Ikarus. Kayn me explicou quanto à sua nova infração.” – Trístanos afirmou, julgador; – “Hérob também comentou que havia uma declaração a fazer quanto ao garoto, mas antes, gostaria de saber se você consegue explicar seus delitos.”

“Eu admito. Estou impressionado.” – Ikarus afirmou, não mudando sua expressão; – “Sua crueldade é sem precedentes, Kayn. Sim, eu resgatei um elfo cego e órfão quando o vi à beira de seu fim. Eu estou errado por isso? Será que não é esse o nosso papel como sacerdotes?!” – Ergueu as mãos em questionamento; – “Esse garoto foi escolhido por uma entidade negativa a ser o herdeiro de tal poder. Ele nunca foi realmente livre, e provavelmente nunca será. Agora, me digam, colegas sábios... o que eu

deveria ter feito?! Pois eu segui meus mandamentos e o dei a minha salvação! Eu o dei liberdade!” Falou com toda sinceridade presente em seu peito.

“Quanto papo furado... Hérobu, fala logo pra ele.” Kayn resmungou. Trístanos voltou a atenção à Hérobu, que consentiu com um aceno de cabeça.

“Pois bem... saudações, meus amigos. Como bem sabem, sou Hérobu, sacerdote de quinta classe... E hoje tenho uma visão para compartilhar convosco.” – O homem andou para frente, mostrando um pouco de sua aparência para os demais. Os olhos arrancados, a pele pálida e enrugada ilustravam sua personalidade tão bem quanto a capa de um livro antigo; – “H poucas noites atrás, vi o destino de um elfo. Uma prole de Keen. Recoberto por rancor, ele coordenava rios de sangue inocente, completamente cego por um desejo quase inerte a sua própria natureza. Eu vi o tempo da raça élfica ter sua maior perda. Uma perda que ficará para sempre marcada a todos daquele reino.” Terminou.

“Sabemos que Credus, o tal elfo que salvou, sacrificou crianças do orfanato onde vivia, para uma conexão mais forte com os Olhos de Zéed.” – Kayn continuou; – “Agora com a entidade em si, ele possui ainda mais inclinação para atos dessa magnitude. A culpa já reside em seu coração e a maneira que lidará com isso será decisiva para o que irá ocorrer em seu futuro. Eu diria que é uma guerra perdida...” Terminou com um arrote.

“Com todo respeito senhores, mas creio que estão sendo precipitados com todo o caso.” – Dando um passo à frente, Evola se revelou. Um ser andrógono, alto, com traços finos e delicados. A pele era pálida e o cabelo era longo e vermelho intenso como sangue. Em volta de seu pescoço, havia uma serpente negra de duas cabeças, que simulava um cachecol e cobria sua boca; – “Olá, Allith. Sou Evola, sacerdote de sexta classe. Estou bem abaixo na hierarquia e espero que pegue leve comigo no futuro.” – Ele deu uma risada com segundas intenções. Allith não respondeu; – “Enfim... como podemos ter certeza da condenação de Credus? O quão concretas são tuas previsões?”

“Hérobu nunca errou.” Trístanos respondeu.

“Intrigante, meu rei. Porém, isso não significa que ele esteja isento de erros. Nada prova que ele não possa errar a próxima previsão.” – Trístanos reconheceu que havia certa verdade no argumento de Evola, por mais que as chances não estivessem a seu favor; – “Mas... Digamos que uma sagaz serpente cochicha algo nos ouvidos de Hérobu enquanto ele dorme e cria uma ilusão na mente do nosso

querido vidente. Poderia ser uma visão manipulada, não é mesmo?” Allith levantou uma sobrancelha perante a possibilidade.

“Está correto, Evola.” – O rei assumiu; – “Contudo, se a visão for fidedigna, ela irá se concretizar, independente da medida que tomarmos. Se tentarmos o prender, ele se libertará. Se tentarmos o matar, algo irá impedir. É inútil lutar contra o destino. É uma causa perdida e irritante.” Terminou se calando por completo.

“Eu não acredito nisso.” – Ikarus proclamou olhando para cima; – “É tolice imaginar que o destino de um ser complexo como Credus pode ser definido através de uma simples visão. Chega a ser frustrante. Além do mais, eu acredito na índole do elfinho. Acho que o mais justo é que ele saiba o suposto futuro que o reserva e que ele possa fazer o melhor julgamento perante a possibilidade.” – Virou o olhar para o rei; – “Em resumo... eu não acredito no que Hérobu viu. E acredito em minha criança.” Continuou encarando o rei.

“Vire esses olhos azuis para outra direção... fagulha.” – Trístanos ameaçou levantar do trono. A pressão do lugar subiu. Allith sentiu dor de cabeça até seu nariz sangrar. Outros sacerdotes se encolheram em seus postos; – “Eu não ligo o que farão com o elfo. Se acham que é melhor tentar matá-lo, pois não acreditam que o destino é imutável, vão em frente. No final, isto é problema de Keen. Mas, se me desafiar novamente com esse olhar, eu lhe prometo que não irá mais existir nessa realidade, Ikarus.” A expressão de mármore do sacerdote havia mudado, e os olhos dourados de Trístanos possuíam rachaduras em suas laterais.

“Acalse-se, meu rei.” – Ikarus suspirou, fechando os olhos e virando o rosto para o chão; – “Eu não sou tolo o bastante para o desafiar dessa maneira. Peço perdão se interpretou dessa forma.”

“Tragam o elfo aqui. O instruem quanto a seu poder. Tentem reduzir as chances do mesmo se tornar um problema. Contudo, se o que Hérobu viu foi a verdade, ele já é uma causa perdida.” – Trístanos abaixou a única cabeça que ainda estava levantada; – “Esta reunião está encerrada.” Sussurrou antes de adormecer por completo.

Com o fim do encontro declarado, os sacerdotes que possuíam apenas a sua presença manifestada no salão do julgamento se esvaíram pelas sombras. Outros desceram de seus postos e se encontraram no centro do colossal ambiente, enquanto os demais apenas se retiraram dos domínios de Trístanos.

“Certo... o que foi aquilo?!” – Aproximando-se de Ikarus, Allith andava ainda tonto pela pressão exercida pelo Rei; – “Aquele cara pode matar a todos nós ou algo assim?”

“É, algo assim.” – Ikarus deu dois tapinhas nas costas do vampiro; – “Deu azar de cair com um vampiro mais arrogante que o último, Nabarius.” Seguiu para o outro sacerdote que se aproximava; – “Evola... é sempre bom reencontrá-lo. Onde está seu parceiro?”

“Mestre Ikarus.” – Evola assentiu com a cabeça; – “Lágrimas já partiu. Acredito que ele tenha ficado animado quando Trístanos anunciou que podemos matar o elfo. Se conheço bem meu parceiro, ele deve estar imaginando a quantidade de energia que os Olhos de Zéed possuem. Deve estar sedento...”

“Vocês não me dão pausas... maldito Lágrimas... bom, não posso culpar o fogo por queimar, não é mesmo?” Ikarus suspirou, cansado, antes de se retirar pela saída, já pronto para se teleportar na velocidade de sua luz.

Ano 163 ▪ Base de Ikarus

“Calem a boca!” – Com os olhos cerrados, Credus batia em sua própria cabeça; – “Os corvos continuam barulhentos... estão muito piores do que antes. Era bem mais fácil quando eles me perturbavam apenas nos sonhos.” Usando uma faca sem ponta, Credus picava as cenouras contra a tábua de madeira.

“Sim... dá pra ver pelas olheiras.” – Lavender mexia o caldeirão que já continha um grande ensopado com diversos legumes; – “Mas já falamos sobre isso. Ikarus está vendo com outros sacerdotes para arrumar uma forma de tirar isso de você ou, pelo menos, aumentar seu controle.”

“Você acha que ele vem mesmo? Quer dizer... ele pode estar ocupado em alguma reunião com sacerdotes ou salvando alguém por aí...” Terminando, ele arrastou a faca pela tábua e empurrou todos os pedaços de cenoura para dentro do caldeirão borbulhante. Sem sua bênção, ele certamente não conseguia enxergar normalmente, porém sua ecolocalização ainda o auxiliava para a maioria das ações simples.

“Não seja bobo... Ikarus prometeu que estaria aqui.” – De maneira similar ao elfo, Lavender cortava cebola. Ela mantinha o rosto afastado enquanto fazia, para que a forte substância exalada não a fizesse lacrimejar; – “É nosso último dia aqui... ele tem que vir.” Ela puxou o ar com o nariz e cobriu os olhos com o braço para evitar a ardência.

“Já está chorando, Lavender? Tudo isso é saudade que sentirá por mim?” Credus ria.

“Se chama cebola.” – Ela derruba os pedaços no caldeirão; – “Me alcança o sal.”

Mesmo estando em um local coberto, o cego podia ouvir que a chuva caía pela noite fora da caverna. O fogo da lareira iluminava aquele cômodo e era lá onde costumavam preparar os almoços e jantares. Essa era a parte favorita do dia de Credus. Durante a atividade, o elfo podia usar todos os seus sentidos remanescentes para se deliciar com os pratos. Preparar comida, sentir seu aroma sendo, aos poucos, transformado, degustar os ingredientes... Todo aquele processo era como arte para o cego. Entre conselhos e conversas simples, a presença de Lavender tornava tudo ainda melhor.

“Pelo cheiro, está ficando bom como de costume.” – Usando uma colher de madeira, Credus passou a mexer o conteúdo; – “Você... está animada?”

“Animada... é, podemos dizer que estou, Credus.” - O olhar de Lavender se esvaziou com a pergunta; - *“Hoje é a noite... fiz quinze anos e finalmente serei rainha...”* Em sua mente, ela havia sorrido, mas sua expressão continuava a mesma. Com olhos fixos em um ponto aleatório da grande mesa de ingredientes, sem divagar.

“Seus batimentos aceleraram, Lavender... quer água?” Ele largou a colher e segurou a mão da amiga.

“Não. Eu...” - Voltou a si; - *“Eu vou ficar bem. Só estou com muitas coisas na minha mente. Estou pronta para assumir o trono de Tormenta. Governar aquele reino será mais fácil do que cuidar da nossa hortinha.”* Riu olhando para o elfo que a acompanhava.

“Sim, sim... mas sem pressão.” - Usando o polegar, acariciou as costas da mão da vampira; - *“Sabemos que erros ocorrerão, mas eu tenho certeza que não há ninguém mais apta que você para governar aquele lugar. Depois que usei os corvos para me mostrar como é Héros, eu pude ver o caos que os vampiros estão passando. Você será a salvadora deles. Assim como Ikarus é para os elfos.”*

Com aquele sorriso confiante, Credus havia acalmado por completo o coração de Lavender.

“Você melhorou seus discursos nesses três anos... sou muito grata, ‘elfinho’...” - Engrossando um pouco a voz, Lavender tentava imitar a voz de Ikarus; - *“Onde será que está aquele pirilampo? Está demorando muito pra alguém que pode viajar na velocidade da luz!”* Riu enquanto provava a sopa com a colher.

“Está pronta? Pelo cheiro parece boa.”

“Falta sal...”

A mesa de jantar estava pronta. Feitos de troncos de árvores, os bancos eram largos o suficiente para que sentassem com folga. Toda superfície da mesa rústica era composta da junção de várias tábuas. Por ela, haviam três pratos fundos de cobre, cada um conforme um respectivo assento e eles acompanhavam uma colher. Lavender e Credus já estavam sentados e servidos. A fumaça subia do calor emitido por seus pratos. Poucas tochas estavam acesas pela sala e o que mais trabalhava para manter o recinto iluminado era a chama da lareira a pouco tempo acesa. As toras crepitavam fulgurantemente, estalando e aquecendo a dupla. O som de pingos vindo da chuva de fora os acompanhava.

“Ele tá demorando...” - Credus sussurrou; - *“Será que essa noite chuvosa o atrapalhou?”*

“Normalmente isso não é problema para ele... Será que ele vai trazer algo novo? Algum presente de despedida?” - Apoiou a ponta da colher em seu lábio inferior, pensativa; - *“É bem a cara dele se atrasar por algo assim.”*

“É...” - Credus pensou em como Ikarus tendia a ser como a figura que ele imaginava que seria um pai adotivo. Na verdade, naquele momento ele chegou a conclusão de que idealizava alguém exatamente como Ikarus nos momentos em que pensava que seria adotado no orfanato; - *“Você alguma vez o chamou de pai, Lavender?”*

“O que? Que pergunta é essa?” Ela riu.

“Eu queria saber se você o vê da mesma forma que eu. Porque, bom... eu o considero como um pai.”
- Ele continuou sério; - *“Estava pensando se deveria dizer isso a ele antes de nossa despedida.”*

“Bom, quanto a isso...” - Lavender levantou as sobrancelhas ao ouvir o som de passos se aproximando da entrada da caverna. Em poucos segundos o sujeito chegaria à sala de jantar; - *“Espera... tem algo errado... não parece Ikarus.”* Lavender parou, estranhando. Havia algo diferente, ela só não sabia dizer o que.

“Não é Ikarus. É um ser quadrúpede...” - Credus reconheceu pelo som. Não demorou para o elfo ficar sério e se pôr em pé; - *“Parece um cachorro, mas... essa energia... eu nunca vi nada assim. Lavender, esconda-se!”* Ele apontou para debaixo da mesa enquanto ia em direção ao sujeito.

“Credus, pode ser um sacerdote! Não podemos agir assim!” Ela segurou a mão do elfo.

“Seja lá o que for aquilo, não é algo bom!” - Retirou a mão da vampira e seguiu com os punhos fechados; - *“Fique aqui!”* Os corvos começaram a surgir pelas paredes da caverna.

O elfo saiu da sala de jantar e seguiu rumo ao corredor que levaria à entrada da caverna. A alguns metros à sua frente, ele já era capaz de sentir o ser misterioso. Havia pouco som pelos arredores e era difícil para Credus compreender a anatomia do que estava prestes a encontrar. Se ele pudesse utilizar sua bênção, ele conseguiria se localizar com mais facilidade e anteceder a visão do que se aproximava. Infelizmente, era noite.

“O que vem lá...?” Ele sussurrou, andando lentamente pelo local.

“Eu vou com você.” Lavender segurou a mão de Credus e fez o elfo soltar um grito. Ele estava tão focado em decifrar o que era aquela criatura que não percebeu seus arredores.

“Ficou louca?! Eu quase morri!” Colocou a mão no peito e seu coração batia com força.

“Tá, tá. Se for um sacerdote, você provavelmente não vai conseguir o ver e nem falar com ele.” - A vampira fez um pequeno e pálido feixe de luz surgir de seu dedo indicador, assim iluminando os arredores; - *“E eu sei me virar. Então vamos logo.”* Tomou a frente.

“Você não ouviu o que eu ouvi, Lavender... Era o som de patas e possuía uma energia muito estranha.” Falou baixo antes de retomar o andar. O ser já estava na frente da dupla, mas não o suficiente para ser completamente iluminado pela luz que Lavender emitia.

O que ela via era similar a um grande cão com mãos humanas ao invés de patas. A penumbra cobria grande parte de seu corpo, porém alguns detalhes eram nítidos na visão da vampira. O suposto animal não possuía focinho nem orelhas longas, na verdade possuía algo similar a um nariz humano e um largo sorriso dourado que atravessava o rosto e ia até o pescoço. Credus apenas o localizou por conta do forte mau hálito exalado pelo monstro.

“Credus?! Quando aquilo surgiu?!” - Tremendo, a vampira deu um passo para trás; - *“Bom... vejamos... o que deseja aqui, caro sacerdote?”* Tentou manter a calma enquanto mudava de idioma, mas começou a gaguejar pelo nervosismo e isso dificultou a pronúncia.

Rindo, ele fincou as unhas no solo rochoso da caverna. Forçando-as contra o sólido material, a dupla pôde ouvir o som das garras quebrando e uma risada mais alta fora liberada pelo sujeito. Lavender já não entendia mais o que estava acontecendo. Credus gerou mais corvos por todo o teto do escuro ambiente. Contorcendo parte a parte de seus membros, em alguns segundos, toda estrutura corporal daquela criatura estalava e se moldava em quebras. Os movimentos eram bruscos e pareciam doloridos, e foram realizados sem reclamações. No término do ato, ele se apresentou como um ser bípede, ereto e o que antes eram pelos agora se converteram em vestimentas.

“Se ele der mais um movimento, eu irei atacar com tudo que tenho, Lavender.” Preparando um ataque com os corvos, o elfo andava para trás. Lavender concordou com um aceno de cabeça enquanto também se distanciava lentamente, sem tirar os olhos daquele ser.

“A rainha... Tu és a rainha.” O convidado balbuciou rindo e se aproximando da luz. Seus olhos eram completamente brancos e sem pupila. Os entornos eram queimados e a pele era

pálida com muitos filamentos de cabelo escuro e encardido cobrindo a face. Deu dois passos rumo a dupla.

“*Corvos! Matem!*” - Apontou para o homem; - “*Cortem! Dilacerem!*” Gritava os comandos. Os corvos obedeceram.

Do céu da caverna, dezenas de sombras mergulhavam em alta velocidade em direção àquela figura macabra. A entidade de Credus seguia com exatidão os comandos indicados, sempre mirando em órgãos vitais como garganta, coração e juntas de membros. Contudo, assim que os corvos se aproximavam com seus bicos afiados como navalhas, eles simplesmente caíam duros no chão, sem qualquer movimento que indicasse vida. Os segundos passavam e Credus não desistiu de seu ataque. O elfo continuava a gritar contra o monstro e não demorou para haver centenas de corvos mortos ao redor do invasor.

Exausto e ofegante, Credus começou a sentir fortes dores de cabeça e seu nariz começou a sangrar. Lavender não entendia nada do que havia ocorrido, apenas sentia arrepios com a negatividade crescente. O convidado indesejado ria e apanhava um dos corvos mortos do chão. Seus dedos eram escuros, secos e com rugas. Ele esmagou o corvo que havia apanhado e afundou parte da carne com as unhas.

“*¶* cria indesejada de Keen... porta um grande poder.” - Colocou os restos putrefatos da entidade morta em sua larga boca; - “*¶* beleza da aniquilação.” Riu enquanto mastigava aquela carne escura e suculenta de boca aberta. Em momento algum ele piscou.

“É um sacerdote?” - Custou para Lavender fazer a pergunta e se manter com a postura calma; - “*¶* amigo de Ikarus, eu suponho.”

“Sou Fabolas. Sacerdote de sexta e última classe...” - Engoliu o conteúdo. Lavender reconheceu o nome e o título indicado, porém as informações que haviam disponíveis sobre tal sacerdote eram muito poucas. Logo, ela percebeu que aquele era um sacerdote que saía muito pouco de Tabelion, o lar dos sábios; - “Eu não vim aqui a mando de consumi-los. Mas... Corvos realmente são apetitosos.” Abriu um sorriso completamente manchado de sangue escuro.

“Pelo visto não é um aliado de Ikarus. *¶*, pela sua classe, é um dos últimos na hierarquia de liderança dos sacerdotes. Provavelmente não tem permissão para estar aqui.” - Lavender suspirou; - “Se você insistir em nos atacar, serei obrigada a desintegrá-lo, senhor Fabolas.” Seu coração havia regularizado a batida. Ela olhava serena nos olhos sem vida da figura. Ele riu como uma hiena.

“Eu deveria matar o elfo. Hérobu anunciou que o futuro do garoto se resume apenas a córregos de sangue inocente sendo derramados através de egoísmo e insanidade. Disse que o viu como principal inimigo da própria raça.” – O sacerdote deu mais um passo. Ainda mais perto da luz, era possível para

Lavender agora entender a roupa do sábio. Era como se ele vestisse um extenso sobretudo feito de seu próprio cabelo. Credus sentiu o odor que aquele ser emitia. Com a precisão de seu faro, era possível sentir o cheiro de metal enferrujado e suor azedo misturado com sangue velho; – “Se eu matá-lo, poderei estar salvando milhões de vidas. É isso que o sacerdote que vê o futuro me indicou. Eu sou o sacerdote que consome negatividade. Eu hei de consumir até a última mácula de corvos e livrar o mundo de mais um desastre natural. Irás me impedir, rainha dos vampiros?”

“Sim.” – Respondeu no mesmo segundo em que ele terminou a pergunta; – “O que Credus vai fazer não pode ser julgado no presente. Não importa o que o sacerdote do futuro declare, sempre sabemos que ele ainda pode errar suas previsões durante sua vida imortal. Cabe a Credus realizar o ato para, só assim, receber a punição de acordo com sua gravidade.” Continuou calma. Ele riu da resposta.

“Então tu serás responsável por todas as vidas que esse elfo ceifar?”

“Isso é responsabilidade dele. Temos nossa liberdade para fazermos o bem ou o mal em todas as nossas ações. Matá-lo agora seria apenas um assassinato contra um inocente.” – Ela empurrou o peito de Credus para continuar se afastando do sacerdote. Ele acatou o pedido; – “Isso, é claro, apenas se você acredita que somos realmente livres com nossas ações, e não meros personagens de uma fábula pré-escrita. Concorde comigo, senhor Fabolas?” O sacerdote gargalhou. Ele riu ao ponto de perder o fôlego e começar uma série de tosses secas até finalmente se recompor.

“Sábio paradigma, rainha dos vampiros. Lavender... tua inteligência apenas serve de tempero para o prato principal que seu corpo representa... contudo, não sou tolo a ponto de a devorar nem se isso me fosse permitido pelos sacerdotes.” – Ele a encarava com um leve sorriso; – “Final... qualquer predador que a devorar estará fadado a se submeter completamente à sua vontade... vejo que sua positividade é realmente contaminante... uma armadilha perfeita.” Ele aplaude. Lavender sorri.

Queimando a escuridão em uma fração de segundo, Ikarus ilumina completamente o amplo corredor cavernoso. Acolhidos pela luz, já sabendo quem chegava, seus discípulos mal conseguiam permanecer de olhos abertos. Caminhando e

abaixando a luz conforme se aproxima, atento para não pisar nos corvos mortos pelo chão, Ikarus intercepta o caminho entre a vampira e o sacerdote misterioso.

“O que pensa que está fazendo?!” – Não movendo a atenção de seu potencial inimigo, Ikarus esconde Lavender atrás de seu corpo; – “Está longe de casa, Fabolas. Devo lembrá-lo de nosso acordo com Trístanos? A última coisa que ele disse o impede de cometer qualquer atrocidade.”

“Ikarus... preparastes bem os pequenos...” – O homem responde; – “Não... eu não esqueci... foi apenas uma tentação momentânea...”

“Ele já está de saída.” – Lavender afirma com confiança para Ikarus e então se dirige mais uma vez ao sacerdote invasor; – “Presumo que tenha terminado o que veio fazer aqui, senhor Fabolas. Foi uma honra trocar conhecimento com um sábio.”

“Ainda não, pequena rainha... tenho uma proposta para o elfo.” – O sacerdote estranho mirou o indicador para Credus; – “Suponho que ele tenha muitas perguntas sobre os poderes que habitam em seu interior... quero levá-lo à Tabelion. Lá, ele poderá entender melhor sobre tudo, desde que nasceu.”

“Sobre o que estão falando, Lavender? Por que ele apontou pra mim?” Ainda recolhido, Credus pergunta se aproximando do grupo.

“O sacerdote quer levá-lo à Tabelion. A ilha dos sacerdotes. Ele disse que você poderia aprender mais sobre seu passado” A vampira respondeu em élfico.

“Então que assim seja.” – Credus terminou. Ikarus e Lavender olham para trás em surpresa, encarando o elfo; – “Eu vou com ele.”

“O que?! Você não pode aceitar isso.” A vampira púrpura protestou.

“Eu preciso aprender a utilizar os corvos da maneira correta. Entender sua natureza e seu potencial. É o certo a se fazer.” Ele foi até Lavender e pegou na sua mão.

“Mas... Tabelion é perigoso...” Ela cobriu a mão do amigo.

“Você vai ser uma grande rainha, Lavender. Lembra daquele dia em que você me ensinou sobre constelações? Existe aquela... Crux, a constelação que sempre é visível à noite. Guarde ela para

minha lembrança. Imagine que, sempre quando você a ver pelo céu, eu também estarei a observando com um de meus corvos. Assistindo o seu progresso como rainha de Héros.” Ele sorriu.

“Crux. Eu vou me lembrar disso. Mas...” Ela se perdeu em meio às possibilidades.

“É isso que você quer, Credus?” - Pairando o olhar sob os ombros, Ikarus olhou para trás, admirando os pupilos; - “Bom... vocês cresceram bastante e já está na hora de nossa despedida. Podem tomar suas próprias decisões.”

“Sim. Não tenho problemas em ir com esse monstro se for para aprender mais sobre minha natureza.” - Credus largou a mão de Lavender; - “Vou fazer o que deve ser feito.”

“Então... não teremos tempo para nossa última sopa.” - Ikarus sorriu levemente e se aproximou para abraçar os dois alunos. Todos firmaram o ato como se fosse o último de suas vidas; - “Eu irei os presentear com uma coisa...” - E da união, uma breve centelha azulada acendeu em meio aos três corpos; - “Essa é uma parte de meu poder. É como uma chama que irá viver eternamente no coração de vocês. Ela vai fortalecer a positividade em seus corações. Lavender terá mais intensidade em seus feitiços de luz, para que nenhuma escuridão a amedronte em seu futuro rodeado de vampiros. E você, Credus, poderá utilizar sua bênção sonora também a noite. Assim, poderá para sempre enxergar, até mesmo onde Ishtar o proibiu. Eu o concebo esse direito.” Uma lágrima escorreu.

Nunca em suas vidas os pequenos haviam sentido tamanho conforto. Aquele calor que percorreu por seus corpos, adentrava pelo peito e aquecia com leveza, quase como se tivesse vida própria. Sua natureza parecia ser a do carinho da mãe que Credus e Lavender nunca haviam conhecido. Involuntariamente, também choraram, tanto pela sensação de estranha nostalgia quanto por aquele ser, possivelmente um dos últimos momentos com seu mentor. Labolas observava tudo ao longe, em silêncio.

“Dito isso... Lavender, eu irei a levar até Héros. Você ficará em Tenebre e lá será condecorada por outros dois sacerdotes. Assim que chegarmos, você nunca mais poderá demonstrar carinho ou afeto por mim. Devo ser tratado apenas como qualquer sacerdote. Não seria bom para ninguém se os outros comesçassem a se questionar quanto ao nosso elo. O mesmo serve para você, Credus.” - Ikarus repousou a testa na de Lavender antes de se voltar para o elfo; - “Quanto a você, elfinho. Eu esperava poder passar mais tempo com você agora que Lavender irá também deixar nossa base. Mas entendo sua decisão. Seja forte. Os sacerdotes podem ser intimidadores, mas todos foram escolhidos a dedo para receberem o poder que possuem. Eu desejo boa sorte. Sempre que a linha de suas vidas oscilar, eu saberei. Uma parte de minha aura agora reside em vocês.” Fez o mesmo encontro de testas com o garoto.

Com o abraço desfeito, os três se afastaram. Lavender segurou a mão de Ikarus e, ainda reunindo coragem, Credus andou um passo de cada vez até Labolas. Com o mero som de seus passos, ele já podia sentir seus arredores com uma precisão perfeita, graças à bênção recebida por Ikarus. O sacerdote aguardava pacientemente, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Uma vez decididos, todos se dirigiram para fora da caverna. Eles andaram, atravessaram os campos e desceram a altitude até começarem a sentir o solo arenoso que precedia a praia. A reluzente luz leitosa pairava sob o oceano noturno e as nuvens já haviam se afastado após a chuva de outrora. O céu estava aberto, confeccionado em uma miríade de estrelas e a brisa era refrescante e agradável. A única figura que era estranha à Lavender naquele horizonte, era uma canoa escura com dois remos que estava encalhada na areia, longe das águas.

“Vocês irão naquela pequena canoa?” - Ela apontou com o indicador; - “Tabelion é basicamente... do outro lado do continente. Como vocês-”

“Não temas quanto a isso, rainha de Héros. Chegaremos lá ao amanhecer.” O sacerdote murmurou enquanto caminhava para a canoa. Ikarus o seguiu.

“Bom, é aqui o nosso adeus. O definitivo desta vez.” - Credus rouba a atenção de Lavender. Enquanto falava, ele focava as ondas sonoras para rebater na área do rosto da vampira, assim, podia enxergar perfeitamente todos os seus traços; - “Com a bênção de Ikarus, eu consigo a ver enquanto falo. Consigo a ver como nunca antes. Você foi a primeira vampira que conheci e sinto que nunca senti nada parecido por mais ninguém. No começo, achei que você iria ser como uma irmã para mim, porém, é completamente diferente. O que sinto por Laria é um... amor? Um amor diferente do amor que sinto por você. E também é um amor diferente do que sinto por Ikarus. Isso faz sentido?” Quanto mais falava, mais perdido ficava.

“Eu entendo.” - Vendo o esforço em cada palavra que o elfo usava para descrever o que sentia, Lavender não pode deixar de curvar as sobrancelhas em empatia; - “O que passamos foi algo tão único quanto nossa própria natureza, Credus. Minha constelação de Crux... eu consigo a ver daqui nesse exato momento.” - Vira o rosto para o horizonte. A constelação estava lá; - “Aprendemos muito um com o outro e... sim. Eu nunca senti nada como isso por alguém, mas compreendo o que descreveu. Foram mais ou menos três anos com você e eu diria que foram os melhores três anos da minha vida. Nossos caminhos são para lados opostos, mas, francamente, algum dia eles irão se conectar. E, quando isso acontecer, iremos nos juntar aqui e contaremos inúmeras histórias sobre os anos que passamos afastados. Podemos até fazer nosso antigo jogo de perguntas!” Contente, ela segurou o riso.

“Eu não queria que você parasse de falar... eu não queria que esse momento chegasse.” – Um arrepio correu por seus ombros e mais lágrimas desceram. O cego as limpou no mesmo momento; – *“Eu tenho que ser forte como você e Ikarus. Vou entender meu poder e usar essa energia negativa do jeito certo... após Tabelion, eu irei pronto para conversar com Keen e voltar para casa. Laria deve estar com saudades...”* Aos olhos de Lavender, ele parecia determinado e, ao mesmo tempo, desolado.

No momento em que ele mencionou sobre como deveria usar a dádiva dos corvos, a vampira se lembrou do dito por Labolas acerca do suposto futuro de Credus. Com um poder como o dos infinitos corvos, o elfo certamente poderia mudar o rumo de guerras e até mesmo dominar cidades se fosse de seu interesse. Olhando para aquele garoto que se declarava em sua frente, embora ela ainda não visse exatamente como alguém meigo e sensato como ele pudesse ser capaz de repetir os erros do passado, ela também compreendia que era muito fácil de uma fagulha começar um incêndio. Pensou em alertá-lo sobre o destino, convencê-lo a ir com ela para Héros ou até mesmo voltar direto para casa, mas todas essas opções iriam quebrar a confiança que possuía em Ikarus, nos sacerdotes e, principalmente, nas escolhas que Credus tomaria. Ela preferiu ficar em silêncio e usar seus lábios para beijar a bochecha do elfo.

“Se não for nesta vida, que seja em outra. Adeus, Credus.” Segurando a mão de Ikarus, Lavender se despediu.

“Então, é isso. Tudo em ordem. Até outro dia, elfinho!” Ikarus bagunçou o cabelo de Credus antes de iluminar a noite e desaparecer com Lavender.

A pequena embarcação já estava flutuando juntamente com as ondas. Atrás de Credus, o alto sacerdote o encarava, aguardando seu proceder. Agora sozinho com o elfo, ele esbanjava um sorriso ainda maior do que anteriormente.

“Venha, pequeno elfo... Ikarus o aguarda.” Virou-se e caminhou para a maré.

Capítulo 39 - Epitáfio

Ano 163 ▪ Oceano

Obstinada, a lua persistia a iluminar o límpido horizonte de águas infinitas. Credus sentia o vento frio e salgado passando por seu rosto enquanto, de maneira improvisada, usava um dos remos de madeira contra o mar. O outro remo estava com o sacerdote que utilizava o instrumento com maestria, sempre em movimentos constantes. Sua respiração ofegante era o único som que a dupla emitia.

Em geral, a jornada foi silenciosa e as ondas estavam calmas. Pelo chão da embarcação existiam poucos itens e estes eram: um cantil velho, uma longa corda entrelaçada e alguns pregos enferrujados. Nada que chamasse muito a atenção de Credus, que também não levava nada consigo além de suas próprias roupas e um barbante para prender o cabelo.

Nunca antes estando em alto mar, o sentimento de estar a sós com um sacerdote misterioso em uma imensidão de pura profundidade amedrontava o elfo. Sua visão era reforçada pelos sons das marés e também das remadas ininterruptas mas, ainda inseguro, ele chamava seus corvos para o auxiliar e aumentar seu raio de visão. Fazendo seus os inúmeros olhos da entidade, ele podia, por tempo limitado, enxergar que todo o existente em seus arredores era água. Só água.

“Os corvos não enxergam nada além de mar. Tem certeza que estamos indo pelo caminho certo?” -

Ao terminar a pergunta, se arrependeu de tê-la feito pois lembrou que o velho não falava élfico; - *“Desculpe.”* Riu da estupidez.

Labolas era alto, esguio e sua pele era escura como madeira queimada, com exceção de seu rosto pálido. Sua roupa era como um vasto casaco de pele, o qual era composto por seu próprio cabelo escuro e encardido. Hora ou outra ele apanhava o cantil que estava jogado e o enchia com água do mar. Segurando o recipiente e o movimento para os lados, ele convertia o conteúdo a pouco tempo adquirido em vinho tinto. Da dois ou três goles e se ateu a remar, sempre em sincronia com Credus.

As horas da noite pareciam não passar. O elfo tinha sono, mas não se sentia à vontade para dormir ou sequer coragem para demonstrar que estava sonolento. Entediado e sem mais ideias de como permanecer alerta, respirou fundo e começou:

“Com a lua poente, em seu tom mais reluzente. Æ doce dama vem e nos deleita com felicidade. Com o sol ardente, e sua luz insurgente. Ø homem da lança vai e nos contempla mortalidade.” - Ele cantava a canção que aprendeu com Lavender. Labolas parou de remar e deu atenção ao garoto; - *“Se vamos dormir, se vamos comer. Quando a lua não mais se esconder. Se vamos, correr ou enfim nos*

render. A mãe Tormenta irá acolher.” Depois, começou a cantarolar o mesmo ritmo. Não pode deixar de lembrar da vampira enquanto o fazia.

“É... os vampiros ficaram mesmo traumatizados com o que Angus fez com Tormenta.” O sacerdote riu puxando o ar com a boca.

A música ajudou a ocupar um pouco a mente do elfo que, imerso em novos pensamentos, brincava de modular sua própria voz enquanto continuava a remar. Ele imaginava como Lavender estaria naquele momento. Nervosa, contente, se divertindo. Também pensava em quando eles iriam se encontrar novamente. Ele estava ansioso.

As fantasias eram tantas que nem percebeu que Labolas não estava mais remando, mas sim, despejando algum tipo de líquido na água. Usando as ondas sonoras que a maré emitia, Credus pôde observar que o líquido despejado provinha de um corte vertical no pulso do sacerdote. Era seu próprio sangue. Ele estava com um sorriso estático. Como um copo derramando água, o fino braço escuro e enrugado do homem jorrava bastante sangue negro. Sentindo calafrios, Credus não soube como reagir e, por isso, simplesmente ficou parado.

O mar começou a se mover de uma forma diferente. De um lado para o outro, as ondas começaram a bater contra o casco da embarcação, a fazendo estremecer. Os impactos obrigaram Credus e a segurar com ambas as mãos no banco onde sentava. Ele gritava amedrontado e, após o aumento da intensidade, o elfo não conseguiu manter a concentração em seus corvos, assim os desfazendo. Labolas continuou calmo, deixando o líquido escorrer por seu pulso.

Contudo, a fúria dos mares durou pouco e, em questão de segundos, todo aquele recanto do oceano estava completamente pacífico. Praticamente plano. Agora protegendo a cabeça com as mãos, quase todo encolhido, Credus prestou atenção no que o cercava e começou a se acalmar. Ele se levantou e percebeu que a brisa gélida que antes passava por seu corpo havia desaparecido por inteiro. O mar não fazia som algum e havia um cheiro estranho pelo ar. As coisas estavam substancialmente diferentes do que eram a segundos atrás. Labolas voltou a remar.

Apoiando o peito contra a extremidade da canoa, Credus se segurou com firmeza com uma mão enquanto, com a outra, mergulhou os dedos na água do mar. Na mesma hora notou que aquilo era diferente. Parecia que a água estava mais densa ou concisa. Aproximou os dedos da face e sentiu o forte cheiro.

“Sangue?! Um mar de sangue?! O que tá acontecendo?!” Rapidamente tentou limpar a mão, movendo os dedos freneticamente a fim de os secar. Labolas riu.

“Chegamos... bem vindo à Tabelaion.” Labolas terminou a risada com uma tosse seca.

...

Após aterrissarem em terra firme, Credus foi o primeiro a descer da canoa. No imaginário do cego, a viagem parecia ter levado algumas horas, o suficiente para a chegada do amanhecer, uma vez que as mãos doíam de tanto remar. Porém, pisando na areia macia com suas botas e se alongando, o elfo não conseguia sentir o calor do sol sob sua pele. Também não sentia-se capaz de conjurar seus corvos para o auxiliar em sua visão e nem mesmo utilizar sua bênção. Pela primeira vez em muitos anos, sentiu-se cego por completo. Perceber isso o aterrorizou de uma maneira que nunca antes havia sentido. Era como se tivesse sido encaminhado de bandeja até um local onde pudesse ser apanhado por qualquer um sem dificuldade. E, o pior de tudo, foi entender que, toda vez que levantava aquele leme para navegar, na verdade, estava levantando uma pá que cavava sua própria cova.

Já exausto dado ao decurso da jornada, a realização o deixou ainda mais arfante, quase ao ponto de hiperventilar. Lacrimando, ajoelhou-se na areia e apoiou o corpo usando ambas as mãos. Foi aí que sentiu que a textura era fina, granulada e seca. Porém, aquilo não era areia. O cheiro também era diferente, ele tinha certeza. Algo parecia fora de ordem mas, mais preocupado sobre seu próprio estado de vida, não deu foco para o detalhe.

“O sofrimento é o prelúdio do desespero.” - Uma voz masculina e jovial o cumprimentou com sua presença; - “Por que tanto sofres, pequeno elfo? Conte-me teus sacrilégios.” Pela direção e distância em que ouvia a voz, Credus notou que o sujeito parecia ser alto. Devia ter, no mínimo, algo em torno de 1,80.

“O que? Fala élfico? Quem é...?” Limpou um pouco das lágrimas antes que escorressem.

“Ora, minha educação... me chamo Evola. Sacerdote de sexta e última classe, eu sou o parceiro de Labolas. Mas não se preocupe em lembrar de nossos nomes.” - A voz prosseguiu; - “Também já adianto minhas mais sinceras desculpas acerca dos modos de meu companheiro. Sei que ele não fala élfico e que não é o mais simpático de nós, mas entenda que é de sua natureza ser um pouco agressivo. O papel que ele exerce é tão importante quanto o peso do fardo que carrega.” - Parando por alguns segundos, Credus sentiu um toque sobre sua mão; - “Gostaria de um auxílio?”

“Eu não consigo ver nada... não consigo usar minha bênção e nem chamar meus corvos. O que está acontecendo?” Dizia ainda recuperando a compostura e se levantando com cuidado, ao segurar na mão do sacerdote. A pele era gélida e úmida.

“Foi uma viagem e tanto, meu caro amigo elfo... atualmente, estás em Tabelion. A ilha dos sacerdotes. O mar que nos rodeia é feito do sangue da humanidade e a areia em que estamos pisando agora mesmo... bom... são as cinzas dos falecidos. Um infinito oceano vermelho.” - Dizia com tristeza; - “Aqui não és capaz de usar sua bênção de Ishtar devido ao acúmulo de negatividade, e o único que parece conseguir usar positividade por aqui é Ikarus.”

“Mas... e os corvos?”

“Antes de responder isso, meu caro, eu tenho uma pergunta fugaz.” - Evola tossiu com a garganta para manter sua fala em uma entonação rigorosa; - “Como é enxergar através daquilo que chama de ‘corvos?’” Terminou a pergunta com uma ponta de curiosidade.

“Bom... quando eu uso o som, eu vejo um espectro das coisas. É como um contorno não muito detalhado, sabe? Depois, quando aprendi a usar os corvos, consegui entender o que são imagens e detalhes. É algo realmente belo e me emocionou bastante.”

“Entendo... é, isso bateu com minhas suspeitas. Nunca viste cores, correto?”

“Cores...?” Credus sabia o que eram cores, mas não sabia imaginar um exemplo prático.

“Sim. Cores. Reflexões da luz. Tudo que a luz toca possui uma cor específica e muitas vezes os seres agem conforme interpretam tais cores. Estou lhe dizendo tudo isso para que entenda uma coisa... Ninguém enxerga as cores reais das coisas. A realidade é manipulada. É tudo ilusão! Olhos são traiçoeiros e ufanos!” - O sacerdote riu; - “E por isso és especial, Credus. És o primeiro e único elfo que nasceu da obscuridade! Jamais tombarás ante as ilusões causadas pela ótica e pela natureza. Está acima disso tudo, pois a vida inteira encaraste o abismo. Acima das leis naturais. Acima da realidade.”

“Eu...” Recuou um pouco.

“Quanto aos corvos... Eles são feitos de pura negatividade e, por viverem em outro plano, não são visíveis a seres comuns. Assim, por causa de vários filtros, seus olhos têm dificuldade em interpretar cores. Imagino que seja tudo no mesmo tom. Talvez um cinza ou algo do tipo...”
Terminou pensativo.

“Eu... não sei.” Digerindo as informações, Credus não disse mais nada. Evola também demorou para se pronunciar.

“Bom... por hoje é isso. Deve estar cansado. Vamos andando. O levarei até seus aposentos.”

Cuidadosamente, o sacerdote guiou o cego pela praia.

Atento a todo e qualquer detalhe que pudesse revelar pistas do que o rodeava, Credus andava com cuidado arrastando os sapatos velhos contra o solo. Ele sentia, após saírem da praia, que o chão era pavimentado por um material resistente e liso. Prestando atenção, era possível entender que a textura daquele chão não era áspera como rochas.

A confusão o deixou hesitante e o lembrou da época quando usava uma vareta para localizar as estruturas do orfanato. Em sua cabeça, aquilo parecia ter ocorrido quase em outra vida. Relembrou brevemente de seus últimos momentos no orfanato e percebeu que estava se forçando a esquecer daquele lugar aos poucos.

“Apenas para o localizar, pode ficar tranquilo. Estamos andando em uma rua simples. À sua direita temos uma das muitas escadarias que nos darão acesso ao conglomerado dos aposentos de nosso Rei, Trístanos.” – Evola andava sem fazer som, e isso tirava um pouco da concentração de Credus; – *“Claro, ao subir essa escada encontrarás infinitos corredores que se interligam e que levam para infinitos aposentos e armazéns diferentes. É um labirinto eterno para qualquer desavisado. Mas, novamente, peço para que não se preocupe. Não são muitos os sacerdotes que residem nas fortificações de Trístanos e hoje tu ficarás com Kayn. Ele é um dos mais reclusos de nós, e vive na praia do outro lado da ilha. É uma boa caminhada.”* Dito isso, o sacerdote seguiu caminho, segurando a mão do elfo.

“Por que está me ajudando tanto, senhor Evola?” O garoto perguntou, ainda desconfiado.

“Ora essa... os motivos são tantos...” – Ele riu; – *“Primeiramente, eu não esconderia informações de ninguém que viesse me procurar. Ocultar conhecimento não passa de pura maldade. Sim, sim... é uma tragédia imperdoável. Mas o motivo principal é porque somos fãs de sua pessoa.”*

“... perdão?”

“Minhas desculpas, temo que eu não tenha sido claro... muitos sacerdotes o admiram, Credus.”

“E qual é a razão disso?”

“És o escolhido.” – Disse como se fosse a coisa mais óbvia do mundo; – *“As vozes o incomodam? Seu corpo já se adaptou bem à negatividade.”*

“Eu ainda não entendi... me desculpe.”

“Seu corpo. Pelo que pude ver, estas envelhecendo três vezes mais rápido se comparado a um elfo comum.” - A expressão de Credus fechou. Evola soltou uma risada descontraída; - *“Calma, calma... irá encontrar Kayn em breve. Ele explicará tudo.”* O restante do caminho foi silencioso e sem paradas.

Novamente na praia, agora no outro extremo da ilha, diante da dupla, havia uma rústica torre de madeira com quatro andares. Era como um grande templo abandonado. O teto era de palha escura, existiam diversas janelas pelos andares e a forma da residência como um todo remetia um alto retângulo. A única entrada era uma abertura vertical, sem portas.

“Não é nada luxuoso como a fortaleza de Trístanos, mas acredito que seja o suficiente para Kayn. Assim como todo homem velho, ele é solitário e carente, porém, rancoroso... apenas demonstre respeito e ele não irá arrancar sua língua.” - Respirou fundo antes de continuar; - *“Agora devo ir. Tenho alguns afazeres a tratar com Labolas. Futuramente nos reencontraremos, querido Credus. Até lá.”*

“Tudo bem... obrigado por tudo, senhor Evola.” Credus seguiu pela entrada tateando as paredes de madeira.

Confiando em seus outros sentidos, o cego continuou seguindo pelas laterais da casa. O chão era feito da própria “areia” da praia. O único som em evidência era das ondas do mar. A atenção inteira voltou para o odor do recinto, o qual fedia a algum tipo de animal não identificado pelo elfo. Ele não demorou nem dois minutos para começar a clamar pelo sacerdote em voz alta.

“Quem perturba meu sono...?” - A voz sonolenta veio do centro da sala. Era uma voz grossa e masculina. Parecia pertencer a um homem de grande porte físico; - *“Credus... você já chegou.”* Finalizou com um bocejo.

“Sim, eu... cheguei.” Diz ainda meio perdido.

“Perfeito, excelente. Aproxime-se. Vamos começar...” - Grunhiu com o som de ossos estalando; - *“Eu sou Kayn. Sacerdote de terceira classe. O detentor dos olhos de Zéed ou o que você apelidou de ‘corvos’.”*

“Olhos de quem?” O sacerdote não respondeu. Apenas tossiu e cuspiu em algum canto da sala.

Assim que terminou a pergunta, andou pra frente como lhe fora indicado. Terminou por esbarrar no corpo do homem. Tateando o ser, entendeu que ele estava sentado e que o joelho do homem era maior que o torso inteiro do elfo. Ele era robusto e fedia a suor masculino. Kayn pegou a mão do elfo e a colocou em seu rosto. Usando o tato, percebeu toda a superfície das feições do homem com quem conversava. Uma pele seca e dura como granito, o topo da cabeça liso, completamente careca e uma barba extensa que seguia até metade do peito. Com a outra mão, Credus também pode perceber que o sábio possuía uma profunda cicatriz no lado direito do rosto. Era um corte que seguia como uma rachadura e ia da lateral da testa, passando pelo olho direito e indo até o final do queixo. Ao redor da cicatriz, a pele parecia ser mais sensível.

“Agora que sabes meu nome e podes ver meu rosto, começaremos...” - Bufou; - “Eu o acompanho desde teu nascimento. O poder que recebeu é apenas a fração de uma energia ancestral, que precede tanto minha existência quanto a tua. Sim, detenho certo poder sobre eles, mas não os controlo por inteiro. E não me entenda mal, os corvos possuem vida, consciência e vontade própria, por isso saiba que eu não os comandeie e nem o escolhi para ser o receptor disso tudo. Eles o escolheram desde o princípio. Eles decidem tudo...”

“E por que me escolheram?”

“Um bom pai deixa um legado próspero para tua cria, ou o deixa nas migalhas da miséria. O ego de Tormenta criou toda a raça vampírica. O ego de Ishar criou toda a raça élfica. E é através do ego que todos os seres continuam a viver. O sangue define o destino. No fim, tu és o fruto do ego de teus criadores.” - Ele dizia solene; - “Concordas?”

“Sim... eu acho. Mas isso não responde meu questionamento anterior.” Coçou a cabeça.

“A resposta se encontra no que proferi. Tu foras condenado a ser cego por causa do sangue de Keen, teu pai. Assim como filhos recebem heranças dos progenitores, muitas vezes também herdamos doenças ou atributos físicos peculiares. É o caso da bênção.”

“Espere. Por que eu? Por que não Laria?”

“Os corvos se adaptam melhor a hospedeiros homens, uma vez que o portador original também era um. E você, meu caro, foi o único filho de Keen.” O sacerdote soltou uma grossa risada.

“E o que essa entidade pretende com Keen?”

“Keen... é um homem infame.” – O desgosto rasgou pela garganta de Kayn e ele cuspiu no chão com força; – “É um Rei de merda em todos os aspectos. Covarde, sádico e tudo que fez para se tornar Rei comprova o quão corrupta é sua essência.”

“Quais são os crimes do meu pai...?” Suspirando, perguntou entristecido.

“Crimes? Nós não nos importamos muito com as leis de cada nação, mas, vendo em retrospecto... Ele torturou e matou adversários políticos, além de fazer todo o tipo de atrocidade com as mulheres dos falecidos. Entre muitas outras coisas irrelevantes...” – Ele parecia entediado; – “Mas para nós, nenhum destes crimes realmente importa. O pior crime que ele pôde cometer foi ter desrespeitado a nós, sacerdotes.”

“Como assim?”

“Logo quando se tornou rei, Keen estava frustrado por ainda não ter despertado sua bênção. Ele provavelmente deve possuir alguma bênção muito poderosa e por isso a energia deve estar tendo dificuldades em se manifestar com totalidade em um corpo fraco como aquele... então, procurando por desculpas como um rato à procura de sobras, começou a dizer para alguns homens de confiança que nós éramos os culpados por selar sua bênção e que nós o tememos por sua força. Ele nos ridicularizou, afirmando que usaria Ikarus a seu favor e que futuramente iríamos nos submeter a sua vontade. Os corvos assistiram a tudo isso. Eu assisti a tudo isso. E eles decidiram que iriam fazê-lo pagar corrompendo o fruto de seu ego. Seu filho, Credus.” O sacerdote aguardou para ouvir a resposta do elfo. Tudo o que ele ouviu foi um baixo choro.

“Por que não ele...? Por que eu...? Eu não fiz nada de errado!” – Pensou em todo sofrimento que passou desde sua infância. Cada momento e dificuldade causada pela cegueira. Lembrou de todo trabalho que dava à sua irmã; – “Eu sou inocente! Ninguém merecia isso, só ele! Esse era o justo!”

“Criança... eis uma confissão. Este que vos fala é Kayn. Degolei meu irmão e essa sina me persegue até este dia. A sina não irá sumir, independente do culpado. Contudo, os corvos me ensinaram que a única justiça é a da natureza. E a natureza é neutra. Ela tira de quem pode tirar, e ela nunca tem culpa.” – A grande mão pousou no topo da cabeça de Credus com sutileza, fazendo um breve carinho; – “Minhas ações não falam apenas por mim. O sangue derramado fora fruto da educação a mim dada por meus pais e pelas lições que pude tirar durante meu prelúdio. O pensamento acalma minha mente e traz paz a minha alma putrefata. Tu possuis culpa, pequenino?” O tom foi sugestivo.

Um arrepio percorreu seu corpo naquele momento. A imagem da troca que havia feito com os corvos pelas vidas do orfanato veio à tona. Lembrou dos gritos que ecoaram em sua mente em inúmeros pesadelos desde o incidente. Lembrou até do rosto de algumas crianças que, se estivessem vivas hoje, já seriam adolescentes.

“Tenho muita culpa. Eu nunca vou conseguir seguir em frente sem culpa e... eu mereço isso.”
Respirou forte com o nariz úmido. Kayn deu um leve riso. O primeiro riso de Kayn teve sequência em um segundo riso. E em um terceiro, que se converteu em uma gargalhada alta e constante.

“Tens a lucidez e sobriedade que nunca possuí, porém, a inocência o cega mais que a deficiência. Tua progenitora hoje devora formigas no solo, assim como meu falecido irmão. O legado que ambos deixaram fora a nossa experiência com o trauma. Eis o epitáfio dos condenados.” - Continuou rindo, Credus gelou; - *“E olhe para teu estado. Levante-se como o homem que debes ser. Tu tomas a autoria dos crimes do maior verme que declaraste tua sina! Tua ingenuidade me divertiria se não fosse tamanha tragédia, filho de Keen!”* A risada parou.

O elfo permaneceu de cabeça baixa, sem se mover no canto da sala escura e o sacerdote já havia se acalmado a esse ponto.

“Esta é a sabedoria que lhe concedo. Abrace seu passado como a lâmina de prata abraça o vampiro.” - O lento som molhado de uma língua interrompeu a fala; - *“Por muitos teu destino já está fadado a isso, portanto não há de sofrer em vão. Sejas sábio e evitas demasiada dor desnecessária.”* A madeira rangeu com o remexer do corpo do sacerdote; - *“Quando um terremoto ocorre, de quem é a culpa, jovem Credus?”* Perguntou com a intenção de quem já tem a resposta na ponta da língua. Kayn arrotou.

“Eu não sou um terremoto... nem uma força inconsciente da natureza.”

“Pois então se torne.”

“E como eu faço isso, Kayn?”

“Suba as escadas. Hérobu sabia que viria e está o aguardando.” O sacerdote arrota antes de terminar.

Andando e usando as mãos para o guiar pelas paredes, Credus não respondeu. Em sua mente, a resposta não fazia sentido. Ainda sentia que era cedo para dar qualquer afirmação. Simplesmente contornou todo o salão, até chegar em um corrimão de

madeira. Subiu com cautela, degrau por degrau. Algumas teias de aranha se prenderam em seu rosto e o susto quase o fez cair.

Chegou no segundo andar. A atmosfera e o cheiro eram consideravelmente mais agradáveis que o recinto anterior. Uma presença não fazia questão de se esconder. O som era de uma cadeira de balanço em movimento, algo que Credus não reconhecia a existência embora fosse relativamente comum em outras províncias fora de Serperios. Intrigado, ele deu o primeiro passo:

“Senhor Hérobu..?” - Na pergunta existia uma fagulha de ânimo; - “Sacerdote de quinta classe. Estudei sobre você. De acordo com as lendas, você deu seus olhos para Angus e assim ele conseguiu ver o futuro e derrotar Tormenta, não é?”

“Isso está correto. Crux... conhece esse nome?” A voz do velho homem era rouca, porém suave e amigável.

“Crux... sim. Eu conheço.”

“Ótimo... como você está, querido Credus?”

“Pra ser sincero... bem confuso. Descobri tantas coisas hoje... me sinto com raiva e tristeza ao mesmo tempo. Não sei o que fazer e nem o que vai acontecer daqui pra frente. Tenho medo.”

“E você deseja saber o que irá ocorrer?”

“Você pode ver meu futuro mesmo sem olhos?”

“O poder de todo sacerdote vem de alguma parte de seu corpo. O meu era proveniente de meus olhos. Contudo... meu sangue ainda contém uma fração do poder daquele tempo. Ainda posso usá-lo.” - A cadeira parou de ranger; - “Aproxime-se, jovem Credus. Beba meu sangue... eu o mostrarei o que o futuro reserva.”

O braço de Hérobu estava estendido e, com uma faca na outra mão, realizou um corte horizontal no pulso. Ao lado da cadeira de balanço, puxou um cálice prateado, onde derramou o sangue escuro. O cheiro era tão forte quanto a densa composição similar a piche. Encheu metade do repositório e o ofereceu ao elfo.

Quanto mais pensava em beber aquilo, mais a repulsa aumentava, por isso, não pensou. Em um movimento único, virou o cálice e engoliu o conteúdo em vários goles. O

líquido era denso, amargo e pegadiço. Era difícil de ingerir e, gradualmente, Credus perdia sua consciência. Até que ele finalmente viu.

Capítulo 40 - Amor Esquecido

Ano 171, Guerra Final ▪ Ártemis - Salos, Capital Élfica

Vários meses haviam passado desde o ataque das três ondas proposto por Laria. Embora as inúmeras baixas, o plano em geral havia sido um sucesso. A destruição do acampamento de Lizha causada pela primeira onda havia sido efetiva o suficiente para a segunda onda destruir Bankas. Porém, dos mais de 300 elfos que estavam nela presentes, apenas 9 conseguiram retornar com vida. Por outro lado, graças ao sacrifício desses soldados, Lakan havia conseguido se infiltrar com seu grupo no país e chegar até Lavender. A segunda e terceira ondas já haviam retornado à capital e somente a primeira onda, comandada por Laria e Jess, permaneciam em campo de batalha.

Ainda era manhã quando Lakan, Keen e suas filhas almoçavam juntos no salão do castelo Rowan. Ambos os homens estavam com o semblante abalado e com expressões cansadas. A guerra estava em um ponto crucial, onde soldados e Reis não conseguiam ter uma noite de sossego sequer. Laerdra estava de pé, na porta do salão, em guarda.

“Um vampiro grisalho nos atacou em Bankas. Ele era um verdadeiro monstro.” - O rei deu uma garfada na massa de seu prato; - *“Degolou todas as arqueiras, usou a fumaça do incêndio a seu favor para se esconder... ele nos destruiu.”* Admitiu e mastigou o conteúdo.

“Laerdra me contou...” - Sem se preocupar com os modos na mesa, Lakan disse de boca cheia; - *“Você fez merda. Deveriam ter recuado.”* Ao ouvir isso, Keen levantou e bateu na mesa com o punho. As princesas se assustaram e soltaram os talheres.

Os dois homens pararam de comer e ficaram se olhando. Com as mãos fechadas e olhos enfiados, a expressão de Keen demonstrava descontentamento. Lakan não se deixou abalar, estava cansado demais pra isso. Deu mais uma garfada e continuou a comer, com os olhos no prato.

“Se eu ordeno, vocês seguem. É assim que funciona.” O rei continuou olhando para Lakan.

“E nós morremos, e você foge. Sim, sabemos.” Mastigava enquanto debochava.

“Lakan...” Hellenor tentou começar uma frase, mas seu pai a interrompeu.

“Garoto imprudente... quer saber como isso termina?” Keen sacou a espada que estava apoiada na cadeira.

“Olha, com certeza termina de um jeito melhor do que o batalhão que você comandou!” Lakan ficou de pé.

“Já chega!” - Usando sua bênção, Laerdra usou a telecinese em Lakan e, o pressionando contra o chão, o obrigou a se sentar novamente; - “Querubim, entenda seu erro e lembre-se a quem serve. Jess e Laria estão retornando dos campos de batalha. Não é hora para conflito.”

“A Laria... volta hoje?” - Saindo do controle da guarda, Lakan respirou fundo; - “E Jess mandou mais alguma carta? Laria melhorou depois do encontro com Aradia?”

“Está preocupado?” Keen perguntava enquanto se sentava e tentava se acalmar.

“É claro...” - Lakan tentou pensar em algo, mas foi sincero; - “Ela sempre esteve comigo quando eu precisei. Ela é minha Seraphim afinal de contas.” Voltou a comer.

...

Ano 166 ▪ Salos - Arena dos Cadetes

Antes da arena usada nas provações ser um local onde o cargo de Querubim é disputado, o amplo local era usado para o treinamento intenso de cadetes e demais soldados de Keen. Os exercícios iam do início da manhã até o final da tarde. O objetivo do intensivo era, além de capacitar os jovens e torná-los guerreiros, também definir em seu fim quem iria adquirir o cargo de Querubim e Seraphim.

"Querubim" era o cargo dado ao maior lutador. O soldado seria submetido a diversos combates para testar sua capacidade em usar diferentes tipos de armas e versatilidade de estilos de luta. Sua bênção poderia ser fundamental para decidir se a habilidade era ou não compatível com o nível esperado por Laerdra. O escolhido a vestir o manto teria seu nome apagado e seria reconhecido apenas pelo cargo, além de ser o segundo maior posto de liderança do país, abaixo apenas do rei. Já "Seraphim" era o cargo abaixo de Querubim e indicava o soldado com as melhores bênções para acompanhar o melhor lutador. Se o Querubim era o braço direito do Rei, Seraphim era o braço direito do Querubim. Era um título de grande prestígio e poder político, além de ser quase tão cobiçado quanto o primeiro.

Todos os dias, Lakan e Jess eram os primeiros cadetes a chegar no quartel para iniciar um aquecimento amistoso. Porém, naquela manhã em especial, ambos foram surpreendidos ao serem recebidos com o som do atrito de lâminas e respirações ofegantes provindas da arena. O sol ainda não havia nascido. Eles se entreolharam por um instante, cogitando ser algum recruta novo e decidiram só seguir em frente.

Antes mesmo do nascer do sol, Laerdra já estava a treinar alguém por lá. De um lado da arena, havia Laerdra. Vestindo um elmo de ferro e apenas poucas proteções metálicas nos braços e pernas, a capitã da guarda permanecia na defensiva contra sua oponente. Sua oponente era uma jovem de cabelos curtos e escuros, que usava uma lâmina de esgrima muito similar a que Laerdra impunha em seu cotidiano. Seus botes eram velozes e precisos. Lakan percebia que ela recuava seus movimentos para não acertar sua professora, assim como também notou que Laerdra dava brechas propositalmente. Por mais que ambas estivessem suadas e exaustas, aquilo nitidamente não era um combate sério. Carregando a grande arma apoiada em uma das ombreiras, curioso, o Lakan se aproximou das duas combatentes. Jess resolveu se trocar no vestiário.

“Ei! Não sabia que abriam mais cedo por aqui. Por acaso isso é favoritismo, capitã?” Lakan riu ao se abaixar para ajustar as fivelas de sua bota.

“Pausa.” - A superior levantou a mão e no mesmo momento fez sua subordinada parar; - *“Que nada, Lakan. Você que está atrasado! Pra que esperar o sol nascer se podemos treinar sem nossas bênçãos?”* Era descomunal ver a capitã de bom humor, ainda mais pela manhã.

“Vejo que alguém acordou com o pé direito hoje. Boa piada, eu quase ri.” - Lakan era um dos únicos cadetes que ainda não havia despertado sua bênção. Vestindo as partes faltantes de seu equipamento, ele andou até elas; - *“E quem é a novata?”*

“Ah sim. Esta é Laria, minha filha.” - A capitã dizia, recuperando o fôlego do exercício; - *“Laria, este é Lakan. Atualmente é um dos melhores soldados que temos.”*

“O melhor, na verdade.” - Sorriu; - *“E eu não sabia que tinha uma filha. Muito prazer.”* A olhando de cima a baixo ele viu que os cabelos negros e o olhar distante eram muito diferentes da capitã com suas iconicas tranças loiras. Se conteve a apenas assentir com a cabeça.

“Se estou falando com aquele que tem mais chances de ser o Querubim de Keen então o prazer é meu.” Ela delineou a franja que cobria seu olho e a alisou para trás da orelha.

“Eu não sei... o que acha capitã? Eu sou?” Irônico, ele aguardava a confirmação da superior.

“É... provavelmente.” - Demorou a confessar; - *“Vai depender muito do despertar da sua bênção.”*

“Entendido. Nesse caso, vista-se. Meu aquecimento ainda não acabou.” Laria sacou novamente a lâmina de esgrima.

“Achei que não ia chamar nunca!” – Tirou a arma de metal dos ombros e a entregou para sua capitã; – “Troca. Passa a de madeira pra cá.” Apontou para a espada de treinamento.

“Sei que está tentando pegar leve mas, acredite. Usando essa espada de madeira você terá mais chances contra Laria.” A capitã advertiu. Lakan riu, interpretando aquilo como uma piada.

“Tá, tá... mesmas regras de sempre? Um corte ou acerto e é derrota instantânea?” Lakan perguntou à adversária. Ela confirmou com a cabeça.

A guarda deu espaço para a dupla se enfrentar com folga. Por alguns segundos, ambos se analisaram de ponta a ponta. Ela observou os braços de Lakan, a maneira como segurava a espada de madeira, a posição de seus pés e o ritmo da aceleração. Ele prestou atenção na envergadura da mulher, procurou algum local onde ela possuísse sinais de ferimentos anteriores e seus pontos cegos. Laerdra assistia curiosa, sem saber quem sairia vitorioso do conflito.

Quem tomou a frente foi Lakan, com um golpe na altura do ombro da guerreira. Com a lâmina ela aparou o veloz ataque e, em menos de um segundo já partiu para uma apunhalada na perna do soldado. Continuando o primeiro impulso que havia dado, Lakan rebateu a lâmina de Laria. O ataque foi forte o suficiente para fazer a arma escapar da mão da mulher. Era a brecha que Lakan procurava. Foi com tudo com a espada de madeira em um ataque direto ao abdômen da oponente, até que sentiu um corte leve na altura do ombro. A espada de esgrima estava suspensa no ar e havia furado a superfície da pele de seu ombro.

“O sol nasceu.” – Controlando o metal da lâmina, Laria sorriu; – “Mas foi por pouco... Querubim.” Terminou fazendo a espada retornar a sua mão e a guardando na bainha.

“Bom... você trapaceou... mas tudo bem. Foi uma vitória, acima de tudo.” Admitir aquilo doeu mais do que o pequeno corte que havia sentido no ombro.

“Vai poder tentar novamente amanhã cedo, isso é, se chegar antes do sol, é claro.” – Brincou, se dirigindo ao vestuário; – “Eu vou me trocar. Os outros cadetes já devem estar chegando.” Deu as costas. Em silêncio, Lakan a acompanhou com os olhos. Jess assistiu tudo aquilo de longe. O amigo ria.

Após aquele dia, Laria ficou reconhecida no quartel como a mais próxima de se tornar Querubim. Durante os dias, ela treinava com os outros cadetes, fazendo

exercícios e lutas práticas utilizando sua bênção. À noite, lia livros e tinha algumas lições em casa com sua mãe, Laerdra. E assim, meses se passaram. Sua vida era focada em superar a capitã de Keen e se tornar a elfa mais poderosa do país.

Enquanto isso, Lakan continuava a se aproximar cada vez mais de Hellenor e auxiliar sua irmã para obter novos recursos em seus experimentos. Todas as manhãs, ele acordava cedo, encontrava Witt acordada estudando durante a madrugada, comia um café da manhã e se encontrava com Jess para irem juntos direto à arena. Toda manhã era um novo combate contra Laria. Toda manhã era uma nova derrota.

As vitórias constantes de Laria, por algum motivo, não o incomodavam ou frustravam. Ele nunca teve de usar sua espada Alvorada contra sua companheira e esperava que assim continuasse. E chegou um momento em que Laria não sentia mais nada com as vitórias e, assim, certo dia a elfa teve uma ideia. Ela deixou de ir cedo para o quartel e, pelo início da manhã, bateu na casa de Lakan. Depois de severos minutos, ela ouviu alguma coisa cair pela casa. Com a cara de quem acabou de acordar, Witt abriu a porta descabelada.

“Que é?” - Só com um olho pouco aberto, Witt encarava o uniforme da garota; - “Uma guarda? O Lakan esqueceu de levar a marmita e você veio buscar, ou algo assim?”

“Você é Witt, não é? Seu irmão fala muito de você.” - Entregou uma cesta de palha com pães frescos para a inventora em formação; - “Ele diz que você é um gênio. Eu acredito. Tome. Trouxe um café da manhã.” Ao receber o presente a postura de Witt mudou. Ela bocejou, os olhos abriram e o corpo se endireitou.

“É muita gentileza a sua!” - Sorriu animada; - “Eu já tomei mais cedo e agora tinha acabado de tirar um cochilo. As madrugadas andam puxadas. Maaaas... por que você não entra e tomamos uma bebidinha quente juntas? Eu preciso voltar ao trabalho mesmo!” Riu enquanto passava as mãos nos cabelos curtos.

“Fico lisonjeada.”

Entrando na casa, a cadete andou com cuidado. Diferente da residência espaçosa que vivia juntamente da capitã da guarda de Keen, a casa dos Fogel era deveras singela. A sala de estar era reduzida a apenas uma mesa de jantar com três cadeiras e pela estrutura dos corredores a elfa pôde averiguar a saída para dois quartos. Witt puxou uma das cadeiras para a convidada.

Na mesa onde haviam sentado, haviam diversos materiais e papéis com teoremas e diferentes escritas. Por um segundo, Laria cogitou que Witt estivesse estudando

rituais vampíricos ou talvez algum tipo de magia provida pelos sacerdotes, mas alguns desenhos e diagramas sugeriam que aquilo era algo mais voltado para engenharia e ciência.

“É, Lakan não mentiu quando disse que você é esforçada.”

“Ah, essas coisas?” - Ela começou a empurrar os papéis e dar espaço para o ceta; - *“São protótipos antigos. Muitas falhas, inclusive. O que realmente importa está ali no meu quarto.”*

Sorriu com orgulho infindável, apontando para o quarto atrás de sua cabeça com o polegar.

“Entendi... de fato. Incrível.” - Laria retirou um dos pães juntamente de um pote de geleia vermelha; - *“Eu vim te conhecer pois tenho interesse em Lakan.”* Passou a faca na geleia e a limpou no miolo do pão aberto.

“Olha... ele e a princesa já tem um rolo, viu?” - Witt dizia de boca cheia; - *“Hmmm... geleia vermelha. Abençoadas sejam as nossas amorangas.”* Se lambuzando ela devorava os pedaços como se nunca tivesse provado a iguaria.

“Hellenor. É, eu fiquei sabendo. O jeito como eles se olham entrega tudo. Mas não é nada nesse sentido, Witt.” - Terminando o pedaço, Laria deixa os demais para a cientista; - *“Gostaria que desenvolvesse uma arma de madeira para Lakan. Uma réplica de sua arma principal, a grande espada Alvorada. Se possível, simulando o mesmo formato, peso e área de contato da original.”*

“É... eu consigo fazer isso sim.” - Com os entornos da boca sujos de geleia e pão, a estudante olhava para cima, imaginando todo o processo que faria para chegar àquele resultado; - *“Para quando precisa disso?”* Disse sem se importar com o motivo.

“Uau, isso foi fácil. Quer dizer, não esperava que fosse topa de cara, afinal isso deve dar muito trabalho.”

“Com certeza vai dar trabalho. Mas você deve ter um bom motivo pra isso tudo.” - Limpou o rosto com o pano da mesa; - *“Além do mais, deve ser muito interessante fabricar algo assim do zero. Um desafio. Eu com certeza vou me divertir bastante.”*

O processo de construção da réplica durou cerca de um mês. A maior parte foi feita no período de uma semana, porém, os preparativos mais importantes demoraram a ser realizados por conta da apresentação que Witt fez a Keen e os demais acerca de seu principal projeto, a chamada ‘placa condutora’.

Com todo o preparo realizado, em uma manhã chuvosa, Laria entregou a arma de madeira à Lakan. Como de costume no treinamento rotineiro de ambos, o sol ainda não havia nascido. Era surpreendente para Lakan ver que o resultado daquele projeto era realmente uma réplica perfeita de sua arma. Com os dois no centro da arena, vendo todo o trabalho que sua rival havia colocado apenas para uma luta mais justa, Lakan não teve como se manter calado.

“Sua competitividade é realmente impressionante, sabia?” Ele quis a provocar, porém a admiração quanto ao atributo era verdadeira.

“Se você não está usando sua arma principal, nenhuma das minhas vitórias tem sentido.” Aquela conclusão a atormentava ao ponto dela duvidar de sua própria capacidade. Laria já estava em posição de combate; - *“Isso deve acertar tudo. Agora você não tem mais desculpas para perder.”*

“Você diz como se eu estivesse dando desculpas até agora. Mas, realmente, é irritante ter que limpar os olhos para continuar a lutar na chuva,” - Ele riu e coçou a cabeça antes de segurar a poderosa e pesada espada de madeira. Ela era afiada; - *“Em respeito a você, não vou pegar leve. Se algum pedaço seu sair voando, irei falar com o Jess pra te costurar.”* Naquela época, a bênção de Jess era muito utilizada para unir ferimentos e até mesmo membros decepados.

“Quem receber o primeiro ataque, perde.” Ela o analisava. Envolto em nuvens tempestuosas, o sol começou a nascer. Ambos se olharam. Em contato com a luz, Laria já podia usar sua bênção sem restrição.

Laria soltou o sabre e começou a controlar todo o metal que a rodeava. Dos bolsos de sua calça, ela retirou alguns pregos e os fez levitar. Ela tomou a iniciativa, mandando meia-dúzia de pregos na direção do peito do adversário. Brandindo a grande lâmina com maestria, ele rebateu os projéteis sem dificuldade. Foi quando ele sentiu um choque atravessando o começo da coluna, atrás do pescoço. O peso das coisas estava diferente. Seus sentidos estavam embaralhados e seus olhos ardiam. O pinga da chuva era diferente e ele se focou apenas em tentar continuar ouvindo seus arredores. Quando menos percebeu, era como se seu corpo estivesse dormindo e ele conseguisse sentir tudo que a chuva tocava graças ao som. Fechou os olhos.

“Ei... tudo bem, Lakan?” Sua oponente disse. O elfo podia ver todo o contorno do corpo da mulher sendo tocado pelas gotas da chuva. Lakan soltou um grande sorriso de satisfação.

“Pode vir. Já entendi como isso funciona.” – Segurou sua arma com ambas as mãos, como se fosse rebater sua oponente com tudo; – *“A chuva irrita a visão, né?”*

Quando ela estava pronta para mandar o restante em outras direções, foi surpreendida por um ataque do elfo. Mesmo com o grande alcance da Alvorada, ele ainda não estava perto o suficiente para a atingi-la. Faltavam pelo menos 3 metros para o ataque da espada acertar. Foi quando ela percebeu. O ataque não era para golpear com a madeira, mas sim, usar a água da chuva que a madeira havia retido e jogá-la no rosto da elfa. Protegendo o rosto com ambas as mãos do jato de água que a faria fechar os olhos por alguns segundos, ela mandou seu sabre contra Lakan. Foi um tiro às cegas. Lakan esquivou sem dificuldade. Ele girou a espada em movimento e acertou no tornozelo da guerreira. Com aquela força e indo diretamente no sentido do corte, não seria difícil quebrar o pé e talvez arrancá-lo do corpo. Porém, ele controlou a força e parou quando apenas deu um leve acerto.

“E lá se vai minha bênção. Acho que isso foi só um estalo. Não é a primeira vez que acontece.” – Disse o guerreiro, fazendo seus sentidos voltarem à tona; – *“Mas é engraçado, né? As lutas com você são sempre rápidas.”*

Sua expressão ainda mostrava o abalo da surpresa causada pelo ataque repentino. A franja molhada cobria um dos olhos. Usando uma das mãos para limpar a maquiagem borrada, ela olhou decepcionada para o companheiro. Ele não teve como segurar o riso. Depois de alguns instantes ela começou a dar as primeiras risadas e, quando percebeu, já estava o acompanhando.

“Afinal de contas, o que estamos fazendo?! Parecemos duas crianças encharcadas!” Ele se sentou em uma poça no chão.

“É... mas é gostoso ser criança às vezes, não é?” – Sentou ao lado do elfo e, lentamente, diminuiu o riso; – *“Acho que não tem problema te contar, né, Lakan?”*

“Contar o que?” Ele também voltava a si, aos poucos.

“Eu... vim lá de Serperios. Fui adotada pela capitã Laerdra e desde sempre quis ser como ela.” – Ela assistia os pingos caindo pelas poças ao seu redor; – *“Eu tinha um irmão também, mas ele já morreu faz tempo. Agora, tudo que me resta é esse sonho de infância.”*

“Entendo... é, realmente, uma pena. Meus pêsames, Laria.” Ele colocou a mão em seu ombro. Ela se apoiou no elfo sentado ao seu lado.

“É só que, sei lá... tudo parece mais pesado depois que ele se foi. Não sei. Esse novo objetivo torna as coisas muito mais fáceis. É só continuar fazendo a mesma coisa todos os dias e não pensar muito a respeito.” – A voz dela começou a falhar e lágrimas caíam; – *“Eu estou errada em tentar deixar ele pra trás? Será que ele olha por mim de onde quer que ele esteja agora?”* Ela se virou para o parceiro. Em seu rosto era difícil distinguir o que era água da chuva ou seu choro.

“Eu também perdi meu pai e hoje minha mãe está doente. Por sorte, se o pior acontecer, eu ainda tenho minha irmã. Não sei o que faria sem ela.” – Ele acaricia o cabelo escuro da elfa e coloca a mão em sua nuca; – *“Mas... acredito que eu sempre iria olhar por ela e tomar conta da minha pequena. E eu não estaria preocupado se ela está ou não pensando em mim. Amor é isso, né? Deixar quem nós amamos seguir suas próprias vidas. Faz parte... mesmo que dê bastante saudade.”*
Ele sorri, pensando em seu pai. A chuva aumentou.

“É... você tá certo, Lakan. Bom... você já notou, não é?”

“Notei o que?”

Ela riu. Seu rosto estava vermelho de tanto chorar, mas, por um momento, aquele sorriso fez Lakan entender que aquelas lágrimas eram de felicidade. Na chuva, ela o beijou. O gosto era doce. Sua franja escorreu pelo rosto do elfo. Ela caiu por cima dele.

“Eu sei que não posso ter você. Sei o quanto se importa com a Hellenor e a história que tem, mas... não sei. Eu só queria ter você um pouco pra mim. Pelo menos aqui. Pelo menos por enquanto...”

“Olha, Laria... eu...” Ele realmente não sabia o que dizer depois disso.

“Tá tudo bem. Afinal, você venceu, não é?” – Ela voltou a sorrir; – *“Só me prometa que não vai esquecer desse dia de chuva. No futuro, nós seremos os elfos mais fortes de Keen, cada um com nossas famílias. E eu serei feliz em ver que você conseguiu seguir em frente. Isso é mais que o suficiente pra mim.”* Ela começou a levantar.

“Espera... eu não sei. Eu não pensava que você sentia algo por mim.” – Ele deixou a espada e ficou em pé rapidamente; – *“Nós temos tempo, Laria. Temos uma longa vida pela frente e tudo pode acontecer no futuro.”*

“Mais uma vez, você tem razão.” – Ela começou a andar para a saída; – *“Tudo pode acontecer no futuro.”* Ela não olhou para trás.

...

Ano 171, Guerra Final ▪ Ártemis - Entrada de Salos

Abrindo os olhos pesados, Laria acordava. Sua cabeça doía, a boca estava seca, as pálpebras pareciam estar fechadas há anos e ela não sentia o resto de seu corpo. De barriga para cima, ela olhava para o céu nublado daquela tarde.

“Acordou?! Laria, você consegue me ouvir?” - Jess perguntou animado; - “Finalmente! Foram semanas! Nós já não sabíamos mais o que fazer!”

“O que... onde estamos?” Ela começou a se sentar.

“Vai com calma, garota... devagar...”

Ficando sentada era mais fácil de entender a situação em que estava inserida. Era uma carroça de madeira que levava feno, e mais um pequeno grupo de elfos feridos. Jess estava sentado em um canto, com roupas casuais, conectando um novo punho em seu braço sem mão. Luz branca saía do ferimento, indicando que, em breve, a nova mão estaria perfeitamente conectada ao corpo do elfo. Outros guerreiros estavam tão cansados que dormiram usando armadura.

“Ei, que olhar é esse? Até parece que nunca me viu fazer isso.” - O elfo riu; - “É, eu tive que sacrificar mais um membro para os sacerdotes. Foi necessário nesse último conflito...”

“O que houve com Aradia... matamos ela?” - Laria parou e lembrou da cena; - “Espera... eu não... morri?” Fechou a mão na própria garganta.

“Aradia fugiu. Só isso.” - Jess disse olhando para baixo; - “Eu cuidei de seus ferimentos. Já estamos chegando em casa, Laria.”

A cada segundo que passava, a dor aguda crescia. Aos poucos, Laria sentiu seu sangue percorrer pelos membros do seu corpo. A vontade que teve foi de vomitar e foi isso que fez. Colocou a cabeça para fora da carruagem e arrojou litros de sangue negro. Ela começou a tremer e sua pele ficou extremamente pálida.

“Ah não... Laria!” Jess foi correndo e puxou a amiga que quase caiu da carruagem sem forças. Ela voltou a deitar. Sua pele estava gelada e todo o corpo tremia.

“Jess... Jess...” As mãos trêmulas procuravam o rosto do elfo.

“Eu tô aqui, amiga.” - Ele segurou as mãos da parceira; - “Já estamos chegando. Keen vai saber o que fazer.”

“Jess eu tenho que te matar.” Disse engastando em saliva.

“O que disse?”

“Jess, você não entende.” Olhou para o lado e usou sua bênção. Laria fez um dos machados de Jess ir na direção da cabeça da mesma.

“Laria, você enlouqueceu?” - Disse antes de esquivar; - “O que é isso?!”

“Você não entende...” Fechou os punhos.

Subitamente, todos os guerreiros que dormiam de armadura começaram a gritar. O metal começou a se contorcer e esmagar todo o corpo dos soldados que, em poucos segundos, já estavam partidos ao meio. Jess gritou. Toda carruagem estava coberta de sangue e entranhas pelos tufos de feno.

“Sangue... ferro...”

Saindo da carruagem, Laria começou a drenar todo o líquido e o solidificar, o moldando em diversos formatos. Após isso, derramou tudo no chão. Eles já estavam a poucos metros dos portões de Salos. Jess não sabia o que fazer e ficou pela carruagem, na esperança de que algum dos corpos dos últimos sobreviventes de seu batalhão milagrosamente se levantassem.

Andando calmamente rumo à entrada, alguns guardas se aproximaram da elfa ensanguentada. Ela simplesmente fechou os punhos novamente e a armadura metálica esmagou aqueles que a vestiam. Ela riu do quão patético aquilo havia sido. Começou a chover.

...

“O que significa isso, Keen?!” - Andando rapidamente ao lado do monarca, Lakan o acompanhava rumo a saída do castelo; - “Um ataque vampírico?! Laria e Jess foram seguidas?”

“São nessas situações que sua inteligência em combate de nada serve a nós, Lakan.” - Keen caminhava olhando fixamente para frente; - “O que está acontecendo não é obra de vampiro algum. É traição. Eu recomendo deixar qualquer armadura ou lâmina de metal para trás.” O Querubim ficou mudo.

Pelas ruas da capital, Laria caminhava. Flutuando ao seu redor, lanças e espadas atingiam civis. Ela drenava o sangue das vítimas, fazendo correr o líquido vermelho pelo chão pavimentado. Qualquer soldado que surgisse no campo de visão da elfa era esmagado com facilidade por sua armadura e aumentava o rio de sangue que seguia a mesma. Elfos corriam para todos os lados, indo em direção ao castelo Rowan procurando por abrigo. Alguns eram pegos por lanças, outros por flechas. Os guardas pararam de investir contra a elfa. Naqueles poucos minutos, já haviam morrido dezenas de soldados e civis, e o número permanecia crescente.

“Livrem-se do metal! Escondam suas armas!” - Alguns soldados gritavam para os desavisados enquanto fugiam; - *“Keen está chegando! Ele irá nos salvar!”*

Alguns guardas fizeram de tudo para segurar o avanço da elfa. Usavam armas variadas, bênçãos diversas, miraram canhões e dispararam, porém sem sucesso. As bolas de canhão feitas de ferro forjado eram destruídas de dentro pra fora pela bênção da elfa. Mesmo com ataques ineficazes e dando suas vidas para isso, os soldados conseguiram ganhar alguns minutos para a evacuação de civis e chegada de seus superiores.

Indo sentido contrário da multidão desesperada, vestindo apenas uma proteção simples de couro em seus ombros, o Querubim brandia a réplica de madeira da Alvorada. Não demorou para encontrar com Laria. Havia centenas de espadas acima da cabeça da elfa, todas apontadas para Lakan. Alguns corpos de guardas pairavam pelo chão. Crânios esmagados por elmos, armaduras sucateadas e disformes. Eram pelo menos quarenta corpos estilhaçados e isso somente naquela rua. Com um olhar avermelhado e sonolento, a Seraphim permanecia neutra em meio a chacina.

“O que você tá fazendo, Laria..?” Perante a cena, ele não conseguiu desviar os olhos arregalados.

“Meu Querubim... faça parar...” - O brilho em seu olhar voltou; - *“Eu vou matar todo mundo, Lakan.”* Lançou uma espada rumo ao peito do elfo. Por pouco, ele conseguiu defender com uma batida.

“Tá. Isso não é você.” - O sangue do guerreiro esfriou. A potência do ataque de uma espada foi o suficiente para quase quebrar a espada de madeira; - *“Você vai ficar bem, Laria. Eu prometo.”* A chuva aumentou e trovões começaram.

“Você se lembra da chuva...?” Ela disse antes de lançar todas as armas simultaneamente.

Desligando seus sentidos, Lakan focou apenas em sua visão, e correu em direção à jovem. Era impossível esquivar de todos os projéteis mas, sem sentir o tato, ele

conseguia ignorar completamente a dor por alguns minutos. Uma espada acertou sua coxa, dificultando o avanço. Duas lanças atravessaram a área do abdômen. Uma faca lhe rasgou a testa de raspão. Ele não sentiu a dor, mas via que seus movimentos estavam cada vez mais lentos, quase como se o corpo estivesse morrendo. Ignorou e, agora próximo a Laria, usou as últimas forças para a apagar com o cabo da arma. Foi uma simples batida na cabeça, o suficiente para desmaiar. Ele a segurou antes de cair. Lakan desmaiou.

Semanas se passaram. Lakan já havia recebido alta. Com várias partes do corpo enfaixadas, ele tinha dificuldade em andar, mas mesmo assim o fez. Ninguém estava o esperando no hospital. Ele não se importou, apenas pegou seus pertences e seguiu para casa. No meio do caminho, resolveu passar para falar com Hellenor sobre o ocorrido e também para averiguar os eventos com Keen. Ao chegar perto da área nobre, ele parou. Os pertences caíram. Ele gritou. Em uma ampla estrutura de madeira, Laria havia sido executada com seu corpo sepultado em frente ao castelo real. Ela estava nua e pelo seu abdômen estavam atravessadas as mesmas armas que ela havia usado contra os guardas.

...

Ano 163 ▪ Tabelion

Consciente, embora entorpecido, Credus berrou desesperadamente após a visão. Ele não conseguia parar de chorar. Caiu no chão, colocou as mãos sobre a cabeça e lamentou.

“Acalme seus prantos... a parcimônia salva o espírito.” – Hérobu sussurrou; – “Seu coração é jovem e o ocorrido com sua irmã se passará apenas no ano de 171. Não temas.”

“O que... devo fazer, sacerdote?” O garoto babava ajoelhado, mirando o chão com olhos cegos e arregalados.

“Siga para o último andar. Lá, outros aguardam o encontro.” Instruiu calmamente.

Capítulo 41 - Punição

Ano 163 ▪ Tabelion - Sobrado de Kayn

“Agora os sente?” - Hérobu proferiu de maneira pausada; - “Com meu sangue ingerido, agora és capaz de usar seus corvos. O efeito é temporário, uma vez que apenas sacerdotes têm tal capacidade de maneira definitiva. Aproveite a liberdade enquanto pode, pequeno.” Embora solidário, terminou irredutível. O garoto também sentia que sua bênção havia reagido ao sangue do sacerdote, porém não a testou e nem cogitou mencionar a informação.

Deixando Hérobu para trás, Credus focou apenas nas escadas que o levariam ao sótão da residência. Suas mãos estavam trêmulas e a respiração era pesada. Foi difícil segurar as contrações de vômito após ter visto sua irmã naquele estado. Parou em um degrau para refletir e foi quando ouviu risadas provindas do sótão. Risadas familiares. Tomando aquilo como afronta, o sangue subiu pelo pescoço e ele avançou para o topo da escadaria. Tentou a maçaneta, porém a porta parecia emperrada. Com o auxílio de seu ombro, forçou a passagem. O trinco cedeu.

“Maldição! Que susto!” - Allith deu um pulo para trás ao ver a porta de seu lado abrir abruptamente; - “Ah, é o tal elfo. Como vai, parceiro?” Recitou em um élfico bem primitivo.

Velhas mesas de madeira, estantes com livros antigos, poeira por toda parte. Pela janela, lutando para ultrapassar as cortinas rasgadas, uma sutil luz carmesim trazia um tom confortável no ambiente. Ouvindo atentamente todos os sons do quarto, Credus focou nos dois elementos que mais chamaram sua atenção. Os dois sacerdotes.

O primeiro estava ao seu lado e aparentava ser jovem como o elfo. Seu cabelo castanho era para trás e ele vestia metade de uma escura máscara de textura diferenciada. Sempre atento aos sons mais sutis, Credus entendeu que apenas notou a presença dele por sua declaração inicial, já que, diferente dos outros sacerdotes, o coração deste não batia. Associou com Lavender.

“Um vampiro? Um vampiro sacerdote?” O cego perguntou.

“O único vampiro sacerdote.” - Ele riu com os ombros levantados; - “Allith, segunda classe.”
Se apresentou sem preparações elaboradas.

“Allith. Seu élfico é engraçado.” - Credus sorriu, lembrando de sua experiência com Lavender; - “Sou Credus. Vamos nos dar bem.” Afirmou com certeza. Allith levantou uma sobrancelha. A conversa foi interrompida pelo som do segundo indivíduo já presente no

recinto. Uma risada seca e constante que Credus lembrava com clareza e que fez sua expressão fechar no mesmo instante.

“Aproveite que já aprendeu élfico com Gustav e o instrua sobre nosso papel aqui, Allith.” Labolas dizia no idioma dos sacerdotes em meio aos risos. O vampiro começou:

“Então, Credus... estamos aqui para...”

“Retirar a negatividade de meu corpo.” - Ele terminou e virou o rosto para Allith; - *“Eu imaginei. Antes disso, podemos conversar um pouco, Allith?”*

“Olha... eu sou relativamente novo nesses deveres de sacerdote e tudo mais, mas...” O jovem vampiro olhou para Labolas, apenas para ter certeza de que ele não compreendia o dito em élfico e terminou aguardando Credus.

“Hérobu me mostrou uma visão de um futuro onde coisas horríveis ocorreram. Minha irmã morreu e matou outros muitos soldados aliados em uma guerra futura. Eu não vou me render a este destino, Allith. Vou lutar por ela até o final.” O cego dizia em tom firme e sem pausas. O riso abafado de Labolas era constante ao fundo.

“Sei... justo. E como pretende fazer isso..?”

“Eu vou usar todas as ferramentas ao meu dispor para isso. Meus corvos, minha bênção potencializada por Ikarus, meu sangue real... todos os recursos são bem-vindos para salvar Laria e elfos inocentes.”

“Entendo... é... complicado mesmo...” - Sem jeito, Allith tentou desconversar da maneira mais descontraída que pôde improvisar; - *“Na verdade, você não tem muitas opções, camarada. Aquele cara ali tá louco pra drenar toda negatividade de você e eu duvido que ele vá o deixar sair impune disso tudo... mas eu te entendo! Sério, completamente!”* Colocou uma das mãos no ombro do cego, tentando transmitir intensidade em seus sentimentos.

“Allith, ande logo.” O homem encarava o elfo sem piscar. Seus dentes estavam à mostra e era possível ver um pouco da saliva que escorria pelos lábios.

“Não sairei daqui sem minha negatividade. Allith, eu irei invocar meus corvos. Quando eu fizer isso, pule pela janela.” - Irritado com o riso e postura do sacerdote, Credus cerrou os punhos; - *“Ninguém sai daqui vivo.”* Andou para dentro do quarto.

“Isso é sério?” Allith acompanhava o elfo passar por sua frente.

“Finalmente!” Labolas abriu os braços. As mãos tremendo em abstinência de energia estavam secas como uvas passas e as palmas eram escuras como a noite. O sacerdote horrendo gargalhava como se a melhor coisa do mundo estivesse à sua frente.

Sem dizer uma palavra, tudo o que Credus via era o espectro sonoro da alta risada daquele ser. As vibrações que rebatiam naquele homem mostravam a imagem deformada que o cego guardava com tanta repulsa desde a noite passada. Lembrou do terror que Lavender sentiu e associou que agora este era seu inimigo definitivo. Ele queria apenas consumir todas as chances que o elfo possuía de salvar sua irmã e isso, para Credus, era inadmissível.

“A negatividade está aumentando... ele ainda sente ódio de mim desde a última vez.” – Nas mãos negras de Labolas duas bocas se abrem com um sorriso insano; – “Acha que sou o inimigo.”

Corvos se alinharam pelas hastes de madeira que seguravam o teto daquele andar, surgindo por todas as sombras do ambiente. Não demorou para as entidades dominarem completamente aquele espaço e centenas de olhos cercarem o lugar. De olhos agora fechados, Credus estava conectado com cada um daqueles seres e podia enxergar com exatidão todos os ângulos do espaço. Vendo aquela quantidade crescente de negatividade subindo, Allith recuou para uma parede próxima a única janela de lá, porém, hesitou em fugir. Em contraste, Labolas estava diante de um banquete. Com olhos negros e arregalados, ele abriu um abraço e gritou entre risos:

“Me dê tudo, elfo! Agora!” As três bocas do sacerdote se abriram.

Credus não perdeu tempo e não se conteve. O impacto do ataque foi imediato. Todos os corvos atacaram em sincronia por todos os lados possíveis de seu alvo. A potência foi tão abrupta que o elfo sentiu um leve desmaio por um segundo antes da adrenalina voltar com tudo. A madeira inteira do andar rangeu e a janela de vidro estourou para fora com a pressão. Alguns cacos de vidro cortaram superficialmente a pele do sacerdote, porém, o mesmo permanecia rindo cada vez mais alto. Cada corvo que era desferido e se aproximava do sacerdote era convertido rapidamente em energia, similar a uma fumaça escura, e atraído para dentro das mãos do homem. Os danos se regeneravam e conforme a energia era sugada, seus músculos enrijeciam e sua estrutura óssea crescia como um todo. Os corvos continuavam a voar em ataques de todos os tipos, mas eram convertidos em energia e absorvidos pelas mãos negras do alto e poderoso ancião.

Naquele momento, Allith que usava seus braços para se proteger da pressão, correu e pulou da janela. Contudo, antes de fugir, o vampiro percebeu um detalhe que o incomodou. Chegou um ponto em que ele sentia que não conseguia mais escutar as risadas de Labolas. Ele estranhou em primeiro momento, mas, em seguida, culpou a pressão por achar que poderiam estar interferindo em sua percepção daquele meio. Com isso, se transformou em um corvo negro e voou para longe da casa, em segurança.

Ainda lá dentro, Credus estava ajoelhado e sangue escorria por seu nariz. Os corvos haviam parado de atacar e o sacerdote gargalhava sem exalar qualquer som. Após alguns segundos sem entender o motivo do som de sua risada ter desaparecido, o sorriso sumiu da sua face. A sala inteira parecia vibrar em conjunto. Livros caíam das prateleiras e os cacos de vidro do chão tremulavam contra a madeira. Labolas entendeu. Toda aquela nova pressão crescente era o som acumulado daquele momento e fora condensada em vibrações tão sólidas que eram até mesmo visíveis. Labolas tentava falar, mas suas palavras apenas faziam crescer a potência das ondas sonoras.

“Não tá engraçado agora?!” Credus gritou e empurrou a lâmina sonora contra o inimigo, porém, nem ele mesmo esperava que o ataque fosse ser tão difícil de comprimir. A velocidade do som era algo inimaginável para o elfo.

A pressão desferida contra o sacerdote começou como um corte que adentrou por boa parte do tórax, até que explodiu para todos os lados em uma espécie de bomba sonora. Do abdômen para cima, tudo havia explodido. Havia órgãos, membros, sangue, ossos e diversas outras partes do corpo espalhadas por todo recinto. O que antes era um quarto comum de estudos, agora havia se tornado uma zona de guerra sangrenta. Com o desligar de sua bênção, o som do mar e a brisa podiam ser escutados graças à janela quebrada.

Entre um respiro e outro, Credus caiu de joelhos. Tonto e com o corpo relaxado, ele fazia o possível para recuperar o fôlego respirando pela boca. Apoiando as mãos no chão, ele sentiu algo passar por entre seus dedos. Era como um vento frio que entrelaçou por ambas as mãos. Embora aquilo tenha o assustado, o garoto estava cansado demais para qualquer reação ou esquiva. Ele preferiu investir esforços em tentar se manter consciente e levantar de maneira gradual. Suas mãos estavam frias e sua pele começou a descascar.

Se encontrando contra uma das paredes, o elfo tentou convocar mais um corvo. Ele surgiu em seu ombro, pequeno e deformado. Com um rápido agarrão, ele capturou a entidade com uma das mãos. Ele sentia um poder estranho, algo diferente de uma bênção ou de sua maldição. Nas palmas, um corte saiu de sua carne. Lábios se formaram e ele sentia algo caminhar por dentro da pele. Percebeu que, mesmo derrotando o suposto inimigo, ele mesmo havia sido derrotado. Com um sorriso similar ao que surgia em suas mãos, sentiu graça na dor da ironia. Ainda segurando o corvo,

involuntariamente, ele o drenou por completo e sentiu um deleite similar a horas de sono restauradas em um segundo. Sentiu-se revigorado.

“Minha nossa... você matou mesmo um sacerdote!” – Atravessando a janela e desfazendo a forma de corvo, Allith adentrava o andar destruído. O vampiro analisava as mãos do elfo e percebia que a pele dos membros estavam cada vez mais escuras; – *“Mas fica tranquilo! Não vou fazer nada! Eu só espero que isso não sobre pra mim...”* Termina de mãos erguidas em rendição.

“Allith...” – Credus ainda refletia sobre todo o ocorrido; – *“Você tem quantos anos mesmo?”*

“Dezesseis. Eu sei, eu sei... ainda não atingi a maioridade vampírica.” – Ele dizia como se estivesse cansado de falar sobre esse assunto; – *“Todos os sacerdotes são velhos e ficam enchendo o saco sobre a minha idade. Mas o que eu posso fazer? Um corvo só aprende a voar de verdade quando pula do ninho.”*

“Você gosta de humor...”

“Vamos concordar... esse é o único jeito de sobreviver por aqui.”

“Certo, certo, para todos os efeitos... você tem dezesseis. Estamos em 163 e a visão de guerra que Hérobu me passou foi do ano 171.” – Passou os dedos pelo queixo; – *“Supondo que aquele não era o início do conflito, devemos ter cerca de cinco anos para tentar impedir aquele destino.”*

“Guerra..?” – Allith ficou um tempo paralisado, digerindo a informação; – *“Você quer impedir uma guerra por causa de uma visão... cara eu não to entendendo mais nada.”* – Ele se aproximou do elfo e o ajudou a dar os primeiros passos rumo a saída; – *“Bom, agora você também é um sacerdote pelo visto. Vamos falar com os outros.”* O vampiro ficou animado e deu uma última olhada nas mãos de seu novo companheiro. Ambas as mãos estavam da mesma cor da noite e pareciam exalar negatividade constante.

Andando lado a lado, Allith tomou a dianteira e desceu as escadas na frente de Credus. O elfo parou, colocou uma das mãos na altura do rosto e tossiu. A tosse era seca e o som foi alto. Após a terceira tossida o som se converteu em um riso e depois uma leve gargalhada involuntária. Allith olhou para trás mas não disse nada.

...

Ano 170 – Noite ▪ Guerra Final, Floresta da União

Eles estavam em movimento. Com uma mão, Credus imobilizava uma das garras de Aradia. A vampira fazia esforço para tentar atingir a garganta do ser misterioso, porém, sentia que seu toque da putrefação não fazia efeito em contato com o mesmo. Seus olhos arregalaram sem entender.

De vestes longas e brancas em conjunto com uma sutil máscara pálida de coruja, a figura não havia feito som algum em seu abate. Aradia só teve a oportunidade de se defender por um breve reflexo do odor quando o predador já estava próximo. Encarando o abismo nos olhos do inimigo, ela liberou suas asas para parecer mais imponente. A intimidação não mudou a postura de Credus.

“Quem é você?! Um sacerdote?!” – Cara a cara com o ser mascarado, ela sentia que algo nas mãos daquele homem devorava suas energias, por isso, com um chute, separou-se do inimigo. Ambos caíram e rolaram pela grama da floresta; – “Ou você é algum dos elfos de antes?!” A vampira dizia, liberando as garras da mão remanescente enquanto se levantava.

“Quero mais energia, Credus...” – Labolas sussurrava em sua mente; – “Faça ela trazer os espectros e os devore por inteiro!” O espírito do falecido ria. O elfo não demonstrou incômodo.

“Melhor fazer silêncio, vampira.” Uma gargalhada de Labolas escapou pelos lábios de Credus. A voz não era a dele. Aradia o encarou com estranheza, aquele sotaque vampírico era perfeito se comparado ao que ouvira do elfo ruivo de outrora.

“Espere, nós podemos-” Enquanto Aradia negociava, o elfo elaborou o próximo golpe.

“Cortem os membros.” Pensou em élfico.

As sombras das árvores tremularam e os corvos surgiram. Por várias direções, Aradia se viu cercada. Um vinha com velocidade na altura do braço direito. Outro pela perna esquerda. Com dificuldade, ela conseguiu esquivar dos ataques rasantes, porém sua velocidade não foi suficiente para sair ilesa.

“Ela consegue os ver...” – Refletiu analisando a vampira; – *“Maldito seja, Oblívio.”* Mais uma risada escapou.

Em uma tentativa de rebater o pássaro, Aradia cortou o vento, atravessando o alvo intangível e tendo alguns de seus dedos arrancados pela energia da entidade. Recuando, a mulher gritou. Mesmo com sua boca aberta pela dor, o som cessou e as vibrações sonoras eclodiram à sua frente. Credus as solidificou em lâminas transparentes e direcionou rumo ao torso da guerreira. Em resposta, ela optou por usar uma das árvores próximas a seu favor, contudo, fora atingida durante a esquiva. O corte

diagonal havia aberto a lateral do pescoço da guerreira e arrancado parte dos músculos e ossos do ombro direito. Ela caiu rolando.

A lua permanecia radiante no céu e seu brilho pairava sobre o corpo da mulher debilitada. Ela se arrastava para trás da árvore, seu único refúgio naquele momento. Mesmo sem o som do coração desesperado, Credus sabia que Aradia estava amedrontada. Ele sorriu e ativou novamente sua bênção antes de andar para frente.

“É bom ver que sente medo.” O som parecia repercutir em todas as direções. Aradia virava o rosto, procurando respostas. A voz do elfo modulava-se entre tons finos e grossos.

“Quem é você?!” – Aradia brandiu, se levantando. Seus ferimentos se regeneraram rapidamente. Os dedos já estavam em perfeito estado; – “Oblív-!” Antes que pudesse clamar por ajuda, o elfo retirou novamente o som de sua voz.

“Oblívio não ouvirá suas preces. Está sozinha.” Cedo ou tarde, a vampira iria optar por usar os espectros e ele já podia imaginar que não haveria melhor recurso para obrigá-la a usá-los se não o medo.

O som dos urros começou. Credus sentia as entidades invocadas por Aradia surgindo gradualmente. Pela floresta, era como se ecoasse o lamento e angústia de almas em eterno sofrer. Labolas riu em êxtase ao imaginar a quantidade de energia que poderia absorver.

Antes que pudesse dar mais um passo adiante, uma mão parou em seu ombro. O toque não foi pesado, mas surpreendeu o cego por não ter percebido som ou presença alguma da figura. Pálida como neve e com olhos penetrantes e frios como o gelo, era Vianna, uma sacerdotisa de quarta classe. Atrás dela, havia outra figura feminina. Este, porém, era Evola. Alto, ruivo, usando uma serpente escura como seu cachecol e com uma aparência delicada, o sacerdote de sexta classe encarava Credus com olhos assustados.

“Quase derrotou Aradia sem esforços...” – O cochicho de Evola era em tom de surpresa; – “Eu o parabenizaria se a ocasião não fosse drástica.”

“Não pensem em me impedir.” – Credus disse sem se virar. Os corvos que pairavam pelos galhos secos das árvores encaravam a dupla; – “Ela deve pagar pelos crimes que cometeu. Entrar em contato com o mal de Mayah e fazer um pacto para começar guerras... tudo por culpa. Ela deve pagar.” Repetiu com mais ênfase a última frase.

“Você feriu o código dos sacerdotes, Credus. Sinto muito, mas você vem conosco.” – Vianna dizia com pena; – “Isso é uma ordem.” Ela tirou a mão do ombro do elfo e virou-se para trás, andando para a direção oposta do conflito.

Quando o elfo foi dar mais um passo para ir até Aradia, ele sentiu uma intensa dor de cabeça seguida de pressão crescente por todo seu peito. Colocou a mão no coração e, com a expressão fechada, seguiu Vianna. Aradia aproveitou para recuar sem olhar para trás e levantar voo.

“Trístanos está irritado...” Evola sussurrou seguindo o elfo.

“Assim como eu.” Credus complementou.

“Tá, chega de papo. Todos estão o esperando.” – Vianna levantou seu braço, abrindo um corte no ar a sua frente. Era um portal e do outro lado era possível ver o salão do julgamento de Trístanos; – “Agora vamos.” A mulher disse séria, esperando Credus entrar primeiro. Ele riu, abaixou a cabeça e adentrou o estabelecimento.

Eles estavam bem no centro do salão, onde geralmente ocorrem julgamentos ou algum tipo de comunicado. Lá, agora com sua maioridade atingida, Allith estava os aguardando. O vampiro e também sacerdote de segunda classe havia deixado o cabelo crescer e usava vestes mais formais. Grandes botas, calças com fivelas e um sobretudo fechado por baixo de sua capa noturna. Por mais que a situação fosse alarmante, o galante sorria ao ver seu parceiro em segurança. Credus não retribuiu a simpatia.

“Eu avisei, parceiro... essa guerra não é assunto nosso.” Allith tentou consolar o camarada antes de seguir para seu posto. O cego continuou calado. Vianna encarou o vampiro e se retirou para seu pódio. Evola deu uma piscada para Allith e fez o mesmo que a sacerdotisa.

“Todos para seus lugares. Exceto você, Credus Rowan.” A voz de Trístanos repercutiu pelas paredes infinitas.

“Meu rei...” O cego disse, mirando o rosto para a direção do rei colossal. Trístanos ficou em silêncio.

Os pódios onde cada sacerdote deveria estar presente nas reuniões, estavam quase todos vazios. Contudo, alguns dos mais importantes também estavam presentes. Aiwass, o costurado, Salos, o onisciente e Hérobu, os olhos do abismo. Passado, presente e futuro. Os três sacerdotes que compreendiam o tempo em toda sua

magnitude estavam lado a lado em seus determinados assentos. Pelas paredes, três crocodilos negros caminhavam.

“Temos aqui presentes, apenas oito sacerdotes. Todavia, é mais que o suficiente para avaliar seu caso.” – A voz de Trístanos era rígida como um pai severo; – “Sacerdote C̄redus... comece explicando sobre o que tem feito desde que se tornou um de nós.” O gigante olhava de cima.

“Eu estudei o mundo. Vi os desdobramentos das nações... Lavender estava governando muito bem Héros, até começarem as aparições indesejadas dos espectros. Eles atacaram Héros, R̄elyn e Ártemis. Ikarus foi capaz de defender meu país, mas as outras nações não tiveram muita sorte....” – Respirou fundo; – “Aradia fez tudo isso. Ela causou um caos por puro ego. Fez um contrato profano com Oblívio em troca de poder, apenas para superar suas próprias limitações.”

“E tu não fizestes o mesmo, elfo cego?” Trístanos foi seco.

“Rei... meu rei...” – O elfo sentiu a fisgada de culpa o corroer e deixou a risada de Labolas escapar; – “Digamos que meu caso seja o mesmo de Aradia. Eu fiz um pacto com Oblívio e usei meu poder para ir contra inocentes. Digamos que este seja o caso... eu ainda acredito que seja justo que uma força maior venha e me puna por meus delitos. Eu não acredito que um poder como este possa estar disponível para qualquer ser, seja ele positivo ou negativo.” Sua expressão era indolente, mas o coração pulava em palpitações.

“Sua opinião é frívola para a realidade, C̄redus.” – Vianna se impôs; – “Peço perdão pela frieza, mas sua constatação é falha em diversos pontos, querido.” – Ela tentava ser sutil usando sempre um tom de voz calmo e descontraído; – “Como reguladores, nós não podemos impedir seres comuns de entrarem em contato com fontes de poder como o Oblívio. Esta é uma imposição que não diz respeito a nós sacerdotes e a consequência por tal liberdade é, muitas vezes, casos como o seu e o de Aradia.”

“Além disso, Oblívio está acima de todos nós.” O rei complementou.

“Não... mesmo com Oblívio sendo a autoridade máxima... nós temos responsabilidade disso tudo...” – Com as mãos trêmulas, o elfo segurou a risada de Labolas e começou a andar pelo salão; – “No dia em que me tornei um sacerdote, Hérobu me mostrou o futuro de minha irmã. Ele mostrou que ela iria ser derrotada por Aradia e que iria ser executada por Keen dias depois. Eu estudei Aradia o máximo que pude

para impedir que aquilo acontecesse e, mesmo assim, não fui capaz de chegar a tempo. O destino se cumpriu como o previsto e me sobrou apenas matá-la.”

“E com isso infringiu a lei mais sagrada de nosso código. ‘Sacerdotes jamais devem interromper o fluxo de desenvolvimento de raças quando as mesmas estão em conflito fora de seus quadrantes’.” – Trístanos se abaixou para ver o elfo mais de perto; – “Seu quadrante é seu país, Ártemis. Assim como o quadrante de Allith é Héros. Mesmo não sendo como nós, sacerdotes humanos, os senhores também possuem a mesma obrigação de não intervir em guerras.”

“Mas Aradia começou essa guerra!” – Credus soltou o último argumento que tinha em mente; – “Nós somos mais de setenta sacerdotes! Temos poder para mudar o destino do mundo! O destino de Mayah! E, assim, elfos, vampiros e lycans não precisariam morrer! O nosso dever não é o de proteger e desenvolver as nações do mundo?!” Indagou em voz alta. Vianna assistia a discussão com olhos curiosos e Allith cobria seu rosto com a palma de sua mão, não querendo ver o desenrolar do julgamento.

“Nós seguimos regras objetivas e não interferimos no amadurecimento das raças, Credus.” – Com as pupilas douradas e radiantes, o rei analisava o pequeno sacerdote; – “Necessitas entender que nossa neutralidade é de suma importância para a liberdade dos demais.”

“Não... é exatamente como o caso de Keen. Vocês estão acima e permitem que essas atrocidades aconteçam com as nações menores. Atrocidades desnecessárias e que vão deixar centenas de seres sem pais e mães!” – A negatividade começou a crescer em volta do cego. Ele lembrava dos momentos com sua irmã no orfanato; – “Nós somos os pais dessas nações, Trístanos! É nosso dever impedir que guerras como esta existam! Aradia cometeu o mesmo erro que eu ao aceitar uma parte de Oblívio em sua alma, e esse poder é suficiente para devastar países.” – Ele começou a andar rumo ao rei. Os outros sacerdotes encaravam com atenção; – “Me responda uma coisa, grande rei dos sacerdotes...”

“Pense bem nas tuas próximas palavras, criança.” Trístanos disse, aumentando levemente sua presença pelo salão. O piso estremeceu.

“Se algum dia Aradia usasse o poder de Oblívio para destruir países, nações... enfim, destruir Mayah. Você permitiria isso?” – Sério, ele esboçou uma leve risada; – “Ou melhor! Se o poder de Aradia crescesse

ao ponto de começar a matar sacerdotes e ameaçasse o futuro da ilha. Você também permitiria isso em prol da liberdade de amadurecimento das raças, correto?!”

“Todo sacerdote tem direito de proteger seu distrito contra as ameaças que eventualmente surgirem. Porém, durante o período de guerras declaradas, nenhum de nós tem permissão para se envolver nestes conflitos.” – Uma pausa; – “Se Iradia declarasse guerra contra os sacerdotes, ou simplesmente nos atacasse com seus espectros, nós poderíamos a enfrentar diretamente. Do contrário, devemos ser testemunhas de Mayah até seu fim em respeito a liberdade coletiva.”

“E enquanto isso mais pessoas morrem em guerras sem sentido!” – A negatividade de Credus se elevou ainda mais. Allith se impressionou com a quantidade acumulada; – “Mais garotas são obrigadas a se tornar rainhas... mais garotos perdem suas mães para a fome... mais crianças são esquecidas em orfanatos. Você nunca entenderia nada disso, Trístanos. E é por isso que sacerdotes também são culpados pelo sofrimento desse mundo! Se eu não puder mudar nada como sacerdote, mudarei como elfo!”

Corvos gritaram por todo salão.

A pressão subiu. Trístanos encarava calmamente o elfo, enquanto o mesmo agrupava mais energia para um único ataque ao rei. Pelo salão, os pilares começaram a estalar e rachar, Vianna se afastou, Allith quis retirar Credus de lá, contudo, sentia que caso se aproximasse a pressão poderia ser demais para seu corpo transformado em ave.

Através dos abismos em seus olhos, Hérobu pôde ver. A cabeça da grande estátua, rei dos sacerdotes, Trístanos, caindo ao chão e se desfazendo em rochedos, Poeira fora levantada e, com a destruição do crânio do soberano, seu corpo também começou a desabar por completo. A visão fez o corpo de Hérobu suar frio. Nada daquilo era real, apenas fruto de seu poder. Ele paralisou e os dois sábios do presente e do passado o encararam em simultâneo. Aiwass, sem sobrancelhas, sorria com sua boca costurada. Salos, o sacerdote do presente, uma criança de pele cinza e olhos amarelos, também sorria encarando as fendas no rosto de Hérobu. Após alguns segundos, o trio retornou sua atenção para o centro do recinto.

Credus enviou os corvos para um ataque concentrado contra o grande sacerdote de mármore branco. Ele disparou. O longo manto negro do rei fez movimentos ondulares dada a sua ação. Com o levantar de uma mão do colosso, o chão se partiu e metade do corpo do elfo foi esmagado pela pressão. Nenhum dos corvos chegou a atingir o soberano e a perda de um braço e uma perna fizeram seu inimigo cair de frente.

Pelo chão, sangue vermelho fora derramado. Os pedaços de carne estavam esmagados entre os farelos brancos dos ossos. Allith arregalou os olhos e, por um segundo, teve vontade de pular no meio e impedir os danos ao seu parceiro. Vianna cobriu a boca ao presenciar os pedaços expostos do elfo pelo chão. Trístanos permaneceu julgador.

“Não és o primeiro a ir contra a ordem natural da causalidade, Credus... deveria entender que não fazemos nosso trabalho por um bem objetivo, mas sim, pelo que é apoditicamente justo. A manutenção do poder é, acima de tudo, nossa responsabilidade, e esta é a forma que temos de influenciarmos Mayah sem causar danos por nossas ações.” – O rei baixou sua mão; – “Credus... sacerdote de sexta classe. Portador do espírito Glasya-Labolas. Tu já estivestes no limite da sexta e última hierarquia. Hoje, nos despedimos eternamente de um sacerdote. Sisifus, a sombra, sacerdote de primeira classe, o devore.”

Respirando fundo, ainda sem sentir por inteiro a dor do esmagamento de seus membros, Credus tentou se recompor. Usou uma de suas mãos para o puxar, enquanto sua perna restante o empurrava em direção ao grande sacerdote. O sangue que o cercava pintou a cor de seu traje branco para o mais puro vermelho. Ele sentia que o chão abaixo de seu corpo estava ficando cada vez menos sólido até, finalmente, começar a puxá-lo para baixo como areia movediça. O elfo tentou falar, mas não sentia ar suficiente em seus pulmões para uma nova reclamação. Tentou se mexer, mas já havia derramado sangue demais naqueles últimos segundos. Mais uma vez, estava imerso na mais pura e natural escuridão.

Capítulo 42 - Desistência

Ano 170 ▪ Salão do Julgamento

“Reconsidere.” – Ajoelhado e com a cabeça colada ao chão, Ikarus estava rendido em frente à Trístanos; – “Ele é só um garoto confuso e que seguiu tudo que acreditava com a melhor das intenções.

Por favor, sacerdote rei, reconsidere o isolamento eterno.” Sempre na mesma posição estática, Trístanos olhava para baixo ao analisar o pedido do sacerdote iluminado. Suas outras duas cabeças permaneciam abaixadas e sua expressão era neutra. Não havia mais ninguém na grande assembleia.

“Ikarus... o sacerdote sem classe. Imagino que adoraria me dar ordens, tendo em vista que está tecnicamente acima em nossa hierarquia.” – Riu um pouco; – “Vamos direto ao assunto... o que vosso pupilo fez foi manchar o nome dos sacerdotes perante vossa lei. Entendes isso, não? Dizia com calma.

“Eu entendo o erro de Credus, e sei que ele não deveria ter atacado Aradia. Porém, o que você ganha com a prisão eterna daquele garoto?” Ikarus não ousou levantar a cabeça.

“Eu não ganho nada. Tudo que fiz foi visando as leis que decidimos para manter a ordem natural de Mayah. Se minha ordem fosse de o eliminar, nós também perderíamos a preciosa alma de um sacerdote. Porém, podes considerar que, isolando o rapaz pela eternidade, eu salvei um recurso precioso e impedi o destino proposto por Hérobu.” – O rei fez uma breve pausa solene; – “O sangue dos inocentes não será derramado pelo filho de Keen.”

Os instintos protetivos do sacerdote da luz o diziam que Credus ainda vivia. Em algum lugar naquela fortaleza sem fim, a presença do elfo indicava um estado de vida instável, porém, sem riscos aparentes. Isso serviu para aliviar um pouco a pressão que Ikarus sentia em ver seres vivos sofrendo.

Garganta de Belial

Credus flutuava, levemente, em um escuro sem fim. No começo, os arredores não o surpreenderam. Tentou gritar, mas o som não se propagava, e, assim, não havia nenhuma vibração sonora que pudesse usar para se localizar. Labolas e seus corvos também não respondiam. Era como estar novamente cego. As únicas coisas que o diferenciavam daqueles tempos eram a dor infernal que sentia no fundo de seus ossos e músculos pelo ataque de Trístanos. Seu foco estava em resolver a segunda questão.

Ele ainda possuía um de seus braços. As mãos do elfo eram completamente escuras, corrompidas pelo toque do sacerdote que derrotou anos atrás. As rachaduras na palma de sua mão palpitavam profundamente pela carne e estavam sedentas por energia. O toque de Labolas. Em um momento lógico, Credus entendeu que estava em uma imensidão de negatividade. Completamente submerso em mais algum truque de algum dos sacerdotes de Trístanos. Ele sorriu ao ligar os pontos.

Usando a mão remanescente, decidiu absorver a energia que o cercava. Aquilo se provou um deleite. Um prato cheio para um esfomeado. A dor rapidamente cessou e, de maneira gradual, o braço e a perna perdidos foram recuperados. Naquele momento, ele deduziu que Trístanos era um rei tolo por tê-lo aprisionado em um local onde podia absorver tudo com a palma de suas mãos. Porém, a conclusão não foi duradoura. Ele absorvia o escuro que o rodeava, mas acabou sentindo-se plenamente satisfeito após o que pareceram meras horas de isolamento. Chegou um ponto em que não fazia mais sentido em continuar com aquela atividade.

Com a satisfação e sem mais dores físicas, ele entendeu que estava perdendo a sensibilidade do próprio corpo. Mais horas haviam se passado e, nesse ponto, o jovem não sabia mais se estava de pé ou de cabeça para baixo e teve de recorrer a orar para Labolas em busca de algum subterfúgio. Não obteve respostas. A mesma temperatura sob sua pele, ar neutro e atmosfera silenciosa. Parecia que nada nunca iria mudar. Aquilo foi o equivalente a um mês de pura escuridão concentrada.

...

O tempo continuou passando e Credus tentou infligir danos a si. De início, optou por recorrer a usar sua unha contra as costas de sua mão. Percebeu, porém, que já não sentia mais o próprio toque, muito menos a suposta dor projetada. Restou apenas rir em silêncio, catatonico.

Ele já havia visitado e revisitado todos os cantos de sua memória, desde suas primeiras e embaçadas memórias de infância, até o último confronto de Aradia que antecedeu sua punição. Contudo, refletindo em retrospecto toda sua curta vida, Credus notou que o momento em que foi mais feliz havia sido o recomeço de sua jornada ao lado de Lavender. Ela parecia ter dado um novo significado a sua vida, o fazendo quase esquecer da culpa das mortes que causou no orfanato. Chorou.

“Tu não pareces o culpado que Trístanos mencionara.” - Indo contra todas as expectativas, uma voz surge em um canto isolado da imensidão. Credus se vira no mesmo instante; - “Um elfo. E vejo que possui sim boas intenções, de fato. E... estas são as coisas mais belas do mundo, não acha?”

A voz animada e dissonante soava como um senhor idoso.

Credus tentou usar as ondas sonoras para identificar a figura, porém, ao que tudo indicava, aquela voz não era emitida por ondas. Aquilo era telepatia. Ainda confuso, o elfo se forçou a pensar em uma frase clara e objetiva.

“Não acredito... quem é você? Qual é seu nome?” – Não conseguiu conter o ânimo ao ver outro ser após, o que para ele, pareciam meses; – “Por que não consigo o ver? Onde está Labolas? E meus corvos?”

“Ei, garoto... disciplina. Não me faça o deixar sozinho mais uma vez.” Terminou decidido.

“Não, não, não. Me perdoe. Desculpe.” – As súplicas do elfo pareciam infinitas; – “Apenas fale comigo. Pode falar o que quiser e o quanto quiser. Por favor.”

“Acalme-se um pouco. Não passastes muito tempo aqui. Algo entre uma semana e três meses. Não mais que isso, eu acho...” – Riu; – “E tu perguntastes meu nome... eu sou como Labolas... meu corpo se chamava Sisifus, porém, hoje sou um com o espírito que herdei. Por isso, também atendo por seu nome, Belial.”

“Do que está falando...?”

“Veja bem... os sacerdotes nada mais são que apenas humanos possuídos por fragmentos de Oblívio.” – Conforme explicava, era como se sua voz fosse rodeando o perímetro do elfo; – “Essa entidade esquecida tem muito poder. Muito mesmo. No passado, um homem entrou em contato com ele e repassou seu poder em várias partes, cada uma com sua individualidade própria e atributos únicos. Os humanos são ótimos portadores, pois são neutros. Elfos e vampiros já nascem com energia positiva, ou negativa, portanto, a sincronia acaba sendo menos proveitosa, entende?”

“Por isso eu o ouvia em minha mente...?”

“É por aí. Um sacerdote como Labolas também possuía um nome humano. Contudo, o espírito, ou fragmento do Oblívio, o dominou por completo. Ocorreu uma inversão de dominância, por assim dizer...” – O sacerdote divagou; – “E Labolas roubou o nome do hospedeiro. Casos assim acontecem às vezes...”

“Compreendo...” – Credus preferiu fingir interesse pois, pelo menos, estava tendo algum contato social após o período de isolamento; – “E pode me informar onde me encontro?”

“Tu estás em minha garganta. A garganta de Belial. Fique à vontade e não repare na bagunça. Espero que esteja confortável já que passarás a eternidade aqui.”

“Acho que se eu passar mais um tempo aqui irei começar a perder a cabeça. Já estou sentindo que algumas memórias estão embaralhadas.” Ele tentou ser breve para não aborrecer o sacerdote.

“É, rapaz... aqui é um lugar feito pra isso mesmo. Apenas podes assistir à tua vida em retrospecto pelas tuas memórias. Infinitamente. Este é o preço por tentar alterar o protocolo do poder.” – Sisifus fez uma pausa para receber algum comentário de Credus, mas o mesmo não respondeu. Parecia estar digerindo o que acabara de escutar; – “Porém, não temas, jovem. Enquanto me entreter, eu continuarei aqui para manter sua sanidade. Após separar tua alma do espírito de Labolas, eu o deixarei acompanhar o progresso do mundo com seus próprios olhos.” Brincou, sabendo que o elfo era cego. Credus entendeu, embora não tenha levado aquilo como ofensa.

Alguns minutos de silêncio entre os dois se formou pela atmosfera tangente. Credus quebrou o intervalo com um leve riso que se converteu em uma gargalhada estridente. O som não era emitido, mas, interligado com os pensamentos do elfo, Belial sabia que aquilo era uma risada legítima. Era similar à atitude de Labolas, embora, desta vez, o sacerdote não possuía qualquer contato com seu receptáculo. Aquilo indagou Belial, uma vez que conseguia entender tudo o que Credus dizia à ele, mas não ler sua mente como um todo.

“Parece estar se divertindo... gostou da ideia de passar a eternidade comigo? Ficou aliviado?”

Acompanhou o deficiente na risada.

“Exato! Fico aliviado em ver que não estou sozinho como prisioneiro de Trístanos!” O elfo falhou em tentar recobrar a compostura.

“Eu?! Um prisioneiro?! O que quer dizer com isso, mortal?!” – A voz velha balbuciou indignada; – “Por acaso está desrespeitando mais um sacerdote de primeira classe?! Logo eu? Sisifus! Aquele que tem total poder sobre sua condição?!”

“Nada disso, senhor Sisifus. Não sou eu que estou o desrespeitando de forma alguma! Veja bem a situação!” – Enquanto Credus falava, o sacerdote analisava as intenções do jovem. Ele não estava mentindo ou querendo o manipular de forma alguma; – “Se existe alguém aqui que não o respeita, este alguém é o próprio rei dos sacerdotes! O próprio Trístanos! É, o mais hilário é vê-lo aqui, cheio de pompa, enaltecendo o nome do próprio carrasco!” O deboche era sincero.

“Estas planejando um truque sujo, Credus...” – O tom era de pura decepção; – “Acreditas que minha fé em Tristanos é tão singela a ponto de quebrar com qualquer pedra pequena? Sejas melhor que isso...”

“Acha que estou mentindo?!” – Credus riu ainda mais; – “Você é infinitamente mais cego que eu, ó sacerdote de primeira classe... sou eu que deveria estar decepcionado com os sacerdotes. Se vender por tão pouco para seres que mal conhecem...”

“Credus... tu vais-”

“Espere, espere! Antes de definir minha próxima punição, se me recordo bem, você foi condecorado como ‘Sisifus, a sombra’. Estou certo?” – O elfo sorria com a ironia daquele que o julgava; – “Se for isso, entendo perfeitamente o significado do título.” Mais uma vez, Belial conferiu para averiguar se o elfo possuía segundas intenções com suas palavras. Nada. Ele estava realmente se divertindo e sem qualquer propósito secundário.

“Tu realmente acreditas nisso...” – A voz cansada do sacerdote ecoou; – “Pois bem, antes de o deixar sozinho em isolamento por mais alguns anos, diga-me mais sobre isso. Explique-me teu ponto.”

“Ora... você pode ver em minhas memórias, não é mesmo, senhor Sisifus?” – Diminuiu um pouco o riso, para elaborar o argumento; – “Veja minhas conversas com Lavender. Todo o estudo havia sido passado a ela pelo sacerdote de maior hierarquia, Ikarus. Ela estudou praticamente todos os sacerdotes e suas respectivas singularidades. Contudo, em momento algum, estudamos sobre o grande Belial, ou Sisifus, ou seja lá como você se chama.” – Não conseguiu segurar uma última risada; – “Você é irrelevante pra história de Mayah.” Mais uma vez, não mentiu em sua constatação.

Com o dito, alguns segundos de assimilação pairavam por ambos os indivíduos. O velho riu. Ousadia, sinceridade, lábia. Retrocedendo os capítulos da história do elfo e comparando com sua atual postura, o sacerdote entendeu seu crescimento. Sons de algumas palmas repercutiram na mente do cego.

“É um ponto de vista interessante. Devo admitir... tens coragem, elfo.” – Disse animado; – “E, por isso, vou lhe dar uma pequena aula sobre o que é ser um adulto.” Riu.

“Vai me isolar aqui novamente, não é?” – Ele já esperava por isso e não se surpreendeu; – “Que lição pretende passar com isso?”

“É uma boa pergunta.” – Suspirou; – “Lição número um... apenas será levado a sério quando tornar suas palavras realidade.”

“Ou seja, cumprir com suas promessas.”

“Ir com sua palavra até o fim.” O sacerdote terminou antes de sumir por completo.

Ano 171 ▪ Garganta de Belial

Passado um ano de reflexão e silêncio, Credus pôde sentir novamente a presença de Sisifus crescendo em suas redondezas. De primeira, sentiu grande ânimo em ter a companhia de outro ser, mas, em pouco tempo, começou a se encolher e sentir aversão ao contato estranho.

“Saudações.” – A surrada voz do sacerdote retomou lugar nos pensamentos do isolado; – “É isso, meu amigo, é um ano de total reclusão. Vivendo apenas no próprio passado.”

“Pode ir embora? Está atrapalhando...” Credus silabou um sussurro. Ele tremia sem perceber.

“Quem diria... o garoto que tanto se esbaldava de minha situação, agora, completamente cansado do silêncio ao ponto da dependência...” – Sisifus não pode deixar de se divertir com a situação; – “Diga-me, o que tens pensado, jovem elfo?”

“Você não vai ir embora, não é?” – Esperou e, sem mais respostas, continuou a falar após um suspiro; – “Tudo bem... estive pensando muito sobre minhas primeiras memórias. O chão de madeira do orfanato... o cheiro das camas e lençóis... já revisei essa memória tantas vezes que sinto cada vez menos a dor da culpa pelo que veio depois.” Dizia sem vontade.

“E em meio a tais pensamentos, reconsiderastes aquilo que havia insinuado?”

“Vai ter que ser mais específico...”

“Compare nossos estados, garoto. Realmente acreditas que eu, um sacerdote de primeira classe, posso ser considerado um mero escravo de Trístanos?!”

“Sim. É só isso que você é...” – Mesmo esgotado de sentimentos, uma sensação de nostalgia o contagiou ao retomar o assunto. Ele deu uma breve risada. Aquilo enfureceu Sisifus, mas, antes do sacerdote se pronunciar, Credus continuou; – “Eu estive todo esse tempo revendo meu impacto em Mayah, mas... e você? Que impacto você teve nessa história, sombrinha?” Riu um pouco mais.

“Eu deveria deixá-lo aqui por mais um século! Vamos ver o quanto teu espírito e dignidade se desmantelam!” A voz do velho homem veio enfurecida e de todos os ângulos.

“Ei... para de gritar...” – Credus reclamou baixinho; – “Se for pra fazer todo esse drama, pelo menos responda minha crítica...”

“Tu és meu escravo!! Não o contrário, elfo!” Gritou.

“Então por que me fez uma pergunta que não aceitaria a resposta?” – Credus não aumentou o volume da voz; – “Segunda lição sobre ser um adulto... lide em silêncio com seus próprios problemas. Ninguém deveria ser obrigado a agradar suas decepções.” Se virou.

Ninguém disse mais nada desde aquilo. Credus pensou que o sacerdote havia se cansado e finalmente o deixado, porém, foi surpreendido novamente por sua presença inquietante.

“Ser uma sombra é um dever solitário, Credus.” – Admitiu; – “Estás correto... estive o punindo pela simples vontade de fazer outro estar em meu lugar. Talvez por isso este posto seja perfeito para mim.”

“Tá, você não vai me deixar em paz, não é?” – O elfo retornou à posição inicial – “Como posso te ajudar, senhor Sisifus?”

“Me ajudar? Não há resposta para isso.” – O sacerdote parecia chorar. Aquilo sim chamou a atenção de Credus; – “Eu me lembro de quando era humano. As sensações... eu sinto falta de tudo aquilo. Já tive mulher, filha, uma vida... não sei. Sinto que não sou mais o mesmo desde que esse poder se apossou de mim. Eu não era assim. Eu era humano.” Repetiu saudosista.

A princípio, Credus não sentiu nada ao ouvir aquilo. Na verdade, até sentiu gosto por vê-lo naquele estado. Contudo, não demorou para se arrepender e notar que suas situações não eram tão distintas. Ambos foram rodeados pela culpa de seu passado. O elfo deu o primeiro passo.

“Do que se arrepende?”

“Eu não escolhi nada disso. Na verdade, fui escolhido. Zéed escolheu as pessoas de melhor coração, pois, sabia que eram os mais aptos a suportar este fardo. Eu era pai.” – O velho brevemente lembrou da filha; – “Eu era pai...” Respirava fundo.

“Um homem que procura prazer no sentimento de degradação poderia ter uma centelha de respeito por si próprio?” Encolhendo os ombros, pragmático, Credus questionou.

“Isso se aplica a nós dois, não é mesmo?”

“Sem dúvidas.” – Naquele momento, o silêncio entre eles havia sido, pela primeira vez, agradável; – “Então você vê agora que também é um escravo, tanto quanto eu, se não pior?”

“Bom, passei um ano refletindo sobre o apontamento. Estivestes aqui tanto quanto eu desde então. Hoje, eu vejo lógica no que diz. Do que adianta o destino ser maleável como argila se eu tenho mãos para o tocar. Eu sinto que não existo.” – Credus sentiu a presença do sacerdote se aproximar; – “Tudo o que aquele humano construiu, não mais existe. Sinal algum de minha existência pode ser comprovado. É como se eu tivesse nascido apenas para servir a Trístanos, e tu, Credus, nascido para servir a mim até atravessar a minha garganta.”

“E você vê alguma lógica nisso...?”

“De maneira alguma.” Ambos riram com o patético destino.

“O que acontecerá quando eu atravessar a garganta? Isso irá demorar?” Por um segundo, ele pôde ouvir um ruído vindo ao longe.

“Em pouco tempo. Tua alma e a de Labolas hão de ser completamente separadas e, após isso, tu conhecerás um novo conceito de eternidade. Algo muito pior do que tudo que aqui presenciastes.”

“Isso não me assusta.” – Sisifus confirmou que não era mentira; – “E você continuará aqui? Sozinho pela eternidade?”

“Esta é minha sina.” Concluiu a contragosto.

“E você acha justo que assim seja? Eu só estou onde estou porque enfrentei o destino. Sim, foi exatamente isso.” – Algumas memórias que achou que havia perdido começaram a retornar; – “Eu não pedi para ser filho do mais desprezível dos elfos e nem pedi para ter nascido assombrado por estes seres. Meu único erro foi ser uma criança ingênua em uma situação onde qualquer um optaria por tal meio. Eu não me sinto mais culpado.” – Definiu; – “E em todo esse tempo eu pude refletir sobre isso. Entender meus erros e acertos. Eu não me arrependo de nada, Sisifus. Absolutamente nada. Tudo que fiz foi com meu entendimento acerca do meu universo.”

“Pareces ter encontrado o que alguns chamam de paz.”

“Não sei. Eu me sinto sedado, Sisifus. Acho que não consigo sentir mais nada.” – Demorou um pouco para continuar; – “Acredito que eu tenha finalmente me tornado o que Kayn tanto dizia... e isso foi algo que jamais saiu da minha cabeça.” – Pensou mais um pouco antes de estruturar a sentença em élfico; – *“Quando um terremoto ocorre, de quem é a culpa?”*

“Ninguém possui culpa disso diretamente... são eventos naturais.”

“Hoje é isto que sou. Não sinto mais nada. Tudo o que me restou é esse pensamento.” – Credus riu um pouco antes de ousar. Sisifus sentiu que a intenção do rapaz era diferente de tudo que o mesmo havia demonstrado até então; – “Quero que me liberte, senhor Sisifus.”

“Só podes ter enlouquecido por completo!” – O sacerdote riu como nunca. Foi uma longa risada que ecoou por todo local até que, voltando a si, tomou uma postura séria; – “Não creio que estejas falando sério...” – Credus continuou esperando uma resposta; – “Por que eu faria isto, elfo?!” Foi agressivo.

“Esta é uma maneira de corrigir incógnitas do passado. É um meio de tentar fazer a minha história e a sua se ajustarem.” – Neurótico, o sacerdote conferiu para ver se estava sendo enganado. Negativo. Credus estava dizendo tudo aquilo do fundo de seu peito; – “Hoje você não é mais aquele humano de outrora. Hoje é isso. E eu não posso desfazer nada do que já está definido nesse sentido. Contudo, ao me libertar, você ainda pode deixar uma marca nesse mundo.” O coração do sacerdote bateu mais forte.

“E o que tu farias...?”

“Se deixasse a alma de Llabolas comigo, acredito que poderíamos nos tornar um por definitivo. Seríamos algo novo. Algo diferente do que Trístanos enviou para cá. Nós iríamos cobrar Keen por todos os seus erros do passado, sempre focados em nossa ação principal. Seríamos o terremoto que iria, naturalmente, ir contra Keen e tudo que o mesmo construiu.”

Tendo em vista toda informação que havia recebido, Sisifus se reservou para refletir. Credus não o sentia mais por perto e deduziu que o mesmo o havia abandonado novamente. Porém, ele sabia que havia deixado uma semente de dúvida plantada na mente do sacerdote. Em um intervalo que durou entre horas ou dias, o sacerdote retornou.

“Nunca mentistes para minha pessoa enquanto permanecesstes em meus domínios. Portanto, eu desisto. Decidi lhe ajudar, elfo.” – Credus quase sentiu felicidade, porém ainda não parecia ser o sentimento legítimo; – “No total, tu passastes pouco mais de um ano de pura escuridão... e cada ano aqui é um século lá fora. Em minha garganta, atualmente estamos em 171, porém, na realidade, o ano é 271.” Esperou a reação do elfo, porém, o mesmo não demonstrou surpresa ou sequer qualquer emoção.

“Certo. Então, vamos...” – Continuou neutro; – “O destino também cairá sobre Trístanos. Isso eu posso o assegurar. Ele jamais descobrirá que me libertou e sua cabeça irá cair por todos os erros que cometeu.”

“Assim como a de Keen...” – Ressaltou, imaginando a cena; – “A propósito, tua amada Lavender está trabalhando com ele para uma futura união dos povos para explorar um continente por eles desconhecido.”

“As sementes plantadas por meu pai, regadas pelas lágrimas de minha mãe, arraigaram-se demais para serem arrancadas, até mesmo por alguém com a erudição de Lavender...” Credus não pareceu abalado com aquilo.

“Antes de ir, quero que saiba que, tu, Credus, nunca mais irá existir.” – Pensou bem no que dizer; – “A partir de hoje, será algo novo. Uma verdadeira sincronia com suas memórias, motivações e o instinto de Llabolas. Serás um novo referencial.”

“Um referencial... eu me tornarei Crux.”

Capítulo 43 - Céu Escuro

Ano 280 - Noite 15 ▪ Salos, Capital Élfica - Bar Akrasia

Após deixar Albert e Cétrico para trás na cidade élfica, revigorada com o longo sono da viagem, Aradia adentrou o rústico bar escoltada por cinco soldados de Keen. O cheiro de carne assada que escapava do forno, misturado ao forte odor de prata das armaduras e espadas dos guardas, fazia seu nariz coçar, mas ela não podia estar mais contente em ser vista por toda clientela como o maior inimigo da nação. Pelas mesas de madeira, elfos faziam todos os tipos de gestos e sinais de livramento, como se a própria morte tivesse adentrado o restaurante. A grande maioria se retirou do bar o mais rápido que pôde. Atrás do balcão, usando um pano branco para secar uma caneca ainda úmida, Jess aguardava a aproximação, já esperando a visita e o acerto de contas.

“Ruivinho! Está diferente...” - Falando em vampírico, Aradia seguia escandalosa; - “Temos que por nosso papo em dia!” Sorriu mostrando as presas. A elfa não respondeu.

Passando o mais longe possível de Aradia, os civis se atropelavam pelo caminho. Alguns dos guardas da escolta enviada por Keen organizaram a saída dos demais inocentes, tentando sempre priorizar a calma e civilidade no ato. Pelas mesas, ficaram restos de comida, bebida e o único que lá permaneceu era um cliente que aparentava estar dormindo embebedado e de cabeça baixa.

“Ei, não vai dizer nada? Você me parece mais feminino agora...” - Aradia provocou, andando até a dona do bar e apanhando um pernil que foi deixado às pressas; - “Não sabia que comiam carne por aqui. Isso é novo.” Deu uma mordida.

“É uma especialidade da casa...” - Andou para o outro lado do balcão, puxou uma cadeira para sua nova cliente e voltou para o posto de atendimento; - “O que vai querer pedir?” Descendo os olhos esmeraldas, sacou um bloco de notas e um lápis.

“Quero um elfo mal passado e pode colocar pó de prata como tempero que não faz mal!” - Aradia abriu um sorriso e riu ao se sentar de pernas cruzadas em frente ao balcão. Os guardas a seguiam e estranharam o comportamento; - “Qualquer carne serve. A melhor que tiver.” Desfez a piada.

“Jess. Sabemos que você também fala vampírico, mas pode se ater a apenas fazer o pedido dela?” - Um dos guardas solicitou com a voz preocupada; - “Keen deixou claro que devemos ter o mínimo de contato possível com essa aberração.” Terminou focando nas unhas escuras da vampira que, em movimentos inquietos, pareciam estar sempre procurando algo para

arranhar. Com a unha do indicador, ela riscava a madeira do balcão fazendo lascas em espirais. Se aproximando de uma das orelhas do guarda, Jess respondeu:

“Keen também me deu ordens diretas para a entreter com meu vampírico caso fosse necessário. Vai querer ir contra ordens diretas do rei?” – A ruiva levantou uma sobrancelha; – *“Eu não quero apostar meu pescoço nisso.”* Terminou se afastando.

“Certo. Nesse caso, estaremos aqui para contenção. Por favor, continue seu trabalho.”

“Não se preocupem... eu conheço essa aqui.” – Jess riu um pouco, mas sem tirar a seriedade do assunto; – *“É uma vampira poderosa, mas ganhar tempo com ela na conversa é bem fácil. Se quiserem, faço um lanche para vocês. Podem se sentar ali e fiquem à vontade.”* Apontou para uma das mesas que ainda não haviam sido usadas naquela noite.

“É muita gentileza, Jess. Somos gratos.” Outro guarda respondeu. Todos se dirigiram à mesa de seis lugares, mas sempre monitorando a vampira. A elfa serviu alguns sucos para os guardas que agradeceram a cordialidade.

Voltando a atenção à Aradia, a atendente a olhou de cima a baixo antes de retornar para o forno. Lá, um pedido dos clientes que fugiram já estava quase pronto. A elfa alimentava a fornalha com mais lenha.

“Hora de pagar sua dívida, ruivo...” Em uma pose entediada, Aradia assistia o trabalho.

“Ruiva.” Virou a cabeça à vampira antes de retomar a atenção para o fogo.

“Essa é nova também... tá, que seja, hora do pagamento.” – O nariz da ghoul farejou um cheiro suculento que nunca antes havia sentido. Seu estômago roncou alto; – *“E traga esse boi inteiro com você!”* Disse em tom de ordem e apontando o indicador, mas escapou uma risada.

“Eu não lembrava que tinha senso de humor. Na minha cabeça, você era mais séria.” Jess vestiu as luvas e começou a retirar o jantar do forno.

“Quando estou em horário de trabalho, ou seja, decapitando uns vizinhos seus, eu tenho tendência a falar menos, isso é verdade.” – Apontou para os guardas sem virar para trás; – *“Contudo, meu trabalho aqui é algo que faço com prazer. Não há ouro que pague ver o desespero élfico causado pelos espectros.”*

“Entendi... bom, vamos acabar logo com isso.” – Jess retirou grandes pedaços de picanha mal passada com sal grosso do forno e a entregou no balcão em uma bandeja; – “Vamos falar sobre Keen.” Aradia não tirou os olhos do alimento. A carne estava rosada e succulenta. O cheiro se perpetuou por todo ambiente, chamando a atenção também dos guardas que agora jogavam baralho.

“Carneiro... um corte de carne sem ossos... é uma iguaria, realmente.” – Aradia deu um leve sorriso e tirou o peso de seus ombros com um breve suspiro. Aquele cheiro era algo de outro mundo; – “Tormenta jamais me perdoaria por falar sobre algo tão podre como Keen, enquanto devoro um banquete como este. Uma pena... diga-me todos os infortúnios de seu rei. E não esqueça que Oblívio está escutando...” Dizia enquanto pegava um pedaço com as mãos e dilacerava os filamentos com suas presas. Jess desceu uma alavanca e derramou cevada em uma caneca de madeira para acompanhar a vampira.

“Keen... vou lhe contar tudo que sei e que mais ninguém deste país deve saber acerca daquele homem maldito.” – Deu três goles na bebida, sem parar para respirar. Quase a matou, restando apenas a espuma; – “Elfos possuem bênçãos. E todo elfo da alta patente se orgulha de seu potencial. Minha, me permite reacoplar partes do corpo que foram rasgadas, dilaceradas ou removidas. Se eu perder um olho, por exemplo, posso usar minha bênção para colocar outro olho no lugar do antigo. O que poucos elfos sabem, é que toda bênção tem um nome. Minha se chama “*epístrofe*”.” – Remexeu um pouco a bebida. Aradia acompanhava assentindo com a cabeça; – “O nome de uma bênção só é revelada quando o elfo detém seu potencial completo e isso é atingido por poucos... Keen não chegou nem a despertá-la. Essa talvez seja sua maior frustração. Para compensar a falta de sua bênção, ele trocou a vida do que ele mais amava por poder. Trocou a saúde de sua esposa, Hellida, pelo poder do luto, concedido pela sacerdotisa Fidelitas. Assim, teoricamente, ele poderia ter potencial ilimitado a depender de seu estado emocional.” Jess olhou para baixo e Aradia gargalhou.

“Logo aquele elfo que parece sempre tão imponente, carregando aquela armadura negra e coroa pontuda! É muita ironia mesmo!” A vampira se divertia e já havia devorado boa parte do jantar. Jess deu uma pausa e preencheu sua caneca até a metade. A espuma subiu novamente.

“É. Ele é um rei frustrado. E essa frustração não é de hoje. Ele já foi o braço direito do antigo rei, Angus, e sempre pensou que poderia o superar algum dia. Angus era implacável. Um líder nato, que não precisava oferecer regalias ou cargos públicos para seus seguidores. Ele, simplesmente, conseguia seu apoio através de seus comandos simples e sua personalidade calma e humilde.” – Jess deu mais alguns goles, pensando em como entrar no próximo tópico sem ofender o orgulho de Aradia; – “Bom...

após a guerra de Tormenta...” – Olhou para Aradia. Ela se manteve séria; – “Angus desapareceu. O que restou para governar foi Keen e, sua melhor chance de manter sua popularidade similar a Angus foi criando um cenário onde ele pudesse ser uma espécie de salvador, exatamente como Angus havia sido na guerra anterior. Ele atribuiu a culpa de todos os males de seu governo aos vampiros.” Terminou solene e não deu mais nenhum gole, já esperando as constatações de Aradia.

“Explique isso melhor...” Analítica, Aradia tentou imaginar o cenário.

“Com o tempo, ele foi comprando aliados, usando e abusando ao máximo dos recursos que ganhou de Lavender após a rendição e, é claro, não soube administrá-los de maneira efetiva. Serpérios se tornou o esgoto do país graças a tamanha ignorância. Ocorreu uma aparição de negatividade que destruiu uma parte daquela vila e toda culpa começou a recair ainda mais sobre os vampiros.” – A empolgação na voz de Jess diminuía com o decorrer do assunto; – “Hoje eu não saberia dizer se aquilo foi culpa sua ou se Oblívio teve alguma participação em Salos. Contudo, sei que vários outros espectros começaram a surgir em diversos outros locais e, com isso, tivemos a Guerra Final. E isso, sim, foi culpa sua. Ele queria um novo conflito e você entregou isso de bandeja, Aradia.” A vampira socou a mesa com a provocação. Ao lado do prato, a superfície de madeira do balcão quebrou para dentro, fazendo estilhaços subirem. Os soldados se levantaram rapidamente em guarda, mas Jess os acalmou com o levantar de uma mão. Sua expressão permaneceu com a mesma neutralidade desde o início do diálogo.

“Você não sabe de nada... nenhum de vocês sabe como é viver com o peso da derrota de uma guerra.” – O olhar carmesim e assassino foi direto para Jess. Sua calma não tremulou; – “Eu não estava lá para defender Tormenta... eu não estava lá com Lizha quando-”

“Já acabou a autopiedade? Eu ainda tenho que falar do mais importante.” – Secando novamente sua caneca em poucos goles, ela reuniu coragem para continuar com a parte mais difícil. Aradia começou a libertar suas garras; – “Seu irmão Nério é prisioneiro de Keen.” – O ódio crescente de Aradia sumiu em um piscar de olhos. Ela petrificou; – “Em uma noite, um vampiro pálido e gordo surgiu em nossa capital. Ele parecia atravessar nossas defesas com grande facilidade, fazendo todos os guardas simplesmente caírem a seus pés completamente inconscientes. Ele não os atacou de nenhuma maneira, apenas andava apreciando o local. Civis foram evacuados e mais guardas surgiram até a chegada de Lakan e Keen, e foi só aí que ele simplesmente se entregou.” – Jess esperou alguma pergunta de Aradia, mas a vampira não proferiu palavra alguma; – “Desde então... fiquei sabendo que ele guarda Nério em uma prisão improvisada no subsolo de seu castelo. Keen o torturou e o estudou sem escrúpulos e lá seu irmão permanece até o exato momento em que conversamos.” A mulher

não sabia o que dizer. Seus lábios tremeram antes de tentar balbuciar os primeiros lamentos, porém som algum escapou. Preferiu se ater ao silêncio, olhando para baixo. Os restos da janta já haviam esfriado.

“Eu sinto muito por seu irmão. Fiquei sabendo sobre tal situação através de um canal seguro e admito que não gostaria de estar revelando nada disso a você, porém, entendo que seja parte do nosso pacto... quanto às informações acerca de Keen e sua bênção, eu as adquiri por ter ligação com os sacerdotes. Em cada nação existe pelo menos um indivíduo escolhido para ceder sua positividade para os sábios. Imagino que, no caso de vocês vampiros, Lavender seja a encarregada de tal tarefa.” Terminou enquanto começou a retirar os restos do balcão.

“Lavender... sim. É a maldita que está fazendo tudo isso. A maldita que conversa e faz acordos com esses patifes velhos. Faz acordos com Keen...” – Pensou em Nério e, em um breve movimento, se afastou do balcão e de Jess. Seguiu andando para a porta; – “Avise aos guardas que estou de saída. Sua parte está paga.” Jess não precisou dizer nada. Os guardas seguiram a vampira no mesmo momento em que ela ameaçou sair do estabelecimento.

“Minha parte do contrato está paga, mas duvido que uma vampira carregue cinco moedas de prata para pagar pela carne...” Jess reclamou para si, enquanto limpava sua caneca na pia.

“Eu pago pelo prato dela...” – De uma maneira anormal, uma voz ressoou no ambiente. Aquilo fez um arrepio percorrer os ombros da elfa. O ser encapuzado que permanecia deitado de cabeça baixa em uma das mesas se levantou; – “Acredito que eu deva pelo menos isso a ela desde nosso último encontro...” Em seu rosto repousava uma máscara pálida de coruja.

“Fala vampírico... mas não é pálido como um.” – Sutilmente, Jess apanhou o machado que guardava embaixo do balcão; – “Um sacerdote?” Crux sorriu.

“Eu sou muito mais que isso...” – Sentou no mesmo assento onde Aradia estava; – “Sabe, Jess... temos muito em comum.”

“Eu não tenho tanta certeza disso.”

“Eu e você amamos Laria e sofremos bastante com sua morte. A culpa é um veneno amargo, não concorda?” Apoiou ambas as mãos na madeira que Aradia havia danificado e escorregou as cinco moedas de prata. Ele não escondia mais nada consigo.

“O que você tem a ver com Laria?...” A voz de Jess fraquejou e seu olhar desceu para as luvas do cliente.

“Isso você não precisa saber. Apenas entenda que eu estou do seu lado. Do lado de Laria, da família Fogel e de Nério. Estou do lado da liberdade dessa nação.” – Ele dizia com serenidade; – “É o único jeito de mudar um povo é através do sofrimento de seu líder. Ele deve perder tudo.”

“Bom, senhor sacerdote... o que quer de mim?” Todas as palavras que Jess proferia eram na mais sincera calma, mas ela permanecia alerta com o pequeno machado firmado em uma de suas mãos abaixo do balcão.

“Em alguns dias, esse país será abalado por mim. Alguns peões irão começar a se mover neste tabuleiro e fazer serviços em meu nome. Vão fazer bastante barulho... ficaria surpresa em ver o quão fácil é convencer crianças que tiveram pais ruins.” – Soltou uma rápida risada rouca. Jess percebeu que o som do riso era estranhamente incondizente com a voz do sacerdote; – “Por fim... eu gostaria que, durante a provação que irá ocorrer em breve, você retirasse Nério dos grilhões de Keen e o escondesse no subsolo deste estabelecimento. Consegue fazer isso?”

“O que?! Como eu faria isso? E por que eu o ajudaria em um esquema louco como esse?! Keen iria me executar no mesmo instante!”

“Toda guarda estaria focada em outro ponto durante o evento. Você só precisaria entrar e sair sem ser vista. Quanto ao motivo de me ajudar, acho que compreende que este é o certo a se fazer. Não precisei estudar muito Witt para perceber que cuidar do vampiro está quebrando o espírito daquela mulher.” – Com uma pausa, ambos ficaram em silêncio por alguns segundos. Jess pensava sobre tudo aquilo enquanto mordida a ponta de seu polegar, ansiosa. Crux retomou; – “Por isso escolha, soldado. Irá me ajudar a libertar um inocente ou ficará ao lado do rei que executou alguém que você já amou?”

...

Ano 280 – Manhã 26 ▪ Salos, Centro. Relógio de Aretê

No total, o famoso monumento beirava os cem metros de altura em sua totalidade. Subindo a escadaria, era possível encontrar uma plataforma acima dos ponteiros, onde, aquele que adentrar poderia vislumbrar uma cena panorâmica de boa parte da gigantesca capital. Além disso, o local também era normalmente utilizado para a realização de eventuais manutenções nos ponteiros e prosseguir para fazer o mesmo

com o grande sino de bronze. A tal plataforma ficava aproximadamente a cinquenta metros do chão, praticamente na metade do percurso até o topo.

“Foi muito mais longe do que pensávamos que iria, filho de Keen.” As vozes dos corvos ressoavam em uníssono pela mente de Crux.

Ele deu os últimos passos. Deixando a escadaria e o local fechado para trás, pôde sentir novamente o calor do sol matinal cobrindo sua pele clara. A dor do grave ferimento ainda o acompanhava, contudo, parecia um fator ínfimo a se considerar perante a grandiosidade do que aquele momento representava para Crux. O vento soprou contra seu rosto.

“Poucos minutos para o fim. Poucos minutos para o som do sino repercutir e me revelar toda a cidade.”

Respirou fundo e sorriu. O sangue do grave ferimento em seu ombro continuou a derramar. O corpo inteiro tremia para se manter de pé e, por isso, desabou ao se sentar na ponta da grande varanda. Fechou os olhos para descansar e reter suas energias e começou a contar os segundos para o tempo premeditado.

Alguns minutos de paz acalmaram a mente do elfo, o qual aproveitava o clima e lutava para não desmaiar pela hemorragia.

“*Posso me sentar ao seu lado?*” Uma voz feminina e familiar surgiu. Ele abriu rapidamente os olhos e tentou ficar de pé. Sem sucesso caiu de frente, sujando-se com o sangue derramado.

“Quem é você?!...” – Começou reclamando em voz baixa, ainda no idioma dos sacerdotes; – “*Quem é você!?!...*” Gritou em élfico e manipulou as ondas sonoras para averiguar quem se aproximou sem ser notado. Quase sem forças, sua bênção falhou.

“*Você está tão ferido e sem energia que não me percebeu.*” – A elfa disse e se sentou a quase cinco metros do sacerdote; – “*Eu sou Witt e, caso não tenha notado, você é Credus. Você é o filho de Keen, futuro rei de Ártemis e não irá cometer novamente o mesmo erro.*”

Ao ouvir seu nome, o cego sentiu seu coração falhar. Aquilo o tirou o fôlego de uma só vez. Sua cabeça palpitou e ele não lutou para se levantar. Permaneceu deitado, com metade de seu rosto afundado em uma poça de seu próprio sangue. A risada de Labolas fugiu pelos lábios secos do elfo.

“Eu sou livre. Não sou um escravo como Oblívio ou Sisípus.” – Riu um pouco e tossiu; – “A culpa não existe se tudo é permitido.” Witt encarou a figura.

“Eu fui visitar uma aluna muito especial antes de vir para cá. Ela me disse que, mesmo sendo surda, era capaz de ouvir vozes falando que o fim viria através do tempo. Uma charada boba e simples de solucionar para quem construiu um relógio no centro da cidade... mas isso me fez pensar em outra coisa no caminho para cá.” – Ela bateu a poeira do seu avental branco enquanto continuava; – *“Você não usou seus corvos para atacar Lakan, mesmo sabendo que ele não podia os ver. Também não matou Laerdra quando esteve sozinho com a mesma estando inconsciente. E, logicamente, também não irá me matar aqui e agora.”* – Os cabelos curtos e bagunçados da inventora se moviam com o dançar da brisa. Seus olhos castanhos eram tristes para a figura em declínio; – *“Isso porque alguma fração de você ainda é aquela criança do orfanato. E é triste ver tudo o que se tornou.”* Ela ajustou os óculos. Labolas continuou a rir e começou a levantar.

De maneira inesperada para o elfo, um badalar ressoou pelo grande sino de cobre. O som foi muito breve e bem mais fraco do que o cotidiano soar do meio-dia de Salos. Era como se a estrutura de bronze do sino tivesse sido, de alguma forma, danificada. Ainda tentando se manter de pé, Crux levantou uma de suas mãos, na tentativa de utilizar sua bênção e controlar as ondas sonoras. Falhou novamente e caiu sobre um dos joelhos.

“Você... adiantou o relógio e... o que fez com o sino?!” Crux murmurou estridente. Witt não esboçou reação.

...

“Então o relógio falhou?!” Cavalgando pelas ruas da cidade, Keen não tirava os olhos do grande monumento que tanto o ameaçava. Em poucos minutos eles chegariam no relógio de Aretê.

“É muito improvável uma falha em um momento tão crucial. Provavelmente foi Witt.” – Jess o acompanhava, agora vestindo uma armadura metálica e com dois machados curtos ligados a seu traje; – *“Não sei como ela conseguiu fazer isso mesmo com Credus estando lá, mas, tendo em vista que todos continuam bem, essa parece ser a única explicação.”* Diversos soldados os escoltavam.

Pelos arredores, alguns civis ainda tentavam arremessar objetos em Keen e muitos o vaiavam. A escolta de guardas protegia o rei dos destroços e eles não tinham tempo para repreensões. O monarca passava os olhos rígidos pelo povo indignado. Sentindo o fogo de sua raiva crescer, ele os ignorou e seguiu com ainda mais velocidade para seu objetivo. Todos o acompanharam. Não demorou para avistarem indivíduos na plataforma de manutenção do alto edifício. O inimigo de Keen estava visível e exposto.

“Ali!” – Brandiu o rei que olhava na direção do inimigo; – *“Aquele andar fica a cinquenta metros do chão!”*

Naquela distância já era possível alvejar o alvo. Diversos guardas levantaram arcos para o céu, focando apenas no alvo principal e sem levar em conta o outro indivíduo que estava presente.

“Espere, Keen! Aquela pode ser Witt!” – Jess parou o cavalo em frente ao líder. As patas do equino levantaram; – *“Só pode ser ela! Witt pode ter conseguido parar o sino, mas o custo foi se tornar refém de Credus.”* – Os dois se encaravam. A expressão do rei ainda não havia mudado. A ruiva sacou um machado.

“Guardas... nenhum de vocês tem permissão para atacar Crux.” – Keen desceu do cavalo e levantou uma das mãos em um gesto de cessar fogo. Deu dois passos para frente. Jess arregalou os olhos e começou a correr; – *“Pois essa tarefa é minha.”* Mentalizou Hellenor antes de retirar sua lâmina da bainha. Gritou.

O único movimento curvo de liberar a lâmina e apontá-la ao relógio fez uma rajada de chamas escapar. A energia era fumegante. Uma onda de calor jogou todos para longe. O impacto levantou cavalos, arremessou homens contra casas e os guardas pareciam que eram feitos de madeira fina. Jess conseguiu se afastar o suficiente para não ser atingida pela onda de calor, porém, inevitavelmente, caiu e rolou pelo chão. Aqueles que não usavam armaduras e estavam próximos ao rei tiveram sua pele e carne profundamente queimadas.

Na mente de Keen, ele focava na primeira lembrança do parto de suas filhas e em como aquele sentimento de alegria por ser pai era forte e fidedigno. Isso, somado com sua última visão de Hellenor, assassinada no próprio quarto, com sangue por todo chão e sem qualquer refúgio, ofuscaram a felicidade da memória e a converteu em puro ódio. O mesmo ódio de todas as inseguranças que sempre guardou em seu peito. Exalou. A rajada era ampla e cobriu o horizonte em trevas. Telhados pegaram fogo por estarem no raio do ataque incendiário e, com o final de seu grito, Keen abaixou a arma.

O aproximar da barragem incandescente era refletida pelos óculos de Witt. Seu campo de vista havia se tornado apenas escuridão. Nunca tendo presenciado um ataque com tamanho potencial, a elfa primeiro cogitou adentrar a torre, para amenizar o dano das chamas. Contudo, sabia que o edifício seria facilmente desintegrado pelas chamas do luto. Não havia escapatória. Muda, ela esperou seu destino. Labolas gritou com uma risada que o fez cuspir sangue.

“Você é tola, filha de Dummon!” – Já de pé, o sacerdote enfraquecido estava em seu pior estado. Witt se surpreendeu com o pico de energia que o elfo exalava. Sorrindo e banhado em seu próprio sangue, Crux esmurrou Witt com seu único braço bom. Ela grunhiu antes de ser jogada para dentro da torre e cair por algumas escadas. As várias lentes dos óculos quebraram com o impacto; – *“E mais uma vez, você condenará seu próprio legado, Keen!”* Virou-se para o calor irradiante e estendeu a mão aberta.

Era um ataque direto à plataforma. Todos os esforços de Keen foram concentrados naquele andar a cinquenta metros do chão. As chamas negras corriam em direção à torre até que, em movimentos bruscos, começaram a ser sugadas para um único ponto daquela plataforma. Poucos segundos foram necessários para o fogo negro sumir, sobrando apenas fumaça e a torre intacta. O ponteiro continuava a se mover.

Em perfeito estado, Crux respirava fundo, ainda com sua mão escura aberta. Filamentos, ossos, pele, toda estrutura do corpo começou a se reconectar graças a energia negativa que corria pelo sangue do elfo. Antes da fumaça se dissipar, todos os seus ferimentos já não mais existiam. Começou a mover o braço que retornou ao seu estado natural e ouviu um estalo. Voltando sua atenção para o rei, ele via reforços cobrindo a área enquanto mais civis corriam em fuga. Sorriu, suspirou e então gritou:

“Venha, Keen! Vamos resolver isso agora! Eu e você!” – Sua voz estava ampliada e podia ser ouvida por boa parte do bairro; – *“Minha bênção contra sua maldição! O vencedor fica com Ártemis!”*

“Ele tem coragem... aquele filho de meretriz realmente é meu filho...” – Keen fechou os punhos até a pele de suas mãos sangrar. Começou a andar rumo à torre; – *“Soldados... chuva de flechas.”* O rei não olhou para os lados enquanto caminhava ao inimigo.

Antes que dezenas de guardas comessem a mirar no monumento, Crux subiu no apoio de braço da plataforma da torre, deu um passo para frente e começou a cair em queda livre. Os guardas não entendiam do que se tratava o ato e muitos imaginaram que aquele seria o fim do criminoso. Crux abriu os braços e, na visão dos elfos, era como se ele estivesse planando sem dificuldade. Chegando ao térreo, deu alguns passos para estabilizar sua queda. Também notou que sua perna não mais doía. Sorriu com tranquilidade e andou rumo a Keen.

“Corvos... destruam flechas, aparatos de metal ou qualquer coisa que entre no meu combate com Keen. Deixo vocês livres para matar todos os guardas que possam trazer infortúnios.” Pensou.

Analisando o semblante do inimigo, as tropas élficas de Keen perceberam algo estranho no ar. Era como se uma fina camada de poeira escura estivesse se expandindo

ao redor do assassino, similar a uma fumaça carregada gerada da queima de madeira. O cego andava, com as mãos negras abertas, ansiando para Keen utilizar mais de seu luto. Enquanto isso, violentamente, inúmeros corvos o rodeavam com o expandir de sua energia. Eles eram invisíveis para todos os elfos lá presentes, contudo, a concentração de negatividade era tanta que se tornava quase palpável para seres vivos comuns. Os arqueiros se prepararam para mirar no único alvo.

A distância entre o pai e o filho era algo próximo a cem metros e, no meio deste espaço, um intenso brilho luminoso surgiu, fazendo todos pararem suas ações. A luz não incomodou o cego por sua presença, mas sim, a daquele que a irradiava.

“Todos nesta história estão errados. A única pessoa que teve boas intenções do início ao fim, hoje está morta. Lavender está morta, Credus.” - Ikarus encarava seu pupilo; - *“Vamos parar com isso.”* Se pôs ao lado de Keen.

Capítulo 44 - Sol Tardio

Ano 280 - Tarde 26 ▪ Salos, Centro. Relógio de Aretê

O sol dourado da tarde cintilava e não havia nuvem alguma no céu. Crux parou de caminhar. Metade de seu rosto estava repleto de sangue seco. Seu manto branco, agora era quase inteiramente vermelho e estava com um grande rasgo na parte do ombro em que havia recebido o ataque de Nério. Suas mãos escuras tremiam, ansiando absorver ainda mais negatividade.

“Você afirma que Lavender está morta. Deixou de existir. É isto, Ikarus?”

“Sim.” O sacerdote iluminado não piscou. Keen observava a cena, sem palavras.

Crux riu. E, só então, quando seu riso parecia ter terminado, Labolas gargalhou e cobriu os olhos com a palma da mão. A voz continuou seca e rouca:

“Achei que você era incapaz de mentir, senhor Ikarus! O que aconteceu?!”

Ikarus abaixou o rosto e parte de sua franja cobria seu olhar. Vestindo seu usual traje largo, o sacerdote não portava seu cajado. Ele virou lentamente ao lado e olhou para Keen. Decidiu concluir sua observação anterior:

“Eu não menti, Credus. Sabe que a pureza de minha positividade não permite que eu faça isso. É contra minha própria natureza.”

“Mesmo daqui, eu posso ouvir seus batimentos... Ikarus... você me diverte!” – Crux dizia com a voz alta de Labolas. Seu sorriso era largo e ele voltou a andar de mãos abertas. Muitos dos guardas estavam mirando em seus pontos vitais, principalmente na parte do peitoral.; – *“Você sempre esteve aqui para proteger Ártemis, mas permitiu a existência de todo esse caos! Você permite o florescimento do mal, pois sua obrigação com o bem não é sincera!”* A negatividade que rondava o elfo dilatou. Flechas foram disparadas por todos os lados.

Projéteis viajaram pelo ar em alta velocidade. Os quebrando em pleno trajeto, corvos surgiam como um tornado violento que cercava Crux e reduziram o ataque sincronizado a meros fragmentos de madeira e metal esparramados pelo chão. O cego continuou andando tranquilo.

“Assim como eu não irei interferir, vocês também não deveriam apostar suas vidas neste combate.”
– Com olhos vagamente preocupados, Ikarus se virou para todos aqueles que haviam

disparado; - *“A negatividade dele impedirá qualquer um de vocês de se aproximar ou tentar ataques como os anteriores. Keen, faça suas tropas recuarem.”*

“Façam como indicado por Ikarus.” - Keen ordenou sem pensar duas vezes; - *“Você estará ao meu lado mais uma vez, meu amigo?”* Ficou de frente para o loiro.

“Eu não serei de muita utilidade neste conflito... minha luz não é efetiva contra os olhos cegos de Crux e suas defesas sobrepujam meus ataques de curto alcance. Eu falhei e não irei ter uma nova chance de remover sua bênção.” - Disse analítico, mas ainda com um sutil tom de derrota; - *“Porém, uma vez que não poderei remover a bênção do inimigo, irei o ajudar a despertar a sua. Assim o equilíbrio deve permanecer.”* Repousou a mão na ombreira metálica do Keen. A expressão do monarca se abriu e os olhos brilharam.

“Você... pode mesmo fazer isso?” Keen parecia não acreditar.

“Não. É contra o regulamento dos sacerdotes. Mas depois eu me viro com Trístanos...” - Soltou uma risada abafada; - *“Você passou por muita coisa, Keen. E, mesmo assim, sua bênção nunca se manifestou. Acredito que ela seja de fato muito intensa. Recomendo cautela...”* A partir da palma de sua mão, uma intensa luz azulada começou a ser repelida e adentrou no corpo do rei com um breve toque em seu ombro. Naquele momento, Keen sentia que aquela luz não possuía calor, mas sim frio. Era como um fragmento da alma do sacerdote e, apenas pelo breve contato, ele pôde entender a magnitude daquela energia latente.

“Dystopia.” Uma voz angelical ressoou na mente de Keen. Ele começou a andar rumo a Crux, deixando Ikarus para trás.

A confiança havia possuído por completo o espírito e corpo de Keen. Ele não olhou para seus arredores, muito menos para suas costas. Seguiu reto em direção ao seu único filho, retirou a lâmina obsidiana da bainha e por seu fio flamulou novamente as chamas de seu luto. Ele percebeu que o fogo estava bem menor que o esperado, mas isso não foi o suficiente para quebrar sua convicção. Pai e filho sorriam naquele encontro.

“Me sinto invencível. Então esse é o poder de uma bênção... Angus, observe o poder de seu sucessor.” Keen pensou, firmando o punho no cabo da arma.

Do outro lado, agora a menos de dez metros de distância, Crux ansiava pelo abraço daquele metal flamejante. Ele sentia que Ikarus havia depositado parte de sua positividade em Keen, assim que fez consigo a muitos anos. Isso fez seu coração bater mais forte. Andou ainda mais rápido e começou a reunir todo o som daquela rua em um

único ponto intenso o suficiente para cortar carne, ossos e armadura de Keen em um único ataque. Ambos já estavam em uma distância de golpe.

O ódio acumulado na lâmina negra seguiu crescente. De cima para baixo, Keen desceu um corte diagonal rumo ao pescoço do filho que, dando um mero passo para trás e virando seu corpo, se esquivou. As chamas desintegraram parte da estrada de pedra, deixando um profundo corte pelo solo próximo a Crux. Inesperadamente veloz, o rei desferiu mais um ataque, agora de cima para baixo, mirando no abdome do inimigo. Com a palma da mão aberta, Crux rebateu a parte lateral da lâmina, assim aparando o ataque com um tapa de força descomunal. O contato de sua mão com o metal foi breve, porém foi o suficiente para absorver completamente a chama negra. Devido ao impacto da defesa de Crux, Keen foi obrigado a dar três passos para trás.

Ver que o luto havia sido absorvido não surpreendeu Keen. O que chamou a atenção do rei foi ver que os músculos dos braços de Crux pareciam maiores e mais definidos. Se sua força antes já era motivo de preocupação, agora parecia ser um fator a mais a se considerar antes de um confronto a queima roupa. A risada de Labolas acompanhou a investida de Crux. Pacientemente, Keen aguardou o inimigo entrar em seu raio de alcance.

“Corvos, mirem na garganta de Keen!” Crux gritou na língua dos sacerdotes.

“Não será possível... a positividade de Ikarus em seu corpo iria nos aniquilar.” As vozes ressoaram em torno do elfo que forçou as sobrancelhas com o dito.

Novamente corpo a corpo, a iniciativa foi de Keen. O rei empunhou a espada com ambas as mãos na tentativa de atravessar o peito de Crux. Foi uma investida veloz e direta. Como resposta, o sacerdote sorriu, já esperando pelo ataque e sacou a adaga de vorpalite que guardava no interior de seu manto. Em um corte circular, Crux mirou na lâmina de Keen, para cortar o metal obsidiano como se fosse papel. Contudo, o ocorrido surpreendeu tanto a Crux quanto a Ikarus que assistia o combate ao longe. Vorpalite de fato tinha potencial para dividir a arma de Keen com facilidade. Porém, o exato contrário ocorreu. A adaga indestrutível produzida por Witt fora dividida em duas partes. Pelo tempo de reação, Crux conseguiu tirar seu peito da direção de ataque, mas sua mão foi partida ao meio.

“Corvos, o que significa isso?!” Pensou antes de derrubar sua faca quebrada. O corte havia feito uma grave abertura desde a ligação dos dedos médio e anelar e desceu até a parte inicial do pulso. A entidade não respondeu à Crux.

Um grito coletivo de espanto ressoou por todos os soldados, seguidos de aplausos pelo feito de Keen. Ikarus estava boquiaberto. Analisando o ferimento do

adversário e também entendendo sua nova habilidade, Keen resolveu não dar intervalos para o oponente se recuperar. O som das vozes e aplausos dos diversos soldados sumiu. Vibrações começaram a se tornar visíveis pelo espaço envolta de Keen e Crux. O rei não recuou e partiu para mais uma carga, novamente priorizando o peito de seu filho.

Abaixando a mão ferida e já se preparando para sofrer outra investida de Keen, Crux condensou as ondas sonoras que vinham dos arredores com o objetivo de partir o monarca ao meio. Não se segurou. Com todo o poder de sua bênção, desferiu os ataques sonoros em uma velocidade assustadora. Eram um total de três lâminas de som, quase invisíveis se não fosse por sua densa compressão. A primeira arrancou o braço de Keen a partir de seu cotovelo. As outras duas atravessaram o peito e as pernas de Keen, mas sem deixar qualquer dano visível. Embora tenha causado graves danos ao seu oponente, presenciar aquilo fez a expressão de Crux mudar para o mais pálido terror.

“A presença dele simplesmente oscilou e os outros cortes não o atingiram...” – Enquanto Crux pensava acerca do breve ocorrido, Keen caiu de costas ao chão e gritando. O som metálico do contato de sua armadura com o chão, seguido do berro indicavam que o ataque do elfo sacerdote havia encerrado; – “Independente do que acabou de acontecer, eu venci. Keen está caído e agora basta eu-” A cabeça de Crux voou em um único movimento giratório, espirrando sangue escuro pelo perímetro. O corpo caiu no chão sem vida. Os guardas gritaram, atônitos, com a cena.

A presença daquela escura poeira de negatividade se dissipou quase instantaneamente após a cabeça do elfo cair rolando pelo chão. A expressão paralisada do rosto cego do que um dia já fora Credus, se mantinha rígida como uma estátua, até que os músculos faciais começaram a, gradualmente, relaxar.

Ao lado do corpo do cadáver estava Lakan. A grande espada Redenção estava molhada pelo sangue do sacerdote recém assassinado e ele havia apoiado a pesada arma em seu ombro após o corte. Ele não vestia nenhuma armadura ou proteção, estava de regata, calças militares e seu usual coturno tático. Olhando de cima, o grande soldado analisava o líquido escuro escorrer pela abertura deixada no pescoço. Da carcaça, ele notou uma energia escura tomar forma. Sem perder tempo, levantou sua arma e perfurou o peito do sacerdote, assim, amassando o coração com o metal de sua espada.

“É assim que temos certeza da eliminação de um vampiro...” Lakan sussurrou e, em seguida, sentiu um arrepio percorrer de ombro a ombro. Ele notou que o metal de sua grande lâmina estava trêmulo e a coloração mais escura. Retirou a arma de dentro do inimigo e limpou o sangue com um abano contra o chão.

“Querubim...” – Com a mão na fratura exposta de seu cotovelo, ajoelhado, Keen encarava Lakan. Por suas narinas, sangue escorria sem parar e sua testa estava repleta de veias

pulsantes; - *“Lakan. Querubim Lakan... obrigado.”* Ele tossia, lutando para se manter consciente. Lakan respondeu com um breve movimento de cabeça.

“Jess, recomponha-se. Keen precisa de seus cuidados imediatamente. Ele também usou demais a bênção e precisa de descanso.” - Virando-se de costas, Lakan seguia rumo à torre relógio de Aretê; - *“Não toquem no corpo nem na cabeça do criminoso. Ele ainda é um sacerdote.”*

Chegando próximo a torre, Witt esperava por seu irmão enquanto assistia todo o ocorrido na porta. No rosto da cientista, havia um hematoma roxo um pouco acima de uma das bochechas, seus braços estavam com alguns arranhões e as lentes de seus óculos estavam quebradas. O jaleco estava rasgado e com diversas manchas escuras de poeira.

“Que bom que está bem.” - Ela recebeu Lakan com um sorriso caloroso; - *“Eu tenho tantas perguntas... como conseguiu chegar perto de Crux sem ser notado? Sabe como funciona a bênção de Keen? Eu tenho algumas teorias, mas-”*

“Witt... quantos lances de escada você caiu?” Com calma, ele apanhou um dos braços da irmã, analisando os machucados. Parou os movimentos quando percebeu uma fratura. Olhou ela nos olhos.

“Alguns. Mas está tudo bem. Não precisa se preocupar. Eu tinha outro plano, sabe? Se eu não tivesse conseguido fazer vários buracos no sino a tempo, eu teria que tocar nele e usar minha bênção. Assim, eu poderia retirar a audição dele. Já pensou? Imagina como ele ficaria perdido!” -

Riu alto. Ela tirou a mão de Lakan de seu braço e a segurou com a sua. Puxando o guerreiro para perto, eles começaram a andar de mãos dadas; - *“Responda, Lakan. Como ele não te percebeu?”* Olhando em volta todo o estrago causado pelas chamas de Keen e pelo conflito, o semblante da cientista retornou a seriedade da situação.

“Primeiramente, ele havia retirado todo o som dos arredores, portanto, não me ouviu chegando por trás. Contudo, é óbvio que os corvos iriam me detectar e, assim, o avisar no mesmo momento que eu entrasse em seu raio de visão.” - Witt acompanhava o raciocínio. Tudo parecia de acordo até então; - *“E, de fato, ele deveria ter me visto, se não fosse um detalhe. Eu tentei ‘aquilo’ novamente... desligar todos os sentidos.”* Preferindo dar atenção ao chão, o olhar de Lakan era baixo.

“Ficou louco?! E o que você faria caso seu coração parasse de bater igual da última vez?! Isso foi muito inconsequente!” - Por mais que o tamanho da irmã mais nova fosse contrastante com o do guerreiro, a bronca era severa e ela soava de maneira similar a uma mãe após quase perder seu filho em um acidente; - *“Mas, o que aconteceu? Você conseguiu? O que*

sentiu?” A curiosidade falava mais alto que a indignação. Lakan deu um leve sorriso olhando para a irmã.

“Bom, eu fiz isso no hospital. Sem qualquer sentido ligado, era como estar dentro de um pesadelo. Eu via tudo o que Crux enxergava, e ouvia todos os seus comandos e pensamentos.” – Deu uma pausa; – “Não sei exatamente o que era aquele lugar... é difícil de colocar usando palavras. Quando voltei com meus sentidos, percebi continuar interligado com aquela energia. Quase como se eu ainda carregasse parte dela.” – Se perdeu; – “Foi uma experiência estranha, a qual não tenho coragem de repetir tão cedo.” A mão de Lakan, que segurava a palma de Witt, deu uma leve palpitada. A cientista segurou suas teorias e preferiu falar a primeira coisa que veio à sua mente.

“E o que um monstro como aquele estava pensando?”

“Essa foi uma das partes mais confusas. O maior desejo daquele homem era voltar para casa.” – A maneira como Lakan dizia era soturna, quase demonstrando respeito pelo falecido; – “Pelo que entendi, ele morou em uma caverna no passado com alguém especial. Ele queria acabar com tudo por aqui e voltar para seu lar. Mas, eu não sei... parecia que ele estava se iludindo. Mentindo para si mesmo. E sabia disso.”

“Bom, Lala... o que vai fazer agora?”

“Eu matei um elfo, Witt. Agora, tudo o que quero é um pouco de paz. Entretanto... ainda tenho um assunto pendente.”

Diversas casas tiveram seus telhados reduzidos a cinzas e alguns corpos de soldados estavam desfigurados pela rua. A maior parte dos danos foram causados pelo luto de Keen. Alguns tiveram suas armaduras derretidas pelo calor e o metal havia se fundido à pele. Aqueles que antecederam as proporções da maldição, como Jess, haviam sofrido danos mínimos. Lakan e Witt se aproximavam do trágico cenário.

Evacuando o restante dos civis da região e isolando a área com o corpo do criminoso, guardas corriam de um lado pelo outro. Passando ao lado do crânio decapitado, o acompanhando com os olhos enquanto andava, o Querubim não piscou. Por um momento, sentiu o mesmo peso da primeira vez que havia visto Laria executada. A agonia, embora nostálgica, evaporou quando virou o rosto para sua irmã, que também parecia evitar olhar para a cena.

“Witt, poderia segurar a Redenção por um instante. Preciso falar com Keen.” – Largou a arma na mão da inventora. Ela concordou sem muita cerimônia; – “Aproveite e analise-a. Acho que aconteceu algo estranho com ela quando perfurei o coração de Crux.”

Sentado próximo a alguns barris de um comércio, Keen aguardava a recuperação de seu braço juntamente de Jess, que operava o mesmo usando sua bênção. A partir do cotovelo, um feixe de luz era exalado pela abertura que, de maneira lenta, se fechava. As veias da testa do rei pareciam ter ficado menos aparentes com os minutos de recuperação.

“Sente-se melhor, Keen?” Lakan chegou.

“Você é o verdadeiro salvador de Ártemis, Querubim.” – Levantou o rosto e sorriu; – “Deveríamos nos preocupar com outras coisas agora que vão muito além de minha saúde... as pessoas estão assustadas. Minha imagem foi muito danificada. Foi um combate árduo, mas meu corpo já está melhor.” Assim que o rei terminou, Lakan desferiu um soco no rosto do monarca. O som foi alto e chamou a atenção de todos os guardas que se armaram novamente. A coroa caiu, girando pelo chão como uma moeda. Surpresa e parando sua bênção, Jess se afastou.

“Ficou louco?!” Ela gritou.

“Você não cansa de estragar tudo, não é?! Acha que tem o direito de fazer tudo isso?!” – Lakan pegou o rei pelo pescoço e o forçou contra a parede; – “Lavender estava certa, e hoje eu vejo isso. A única coisa podre que temos em nosso país é você, Keen. Eu deveria o matar aqui e ser executado logo em seguida. Alguém que fede menos iria assumir ambos os nossos postos.” – Fechou ainda mais a mão contra o pescoço do monarca. Já sem forças, saliva começou a escorrer da boca de Keen. Três flechas cravaram nas costas do guerreiro. Ele não se mexeu; – “Mas eu não tenho essa coragem. No fim, eu também sou responsável por tudo que aconteceu aqui. A culpa é uma eterna ferida e Crux sabia disso como ninguém.” Largou. Keen caiu com o corpo fraco, quase inconsciente.

“Prendam o Querubim!” – Cercado, o soldado não resistiu e se entregou; – “Assim que Keen acordar, vamos definir sua sentença!” Algemado, o levaram de cabeça baixa.

“A culpa é uma eterna ferida.” Repetiu com um sussurro.

...

O ponto de encontro das nações de Granland era uma zona cercada por diversas rochas de grande altura, desgastadas pelos temporais e fortes ventos que eram comuns naquela região. A localidade da área seria aproximadamente no meio da grande floresta, assim facilitando o encontro para qualquer uma das raças.

Apoiado com as costas e uma de suas botas em uma grande rocha desgastada, de braços cruzados e vestindo sua capa noturna, Allith esperava com seus olhos fechados. Viagens em seu estado de corvo sempre o desgastavam, contudo, sua real fadiga era devida ao excesso de carga horária trabalhada.

Ao longe, descendo uma falha estrada de pedras, um ser encapuzado se aproximava cavalcando um garanhão branco como leite. O trote acordou Allith no mesmo momento. Ajustando sua postura, o sacerdote vampiro abriu sua pequena mochila e dela retirou três pergaminhos entrelaçados por uma fita vermelha.

“Saudações, vampiro.” O elfo olhava de cima, sem descer do cavalo.

“Lahen! Meu grande amigo! Como andam as coisas no paraíso de Keen?” Brincando com seu tom de voz, ao sacar os pergaminhos, Allith abriu os braços, simulando o começo de um abraço. O elfo não demonstrou reação.

Tirando seu capuz, Lahen, sempre cuidadoso, preferiu olhar em volta, analisando o perímetro. Revelando seu rosto, Allith não pôde esconder a surpresa. O rosto daquele elfo estava completamente pálido, mas não de uma maneira natural. Sua pele estava ressecada e os lábios escuros, próximos a necrose. A análise do sacerdote indicava que aquilo era consequência de uma grande redução do fluxo sanguíneo pela face do elfo, ou seja, um provável dano causado por uma intensa queimadura.

“O que... aconteceu?” Nem tentou disfarçar o espanto.

“Meu rosto? Já faz dez dias... um inimigo chamado Crux surgiu na capital...” – A voz de Lahen era seca e cansada. Allith gelou ao ouvir o nome de seu companheiro sacerdote; – *“Eu estava na escolta de Keen e meu lorde não segurou sua emoção. Ele desferiu um feroz ataque flamejante e, por estar muito próximo da área de disparo, eu acabei sendo afetado. Posso me considerar com sorte se me comparar ao estado atual de outros guardas.”* Tentou rir, mas aquilo parecia doer aos olhos do vampiro. Foi impossível não sentir pena.

“E você continua a trabalhar mesmo após tudo isso?”

“Esse é meu primeiro trabalho desde o conflito de Crux.” – Lahen desceu do cavalo com bastante cuidado; – “Não posso apenas ficar deitado enquanto os outros trabalham em um momento caótico como este. Meu rei também depende de mim.” Agora em solo, foi até a bolsa que estava ligada à sela do cavalo e retirou pergaminhos entrelaçados em uma fita dourada.

“Sua lealdade é admirável, Lahen. Espero ouvir mais de você daqui pra frente.” Allith se aproximou e ambos trocaram as mensagens.

“E como anda por Tenebre? Fiquei sabendo dos boatos. Lavender está morta mesmo?” Lahen conferiu a fita dos pergaminhos que recebeu, analisando sua integridade.

“Ah... em breve você vai ficar sabendo. Está tudo nos documentos. As coisas andam turbulentas e, ao mesmo tempo, paradas...” Allith não conferiu o recebido e, junto de um suspiro, simplesmente o depositou em seus pertences.

...

Ano 280 – Noite 36 ▪ Héros, Castelo de Lavender

A calma havia tomado conta dos dias após a chamada “Guerra de uma noite”. Vampiros superiores de todas as vilas responderam ao chamado de sua falecida rainha e se agruparam em Tenebre. Sem muita pressa, com a autorização de Aradia e parcimônia, os superiores e nobres se uniram para reorganizar e definir as novas prioridades do país. O assunto prioritário era a questão do povo de Bankas, que continuava a morar nas ruas da capital, e o estado de sua vila.

Hoje, duas semanas após o conflito, uma parcela dos refugiados de Bankas já havia retornado à sua cidade, enquanto o restante permaneceu em Tenebre. Muitos arranjaram trabalhos significativos diante da manutenção das ruas e venda de produtos e especiarias que traziam consigo. Além disso, aqueles que apoiavam Aradia estavam atônitos para sua coroação, a qual ocorreria ao início da noite.

Pelos andares inferiores do castelo de Lavender, nobres corriam terminando os preparativos do evento principal. Diante ao cenário, Klaustro procurava ficar longe da multidão, sentado em uma mesa, bebendo um pouco de vinho em seu canto e analisando o trabalho alheio. O vampiro exilado estava com seus cabelos castanhos presos, sua barba estava feita e vestia um traje comum de pano. Em uma de suas mãos, ele segurava a adaga cega que Hérobu havia utilizado para tirar a própria vida.

“Então você é o exilado que o Allith havia mencionado.” – Andando quase sem denunciar sua presença, Albert repousou ao puxar uma cadeira de madeira ao lado de Klaustro; – “Eu imaginava que fosse mais alto...” Roubou um gole da bebida do convidado. Klaustro pareceu não se importar. Usando seu traje usual da nobreza, o semblante de Albert reportava a aparência de alguém que não dormia a semanas.

“E você deve ser Albert Sulkar, o famoso nobre guerreiro de Aradia. É um prazer estar diante de alguém tão jovem e promissor.” – Sorriu com simpatia e ofereceu um aperto de mãos. Albert consentiu, dando um forte aperto na mão despreparada do exilado; – “Poxa, vejo que é um homem firme. Como esperado de um Sulkar.” Riu sem graça. Albert deu de ombros.

“Aradia me informou de que você seria um Frieden. O último da família... portanto seríamos parentes distantes, não é mesmo? Descendentes de Venut.” – A máscara de indiferença se desfez e, com apenas um braço, Albert acolheu o homem; – “É bom ter alguém próximo para olhar minhas costas... seja bem-vindo de volta, irmão.” Deu dois tapas confortáveis no pescoço do exilado. Klaustro ficou sem reação.

“Eu... realmente não esperava ser tão bem recebido por aqui.” – Dizia sem piscar; – “Desde que Aradia aceitou o meu retorno como civil, as coisas têm sido muito positivas. Para quem imaginava que seria executado assim que pisasse em território vampírico, confesso que estou vivendo um sonho.”

“Vamos nos dar bem.” Se afastou brevemente do parente e, sorrindo, manteve a mão em seu ombro; – “Alguém precisa continuar por aqui cuidando de Aradia para mim, já que, daqui a alguns dias, irei me encontrar com o tal Querubim e iremos até o outro continente... isso se eu não o matar primeiro, é claro.” Não suportou a tentação e começou a afiar sua lâmina com sua pedra de amolar. Ele sorria pela ansiedade.

“Você deveria tentar dormir um pouco antes de querer mudar o mundo.” Ambos riram um pouco até que Albert olhou para baixo e sentiu uma forte pressão em seus ombros. Klaustro não resistiu e caiu de joelhos. Seus olhos abriram e virou o rosto para cima. Alguns nobres já estavam no chão, enquanto outros pareciam passar mal. Em volta desse caos, Allith continuava sentado fazendo anotações em sua planilha.

“Sentiu isso?...” Parou de afiar a lâmina e se colocou em guarda.

“Isso é estranho...” – Klaustro se concentrou nos andares seguintes e podia perceber o surgimento de uma nova mente em meio a outras duas. Era quase como se, em um

piscar de olhos, uma nova vida tivesse surgido em um dos andares superiores; - “Alguém simplesmente surgiu lá acima.”

“Elfos?! Venha comigo, Klaustro!” Albert correu rumo às escadas. Com os olhos por cima de sua prancheta, Allith acompanhava a dupla correndo.

No quarto real, Aradia estava sentada em frente a um grande espelho, enquanto Lizha se mantinha em pé, dando as últimas amarras no vestido da irmã mais velha e penteando seu longo cabelo que fazia curvas e caía sobre seus ombros como uma cortina de prata. Lizha permanecia com seu cotidiano e longo vestido negro, juntamente das tranças de seu cabelo preso que pousavam em seu peito. Em seus rostos, além da maquiagem feita de seu próprio sangue, sorrisos e olhos animados permaneciam estampados nas feições. Era o início de uma noite animada para as ghouls.

“Eu nem acredito que hoje é o dia.” - Lizha começou com seu desabafo. Olhando para baixo, Aradia já esperava pelo assunto; - “Uma pena que nem todos estão aqui para ver isso. Cassandra, Nério, Venut... mamãe... minhas memórias ainda estão retornando mas, o pouco que me lembro dela, eu vejo em você.” Parou de pentear as mechas de Aradia e não teve vergonha de deixar uma lágrima correr.

“Venut, Cassandra e mamãe estão descansando, Lizha. Não se preocupe. Esta noite faremos uma homenagem em nome dos caídos.” - Procurando pensar em outra coisa, Aradia pegou a primeira coisa que estava no balcão a sua frente. Era o livro que Klaustro havia entregado; - “Contudo, devemos focar no presente. Como este grimório, por exemplo. Este fora um dos últimos pertences de um sacerdote que cometeu suicídio. O único problema é que não consigo ler esta língua. Uma pena não termos Lavender viva para desvendar seu conteúdo.” Deu uma breve risada enquanto passava rapidamente por algumas páginas, até que uma pressão inesperada fez Aradia derrubar as anotações. Lizha tremulou, mas se apoiou na cadeira da irmã.

Três breves toques na porta fechada interromperam o momento. As duas vampiras viraram sua atenção para a origem do som. Ambas abriram suas garras, já prontas pelo inimigo. Pelas afiadas garras de Aradia, a negatividade fluía livremente, apenas esperando para entrar em contato com o alvo para exercer seu toque da putrefação. Enquanto isso, Lizha estava focada em usar o máximo de sua velocidade contra aquele que abrisse a porta. Seu plano era degolar o alvo, independente de quem fosse.

“Com licença...” - O ser abriu a porta do quarto; - “Bom dia, senhoritas. O sol chegou mais cedo!” Ikarus disse rindo. Aradia gelou ao identificar o indivíduo.

Lizha correu em direção a garganta. Conforme a porta se abria, tudo que Aradia conseguiu analisar foi um breve vislumbre de um veloz borrão que era a imagem de sua irmã. Contudo, antes mesmo que ela pudesse atingir o sacerdote, um brilho foi exalado pelo mesmo em menos de um segundo. A vampira tentou se proteger e, com a inércia de sua investida, caiu rolando até bater contra parede do corredor. O corpo de Lizha havia afundado nas rochas cinzentas e por grande parte de sua carne haviam graves queimaduras. Ikarus estava do outro lado do quarto, perplexo com a situação.

“Céus... eu sinto muito. De verdade. Eu apenas tentei evitar o ataque dela, porém, acabei me esquecendo de como os vampiros e os elfos lidam de maneira diferente com a minha presença.” – Ele correu até Lizha e repousou as mãos sobre as queimaduras. As feridas começaram a se fechar. Aradia olhava para a situação sem piscar; – “Peço perdão, Aradia. Juro que não foi minha intenção.”

“Você é... Ikarus. O primeiro sacerdote.” As garras da vampira faziam um som metálico ao entrarem em atrito por causa de seu nervosismo. Ikarus olhou para trás.

“Não seu dispor.”

“Minha mãe falou sobre você... ela o temia.” Disse, preferindo encarar o chão ao enfrentar os olhos azuis do jovem.

“Bobagem! Tormenta era um amor. Eu sempre a admirei. Além disso, ela também sabia das minhas limitações.” – Terminando de curar Lizha, o sacerdote a carregou até a cama; – “Eu jamais posso mentir, causar qualquer mal ou sequer matar outros seres vivos racionais. Qualquer temor sobre minha pessoa é sem sentido.” Riu um pouco e deitou a vampira na cama com delicadeza. Ele a cobriu por completo com uma das capas noturnas dentro do armário.

“E o que veio fazer aqui, Ikarus?” Continuou defensiva.

“Eu gostaria de falar com a verdadeira rainha de Héros, se não se importa.” Voltando para Aradia, o sacerdote desfez o sorriso.

“Pois bem, eu estou aqui.” Aradia levantou o rosto e o encarou. Em um piscar de olhos, ele surgiu na frente da vampira e com a mão cobrindo o rosto da vampira. Aradia foi inteiramente coberta por uma luz quente e confortável, que em nada a danificava. Ela suspirou.

“A verdadeira rainha.” Ele voltou a sorrir e libertou sua iluminação.

O quarto ficou inteiramente branco com a luz. Coberta por uma capa noturna, Lizha não sofreu danos e continuou inconsciente. Na frente de Ikarus, ele via Lavender de olhos fechados. Seu coração palpitou de felicidade em ver novamente o olhar púrpura da vampira positiva. Ela estava confusa, como se tivesse acabado de acordar de um sonho de décadas.

“Bom dia, pequenina. É hora de acordar.” Passou os dedos pelo cabelo escuro.

“Ikarus... o Credus, ele... eu não sinto mais ele.” Ela ainda parecia estar acordando enquanto falava.

“Ele se foi. Eu não pude impedir sua queda.” – Do cabelo, a mão do sacerdote acariciou a palma de sua criança; – “Você fez um belo reinado por aqui. Foi esplêndido ver o desenvolvimento diplomático oferecido com Ikitar e Keen. Isso é algo que Tormenta jamais atingiria.”

“Eu não consegui utilizar os poderes de todos os sacerdotes... era muita coisa ao mesmo tempo... fui... devorada?” – Olhando em volta, situou-se no local; – “É, eu morri... o ocorrido dispensa descrições...” Se lembrou do final de sua vida.

“Em breve você irá dominar este corpo. E Aradia se tornará a hospedeira perfeita.” – Ikarus lacrimejou; – “Tormenta e Lavender... Lavender e Tormenta.” Recitou baixinho.

A porta se abriu com um chute. Impressionado com a audácia de um vampiro abrir o quarto repleto de luz, Ikarus abaixou seu poder para não ferir qualquer um que se aproximasse. Albert partiu para cima, sem se importar com os danos dos raios luminosos. O nobre gritou, brandiu a espada com ambas as mãos e girou mirando no pescoço daquele que imobilizava Aradia. Mesmo com a luz baixa, a pele das suas mãos e parte de seu rosto queimavam. Ele usava sua dor como combustível para continuar a investida. Acertou o vento, pois Ikarus apareceu novamente na porta do cômodo. De costas no chão, Aradia se encontrava caída.

“Impressionante... você tem coragem, jovem vampiro.” – Ikarus admitiu sem esconder a surpresa; – “Se minha memória não me trai... você seria Albert. O filho de Karina e Madson.”

“O que sabe sobre meu pai?!” Com uma mão, Albert abraçou a ghoull caída, enquanto, com a outra, mirava a espada na cabeça do sacerdote.

“Certo... acho que você é digno de uma resposta. Seu pai foi um vampiro canibal poderoso. Com o canibalismo, ele teve sua névoa aprimorada e todos os seus atributos físicos elevados ao máximo. Com suas habilidades ele derrotou um batalhão de Keen durante a guerra final. O cabelo grisalho é uma herança desse poder, e você nasceu disso tudo. Nasceu de um abuso de Ikarina por parte de Madson.” – Albert arregalou os olhos. Ikarus deu alguns passos rumo à saída; – “Seu olhos parecem não acreditar no que digo. Bom, se preferir, pode tirar satisfações com o próprio Madson Sulkar pessoalmente. Neste exato momento, ele está no continente onde você irá ser enviado junto dos outros esquadrões de elfos e lycans. O continente de Zinnar.”

“Zinnar?! Como sabe disso tudo?!” Ikarus não deu ouvidos e seguiu para o corredor; – “Espere!” Com uma breve luz longínqua, a presença do sacerdote sumiu junto da pressão que sua positividade exercia sobre o ambiente. Virou os olhos para Aradia, que continuava adormecida.

“Ele já foi embora...?” Em passos curtos e lentos, Klaustro se aproximava da porta.

No cenário, Albert estava sentado na mesma cama onde Aradia e Lizha dormiam. O nobre via seu reflexo na lâmina prateada enquanto passava lentamente a pedra por seu fio até chegar no final, onde arrastava o objeto com mais força e velocidade. Não demonstrou reação à chegada de Klaustro.

“Ei, Albert... aquele cara era perigoso...” – Entrou com receio; – “Uma fagulha daquela luz e poderíamos virar pó.” Olhava para os lados, procurando mentes pelos arredores. Albert fechou sua arma contra a bainha e se levantou.

“Zinnar...” – Voltou a atenção ao parente; – “Querubim e Madson na mesma viagem... Eu vou para Zinnar.”